





Prof. JOAQUIM PIMENTA

(Da Faculdade de Direito da Universidade do Rio
Janeiro. Ex-Cathedratico de Psychologia e Pedolo-
gia da Escola Normal de Pernambuco e de Economia
Politica da Faculdade de Direito de Recife.)

A Questão Social e o Catholicismo

(2.^a EDIÇÃO)

« Para tudo dizer em uma proposi-
ção, o trabalho de Joaquim Pimenta,
é, na sua essencia, uma critica da acção
da Igreja sobre a vida social, mas é
uma critica de natureza constructiva
pelas idéas capitaes que affirma.»

CLOVIS BEVILAQUA

LIVRARIA CARVALHO EDITORA
Av. Rio Branco, 143
Rio de Janeiro

le

EM MARCHA PARA UMA REPUBLICA CLERICAL

Ha quinze annos sahia este livro de uma polemica: artigos redigidos em um ambiente de lutas frequentes em Pernambuco, por questões trabalhistas, das quaes participava eu em defesa do operariado. Como foram publicados na imprensa, foram, depois, sem retoques, editados em modesta brochura. Exgotados, em pouco tempo, quatro mil volumes, e a despeito da procura de exemplares em pedidos reiterados até dos mais longinquos recantos do Brasil, sómente agora me foi possível dar segunda edição.

Cogitei de tirar-lhe o feitio de polemica; de imprimir-lhe cunho doutrinario e historico, sem forma de debates e com ampliações na parte referente á questão social, que não foi convenientemente desenvolvida por motivos que encontram a sua explicação no proprio livro; seria, porém, tarefa que, pelos multiplos affazeres que tenho tido, não poderia, a meu gosto, executar. Pensei, depois de o reler demoradamente, que o feitio de polemica que resolvi conservar, de certo attrahiria mais o leitor: torna o livro movimentado ou menos monotono. O choque de idéas, o evocar factos que se combinam ou se repellem; a documentação que os confirma ou os desmente ou os corrige; a gymnastica mental dos contendores, a vehemencia nas replicas, tudo isso contribue, e o sei por experiencia sobre as paginas que se vão ler, para aguçar a curiosidade e manter alerta o interesse de ir até o ultimo capitulo.

E' verdade que o livro conta já três lustros; o bastante para ter envelhecido; mas, para o Brasil, talvez seja hoje mais actual, si não mais opportuno do que quinze annos atraz. E vou dizer por que.

*
* *
*

Até a Revolução de 1930, viviamos sob um ambiente de paz religiosa de que poucos paizes poderiam offerecer exemplo igual. A Constituição de 24 de Fevereiro, ao separar o Estado da Igreja, assegurando a mais ampla liberdade de culto a todos os credos, apenas sancionara o que já era uma realidade na indole do povo brasileiro: a sua natural repulsa a odios e rivalidades de seita. Não obstante a mentalidade de uma nação que, desde os seus primordios, teve que supportar a catechese de um clero, na quasi totalidade, ignorante, supersticioso, mais preocupado em accumular fortuna do que em instruir e educar as suas ovelhas; apezar da esmagadora porcentagem de analfabetos, vasto campo aberto ao fanatismo, e que elle, em vez de ter reduzido, ao contrario, concorrera para que cada vez mais augmentasse, tivemos a rara felicidade de não escrever em nossa historia um só capitulo sangrento por motivos de crença religiosa. Tido o catholicismo na conta de religião da grande maioria, esta sempre tolerou as demais religiões; nunca apedrejou os apostolos ou destruiu templos deste ou daquelle culto; muito menos consentiria que se instituíssem tribunaes inquisitoriaes para castigar os dissidentes da sua fé. Por isso mesmo, o espirito liberal da primeira constituição brasileira não chocou a consciencia religiosa dessa maioria, e a prova está em mais de quarenta annos de regimen

leigo, durante os quaes não houve disturbios ou hecatombes, como tantas vezes se tem verificado onde o fanatismo das massas incultas, açuladas por sacerdotes ultramontanos ou pouco escrupulosos, desencadeia verdadeiras guerras fratricidas. De modo diametralmente opposto agiu, pois, a *maioria* catholica: não só acolheu, sem protesto, a separação dos dois poderes, o temporal e o espirital, como continuou a enviar os seus filhos ás escolas *sem Deus*, a enterrar os seus mortos nos cemiterios, secularizados e incorporados ao dominio publico, associando ainda ao casamento religioso o casamento civil, reconhecido como unico legal, si bem que lhe gritassem do pulpito não passar de satanica mancebia. Nos primeiros dias da Republica, tentou o clero predispor o povo contra a laicização do Estado, emprestando-lhe intuitos de insolente atheismo que nenhum jurista, conscienciosamente, seria capaz de descobrir. Mas o tempo passava, e a reacção não vinha. Teve, então, de mudar de tactica: apparentou accomodar-se ao novo estado de cousas: velho estratagema toda vez que falha, em seus calculos de dominação theocratica, o auxilio dos poderes divinos contra os poderes da terra. Logo esqueceu o throno, porque cedo previu que a monarchia jamais seria restaurada. Si algum sentimento monarchico, por ventura, existia no Brasil, era como irradiação pessoal de Pedro II, e com este se desvanecera no negrume de sua primeira noite de exilio, ainda em aguas brasileiras. Por outro lado, a Republica, improvisada em uma parada de soldados, no Campo de Sant'Anna, sem raizes na alma popular, offerecia, magnanima, o juvenil regaço aos adhesistas de ultima hora, cortezãos e politicos profissionaes do Imperio, já em franca concorrência, no avanço ás posições, com authenticos apóstolos da propaganda

republicana, desde quando era esta acolhida por pedradas e patas de cavallo.

Experimentado e tenaz na arte de insinuar-se por toda a parte onde possa obter favores e proveitos, tratou o clero de explorar a Republica, como antes explorou a Monarchia, a principio sornateiramente, depois, a descoberto, quando monarchistas e republicanos cada vez mais confraternisavam na desfaçatez e desassombro com que sobrepunham ambições pessoais e conveniencias partidarias aos principios de governo, sobre os quaes pretendia a Constituição de 24 de Fevereiro lançar os fundamentos de uma obra politica, ao mesmo tempo, honesta, progressiva e duradoura.

Entrou a pedir e obter subvenções para egrejas e collegios; isenção de impostos de importação de objectos do culto, com outros de contrabando, para fins diversos. No governo do Sr. Arthur Bernardes, quando se procedia a uma reforma constitucional, alvoroçou-se e metteu-se pelos corredores da Camara a rogar o enxerto de emenda de character sectario, que visavam a readmissão do ensino religioso nas escolas e outras concessões favoraveis á politica da Igreja. Não obstante o trabalho heroico, pertinaz, de catechização, junto a deputados e senadores, de nada valeram empenhos, pedidos e lacrimojantes appellos; as emendas foram recusadas com a cumplicidade de grande numero de congressistas catholicos. Mesmo assim, não desanimou. Vem a campanha presidencial em torno da successão do Sr. Washington Luiz; surge a candidatura do Sr. Julio Prestes, patrocinada por aquelle. Divergencias e logo rompimento dos governos de Minas, Rio Grande do Sul e Parahyba com o governo central. Candidatura de reacção do Sr. Getulio Vargas. Inicia-se o combate, na im-

prensa e em comícios, ao candidato do Cattete. Funda-se a Aliança Liberal; ramifica-se e congrega elementos por todos os recantos do Paiz; a ella incorporam-se, reanimadas, as opposições dispersas e em declinio nos Estados; sobreviventes da campanha civilista de Ruy Barbosa; antigos legionarios da reacção republicana de Nilo Peçanha; toda a mocidade civil e militar que não succumbira em luta ou nos calabouços, durante os dois ultimos quatriennios, de Epitacio Pessoa e Arthur Bernardes; emfim, individuos de todas as classes, de todas as categorias, até então extranhos a pleitos eleitoraes ou descrentes de sua efficacia para arrancar o Brasil dos tentaculos de um governo oligarchico sem freios na lei e sem escrupulos para comprometter, mais do que um regimen politico, os interesses vitaes de uma nacionalidade.

Emquanto crescia a agitação em torno do pleito e os animos cada vez mais se encrespavam no ardor da peleja, alardeava o Sr. Washington um prestigio politico inabalavel, proclamando entre os esteios que o fortaleciam, o apoio moral do episcopado brasileiro. Este apoio, jamais contestado pelos altos representantes do clero, não ficara, entretanto, no silencio discreto dos palacios episcopaes. Victoriosa, nas urnas, pela fraude e pela violencia, a candidatura do Sr. Julio Prestes, a este enviava, pressuroso, o cardeal D. Lem, de bordo de um transatlantico, em viagem para Roma, entusiastico radiogramma em que, com desacato á verdade e ao decoro de sua propria missão sacerdotal, fazia "*votos a Deus pelo brilhante governo do eleito da Patria!*"

Um parenthesis: lendo aquelle radiogramma, divulgado em Recife, pelo *Jornal Pequeno*, insuspeitissimo ao clero catholico, que sempre o teve entre seus mais officiosos e dedi-

cados órgãos de imprensa, occorreu-me á lembrança um facto que ouvi contar, quando estudante em Fortaleza, e que a chronica anedotica do Ceará archivara.

Certo dia, Padre Verdeixa, que se fizera famoso pelas suas contumazes e diabolicas estroinices, annunciara que estava prompto a fazer sermões a dois mil réis cada um. Como era de esperar, d'ahi por diante, não havia festa religiosa, nos arredores da Capital e nas localidades circumvizinhas, em que não fosse o padre preferido para orador sacro. Essa concorrência imprevista e desleal alarmou os outros, que se queixaram a D. Luiz, mais tarde bispo primaz na Bahia, da preterição de que, por culpa de Verdeixa, estavam sendo victimas.

D. Luiz mandou chamal-o a palacio e o interpellou:

— Então, *seu* Verdeixa, você anda fazendo sermão a dois mil réis? Além de prejudicar aos seus collegas, você está desmoralizando o clero!

Padre Verdeixa, impassivel, impertigou o corpo alto e magro, e, com a cara mais cynica deste mundo, retrucou:

Qual! senhor Bispo, não é tanto assim! Si vossa reverendissima ouvisse um dos meus sermões, não daria nem dois vintens por elle!

Quanto valeria para um Francisco de Assis, para um Vicente de Paulo, a *consciencia christã* do Sr. D. Leme, tão vehementemente estampada naquella saudação votiva que elle, como Verdeixa, com os seus sermões a preços populares, reconhecia, no intimo, que não a retocara um atomo, siquer, de sinceridade?



O assassinato de João Pessoa reaccendera o fogo quasi apagado da reacção contra o Cattete. Não era só um homem que tombava, mas um povo que sentia a sua propria dignidade abatida, espezinhada, como que a extinguir-se com aquella vida que transfigurara em symbolo de si mesmo. Estava irrevogavelmente escripto, com letras de sangue, o prologo da Revolução. Mesmo que os Estados do Sul não a tivessem precipitado, seria inevitavel nos Estados do Norte. Si não foi uma revolução social, como a comprehendem os sociologos — subverter para mudar ou reconstruir um systema economico ou politico — tornou-se em movimento intensamente popular, em que se congraçaram, de armas em punho, todas as classes, menos uma — o clero brasileiro, cujo episcopado, pela vóz autorizada do seu mais eminente representante, já havia saudado *o eleito da Patria, com votos a Deus, pelo seu brilhante governo*. Este aguardava, cauteloso, encolhido, de que lado soaria o alviçareiro cantico de victoria. E, assim, nos Estados, onde ia a Revolução triumphando, fazia-se de *revolucionario*, promovendo, como testemunhei em Pernambuco, passeatas de collegiaes em homenagem aos interventores. Constituido o Governo Provisorio, foi logo invadindo os corredores do Cattete e dos Ministerios, presentindo na confusão e descontrolo de que sempre se acompanham as revoluções victoriosas e em recomposição do Poder, terreno propicio á sua velha tactica — de sempre adherir aos movimentos politicos ou sociaes, quaesquer que sejam, contanto que delles possa retirar vantagens, e depois de certificar-se, com aquella sagaz precaução que aprendeu de S. Thomé, de que não correm mais perigo de fracassar. Passa, então, a suggerir nos novos dirigentes do Paiz um governo inspirado em principios catholicos,

como si estes representassem alguma cousa no evolver do povo brasileiro; pleiteia e obtem o ensino religioso nas escolas, como si o destino de uma religião, o seu florescer ou o seu crepusculo espiritual se regulem por simples decretos; tenta, aliás, sem resultado, forçar a reforma de uma lei syndical, já decretada pelo Governo Provisorio, para que facilitasse a organização de syndicatos catholicos; consegue que em commissões legislativas e nos conselhos de administração cooperem prepostos de sua inteira confiança. E, ainda, visitas de cortezia dos seus prelados ao Dictador, aos Ministros, a politicos em evidencia; empenho em attrahil-os e envolvel-os, de modo espalhafatoso, nos cerimoniaes ecclesiasticos, para impressionar as turbas. E como collaboradora indispensavel, a mulher, a da alta sociedade, tão docil quanto a mais humilde beata, geitosamente manobrada na catechese do marido, do irmão, do pae; indifferente ou pouco accessivel a concorrer para clericalização do Brasil pelo Estado.

*
* * *

Mas, o seu verdadeiro campo de manobras ia ser a Constituinte. Reune, coordena e disciplina elementos que lhe assegurem uma assembléa parlamentar de facil manejo. Desdobra-se em actividade no alistamento eleitoral. O pulpito e o confessorario transformam-se em vehiculos de propaganda politica. Até pobres freiras são, no seu devoto recolhimento, forçadas a trazer atado ao escapulario um titulo de eleitor. Formam-se *ligas catholicas* por injunções e sob vigilancia immediata de autoridades ecclesiasticas. O Palacio São Joaquim passa a ser o quartel de commando das hostes clericas,

automaticamente tangidas pelo baculo apostolico de pastor da Igreja, convertido nas mãos astutas do Cardeal D. Leme em profano bastão de cacique indigena. Para melhor esconder e mais facilmente angariar adeptos, insistem os seus organizadores, pela imprensa e por circulares fartamente espalhadas, em declarar que não são partidos politicos; não fazem questão de credos; acceptariam collaboração de quem quer que se compromettesse a apoiar o seu programma. Encena-se, então, a mais jocosa comedia em que já se viu envolvida a propria religião: politicos inveterados em todos os vicios do situacionismo passado; individuos de moral publica e privada que faria corar um monge de pedra; outros que, antes, viviam a alardear um atheismo idiotamente aggressivo; scepticos e arredios da Igreja e de seus sacramentos, toda essa gente se ergue em ardente defesa de uma fé que o proprio clero era o primeiro a reconhecer que não a traziam no coração. Isto, aliás, não o interessava, porque sempre foi da ethica social do catholicismo jamais afastar-se da alta sabedoria do principio machiavelico, arvorado em imperativo categorico pela moral jesuitica — de que *o fim justifica os meios*. Para resumir, o que, na realidade, havia de parte a parte, era um indecoroso concubinato de clericalismo e politicagem, a pretexto de servir a uma crença religiosa, quando esta é que estava servindo de arma em competições politicas. Installada a Assembléa Constituinte, procede-se á coordenação dos elementos affeicoados ou presos por compromissos ao Cardeal, emquanto os seus emissarios, de um e outro sexo, se empenham no cerco a deputados tidos por livres pensadores ou que, embora divulgassem a sua profissão de fé catholica, não viam com bons olhos aquella insolente e obstinada intervenção da Igreja nos

domínios do Estado, mais cedo ou mais tarde, prejudicial á propria Igreja. Poucos, entretanto, resistem ao ambiente de pressão e de tumulto em que se tornara o Palacio Tiradentes, cujas galerias diariamente eram invadidas por uma *claque* aranjada para fingir de publico e freneticamente applaudir os propugnadores dos dispositivos já encaixados no ante-projecto da futura magna carta-instituindo o ensino religioso nas escolas, assistencia religiosa ás forças armadas, equiparando, para effeitos juridicos, o casamento religioso ao casamento civil, e, como principio constitucional, a indissolubilidade deste.

Durante a discussão desses dispositivos, já se julgavam os clericos tão senhores do recinto, que não supportavam apartes nem mesmo aos disparates que proferiam da tribuna. Quem quer que se aventurasse a contradital-os, sentia-se impossibilidade de proseguir pela tempestade de protestos a abafar-lhe a voz. Um ou outro, como o deputado bahiano, professor Edgard Sanches, conseguiam, por sua eloquente bravura e argumentação irrespondivel, desconcertal-os e, por momento, conter aquelles arreganhos de fanatismo e intolerancia, que mal dissimulavam, até nos mais exaltados, a insinceridade e velhacaria postas a serviço de um sentimento religioso equivoco...

Victorioso na Constituinte, cuidou o clero de controlar as eleições para as Constituintes estaduais e para a primeira Assembléa Legislativa federal. De novo em scena as Ligas Catholicas; os mesmos conchavos, a mesma concubinação, a mesma hypocrisia sellando uma solidariedade cujo ponto de apoio assentava em uma exploração reciproca, entre ligas e partidos, para se assenhorearem das posições. Candidatos á eleição, que na Constituinte tivessem votado em divergencia

com D. Leme ou, mesmo, com restricções, eram apontados como *inimigos da religião, da patria e da familia*. E porque o Diabo, de ha muito perdeu o seu apavorante prestigio, quando se pretendia inutilizar um candidato de idéas mais liberaes, dava-se por professo do communismo, para indispô-lo com a maioria do eleitorado. Na sua preocupação unica de vencer nos pleitos ou de garantir nos Estados onde não tinham elementos, uma representação de camaradagem, ultrapassaram as Ligas Catholicas, em matreirice, em espionagem, em intrigas, os partidos mais facciosos, com os quaes tanto insistiam em não querer confundir-se. Ninguem com mais autoridade poderá confirmal-o do que o Major Juarez Tavora, catholico de uma rigidez impassivel, e que tanto cabalou na Constituinte para que triumphasse o *programma* das Ligas Catholicas. Vamos ler o que escreveu elle para o *Correio da Manhã*, desta capital, a proposito dos processos postos em pratica por uma dessas *ligas*, na ultima campanha eleitoral, realizada no seu Estado.

"A L. E. C. tem agido politicamente, no Ceará, *como um partido*, ao invés de se superpor ás lutas partidarias... A não inclusão de candidatos do P. S. D. (o partido delle) na chapa da L. E. C., foi premeditada e levada a effeito *por processos condemnaveis*... Além de combater assim, indirectamente, o P. S. D., extremou-se, em seguida, *em ataques directos e apaixonados*, contra esse partido... Essa campanha desenvolvida pela L. E. C., directamente contra o P. S. D., *não se explica como zelo religioso, senão como deploravel paixão politica*... Finalmente, a L. E. C. pretendeu collocar-se em situação *privilegiada*, em face do voto secreto, *coagindo a consciencia civica dos eleitores catholicos*." E mais estss dois periodos concluindo sua longa exposição áquelle matutino;

“O objectivo fundamental de suas reivindicações religiosas cedeu lugar, alli, ás ambições politicas — directamente ligadas á conquista do poder temporal, e, por isso mesmo, ao invés de unir, dividiu, perante a propria igreja, os catholicos cearenses em dois grupos, que se degladiam. Essa actuação nitidamente partidaria da L. E. C. não tem sequer a virtude de elevar o ambiente da luta politica no Estado — porque, como mostram os documentos citados, são os seus proprios partidarios que mais se extremam em manobras facciosas e desrespeitos aos seus adversarios”.

Entre os documentos a que allude o Major Juárez Tavora destaca-se um appello ao eleitorado catholico, do qual transcrevemos alguns trechos interessantissimos:

“Votar no partido dos Tavoras é, até certo ponto, apoiar a maçonaria. A chapa dos tavoristas está cheia de maçons. A maçonaria quer acabar com a religião e com a familia, pelo divorcio.

Na chapa dos tavoristas ou pessedistas, ha um socialista. Os socialistas acabam com Deus; tomam as propriedades e todos os bens; arrazam as familias, matando a honra das virgens e das senhoras casadas pelo amor livre.

Votar nos Tavoras é entregar o Ceará a certos maçons, e a maçonaria é a chocadeira do communismo.

Juarez trahiu o Ceará e a religião, alliando-se a maçons inimigos da Igreja.

Attraiçoar o diabo é um dever. Os eleitores catholicos previnam-se contra as mentiras dos maçons do P. S. D. Tempo de eleição, mentira como cão.”

O Major Juárez Tavora não revelou sómente a psychologia jesuitica da Liga Catholica do Ceará, mas a de todas

ellas, ou, antes, a do proprio clero que as organizou: pois, *o objectivo fundamental de suas reivindicações religiosas cedeu ali e cede em todo o Brasil a ambições politicas — directamente ligadas á conquista do poder temporal.*” Apenas taes ambições não se manifestam claramente onde ainda não dispõem de elementos sufficientes para apoderar-se do Governo, como, de facto, occorreu no Ceará.

Só muita ingenuidade ou obstinada estupidez impede que se não veja que o clero brasileiro, como o clero catholico nos paizes onde a ignorancia e a fanatismo das massas continuám sendo o mais solido sustentaculo da Igreja, collabora em um plano ha muito traçado pela Curia Romana, que é fortalecer contra futuros e desagradaveis imprevistos, o seu imperialismo politico-religioso, entre povos e governos da America Latina. Neste plano entra em scena a organização de partidos, a exemplo do que vinha fazendo nos paizes europeus, para contrabalançar a influencia crescente nas classes populares de aggre-miações politicas adversas aos interesses da Igreja. “A idéa de organizar os catholicos em partidos mais ou menos confes-sionaes, mais ou menos sociaes, mais ou menos politicos, segundo os paizes e as circumstancias, observa Maurice Pernot, deveria necessariamente occorrer aos homens que governavam a Igreja, desde o dia em que comprehenderam o papel que os leigos iam dahi por deante representar no catholicismo, e o resultado que poderia a Santa Sé tirar dessas forças novas, por ella habilmente dirigidas”. E mais adiante exclama esse escriptor, aliás, de uma imparcialidade por vezes inclinada a sympathias pela Igreja:

“Que vantagem, para a Santa Sé, poder offerecer a um governo, mediante concessões opportunas, o apoio de um par-

tido catholico forte e disciplinado! Sobre esta organização fecunda fundar-se-ia o novo poder politico e social da Igreja romana." (1)

*
* * *

Ha mais de vinte annos, um jornal paulista — *O Livre Pensador*, traduzia para a sua edição de 1 de maio de 1913, do periodico americano — *Landcanshire Daily Post* — minucioso editorial, intitulado — *As manobras da reacção clerical na Europa e na America Latina*. Era uma denuncia, com admiravel precisão, dos processos da Curia Romana, para trazer submissos á Igreja os paizes sul-americanos, de preferencia os que, como o Brasil, offerecem condições excepcionaes de exito, já pela sua opulencia e progresso material, já pela escassez de cultura nas suas camadas populares e mentalidade fradesca da grande maioria de seus politicos e governantes.

Destaquemos desse editorial os topicos mais interessantes:

Quando se fala hoje em actividade clerical, é preciso distinguir completamente os fieis do clero. Isto é, mesmo os catholicos fervorosos não têm a minima responsabilidade nos manejos politicos que a oligarchia romana dirige por intermedio dos seus agentes cosmopolitas. E é por este motivo que o catholico leigo, a quem se fala das manifestações mais graves daquella actividade, geralmente pode responder, com toda a sinceridade, que é uma calunnia attribuir ao Vaticano outras

(1) — Le Saint-Siège, L'Eglise catholique et la Politique mondiale, p. 55-56, 1924.

intensões de augmentar a sua influencia religiosa e moral. Os leigos da igreja catholica nada sabem do governo ecclesiastico, e, nestes ultimos annos, a muralha, que torna invisivel a actividade do clero, ainda foi fortalecida de forma a não permittir que algum leigo mais curioso consiga penetrar indiscretamente nos segredos dos pastores do rebanho... Nessa perfektissima sociedade secreta, em que os commandados obedecem cegamente a uma autoridade suprema por detraz da qual existem forças occultas que elles ignoram completamente quaes sejam, ninguem, fóra do circulo privilegiado dos supremos iniciados, sabe qual é o objectivo da orientação do catholicismo contemporaneo. Deixemos, porém, essas considerações de ordem geral, e vejamos o que a igreja romana está fazendo neste momento para reconquistar o seu poderio sobre a raça latina. Roma tem muita experiencia historica para se deixar levar por theorias passageiras, e, por esta razão, o Vaticano nunca tomou a serio a idéa de que as nações latinas estavam irremediavelmente condemnadas á decadencia. Os homens que governam a Igreja sabiam muito bem que, mais tarde ou mais cedo, os povos latinos misturados talvez com outras raças mais vigorosas, retomariam o seu logar na senda do progresso, e confiados nisso elles sempre procuraram manter o dominio ecclesiastico sobre essas nações, afim de não perderem a oppor-tunidade de as explorar por todos os modos, quando chegasse de novo um periodo de renascimento. Agora parece que essa época se está approximando e a igreja romana prevê o advento de uma nova era em que ella, apoiada pelas grandes nações latinas da Europa e pelos povos que se estão desenvolvendo na America do Sul, possa tentar reconquistar uma parte do poder politico que outrora exerceu no mundo...

Mas, o mais interessante neste momento é ver o que o Vaticano está fazendo para capturar os paizes latinos. A campanha começou a ser feita com grande intensidade, ha cerca de vinte annos. Em França, na Italia, na Espanha, em Portugal e na America Latina houve uma renascença geral da actividade catholica. Obedecendo á pressão occulta de uma força central, os bispos começaram de repente a estabelecer uma disciplina mais rigorosa para o clero. Pouco a pouco os padres seculares foram sendo substituidos por frades ou antigos frades... Simultaneamente varios jornalistas sentiram um impulso irresistivel para abraçar a defesa dos interesses catholicos. Houve, de facto, em todos os paizes latinos uma verdadeira epidemia de conversões. E por uma curiosa coincidencia, a maior parte dos jornalistas que começavam a escrever em defesa da egreja, eram promptamente recompensados pelo céu com uma prosperidade tão subita, quanto inexplicavel. Essa campanha aggressiva assumiu nos ultimos annos do seculo XIX um character tão violento que provocou uma forte reacção anticlerical. Em França os jesuitas foram batidos e o clericalismo recebeu um golpe decisivo. Nos paizes ibericos surgiu uma forte corrente anticlerical, que em Portugal determinou a queda da monarchia e a separação da Igreja e do Estado, e na Espanha está forçando o governo a adoptar uma politica liberal... Desapontados com o fiasco da sua propaganda na Europa, os clericos voltaram temporariamente as suas atenções para a America Latina, onde nestes ultimos doze ou quatorze annos concentraram toda a sua actividade. A America do Sul não pode, por emquanto, prestar á Igreja outro serviço senão o fornecimento de fundos para a propaganda na Europa. Os paizes latinos-americanos são ainda muito fra-

cos politicamente, para disporem de meios de prestigiar diplomaticamente a Santa Sé. Esta, que sabe tirar partido de cada coisa opportunamente, contenta-se em sugar o maximo que pode daquellas terras, cujo progresso economico maravilha hoje todo o mundo. Quem não puder ter um golpe de vista da actividade secreta da Igreja romana nos paizes latino-americanos, não conseguirá fazer uma idéa das sommas verdadeiramente collossaes que o Vaticano recebe annualmente da America Latina. O systema de levantamento de dinheiro está organizado com uma perfeição que faz honra á efficiencia administrativa da Santa Sé. As differentes republicas foram previamente dotadas com um numero muito maior de bispados e arcebispados, afim de que a fiscalização fosse maior. O clero local foi gradualmente substituído por frades e por padres estrangeiros que inspiravam maior confiança ás autoridades de Roma. E em cada paiz foram applicados methodos especiaes, adaptados ás circumstancias particulares do caso. No Perú, no Equador e nas outras republicas mais atrazadas do Pacifico, o dinheiro é obtido pela exploração das superstições e até dos vicios dos nativos. Na Argentina, no Chile e no Brasil, onde as condições sociaes são mais adeantadas, os methodos de extorsão são mais subtis e a sua applicação é feita de forma a que a opinião publica não possa avaliar a quanto se elevam as sommas que são regularmente drenadas do paiz. Esse dinheiro, cujo valor seria impossivel fixar com exactidão, mas que certamente representa um tributo gigantesco pago pela America Latina ao Vaticano, é ultimamente entregue aos innumerous bancos particulares da Italia e de outros paizes que fazem negocios de usura por conta da Santa Sé... Mas a Igreja está tambem activamente empenhada em dominar

politicamente a America Latina... No Brasil especialmente, este movimento já está sendo iniciado e, graças ás manobras dos jesuitas, o principe D. Luiz de Bragança, que é conhecido pelo seu extremo fanatismo catholico, promptificou-se a collocar-se á frente de uma campanha monarchista com o intuito de estabelecer no Brasil um imperio clerical. Na Argentina, a campanha clerical não tem encontrado tantos elementos como no Brasil, mas, ainda assim, a reacção catholica é bastante temerosa. Em ambos os paizes, a Egreja exerce uma influencia consideravel sobre a imprensa, e os clericaes, protegidos por funcionarios collocados no poder pela intriga ecclesiastica, tornam-se cada vez mais arrogantes e insolentes."

Em relação ao Brasil, tudo quanto se pode concluir do que acima foi transcripto, é que o clero não age mais na sombra, subrepticamente, mas, ás claras, cada vez mais *arrogante* e *insolente*, intervindo ostensivamente em eleições, impondo programmas de governo, influindo em reformas de ensino, implantando nas escolas a espionagem e a censura das idéas; creando um ambiente de intriga e de hostilidade contra professores que se recusam a converter as suas cathedras em pulpitos.

O fracasso da missão confiada ao Principe D. Luiz, impedido de desembarcar em terras brasileiras, não obstante o pretexto por elle allegado, de que apenas pretendia rever o solo patrio; a sua morte, poucos annos após, tornando cada vez mais problematica a fundação no Brasil de um imperio clerical, que talvez acabasse tragicamente como o ephemero imperio de Maximiliano, no Mexico, fructo de manobras politicas do Vaticano, nada disso embaraçou o plano traçado pela Curia Romana — de ter o nosso paiz entre os seus doces

vassallos. Ao contrario, esse plano melhor se concertaria em uma atmospheria politica não perturbada por tentativa de restauração de uma dynastia que um longo exilio impossibilitara para sempre de reconquistar qualquer ascendencia em um povo por indole e por tradição despido de sentimentos monarchicos.

Seria elle directamente executado pelo proprio clero. E foi exactamente o que se vinha verificando antes do seu apparecimento ostensivo nas lides eleitoraes. Onde as populações se iam tornando mais densas e prosperas, creavam-se bispados, preferidos, para dirigil-os, padres novos e reconhecidamente submissos á Santa Sé; ou se construiam conventos ou se installavam collegios a cargo de comunidades religiosas. Para as parochias mais ricas ou templos cujas fontes de renda provinham em abundancia da credence popular, eram especialmente designados frades e monges estrangeiros, aliás, com mal contida repulsa de sacerdotes nacionaes e até dos fieis, o que, não faz muito tempo, occorreu na capital da Bahia, onde teve o povo de amotinar-se e impedir fosse a elles entregue a rendosissima igreja do Senhor do Bomfim. (1) Como desdobramento do plano, já transpondo os arraiaes ecclesiasticos, intensifica-se a organização de centros de actividade catholica, procurando attrahir a familia, a mocidade das escolas, o operario, o industrial, o commerciante, o funcionario publico, o militar, as classes liberaes, para isso dispondo do concurso da imprensa, cujos orgãos, com raras excepções,

(1) — Além deste, outro facto, com alarmante e escandaloso desenlace, ali, recentemente, occorreu. Fôra aggreddida a soccos e pontapés, pelo proprio arcebispo, uma religiosa brasileira, por se ter recusado a entregar a direcção de um educandario a uma confraria estrangeira.

emquanto acolhem ou calorosamente defendem os interesses do Vaticano, systematicamente fecham as suas columnas ao mais sereno commentario sobre as consequencias, funestissimas para a civilização brasileira, do predominio de uma casta que, desde os tempos coloniaes, sempre foi, entre os povos latino-americanos, como se revelou entre as nações européas, um factor de tyrannia, de corrupção e de estorvamento a todo progresso social.



Para mostrar qual tenha sido a função educadora do clero no Brasil, vem muito a proposito uma documentação duplamente insuspeita, já pelas fontes onde foi colhida, já porque se reproduz em uma brochura sobre Anchieta, do escriptor patricio Jorge de Lima, editada em 1934, e que faz parte de uma bibliotheca de cultura, dirigida pelo Sr. Tristão de Athayde, o mais sanhudo e aggressivo espadachim de quantos militam nas fileiras do clericalismo indigena. "Em Olinda como no Sul, escreve Jorge de Lima, o clero de visão curta parecia viver num mundo que não era o de Christo. De Pernambuco, já em 1549, Nobrega escrevia aos seus de Portugal: "Os clerigos desta terra têm mais officio de demonios que de clerigos, porque além de seu máu exemplo e costumes, querem contrariar a doutrina de Christo, e dizem publicamente aos homens que lhes é licito estar em peccado com suas negras, pois que são suas escravas; e que podem ter os *salteados*, pois que são cães, e outras coisas semelhantes, por excusar seus peccados e abominações. De maneira que nenhum demonio temos agora que nos persiga sinão estes. Querem-nos mal

porque lhes somos contrarios aos seus costumes, e não podem soffrer que digamos as missas de graça em detrimento de seu interesse. Cuide que, si não fôra pelo favor que temos do Governador e principaes da terra, e assim porque Deus não quer permittir, que nos tiveram já tiradas as vidas." (p. 11-12) Prosegue Jorge de Lima: "Desde o governo anterior que os jesuitas denunciavam ao reino o clero desgarrado da colonia, reclamando um bispo ou um vigario-geral que viesse pôr termo á farra." E transcreve o seguinte topico de uma epistola: "E' muito necessario cá um bispo para consagrar oleos para baptizados e doentes, e tambem para confirmar os christãos que se baptizam, ou ao menos um vigario-geral, para castigar e emendar grandes males, que assim no ecclesiastico como no secular se commettem nesta terra, porque os seculares tomam exemplo dos sacerdotes e o gentio de todos." (p. 13). A pagina 35 o autor cede a palavra ao Sr. Washington Luiz: "Além de corrompida, a Justiça era cara e demorada; os feitos eternizavam-se porque no Brasil só havia um tribunal na Bahia, indo os outros recursos para os tribunaes de Lisbôa num tempo em que as communicações eram raras e difficeis. Se assim era a justiça, o clero formava parelha digna; a par de alguns sacerdotes virtuosos, dignos desse nome e respeito publico, eram sem conta os depravados, bebados, simonistas e desordeiros.

As discordias e lutas nos conventos, nas quaes a população tomava parte pró e contra, eram continuas e deixavam um rastro de sangue, só terminando com a ajuda do braço secular e a remessa para Lisbôa dos mais turbulentos. A relaxação dos costumes entre os religiosos era extraordinaria. Chegados ao Brasil, perdiam a vergonha, e atiravam-se á vida como

desbragados; os que aqui estavam não ficavam atraz, dando a todos o mais pernicioso exemplo". (Washington Luiz — *Contribuição para a Historia da Capitania de E. Paulo* — in *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*, vol. VIII, 1903, pag. 25).

O livro de Jorge de Lima abre uma excepção para os jesuitas, para os Anchietas, para os Nobregas, em numero, aliás, reduzidissimo, que teriam resistido á onda de corrupção em que se deixavam arrastar padres e frades. Mas, aquelles se nivelam com estes na obra de exploração commum dos naturaes; uns e outros culminam em trazel-os sob o ferreo jugo da Metropole e da Egreja. A elles poderia applicar-se o que um prelado, em carta ao papa Innocencio X, disse a respeito dos jesuitas, no Mexico, isto em meados do seculo XVII — que *pregando o céu, se apoderavam da terra*. E o faziam recorrendo a todos os expedientes, desde a iniciação forçada em preceitos e dogmas religiosos que o indio e o africano automaticamente deformavam e convertiam, como, a pagina 48, conclue Jorge de Lima, "em um sabeismo catholico, servido a lingua urubá, temperado a dendê e a sangue de gallinha preta", até os meios mais barbaros e em choque com a apparente mansuetude christã desses catechistas.

Outro escriptor brasileiro, Augusto Cezar Marques, assim se refere a tão decantada acção civilizadora, na America do Sul, dos discipulos de Loyola e dos demais conquistadores de sotaina: "Nem mesmo os jesuitas, que se apregoavam propagandistas da religião e milicia de Christo, doutrinavam os naturaes, os *brasis* como os denominavam a principio, arrei-gando-lhes nos espiritos os verdadeiros principios christãos, esforçando-se por civilizal-os, e dest'arte, compensando alguns

dos males da conquista com os muitos beneficios que lhes podia dar um povo mais adeantado e superior. Na America espanhola e no Brasil, as atrocidades de todo o genero, a traição e a má fé eram os meios correntes, que tinham os invasores por efficazes e faceis na redução dos pobres gentios... Os missionarios os arrebanhavam aos centos e aos milhares, como elles mesmos declaram nas suas chronicas, trazendo-os para as aldeias, ou antes fazendas de lavoira, onde os padres jesuitas e de outras ordens regulares os obrigavam a duros e continuados trabalhos, empregando para com os remissos as torturas do tronco, dos anjinhos e do azorrague, e ensinando-lhes como compensação, não as doutrinas purissimas do Evangelho, mas as praticas exteriores do culto e as mais reprovadas superstições; porque assim conseguiam facilmente incutir o terror e a admiração do incomprehensivel em almas innocentes e ingenuas, abalavam e conturbavam com o sobrenatural dos milagres e aterravam com as perspectivas dos tormentos do inferno e das vinganças de um Deus cruel e implacavel... Não dar quartel aos indigenas e perseguil-os a todo transe era o modo de proceder dos colonos, eram idéas acceitas e vulgares, e, o que é mais para surprehender, o que sustentavam os missionarios portuguezes, até mesmo o padre Manuel da Nobrega, apezar do seu espirito evangelizador, o angelico Anchieta e o maior propugnador da liberdade dos indios, o padre Antonio Vieira, os quaes, todos á uma, aconselhavam o rigor e a oppressão para converterem e trazarem sujeitos os indios". (1)

(1) — *Locubrações*, Maranhão, 1874; obra citada por Hygino Cunha, presidente do Instituto Geographico e Historico do Piauhy, em um excellente estudo intitulado — *Historia das Religiões no Piauhy*, pags. 74, 75 e 76.

Já em pleno seculo XIX, em 1875, o Dr. Pedro Vicente de Azevedo, presidente do Pará, escrevia em um relatório para o governo imperial:

“As missões catechistas que nestes ultimos 20 annos têm havido no Pará, não tem produzido beneficio algum notavel, nem para o Estado, nem para a religião. As causas de sua improficuidade são, creio eu, as mesmas que tomaram quasi estereis nesta provincia as antigas missões dos padres da companhia de Jesus, que, aliás, foram tão beneficas no sul do Brasil.

O missionario não cuida do homem; sua missão é a salvação das almas. Nada lhe interessa que o indio abandone seus velhos costumes, que saiba ler e escrever, se civilize e seja util a si e aos outros.

Para preencher sua missão obriga o indio a baptizar-se, a apprender certas orações ou rezas, afim de que, chegando sua hora derradeira, expire como christão catholico apostolico romano. Mas, o indio que nunca recebeu instrucção alguma, faz automaticamente o que o padre manda, sem procurar comprehender a reza, que repete como um papagaio, e não recebe o baptismo senão já adulto.

Semi-civilizado, pede de novo o baptismo, escolhido de ante-mão um padrinho que o leva á pia baptismal. No anno seguinte volta á mesma freguezia, querendo ainda o baptismo, escolhendo outros padrinhos: recusando-se estes por já ter elle sido baptizado, faz igual tentativa mais vezes em outra freguezia, com o fim de arranjar novos padrinhos e novos presentes”. (2)

(2) — Cf. A escravidão, o clero e o abolicionismo, p. 170-180, de L. Anselmo da Fonseca.

Da acção catechista dos jesuitas em S. Paulo, onde é de preferencia apontada como tendo sido realmente notavel, nos dá o brigadeiro José Joaquim Machado a seguinte impressão:

“Os padres superiores levavam nas aldeias de sua administração o mesmo theor de vida, se não mais nociva e pesada aos indios, que os administradores *leigos*; conduziam-se com summa avidéz, e com as mesmas e talvez mais exaggeradas pretensões e exigencias sobre o haver de seus administrados curvados sempre ao peso do trabalho esmagador. Nas aldeias que constituíam o apanagio dos jesuitas e capuchos, os seus administradores evitavam, com penas rigorosissimas, a comunicação não só entre os indios e brancos, como de umas para outras que não fossem da mesma grei. Esta incommunicabilidade chinesa, que, sem duvida, aprendera-se do systema jesuitico seguido nas missões do Paraguay, era certamente o fito de se ignorar o estado de desolação e miseria em que jaziam estas aldeias, e de se não incutir no ensino dos acabrunhados indios principio de sentimentos repugnantes do atroz predomínio alli exercido, - e que podiam desvairal-os na submissa e embrutecida obediencia em que convinha fazel-os permanecer por maior gloria e vantagem da potencia dominadora. E tanto mais que, existindo relações entre os indios e os brancos, podia-se estabelecer comparação entre a condição das duas raças: e a indigena, reconhecendo quanto era a sua miseravel e degradada dos attributos do homem, reagisse contra os seus famulentos e avidos oppressores, e entrasse para a massa da população, que, conquanto sujeita ao bastão despótico dos governadores, dispensavam-lhe ao menos certos gozos da vida social que não podiam ter os apoquentados

indios. Si um indio procedesse ao contrario a este iniquo preceito, ou recolhesse em sua habitação a qualquer pessoa secular, siquer por uma noite, era-lhe imposto o castigo irrogado pelo regimento, consistindo em trinta açoites e dois dias de tronco". (3)

O mesmo edificante quadro offerece a catechese na America espanhola, a respeito da qual poderiamos dar copiosa documentação, que não cabe em um simples prefacio. Baseado nella é que o eminente historiador mexicano, Affonso Toro, resumiu nos seguintes periodos, e em suas proporções, o que foi o apostolado do clero catholico na civilização das tribus americanas:

"A conversão dos indios ao christianismo foi só apparente, tanto mais quanto o não se fingirem de catholicos se lhes acarretavam grandes males e perseguições, e até mesmo a morte. Os frades se conformavam com que os indios respeitassem de memoria algumas orações, fizessem reverencias e genuflexões deante das imagens, se ajoelhassem deante dos sacerdotes e lhes beijassem a mão, assistissem á missa e rezassem o rosario; tudo para elles se reduzia ao culto externo; nada ensinavam aos infelizes indios das idéas philosophicas e moraes que contem o christianismo. Essa apparente submissão á igreja não se conseguia sómente pregando e convencendo, mas, ainda por meio da força bruta. Protegidos pelos conquistadores, os missionarios emprehendiam verdadeiras *vazzias* para arruinar templos, quebrar idolos, queimar pinturas hieroglyphicas e castigar quem quer que suspeitassem que ainda ren-

(3) — *Noticia relacionada sobre as aldeias dos indios de São Paulo*, in Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil, vol. 8, 1846.

desse culto aos antigos deuses. Nos dias em que havia missa de preceito, os caciques, por ordem dos frades, faziam de vespera que os indios se recolhessem cedo e ás duas ou tres da madrugada os obrigavam a levantar-se, e, depois de contados, formavam em duas filas, uma de homens e outra de mulheres, com destino ao atrio da egreja, ás vezes a tres leguas de distancia. Ali eram contados novamente e si algum faltava ou chegava tarde, castigavam-no com açoites... A barbaria de muitos daquelles frades e as prisões e maltratos que faziam soffrer aos indios eram taes, que Fr. Francisco Toral, bispo de Yucatan, escrevia a Felippe II:

"Han tenido grandes ocasiones estos naturales, non solo para no ser instruidos en las cosas de nuestra santa fé catolica pero para renegar de nuestra fé, viendo las grandes molestias y vejaciones que por parte de los ministros de la iglesia se les han hecho y no menos de la justicia..."

Na mesma carta accrescenta o prelado que entre aquelles padres não ha um só homem douto, "no menos conocen a los indios, ni tienen caridad ni amor de Dios para sobrellevar sus miserias y flaquezas," e quando alguém lhes diz que alguns desses indios voltam á pratica de seus antigos ritos e idolatrias, "sem mais averiguações nem provas", começam a atormental-os, colgandolos em sogas, altos del suelo y poniéndoles a algunos grandes piedras a los pies y a otros achándoles cera ardiendo en las barrigas y azotándolos bravamente". (4)

Os mesmos processos, no Brasil, no Mexico e nas demais

(4) — Alfonso Toro, *La Iglesia y el Estado en Mexico*, paginas 11-12, 1927.

colonias sul-americanas, de escravização physica e mental do homem, que se fez e ainda se faz sentir, pelos seus nefastos effeitos, nas nações em que se tornaram essas colonias. A essa educação clerical, que reduziu Portugal e Espanha ao ultimo gráo de obscurantismo e decadencia, quando outros povos europeus entravam em uma quadra de acelerado progresso nas sciencias, nas artes, nas industrias, é que, em grande parte, se deve o chocante contraste entre o rapido evoluer do povo norte-americano, livre, desde o inicio de sua civilização, da tutela jesuitica da Egreja, e o estado de atrazo, de analphabetismo, de pobreza chronica das populações da America Latina, como aquelle, egualmente possuidoras de um continente opulentiſsimo.

*
* * *

Que nos poderia o velho Portugal ensinar, de 1500 até a Independencia, no sentido historico de uma actuação efficiente do homem sobre o meio, e de uma organização social que, em suas linhas fundamentaes, nos appareilhassem, dentro desse mesmo periodo, para acompanhar o rythmo vertiginoso da civilização européa, já em franca ruptura com o despotismo religioso e politico da idade media?

Não é preciso deter-se nos dois seculos de colonização que se seguiram á descoberta do Brasil, para se ter uma idéa do que era Portugal sob o dominio de uma dynastia fanatizada pelo Clero; vamos aos seculos XVII e XVIII, justamente quando o progresso scientifico e o espirito philosophico attingiam na França, na Italia, na Allemanha, na Inglaterra e em outros paizes a sua mais alta expressão cultural.

Sob o reinado de D. João V, offerencia o diplomata luso D. Luiz da Cunha o seguinte quadro da heroica terra lusitana:

“Achará muitas terras usurpadas pelos cabidos das dioceses, pelas collegiadas, pelos priorados, pelas abbadias, pelas capellas, pelos conventos de frades e de freiras; outras incul-tas, os caminhos intransitaveis; a terça parte de Portugal é propriedade da Igreja, que não contribue para a segurança do Estado”.

Este outro de Alexandre de Gusmão:

“Portugal não é só Lisbôa, illude-nos a apparencia opulenta da capital, mas o reino geme no regaço da mais completa miseria. Não ha dinheiro, não ha braços, não ha nada. Estamos em vespera de um cataclysmo. A fradaria absorve-nos, suga-nos o reino, conduz-nos á ruina”.

A isto accrescenta um escriptor portuguez contemporaneo:

“Contrista-nos o termo de confessar que não encontramos nos XVII e XVIII seculos um nome portuguez ligado á descoberta duma grande lei scientifica, dum systema, dum factio capital, dos que nobilitam e immortalizam uma nação. Ao passo que a Europa culta citava com orgulho os nomes immorredoiros de Newton e Descartes, de Buffon e Lavoisier, de Harvey e Vico, de Bacon e Leibnitz, nós apenas manifestavamos a nossa degradação moral, o aniquilamento cerebral da nossa raça de heroes e de bravos, de conquistadores e tro-

veiros! Tudo perderamos, até o sentimento da propria dignidade!

Eufeuçados á Inglaterra por tratados onerosissimos, eterna vergonha dos Branganças, eramos o ludibrio e o escarneo de todas as nações e, principalmente, da nossa secular alliada que nos apreciava, nesta phrase typica, pela bocca de Lord Tirawley, seu embaixador em Lisbôa: "que se pode esperar duma gente, metade da qual está pela vinda do Messias, e a outra parte pela de D. Sebastião?"

A espantosa riqueza que o Brasil nos fornecia e que era de molde a vitalizar o cadaver mais corrupto e gangrenado, sacrificava-a a imbecilidade do monarcha á avareza insaciavel da Curia Romana, á estúpida ostentação dum fausto sem limites, á exteriorização espaventosa duma devoção piegas e á ociosidade devassa de innumeraveis conventos que cobriam o reino, "asylos de impudicia e de prazer, execraveis antros de Venus", como os denominava um bispo serio e grave".

Para os que tem razões de pensar que a mentalidade social de uma época ou de um povo se reflecte naquelles monumentos litterarios que melhor retratam as suas idéas e crenças communs, servem de specimens da cultura lusitana no seculo XVIII alguns trabalhos impressos naquella época com approvação de autoridades ecclesiasticas e piedosamente acolhidas no Reino. Titulo de uma obra editada em 1744: "Instantes do heroe subtil e marianno, precursor da mais celeste aurora, trovão da sua primeira graça, raio da sua primeira gloria, luz da sua primeira duvida, o veneravel João Duns Scoto, traduzida por Francisco Rosario, pregador e indigno filho da Santa Providencia dos Algarves". Este outro, de frei Manuel Evangelista, doutor em Theologia pela Universidade de Coimbra,

impresso em -1754. com o seguinte rotulo: "Amores do Amado, Epitome selecto das Escripturas nas excellencias, grandezas e irregularidades do Querubim de Deus, Benjamin de Christo, Apice dos Prophetas, Timbre dos Apostolos, Aguia dos Evangelistas, Martyr sem morte, Mestre dos Doutores, Virgem sem macula, Secretario do Verbo Eterno, e Theouro dos maiores segredos, e sempre venerado, e nunca bem conhecido, ainda que entre os mais mimosos, S. Evangelista." Outro, de Luiz Botelho Fróes de Figueredo — publicado em 1745: "Modo efficassimo de orar para conseguir a poderosa protecção das onze mil Virgens", do qual vae este trecho digno de meditação: "E' tão alta esta devoção (a das onze mil Virgens) que não ha mal ou enfermidade no mundo a que não acudam as onze mil virgens; todas valem tudo, e muitas dellas particularmente para muitas enfermidades. Para a cabeça, para os olhos, para os dentes e ainda para conservar o parecer, tendes a Sta. Cordula: cura os freneticos, os paralyticos, os aleijados, as pontadas, as feridas, acode á esterilidade, facilita os partos, remedeia todo o genero de febre, e não havendo remedio para a morte, até aos mortos resuscita. Para os *pressos*, para as dores do peito, para os naufragos, para as quedas e até para domar os brutos, tendes a Sta. Cunera. Para a apoplexia e para a peste tendes a Sta. Odila. E porque não haja mal a que não acudam as Santas Virgens, até para sarar dos achaques da mocidade, tendes a Sta. Aurula".

Outro monumento de alta cultura é um devocionario, com *Privilegio Real*, que em 1750 contava 18 edições, cujo autor é um religioso da ordem dos Pregadores, mestre em Theologia e Consultor do Santo Officio. *Mestre da Vida que ensina a viver e morrer santamente* é o seu suggestivo titulo, e a

proposito do Inferno, ninguem perde em ler a seguinte descripção:

... "haja-se como applica os olhos para ver aquelle carcere do Inferno, aquelle tanque de fogo, que tem uma profundidade enorme, e uma capacidade immensa; cheio de lavaredas, enxofres, dragoens, serpentes, viboras e demonios. Vá vendo os corpos dos condemnados, como tições accesos, attra-hindo fogo com a respiração, lançando fogo pelos olhos, pelos ouvidos, pelas narinas e pela bocca, por que até os ossos tem tão inflamados como um ferro que sahe em braza viva de uma fornalha ardente.

"Vá vendo a ordem ou desordem com que se acham no Inferno uns sobre os outros em rimas? Uns com os pés para cima e a cabeça para baixo; outros de costas, outros retorcidos; uns com um braço prezo a uma corrente de fogo e outro braço na bocca de uma serpente formidavel: e finalmente, todos elles se acham, como cahiram, sem se poderem bulir com o apertão, nem poderem menear nem um só dedo.

"Depois haja como quem applica os ouvidos para escutar os ais, os gemidos, as desesperações, as blasfemias, os alaridos, os clamores e as vozes, que desentoadamente retumbam naquelles medonhos carceres. ,

"Depois haja-se como quem se applica para cheirar os insoffríveis fedores, que para aquella sentina de immundicias escorrem de todo o mundo, além dos maos cheiros, que despedem de si os fogos de enxofre, e os corpos, que nelles se queimam; que dizem os Santos Padres que se um só condemnado apparecesse neste mundo, seria tal o seu fedor que pegaria peste a todo o Orbe.

Depois disto, veja se se acha com valor para gostar as

bebidas amargosissimas, os chumbos derretidos, os pratos de bichos peçonhentos, osgas, aranhas, sapos e outras savandijas, com que Lucifer banquetea os seus convidados. Apalpe depois disto, apalpe os corpos dos condemnados, a quem amou ou aborreceu, accesos como tições; apalpe os espinhos agudos, as espadas afiadas, os tanques de fogo e regelô”.

Essa litteratura, mixto de imbecilidade e de delirio, faz resaltar a que ponto desceu o nivel cultural do povo portuguez, com a sua economia exausta pela rapacidade parasitaria das sacristias e dos conventos, embrutecido pela superstição e pelo fanatismo, até resvalar, quando outros povos lhe arrebatavam o imperio dos mares, a um humilhante protectorado, do qual ainda não conseguiu libertar-se. Foi exactamente essa tão afamada acção educadora do clero catholico a que se propoz imprimir á nossa nacionalidade uma directriz social: os mesmos processos de embrutecimento da intelligencia e de deformação do character, pelo pavor de um inferno ficticio e de outras phantasmagorias habilmente entretidas por um ritualismo tanto mais grosseiro quanto mais adequado para converter seres humanos em automatatos.

*
* * *

A historia do Brasil colonial é um desmentido da influencia da Igreja como factor bemfazejo de nossa civilização: toda ella se tece de episodios sangrentos em que, directa ou indirectamente, se faz sentir a acção do clero catholico, ou a sua impotencia em abrandar a ferocidade com que era pelos conquistadores arrebatada a terra aos naturaes. Os costumes, como vimos, se tornavam tanto mais dissolutos quanto mais se

povoava a colonia de padres e frades: eram estes que davam maior exemplo de desleixo e corrupção. Dos sentimentos de piedade christã, do espirito de renuncia aos bens terrenos, de que deveria revestir-se a sua missão apostolica, o que se sabe é que clerigos e leigos rivalizavam pela irrefreavel ganancia de enriquecer, sugando, até a ultima gotta, o sangue do negro e do indio, um e outro reduzidos a uma escravidão jamais ultrapassada em torpeza e crueldade. Em nossas lutas pela Independencia, onde e quando se manifestou o clero catholico contra o jugo lusitano? Preso aos interesses politicos da Corôa, que, por sua vez, estavam amarrados aos interesses economicos da Curia Romana, que attitude poderá ter assumido deante da rebeldia dos Tiradentes e de outros insurrectos, entre elles, sacerdotes brasileiros, immolados pela implacavel justiça bragantina?

A sua participação festiva, com procissões e canticos de acção de graças, quando estrebuchava no patibulo um daquelles reprobos...

Em quatro seculos de educação religiosa e de cooperação da Igreja no nosso evolver social fala-nos a grande massa de analphabetos, que somma dois terços da sociedade brasileira; uma mentalidade quasi primitiva nas regiões onde mais se tem feito sentir a ascendencia do padre; uma religião hybrida, mesmo nas classes mais ou menos instruidas, em que se amalgamaram crenças christãs, que um culto apparatuso paganizou, com bruxarias e feitiços de procedencia indigena e africana; uma pedagogia rotineira, reduzindo o saber a feitos bellicosos, a aventuras de alcovas reaes, a biographias e datas historicas, a textos latinos ou biblicos, e a formulas scientificas repetidas automaticamente de memoria e de mis-

tura com versículos do Velho Testamento. Junte-se a este legado, uma lamentável incapacidade de explorar e valorizar um território riquíssimo onde vegeta e physicamente define uma população pauperrima; uma noção falsa do trabalho humano, que perdura, e que nos veio do ambiente deleterio das senzalas; um progresso material, sem coordenação, sem rythmo, em contraste com a miseria das camadas populares, impondo-se mais por força das circumstancias do que por espirito de previsão e iniciativa de um povo; uma soberania de protocollo a galvanizar uma situação, contra a qual já se previne o governo brasileiro, de dependencia economica, mantida por um regimen tentacular de empréstimos e concessões, em que resurgem os antigos capitães mores transfigurados nos modernos capitães de industria. E para remate desse monumento de civilização argamassado e construído á sombra do catholicismo, uma cultura superior na apparencia, porém, decorativa, verbalista, vazia, cada vez mais distanciada da arena onde se movimentam os grandes factos da vida contemporanea, por isso tendo-se revelado inapta para traçar um plano de racional e segura solução dos problemas fundamentais do paiz.

Com o ensino religioso nas escolas, com assistencia confessional ás classes armadas, com a sua interferencia na politica e no governo, não recuará a Igreja em levar avante o proposito, si não de fundar um imperio clerical no Brasil, por impossivel uma restauração da monarchia, uma republica clerical, disfarçada sob o rotulo de Estado separado da Igreja. O essencial é que os poderes constitucionaes sejam ou dirigidos por catholicos ou controlados pelo clero; que nada se faça sem o seu beneplacito; que as ordens emanadas do Cat-

tete não se choquem com as instruções expedidas do Palacio S. Joaquim. E tanto marchamos a passos largos nessa direção, que, não faz muitos mezes, o *leader* da maioria, em plena Assembléa Nacional, proclamava, sem um protesto, em discurso de homenagem ao Cardeal Pascelli, de visita, ali, aos futuros subditos de Sua Santidade, que o Brasil se sentia orgulhoso de ser uma das mais humildes provincias do Vaticano.

Do que se tornaria o povo brasileiro sob tão aviltante protectorado; das dissensões e lutas fratricidas desencadeadas pela intolerancia e cupidez da mais retrograda e reaccionaria de todas as castas sacerdotaes; de sua tyrannia dogmatica, que foi, durante seculos, o mais torturante e entorpecente peso-dello do espirito humano; dos seus attentados ás leis da natureza e aos principios de humanidade; da sua feroz resistencia a todas as reivindicações, a todos os ideaes, mesmo os que o christianismo nutriu com o sangue dos seus martyres; de tudo isso offerece *A QUESTÃO SOCIAL E O CATHOLICISMO* uma demonstração documentada por dados historicos de uma authenticidade insuspeitissima, e que poderá servir de advertencia a quantos, de bôa fé, estiverem cooperando nessa obra sinistra de conspiração contra os destinos do Brasil.

POLEMICA NOTAVEL SOBRE O CATHOLICISMO

Durante a quaresma deste anno, o revmo. conego Pereira Alves fez, no Recife, uma serie de conferencias sobre a acção social do catholicismo. Os jornaes deram resumos dessas palestras, que aliás foram assistidas por muita gente, pois o conego Pereira Alves passa por ser a primeira figura do clero pernambucano na tribuna religiosa. Ainda mais, é o professor de philosophia do Seminario, e jornalista notavel.

As suas conferencias causaram um grande successo e por isso mesmo chamaram a attenção do Dr. Joaquim Pimenta, uma das primeiras mentalidades da Faculdade de Direito do Recife. O joven professor achou de oppôr uma formal contradita ás doutrinas e idéas daquelle eminente sacerdote, o que fez numa serie brilhante de artigos publicados no *Jornal do Commercio*.

O Dr. Joaquim Pimenta revelou-se um polemista de vastos recursos nesses artigos, não só na argumentação cerrada e rigorosamente logica, como no manejo elegante da lingua e profundeza de erudição.

Pode-se affirmar, sem medo de contestação, que o illustrado professor recifense reviveu os aureos dias de Tobias Barreto, de quem se aproxima pela audacia e desassombro.

Esperava-se, no Recife, que o conego Pereira Alves sahisse a campo em defesa do catholicismo, uma vez que não haveria desdouro para o illustrado sacerdote em bater-se com o Dr. Joaquim Pimenta, de quem só deveria esperar o mais urbano tratamento.

Fôra exaggero interpretar-se a sua ausencia da pugna litero-cientifica como prova de medo, mas parece certo que o conego Pereira Alves não teve muita confiança nos proprios recursos de polemica, ou não ligou importancia á repercussão que estão tendo os longos artigos do eminente professor da Faculdade.

Muitos criam que o proprio D. Sebastião Leme, arcebispo de Olinda e um dos mais eruditos prelados brasileiros, revidasse ao Dr. Pimenta, mas esta hypothese está afastada com a partida daquelle antistite para o Rio, em visita a pessôas de sua familia, enlutada com a morte recente de sua progenitora.

Attribue-se á influencia de D. Leme o ter apparecido o Dr. Barreto Campello, pelas columnas do *Jornal Pequeno*, para contraditar, ponto por ponto, os artigos do Dr. Joaquim Pimenta. Esse campeão do catholicismo tem nome feito na imprensa recifense, desde 1911, quando se formou em direito, após um curso brilhantissimo, o que lhe valeu ser escolhido orador da turma.

O Dr. Barreto Campello tem-se havido com galhardia na polemica, mas a sua dialectica e erudição ainda não attingiram a culminancia das de seu oppositor. Pessôas que conhecem o preparo desse ardoroso polemista, affirmam que, naturalmente, por tactica, elle está reservando e amontoando argumentos para uma treplica victoriosa.

O Dr. Barreto Campello, intitulado os seus artigos — *Contraditas a um resumo de Emilio Bossi*, errou duplamente, primeiro, em faltar á verdade, segundo, em facilitar ao seu antagonista uma resposta esmagadora. Entretanto, demorou-se varios dias nessa empresa temeraria, dando cada vez mais ao Dr. Joaquim Pimenta ganho de causa.

A polemica a que nos vimos referindo, parece, durará muito, pois o campo da discussão é vastissimo e ambos os contendores têm pannos para as mangas.

Em nosso meio tem ella despertado maximo interesse, não só entre os intellectuaes, como entre o communi dos leitores.

Consta-nos que o revmo. padre Anisio Dantas, professor do Lyceu e do Seminario diocesano, está colligindo os artigos do Dr. Pimenta e do Dr. Barreto, afim de offerecer ao primeiro uma contradita pela Imprensa, órgão da archidiocese da Parahyba e folha de grande circulação neste Estado. O padre Anisio aprimorou os seus estudos canonicos e philosophicos em Roma donde chegou ha quatro annos. E' especialista em assumptos sociologicos.

Se o nosso eminente patricio vier á arena, teremos oppor-tunidade de aquilatar a sua cultura em sociologia e historia, e o Dr. Joaquim Pimenta o trabalho de enfrentar outro adversario, talvez mais bem apercebido para a luta do que o Dr. Barreto Campello.

E' de louvar a maneira fidalga por que ambos os contendores têm levado esse memoravel prelio, cousa rarissima no jornalismo brasileiro, em que as polemicas, mesmo scientificas,

degeneram em diatribes pessoas. Felizmente o publico vai comprehendendo que o desaforo e o insulto servem apenas para encobrir a falta de razão e ausencia de conhecimentos.

Artigo de fundo d'A *União*, órgão official do governo da Parahyba; n. de 16 de maio de 1920.

POBRE CHRISTIANISMO !

Quando, ha dias, o Dr. Odilon Nestor disse, no *Jornal do Commercio*, que essa bellissima discussão, travada entre os Drs. Joaquim Pimenta e Barretto Campello, sobre *A questão social e o catholicismo*, descambava para o bysantinismo, isto é, para a futilidade e a logomachia, tive logo a impressão de que mais uma vez haviam logrado a victoria as manobras clericas.

A mesma idéa occorreu ao Dr. Barreto Campello, e, pressuroso, se lançou á taboa misericordiosa que surgira boiando ao alcance das suas mãos convulsas de naufrago já desesperançado de alcançar a terra.

E', por isto, que, com uma alegria mal refreada e pouco valorosa, elle aponta o artigo do redactor-chefe daquella folha, como uma despedida velada, *diplomatica* na sua expressão, ao antagonista superior em forças.

Si o Dr. Odilon Nestor se externou de boa fé ao affirmar que toda discussão sobre o valor da edade media, relativamente á evolução do espirito humano, resulta esteril e ociosa, a affirmativa encarada, quer privativa; quer globalmente, é tão insustentavel que custa a crer tenha sido traçada pela penna de um mestre de sciencias sociaes.

Para não ir mais longe, eu lembrarei apenas o alto valor das pesquisas archeologicas e paleontologicas, de campo bem mais afastado, não obstante de resultados positivos e seguros.

Si não, si a estirada não passa de ardil imposto pela angustia do crente amedrontado pela obsessão das chammas do inferno ou das caldeiras do purgatorio, *tnanseat*, ninguem contestará ao illustre professor o direito de resguardar a macia epiderme contra a acção de temperaturas tão altas.

Tanto mais que o Dr. Campello, segundo declarou em um dos seus artigos, acha muito melhor que essa função purificadora e preservativa do fogo seja piedosamente utilizada hoje em dia e aqui mesmo no globo terraqueo, á guiza do que nos fulgidos tempos do catholicismo se praticava *largá manu*, para expansão gloriosa e benefica da Igreja Romana.

Ficaria assim liquidada summariamente a questão, e ao paladino catholico restaria apenas recolher as felicitações das massas, em vistoso palanque armado defronte da fogueira em que fosse solemnemente reduzido a torresmo o nefando Joaquim Pimenta, varridas depois pelos ventos as suas cinzas hereticas.

E' verdade que a discussão se ramifica, se entrelaça, se emmaranha, de modo a desaparecerem os galhos sob a espessa ramagem superposta. Mas essa mesma ramagem testemunha exuberancia de seiva. (1)

O que eu estimaria, e vou a esse respeito mais longe do que o avisado redactor-chefe do *Jornal do Commercio*, que

(1) — O Dr. Raul Azedo adivinhara: os ultimos capitulos deste livro, como veremos adeante, me foram devolvidos pelo director do *Jornal do Commercio*.

confessa dar-se-ia por satisfeito se volvessem os campeões ao seu thema primitivo. — *A questão social e o catholicismo*, é o seguinte. Eu desejaria que me explicassem primeiro o que é catholicismo, e porque motivo se dá a Egreja Catholica por defensora, propagadora e representante do christianismo, do qual ella constitue, no emtanto, a negação mais categorica, assim como, por que motivo este, consistindo essencialmente em uma reacção contra o exclusivismo e intolerancia do mosaismo, foi com elle amalgamado e fundido no mesmo corpo doutrinario, essencialmente contraditorio e desproporcional, a ferro e fogo imposto á humanidade.

E' preciso, com effeito, ser muito obtuso ou muito ignorante para não enxergar que o christianismo não existe, que o christianismo morreu logo ao ensaiar os primeiros passos no mundo, e precisamente no instante em que Constantino lhe estendeu a mão poderosa e dominadora.

Desde esse momento, diluido em crenças muito mais antigas, mais robustas, mais radicadas nos espiritos, mais concordantes com a natureza humana, do christianismo, pode dizer-se que restou apenas o symbolo a rotular o alacre e bojudo ôdre do polytheismo greco-romano.

Mais tarde, quando o imperio romano tombou fragmentado ao choque da invasão dos barbaros e coube a estes a direcção do orbe, a alma barbara, a indole de violencia e de conquista alça a cruz, e, de espada em punho, leva a toda parte, tinto no sangue de milhões de homens, de mulheres e de creanças, figurando no ferro das lanças, no punho dos gladios, cravados até nos peitos palpitantes, erecto ao lado das fogueiras inquisitoriaes, o signal da paz, do perdão e do amor, surgido para regenerar e abrandar a humanidade.

A verdade, porém, é immortal e invencível como a propria condição immanente da ordem e da vida no universo. Ella não desaparecerá da terra: da destruição e do incendio das bibliothecas se salvaram alguns volumes, alguns resquícios do saber helleno e do de outros povos cultos da antiguidade. Bastou isso, e succedeu com estes germens da sciencia hodierna o que succedeu com as sementes de cereaes encontradas nos tumulos dos reis egypcios, onde jaziam enterradas havia seculos e seculos: exhumadas agora e semeadas em boa terra, ellas se desenvolveram e floriram e deram grãos.

E' a isso, é a essa prodigiosa fecundidade de noções positivas accumuladas pelos nossos antepassados intellectuaes que se deve o espantoso progresso dos nossos dias.

E, como o sôpro que anima a sociedade actual, nós o recebemos do espirito greco-romano; a feição da civilização actual é a da dos gregos e dos romanos, apaixonados pela arte, pela sciencia, pela belleza plastica, pelo vigor physico e pela vida movimentada e alegre.

O que as grandes nações modernas procuram realizar e desencadeou a luta de exterminio que ensanguentou o mundo, é o sonho de Alexandre, é o sonho de Cesar, o dominio de todos os povos por um só. Isso é o que queria a Allemanha, o que querem a Inglaterra e os Estados Unidos, e procuram obter pela industria, pelo commercio, pela diplomacia e em ultimo caso pela força.

Onde está o espirito christão em tudo isso? Elle está em todas as boccas e longe de todos os corações.

Espirito christão numa sociedade cuja preocupação maxima é o accumulo de riquezas, seja por que meio fôr, é o gozo de todas as delicias que o dinheiro proporciona!

Não pode haver maior escarneo... E, si quereis tirar a prova disso, distribua um de vós tudo o que tiver, pelos pobres, envolva-se em uma tunica esfarrapada e suja, e sáia, descalço e de cabeça descoberta, pelas ruas e estradas a pregar e praticar o que dizem os Evangelhos que pregava e praticava o Christo.

A experiencia não duraria cinco minutos: sabem todos que o seu rapido desfecho seria a prisão, por vagabundagem, do Messias improvisado ou o seu recolhimento ao asylo de alienados, ou o desterro por tentativa de subversão social e de propaganda anarchista.

Assim, nada mais repugnante do que este christianismo nominal, porém batalhador, emproado, absorvente, estardalha-cento, intolerante e mentiroso, tão ridiculo em si e tão pernicioso aos trabalhadores cultos e sinceros, pela atmosphaera de prevenção e antipathia em que tenta envolvel-os, esse christianismo de parada, cujo fito unico é a consecução do bem estar material para os da grei, á custa dos simples e da annullação dos que recusam, coherentes com os seus principios, a entrada na opulenta empreza de auxilio reciproco, na poderosa organização politica mundial.

O christianismo foi e tem sido uma aspiração ideal dos que soffrem e dos necessitados, enquanto soffredores e necessitados; mas aspiração irrealizavel collectivamente nas sociedades humanas, fundamentalmente animaes e compellidas pela sua propria organização biologica a ter o prazer physico e psychico como estimulo e condição basica da conservação do individuo e da especie,

Pobre christianismo, que monstruosidades se commettem em teu nome!

Raul Azedo

DA Provincia, órgão popularissimo da capital pernambucana; numero de 1.º de junho de 1920. O Dr. Raul Azedo, era um dos mais emjentes scientistas brasileiros. Medico, biologista e philosopho, era tambem um polemista vigoroso. Falleceu nesta capital, em 11 de junho de 1933.

A QUESTÃO SOCIAL E O CATHOLICISMO

O Dr. Joaquim Pimenta, notavel professor da Faculdade de Direito do Recife, e um dos mais devotados cultores da sociologia, entre nós, quer nos seus principios abstractos, quer nas suas applicações concretas, sustentou longa polemica a respeito da influencia do catholicismo na solução da chamada questão social, que outra coisa não é senão o bem estar das massas populares. Para um sociologo, o assumpto offerencia um duplo attractivo, porque tinha de enfrentar dois problemas sociaes da mais alta relevancia, o religioso e o economico-politico, em seus contactos, acções e reacções. E, felizmente, apesar de ser a polemica um genero de escripto em que a serenidade do raciocinio difficilmente se mantem, e o pensamento, para attender aos golpes do adversario, não attinge á concentração de que seria capaz, o professor do Recife conseguiu manter-se no terreno doutrinario, affirmando as suas idéas com limpidez e desassombro, e documentando-as com a erudição de um especialista no assumpto debatido.

Fez-lhe o adversario a injustiça de suppol-o adstricto aos ensinamentos de Emilio Bossi, no livro *A Igreja e a Liberdade*; mas o leitor verificará com facilidade, que as suas fontes de informação, além de serem abundantes, têm mais pro-

fundeza do que a desse trabalho de vulgarização e combate; e, principalmente, sentirá que os conhecimentos exhibidos não resultam de uma leitura de ocasião; revelam um longo preparo methodicamente adquirido, uma educação philosophica de moldes amplos e seguros.

A these capital, que Joaquim Pimenta emprehendeu demonstrar, da insufficiencia da religião para resolver a questão social, não deve ser considerada apenas vencedora, no estado actual da civilização humana; parece que já era tempo de consideral-a, definitivamente, elucidada e fóra de debate.

Não é que eu accite o ponto de vista de Novicow, no *Problema da miseria*, quando affirma: "O christianismo que-ria, a principio, o bem dos desherdados; porém, como era uma doutrina falsa, trouxe ao mundo uma massa de males muito mais consideraveis do que os que pretendia curar".

Igual sentença profere o sociologo russo contra o socialismo. Não. O christianismo não deve ser considerado falso nem verdadeiro para o sociologo.

E' uma religião. Quer dizer: é uma concepção do mundo fundada na Crença.

E não sómente isso. E' tambem manifestação do sentimento religioso, que surgiu com os primeiros homens, desenvolveu-se e modificou-se sob a influencia da cultura. Transformando-se esse sentimento e adaptando-se ao desenvolvimento intellectual humano, creará fórmulas novas ou se esgotará, mas não é licito d'elle dizer que é falso, pois que é normal e generalizado. E' um phenomeno que o sociologo, serenamente, estuda, como estuda o economico, o juridico e o politico.

O que me leva a affirmar que, realmente, nem o catholi-

cismo nem outra qualquer religião pôde resolver a questão social é a observação dos factos. O dominió das religiões é de ordem espirital, e as necessidades, que os proletarios sentem são de ordem economica, politica e juridica. Nos paizes verdadeiramente democraticos, as necessidades politicas se acham satisfeitas. A situação economica, porém, e as garantias juridicas deixam ainda muito a desejar.

O movimento em favor de reformas na organização da vida social, que attendam a essas necessidades prementes, não poderá vir por intermedio da religião, porque, visivelmente, a Igreja não teria mais o prestigio necessario para conseguir essas reformas; e, si dispuzesse ainda desse poder espirital, que dominava os povos do occidente unificados pela crença religiosa, as reformas que conseguisse dictar ao poder temporal dos Estados, seriam, necessariamente, inadequadas, porque tentariam resolver, por medidas religiosas, questões economicas, politicas e juridicas. A funcção da Igreja é religiosa; as necessidades das classes trabalhadoras, a que urge attender, não são as dessa categoria. E', pois, forçoso reconhecer a inaptidão da Igreja para resolver a dolorosa crise, em que se contorce a sociedade actual.

Para a demonstração dessa these Joaquim Pimenta faz o que poderíamos chamar o processo historico da Igreja, e nessa investigação historica se lhe apresenta a oportunidade de exprimir o seu conceito sobre a idade media e sobre a Inquisição. Esta ultima foi um desvario da intolerancia, que a psychologia humana explica, certamente, porém que todos condemnam, ou lamentam, e difficil seria achar quem lhe quizesse assumir a responsabilidade.

A respeito da idade media força é convir que nem é,

como a muitos se afigura, o colapso da intellectualidade antiga, que creára a sciencia, a philosophia e arte na Grecia, a organização juridica e administrativa em Roma, nem o progresso organico da civilização, segundo acredita o positivismo. Debaixo das ruinas do mundo antigo ficaram os germens que se foram desenvolvendo, até expandir-se nas florações da renascença, nas irradiações luminosas do espirito moderno.

Joaquim Pimenta desenha esse quadro com tintas fortes, para accentuar a intolerancia religiosa, a estreiteza da sciencia official submissa aos dogmas, a esterilidade da philosophia escolastica; particulariza casos, analyza conceitos; discute individualidades para comprovar as suas affirmações. Mas, conhecedor da historia, da philosophia e das sciencias politicas, tendo, igualmente, investigado a evolução da medicina e das sciencias biologicas, não desconhece que se vinham accumulando elementos, dentro do envolvero catholico-feudal, para a differenciação progressiva da cultura humana. E', precisamente, nessa parte de seus escriptos que a documentação é mais abundante e a sua erudição se mostra mais opulenta. Por isso, embora prefira o juizo de De Greef sobre o catholicismo medieval ao de Augusto Comte e Littré, affirma a existencia de *manifestações da vida livre*, segundo as suas proprias palavras. E tanto é assim que esta parte da sua exposição merece que se a recomende como apreciação geral do espirito dominante na idade media, porque, apezar de apparecer no curso de uma polemica, é um verdadeiro estudo aprofundado, que deixa uma satisfactoria impressão de clareza e verdade.

Igualmente bem traçadas e revelando um pensador seguro e solidamente aparelhado, são as considerações sobre o anarchismo, o marxismo, a personalidade, e outras, que lhe per-

mittem digressões pela historia e pela actualidade do pensamento humano.

Para tudo dizer em uma proposição, o trabalho de Joaquim Pimenta, a que me estou referindo, por ter revestido a fôrma de uma polemica, é, na sua essencia, uma critica da acção da Igreja sobre a vida social, mas é uma critica de natureza constructiva pelas idéas capitaes que affirma, e, apesar da posição que teve de assumir para rebater os golpes do adversario, soube conservar a correcção de um combatente de idéas. O meu juizo sobre o catholicismo, não coincide, em todos os pontos, com o desta polemica; entretanto, os principios cardeaes, em que ella assenta, são expressões da verdade scientifica em nossos dias.

Clovis Bevilaqua

D'A Rua, de 4 de setembro de 1929. O nome de Clovis Bevilaqua é assás conhecido para dispensar qualquer referencia.

A QUESTÃO SOCIAL E A REVOLTA DOS ANJOS

A QUESTÃO SOCIAL — CONSEQUENCIA DO PEC- CADO ORIGINAL

O TRABALHO — UMA PENA, UMA EXPIAÇÃO

I

Ha dias, tomei a resolução de discutir alguns assertos do Sr. Conego Pereira Alves, sobre a questão social — thema escolhido para umas conferencias quaresmaes que vem realizando em um dos templos catholicos do Recife. (1)

Por motivo de saúde e excesso de trabalho tornara-se-me impossivel dar logo inicio á discussão, o que faço agora com mais desafogo. (2)

Em sua primeira conferencia, divulgada em resumos pela

(1) — O Sr. Pereira Alves é actualmente bispo de Nictheroy.

(2) — Nessa occasião, eu dirigia um movimento grevista dos ferroviarios da Great Western, em Pernambuco, com ramificações nos Estados de Alagoás, Parahyba e Rio Grande do Norte.

imprensa, teria o Sr. Conego affirmado que *a questão social nascera com o mundo.*

Não sei si a phrase é apenas uma imagem litteraria, ou si lhe empresta o conferencista um valor scientifico. Na segunda hypothese, que é a que nos interessa, não encontra ella apoio algum nas fontes veneraveis da tradição biblica. De parte os seis dias da Creação, que exegetas, em desespero para accommodar a fé e a sciencia, comparam a longos periodos genesiacos durante os quaes não consta qualquer estremecimento entre o Capital e o Trabalho, o que realmente se aprende nos textos sagrados é que os nossos primeiros paes sempre viveram na mais bucolica harmonia conjugal; harmonia tão instinctiva, de laços tão profundos, que não se arreçearam de, juntos, affrontar a temivel colera divina, mal os accenara a astuciosa serpente com as lubricas delicias do fructo prohibido...

E' verdade que o Velho Testamento se reporta a uma revolta de anjos contra a autocracia de Jehovah; mas teria sido antes da criação do homem. E não diz o narrador remoto desse remotissimo episodio de historia politica, si o motim fôra provocado por questões de salario, reducção de horas de serviço, ou por motivos ainda mais graves, por exemplo, divergencias irreconciliaveis sobre o regimen de desigualdade economica e social, por ventura já existente nas archimilenarias regiões celestes. Tambem evoca o texto o assassinato de Abel; mas, o crime fôra praticado sem testemunhas no recanto de escuro bosque antediluviano, de modo que não se pode concluir si se relacionava com a posse exclusiva da terra, disputada por um dos irmãos; nem com a posse de cousas moveis, que as havia em abundancia: caça, pesca, fructos, para rega-

ladamente se nutrirem; pedras e troncos de arvores para construcção de choças e fabricacção de instrumentos de defesa e de trabalho. Ou terá o Sr. Conego Pereira Alves abandonado o manancial dos ensinamentos biblicos pela theoria darwinista, suspeitissima á orthodoxia catholica, cujo principio basico de explicacção da origem e evoluer das especies — *luta pela vida e selecção natural* — transportado para a sociologia, parece justificar que *a questão social teria nascido com o mundo?*

Por coherencia e espirito de disciplina dogmatica, dirá certamente que não; que na Biblia vem que Jehovah, irritado com Adão e Eva, por haverem contra a sua ordem, saboreado aquelle mysterioso e sempre cubiçado fructo da *arvore da sciencia do bem e do mal*, a elles e aos seus descendentes impuzera, além de outras penas não menos inexoraveis, o trabalho de cultivar a terra com o suor do proprio rosto. Mesmo assim, isto nem siquer é um vago esboço da questão social. Nenhum sociologo ou economista subscreveria semelhante disparate.

O trabalho, uma expiação, um castigo! Abençoado castigo que fez o homem sahir da caverna para corrigir e ampliar a obra incompleta do Creador; que, de rei desthronado e expulso do Paraiso, um pequeno feudo sem expressão geographica, o sagrou rei de todos os continentes; rei que domina e governa as forças bravias da natureza; que transpõe abysmos e devassa espaços; e acaba por desthronar a propria divindade, espancando as ultimas sombras onde ella, receiosa e discreta, se refugiara do impertinente olhar dos telescopios! Miraculoso peccado de desobediencia, que nos deu, pelo instincto de rebeldia, a chave de toda a historia da civilização! Transformou, na queda, o anjo em deus coordenador dessa energia dynamica que, irradiando-se pelo musculo do troglo-

dita, ao talhar o primeiro silex, attingiu, pela arte, pela sciencia, pela grande industria, um nivel tão alto de acção, de força, de poder, que deante delle empallidecem os proprios deuses, creadores de universos. Porque estes, a despeito de sua ommisciencia e omnipotencia, nos deram um mundo de terremotos e procellas, de catastrophes e hecatombes, de enfermidades e soffrimentos physicos e moraes; um mundo socialmente desigual, de opulencia e de miseria, de privilegios e iniquidades, de quando a um gesto só desses seres omnipotentes e omniscientes poderia a Terra ter voltado a ser um immenso e perfumado Eden. Mas...

Les paradis s'en vont; dans l'immutable espace,
 Le vrai monde élargi les pousse et les dépasse;
 Nous avons arraché sa barre à l'horizon,
 Résolu d'un regard l'empyrée en poussière,
 Et chassé le troupeau des idoles grossières
 Sous le grande fouet d'éclairs que brandit la nuit...

*
 * * *

Tempos depois, quando já estava este livro em circulação, verifiquei que a phrase — proferida pelo Conego Pereira Alves — de que *a questão social nascera com o mundo*, não era delle. A' pagina 4 de um grosso volume intitulado — *Socialisme et catholicisme — de Soderini* — lê-se o seguinte:

La question sociale ne date nullement d'hier; elle est, au contraire, aussi vieille que le monde. Apenas o autor, fervoroso catholico romano, em vez de encontral-a nos primeiros versiculos da Biblia, vae surprehendel-a já em franco periodo de desenvolvimento historico da civilização pagã. Sem solução na antiguidade, até o advento do christianismo, conclue, entretanto, por confessar que, não obstante os ensinamentos deste e de sua influencia religiosa, moral e politica, durante vinte seculos, a questão social

"ne cesse de réapparaitre sur la scène du monde." *La seule et la plus grave différence avec le passé, c'est que la question se présente aujourd'hui sur une plus vaste échelle et plus puissante que jamais.*

*
* *
*

Nas duas primeiras paginas da 2.^a edição de sua brochura — *Preparação á Sociologia*, afirma o Sr. Tristão de Athayde, que "a sociologia é uma sciencia que sempre existiu"; cita Platão e Aristoteles como os seus fundadores, "em nossa civilização ocellidental"; vae além, "aos livros sagrados da India ou da China"; desce ainda mais: embrenha-se pelos arredores do Paraizo, onde descobre Adão encharcado de suor, cavando bravamente a terra, ou trepado nas arvores, pulando de galho em galho, a colher fructos. E sentenciam: "E se alguém já se occupou com a Economia da Biblia, não tardará muito que alguém estude a Sociologia da Biblia, pois o *problema social* nasceu no dia em que, segundo a revelação bíblica, Adão se encontrou desamparado em face do mundo, tendo de ganhar o pão com suor do seu rosto". E insiste: "Podemos, portanto, afirmar, sem forçar demais a realidade, que a sociologia sempre existiu". Apezar da fama de sociologo que destructa o Sr. Tristão de Athayde nos arrataes do clericalismo militante, ha ali dois dispausterios:

Um é dizer que a sociologia é uma *sciencia* que sempre existiu; que não só se encontra nos velhos poemas chinezes e indianos, como é contemporanea de Adão! Este teria sido o mais remoto dos antepassados de Augusto Conte, de Herbert Spencer, de Gabriel Tarde, de Lester Ward e de muitos outros que procuraram imprimir ao estudo dos factos sociaes um cunho de unidade logica e de systematização scientifica. Ao diploma de botânico, de zoologista, com que já apparecia, chamando pelo nome cada planta ou animal, accrescentou-lhe o Sr. Tristão mais este outro — de sociologo. Tão original these nos conduz a uma conclusão summamente irrisoria: si a sociologia — *sciencia* — sempre existiu; si é contemporanea do primeiro individuo da especie humana, do qual, segundo a revelação bíblica, invocada pelo autor, descende toda a humanidade e desta todos os aggregados sociaes, logo a biologia, como *sciencia*, apparece com o facto vital, com a materia plasmatica, a psychologia com o primeiro ser vivo, (e não foi o homem), que tenha surgido á face do planeta trazendo consigo um arco reflexo — microscopico aparelho nervoso que revolucionou toda a historia da criação... O Sr. Tristão de Athayde

confunde o facto com a sciencia que o explica, e ainda considera sciencia o infantil episodio biblico em que apparece Adão, *ganhando o pão com o suor do seu rosto*, quando nem havia commercio ou industria, mesmo rudimentarmente organizados, de modo que elle *ganhasse o pão*, recebendo, em objectos ou mercadorias, a paga do seu afanoso trabalho... Levado que fosse a serio tão lendario personagem, não teria elle nenhum significado sociologico. Não é possivel fundar uma sociologia sobre actos individuaes isolados, ou, antes, sem uma relação qualquer, de subordinação ou de cooperação entre o individuo e modos de agir de outros da mesma especie. O Adão biblico é o homem presocial, em luta com o meio, que se lhe tornara hostil, depois do peccado original da desobediencia; é o homem anterior ao clã, ainda sem espirito gregario, ou, como assevera o Sr. Tristão, que *se encontrou só em face do mundo*, não podendo, pois figurar no mais empirico ou pueril compendio de sociologia. Mas, o ardoroso apologista catholico vae muito além, e aqui está o segundo dispauteio; não é só a sociologia que elle descobre nas immediações do Paraiso; mais do que isto; é o *problema social*. Será este problema a questão social do Sr. Pereira Alves? Rigorosamente, não ha um problema social; ha problemas sociaes: nos dominios da economia, da moral, do direito, da politica, da pedagogia, da hygiene, etc., etc. Certamente elle quer referir-se á questão social — que envolve justamente, além de outros, o problema social do trabalho. Digo problema social do trabalho, por comprehender este não só em uma sociedade, mesmo elementarmente constituída, mas, sobretudo, organizado e explorado, sob qualquer dos tres regimens: da escravidão, da servidão ou do salariado.

Ora, o simples facto de Adão colher fructos, caçar, pescar, cultivar a terra, nem mesmo é um facto social, muito menos um problema social, e, ainda, muitissimo menos o *problema social*, no amplo sentido em que o toma o Sr. Tristão de Athayde. Mesmo que o trabalho lhe tivesse sido imposto como castigo, (a *preguiça* deveria ser uma virtude), onde o *aspecto social* desse castigo? Em que se torna elle um problema que interesse ao sociologo? O trabalho de Adão, trabalho exclusivamente individual, fóra, portanto, de todo ambiente social, porque sociedade, propriamente, ali não existia, quando o muito, interessaria a um physiologista curioso por saber que coefficiente de energia muscular poderia reclamar o manejo de um daquelles grosseiros machados do periodo da pedra lascada, para abater uma dessas arvores gigantescas que ainda se encontram nas grandes florestas tropicaes; e, na hypothese de ser o proprio Adão, em carne e osso, e sem o auxilio de outrem, nem mesmo de Eva, quem manejasse o machado.

II

A QUESTÃO SOCIAL E A PREHISTORIA

A ORGANIZAÇÃO DAS SOCIEDADES PRIMITIVAS

Deixemos de parte a questão social já predestinada a irromper do chãos genesiaco para vir quebrar, com a sua aggressiva e transcendente gravidade, a bucolica e doce paz do Paraiso. Pode ser até que o Sr. Conego Pereira Alves, ao affirmar que *a questão social nascera com o mundo* — tivesse em mente que ella surgira com a sociedade; que seja contemporanea do homem fossil; que, no fundo das cavernas, no ôco de uma arvore collossal, ou á margem dos lagos sombrios, sobre os quaes se inclinavam, monotonas e tristes, toscas habitações lacustres, isto, talvez, lá pelo periodo terciario, alguns individuos, mysteriosamente e a deshoras, se reunissem para formular protestos e reivindicações contra a cupidez, a astucia e a prepotencia de outros individuos que, na repartição dos pescados, da caça, dos fructos, obtidos com o esforço de todos, ficassem, entretanto, com o melhor quinhão.

Ainda assim, não estaria o Sr. Conego com a verdade; porque está mais ou menos apurado por pacientes e eruditas investigações sobre o homem primitivo — que este balbuciava uma lingua de monosyllabos, entrecortada de gritos, de gesticulações, para fixar idéas geraes, discutir, systematizar, tecer subtilidades doutrinarias sobre o regimen economico-social em vigor.

Por outro lado, os economistas que se têm utilizado dos estudos de prehistoria, com o intuito de apanharem as formas elementares do viver economico das sociedades humanas, silenciam, todos, sobre si entre os nossos primeiros antepassados já se desavinham capitalistas e operarios; si existia luta de classe, pelo menos, esbôçando-se por vagas aspirações de conforto, entre obscuros fabricantes de instrumentos de madeira e de pedra, da idade paleolithica, ou entre os edificadores anonymos dos *crannoges*, dos *menhirs*, dos *dolmens*-longinquos predecessores dos operarios que, ali, na rua da Praia, formam a União Geral de Construcção Civil.

O que nessas priscas éras se tem por certo, é que capital e trabalho se achavam tão ligados entre si, como o effeito á sua causa; que ao caçador deveria pertencer a caça, como a flecha que lhe cortara o vôo; como, mais tarde, deveria a terra nutrir quem a semeasse. Dir-se-ia um quadro approximado do que Locke e Rousseau imaginaram, dos primeiros habitantes do nosso planeta, os quaes viviam sem hostilidades, sem rixas, nas suas tócas, em pleno e beatifico estado de *natureza*; ao passo que Hobbes os tinha por lobos ferozes e esfaimados, a se trucidarem uns aos outros, em encarniçados duellos.

Essa concepção metaphysica — de uma humanidade *pre-social* — não resistiu aos dados da sociologia genetica, os quaes confirmam a intuição genial de Aristoteles em ver no homem um *animal politico*; considerando-o, fóra da sociedade, ou *um deus ou um bruto*. De facto, onde quer que se descubra elle na penumbra das edades prehistoricas, é sempre fazendo parte de um aggregado social qualquer, por necessidade de defesa individual e da propria especie.

Mesmo assim, terão os nossos remotissimos avós dis-

cutido os graves principios da questão social, ou precedido estes de violentas escaramuças provocadas por irritantes desigualdades economicas? Porque sociologos de fama, entre elles, Ratzenhoffer, Cumplowicz, Lester Ward, seguindo em sociologia o roteiro que conduziu certos darwinistas, aliás, contra a expectativa de Darwin, a só enxergarem, na historia natural dos seres vivos, asperos e mortiferos combates, tambem divisaram os primitivos grupos humanos em rudes e sangrentas pugnas, os mais fortes massacrando, subjugando ou absorvendo os mais fracos ou menos aguerridos.

Ainda que tivesse sido este o prologo da historia das sociedades, não se poderia admittir um estado de guerra, permanente, continuo, ou como diria Hobbes — *de bellum omnium contra omnes* — entre individuos ou pequenos nucleos identificados entre si pela commuidade de origem, de interesses, de crenças, mas, entre aggregados differentes pela sua procedencia ethnica, por costumes e condições materiaes de existencia, estas de acção preponderante na formação e estabilidade dos aggregados sociaes.

Seja uma sociedade de habitos guerreiros, seja uma sociedade de habitos pacificos, de tal modo se estratificam e se integram os seus elementos componentes no tradicionalismo ancestral, rigido, homogeneo, em que uma e outra fazem repousar a razão de ser da sua religião, do seu direito, da sua moral, que a mentalidade do individuo tanto mais uniforme e monotona se reflecte, quanto mais simples ou menos expressiva a mentalidade do grupo. Sem falar na horda-massa fluctuante, amorpha, que se dá por anterior ao clan — a familia primitiva, de typo matriarchal ou de forma patriarchal, é, além de unidade bio-social, uma unidade economica tendo por

base a cooperação no trabalho e consequente participação em commum nos productos. A *patria potestas*, que no direito romano, tomou o feitio de uma autoridade sem restricções, do pae sobre os filhos, deveria ter sido, antes, uma funcção de defesa e de assistencia directa, do chefe da familia, aos bens domesticos que formavam, por sua vez, uma unidade indivisivel, que era o *haeredium*.

No clan, os individuos prendem-se entre si por laços de solidariedade, em que a riqueza, fructo da cooperação de todos, pertence a todos, inclusive a terra com a sua fauna, as suas pastagens, os seus campos de cultura. Desse *modus vivendi* são fórmas sobreviventes, embora modificadas, os allmends suissos, os zadrugos servios, o mir russo, as comunidades indianas e outros especimens identicos ou analogos de primitiva organização social.

A cohesão desses grupos, o espirito de auxilio mutuo que os animava, inspirou ao sabio Kropotkine o seguinte trecho, que resume a critica feita aos partidarios do *liberalismo* escolastico e sedição de certos economistas:

“A persistencia mesma da organização do clan mostra quanto é falso representar a humanidade primitiva como agglomeração desordenada de individuos, obedecendo somente ás suas paixões individuaes e tirando vantagem de sua força pessoal contra outros representantes da especie. O individualismo desenfreado é uma criação moderna e não um caracteristico da humanidade primitiva”.

Si não fatigasse o leitor, poderia eu illustrar essas asserções com uma riquissima documentação archivada nas obras de Lubbock, de Taylor, de Sumner Maine, de Lavelleye, de Morgan, de Lyell, de Dargun, de Kovalewsky, de Kropotkine

e de outros mais que exploraram pacientemente as primeiras camadas do mundo social, sem haverem descoberto um indício, sequer, da magna questão.

Ella data, ao contrario, de uma época relativamente mui recente na historia humana. Só foi possível em um estado de civilização em que uma classe de individuos, sentindo-se dominada e espoliada por outra, entrou a discutir e a contestar esse poder. Não veio ainda com o regimen da desigualdade economica, tão accentuado com a divisão da sociedade em castas privilegiadas e não privilegiadas, entre aquellas, a casta sacerdotal; mas quando essa desigualdade se traduziu, economica e politicamente, em visão subjectiva de uma realidade chocante; quando se desprendeu do espirito humano realçando no pensamento dos philosophos ou explodindo em gestos de revolta, em apostrophes candentes, dos opprimidos contra os oppressores, dos espoliados, contra os espoliadores, dos fracos contra os fortes.

Ella teve inicio com a phase que Bagehot dá por característica da origem de todo progresso humano — a *idade da discussão*; e esta não seria admissivel no seio de sociedades de organização homogenea, de habitos uniformes, eminentemente conservadoras.

As idéas de reforma, de transformação do viver colectivo, sob a acção consciente dos homens, não poderiam, por exemplo, germinar e florir em um povo todo imbuído de concepções theocraticas em materia de governo e de deveres sociaes; em que o destino de cada individuo se regulasse pela boa ou má sorte que na vida coubera aos seus ascendentes.

Felizmente, essas barreiras seculares erguidas pela tyrannia de uns e pela velhacaria de outros, já em parte foram des-

moronadas pelo espirito revolucionario das gerações passadas; o resto terá de cair quando as gerações novas, racionalmente orientadas pela cultura scientifica, sobrepuzarem a todo sectarismo religioso, moral ou politico, uma philosophia da vida e da historia, assente nos principios de solidariedade humana.

III

ABRINDO UM PARENTHESIS: O TRABALHO NO PARAISO; AINDA A REBELDIA DOS ANJOS E O PECCADO ORIGINAL

PORQUE PERDI A CRENÇA

Um parenthesis antes de continuar. ☉ Sr. Conego Pereira Alves procurou refutar alguns pontos de meu primeiro escripto, sem, entretanto, trazer um só argumento que demonstrasse ter a *questão social começado com o mundo*. Ou pensará S. S. que o facto de ser obrigado o homem a trabalhar, já contivesse, mesmo em germen, esse conflicto de interesses do capital e do trabalho, que hoje ameaça a paz entre os homens?

Diz o Sr. Conego que o trabalho não foi imposto ao homem como um castigo; que Adão devia trabalhar, antes de haver saboreado aquelle fructo *maldito* que o perdera; que "do Genesis resalta que elle precisava *guardar* e conservar a terra". Mas, guardal-a e conserval-a contra quem? Pois o que

se depreheende dos textos é que não havia ladrões nem animaes damninhos, nem plantas parasitas que lhe pudessem estragar o pomar. Tudo ali corria no melhor dos mundos possíveis e imagináveis, vivendo o homem em santa camaradagem com os outros seres, seus irmãos.

E' verdade que se lê no versiculo 15, cap. 2, daquelle livro attribuido a Moysés, que Adão fôra collocado no Eden para *cultival-o e guardal-o*; e S. Chrysostomo reconhece, em uma das suas *homelias*, que elle trabalhava realmente, accrescentando mais, com a sua autoridade de theologo, que, não trabalhando o primeiro homem, se arriscaria a contrahir os vicios que a ociosidade costuma engendrar.

Mas seria esse trabalho tal e qual o que comprehendem o physiologista e o economista? Dispendio de energia, que se acompanha de fadiga, que nos faz soffrer com a redução de força organica, e a que somos impellidos pelas necessidades da vida? Porque fôra desse genero de trabalho, a sciencia não conhece outro; nem se admitte que se possa ter o estomago vasio ou a lingua secca sem um sentimento qualquer de mal-estar.

Certamente pensa o Sr. Conego, dentro da disciplina dogmatica, que o trabalho de Adão era coisa toda ideal; que elle podia, sem canceira, podar as arvores, ciscar o chão, catar as lagartas da horta, sobraçar a enxada e cumprir outros misteres de bom agricultor. O que, porém, está de accôrdo com a observação de todos os que trabalham e é confirmado pela physiologia e pela psychologia experimental, é que de um órgão que se põe em exercicio se irradia uma quantidade de calor proporcional ao grau de actividade desse órgão; que esse phenomeno se verifica no movimento muscular e na dyna-

mica cerebral por uma lei de base mecânica a que o proprio Jehovah não conseguiria escapar, se, por ventura, lhe tivesse tocado a tarefa de crear o mundo; que, com o prolongar-se o exercicio desse orgão, o estado de fadiga se torna inevitavel, forçando-o ao repouso.

Como poderia Adão cultivar a terra, sem transpirar, sem experimentar o mais ligeiro cansaço? O proprio Jehovah não descansou no setimo dia?

Quanto ao trabalho que se impoz ao homem como um castigo, não resalta elle dessas palavras: *Comerás o teu pão com o suor do teu rosto?* Não ecôa este versiculo no fundo nebuloso do mythologismo biblico, como uma sentença que o velho deus judaico, rancoroso e feroz, tivesse proferido, com voz trovejante, contra todos os principios de direito, sobre o destino daquelle misero troglodita que elle tanto se esmerara em crear perfeito e immortal, e que se tornara responsavel por um crime que o juiz mais bronco reputaria não existir, dado o estado de innocencia do réu?

As santas Escripuras, certamente porque foram *inspiradas*, têm dessas incoherencias que nenhuma subtileza exegetica ou escolastica pode esclarecer. O homem trabalha, soffre, morre, porque assim o exigem as leis da vida, leis extensivas aos outros seres que, entretanto, não têm, como o homem, sistemas de moral, desconhecem os sete peccados mortaes, nunca folhearam biblias e tratados de theologia, nem jamais discutiram em concilios o dogma da Santissima Trindade ou o da Immaculada Conceição.

Quanto á revolta dos anjos, é certo que ella vem narrada no Novo Testamento; mas não será original da tradição judaica, anterior mesmo á formação dos livros sagrados? Não

terá sido transmittida aos autores do Novo Testamento pela tradição oral? Quem sabe si não figuraria em algum escripto que se perdera, tendo feito parte do acervo das lendas que foram archivadas pelo Velho Testamento? Não deve o Sr. Conego ignorar que em torno da origem e feitura desses livros correm versões que desconcertam bastante a sua veneravel autoridade. Nem o proprio Christo é poupado pela critica, e, o que é digno de observação, do seio da Igreja é que têm saído os mais temiveis mutiladores de sua tão discutida personalidade historica.

A crença nos bons e maus genios, no espirito da luz e no espirito das trevas, nos seres bemfazejos e malfazejos, é commum á phase de formação inicial de todas as religiões. O judaismo, primitivamente, era uma religião em que figuravam aquellas entidades anthropomorphicas, incarnando, como nas outras, phenomenos naturaes de que o homem não podia formar idéas abstractas.

Jehovah é tido por um dos elohins, talvez por um genio ao mesmo tempo do bem e do mal, como seus irmãos semiticos. As suas subitas explosões de colera, dando a impressão de um impulsivo, de um epileptico perigoso; o seu espirito de vingança e a ausencia de piedade até pelos innocentes, caracteristico do criminoso nato; as suas ordens tyrannicas, irrevogaveis, de matança, contra populações inteiras; o pavor que a sua sombra espalha por toda a parte; tudo isso induz a crer que Jehovah e Satan poderiam ter-se encontrado no mesmo personagem. Depois, aquelle ter-se-ia destacado como um genio vencedor de outros genios, um demonio que derrotasse outros demonios, tornando-se, então, monarcha absoluto de um povo, com um exercito de *mensageiros* ficis.

Seculos antes de formar-se o *folk-lore* evangelico, devia correr entre os israelitas a lenda de um combate entre os anjos ou espiritos celestes. Aliás, uma autoridade insuspeita ao Sr. Conego Pereira Alves, Bergier, no seu *Diccionario de Theologia*, referindo-se á crença na existencia dos anjos bons e dos anjos máus, diz:

"Os judeus achavam esta opinião fundada sobre os *livros santos*; ali se vê a *distincção de espiritos de duas especies; uns bons e fieis*, são chamados mensageiros; *outros máus*, são representados como inimigos dos homens... No Deut. c. XXXII, 17, elle (Moysés) diz que *os Israelitas immolaram seus filhos aos espiritos maus e malfazejos, schedim*, outro tanto dizendo o Psalmista (Ps. c. 41, 37); todas as antigas versões traduzem esse termo *demonios*'. Não pode, pois, ser original do Novo Testamento a narrativa do motim a que me referi. E si fiz recuar até o Velho Testamento a chronica daquellas púgnas que trouxeram o céu em polvorosa, foi por uma especie de automatismo logico, por um pensamento sub-consciente localizando um facto onde naturalmente elle deveria estar.

Sobre o que escrevi em relação ao fructo *prohibido*, esse fructo maligno que nos tornou rheumaticos, morpheticos, concundas, syphiliticos, tuberculosos e outras coisas mais, apenas me fez rir a gravidade com que o Sr. Conego discutiu o que me caíra da penna em tom de pilheria. Serei eu tão ingenuo que fosse pedir á Biblia uma licção de biologia que está escripta na propria natureza?

Para que viessemos ao mundo, nem era preciso que Jehovah sentenciasse: *Crescite et multiplicamini*... Seria julgar o homem mais estúpido do que os outros animaes que, sem a luz

da *revelação*, descobriram a grande lei de reprodução da especie.

Para terminar: da minha ignorancia ou incompreensão das *verdades catholicas*, não tenho culpa; não posso acreditar nellas como não acredito *naquelles cadaveres enterrados vivos* pelos maximalistas, dos quaes diz S. S. ter ouvido falar certo prelado.

Eu fui, Sr. Conego, um fervoroso crente até os vinte annos de idade. Cursei o catecismo de minha diocese durante dois annos; sabia-o de cór, pagina por pagina, e a minha caderнета só accusava uma nota bôa; todas as demais eram optimas. Fiz um curso regular da Biblia através dos dois volumes do Roquette. Lia com ardor apostolico a obra do abbade Canet — *La Libre Pensée Contemporaine. O Genio do Christianismo* tornou-se para mim o livro favorito, tanto que o conduzia no bolso de uma velha *carona* quando, como sacrista, percorria os sertões do Ceará. Traduzi, com um interesse devoto, Bossuet, Bourdaloue, Massilon e Lacordaire. Folheei, sem nada comprehender, mais de um compendio de Theologia. Aos 16 annos, o ardor christão guindou-me á presidencia de uma irmandade de São Vicente de Paulo; e, em Fortaleza, o meu amor áquella instituição levou-me ao Conselho Central das Conferencias. Durante dois annos dirigi gratuitamente uma escola de meninos pobres. Vivi num ambiente clerical talvez mais pesado que o do seminario de que V. S. é digno reitor. Cheguei mesmo a perpetrar, a serviço da fé, um crime abominavel, infamante, que hoje me faz arripiar os nervos de professor de Direito: — mandei que se atirasse ao fogo a *Vida de Jesus* de Ernesto Renan!

Si perdi a crença, a culpa não foi minha; foi que aos

dogmas, sobre os quaes o meu espirito dormitava tranquillo, faltou a solidez logica que eu, desperto, busquei, para a ascensão de um mundo novo.

IV

A EGREJA E OS PRINCIPIOS DE LIBERDADE, DE IGUALDADE E DE FRATERNIDADE

A PAGANIZAÇÃO DO CHRISTIANISMO

O Sr. Conego Pereira Alves, ainda segundo o resumo da sua primeira conferencia, fez a apologia do *principio-liberdade, igualdade, fraternidade*, dizendo que fôra a *Egreja a primeira a annunciar-o*.

Si elle nos diz isso, a historia nos diz o contrario: que essa liberdade, apregoadá pela Egreja, se converteu na mais cega e fanatica intolerancia de que ha noticia nos annaes do sectarismo religioso: que essa igualdade, tão decantada pela rhetorica dos pulpitos, degenerou na mais arrogante e orgulhosa hierarchia clerical, em odioso contraste com o viver plebeu dos primeiros evangelistas; que essa fraternidade, melifluamente annunciada aos povos, os impelliu a uma politica de rancor e de assassinatos, que os fez recuar até os infimos degraus da selvageria e da crueldade.

Ninguem desconhece que o christianismo primitivo era professado por pessoas humildes, que viviam fraternalmente

em pequenas communidades, supportando com o mesmo fervor mystico as duras provações por que têm passado, em todas as épocas, aquelles que se aventuram a reformar ou a refundir uma ordem social tradicionalmente estabelecida.

Guerreadas pelos cesares romanos; hoje dispersas, para se reconstituirem amanhã mais fortes na crença do seu ideal; em franco desaccôrdo com as leis e costumes do tempo, por isso mesmo vigiadas e perseguidas pelos mantenedores da ordem publica; hostilizadas pelas classes dominantes, como agora o são os syndicatos operarios, pelo clero e pelas que, com elle, se acham na posse de grandes riquezas, essas communidades conseguiram, com o correr dos seculos e pelo tenaz e perseverante apostolado dos seus doutrinadores, arrastar ao seu seio gente de todas as categorias, desde o misero escravo e o camponio rustico, até os grãos senhores da aristocracia militar. Dahi, para galgarem ellas o poder, distava apenas um passo. Foi o que aconteceu quando Constantino, por um golpe de machiavelica sagacidade, mediu o alcance que teria para a politica imperial a sua *miraculosa conversão*...

De então por deante, de pacificos rebanhos que eram essas communidades, transmutaram-se ellas em temiveis alcatéas. Dos martyres de outr'ora sahiram bandoleiros perigosos, iconoclastas vermelhos que, a ferro e a fogo, iam impondo a sua fé aos crentes das religiões antigas.

A sêde de justiça, de verdade, de amor fraternal, que erestara os labjos aos primeiros evangelizadores, extinguiu-se com o sangue que começava a gottejar das primeiras victimas do fanatismo christão.

Os templos pagãos eram demolidos quando não adaptados ao novo culto; as estatuas dos deuses, com a sua inoffensiva

nudez, os monumentos d'arte que irritavam a pudicicia asctica dos theologos, as obras litterarias da civilizaçao greco-romana, que se pudessem oppor á doutrina evangelica, tudo foi mutilado, deturpado, destruido, para que nada restasse do paganismo.

Isso, porém, ainda não era bastante; tornava-se preciso extirpar das consciencias a memoria do passado; e então as mais violentas perseguições se desencadearam contra os que persistiam na crença dos seus maiores e contra os herejes, que se não submettiam á disciplina dogmatica. A pena de morte, o exílio, a confiscação dos bens, a tortura, eis o que a Igreja triumphante instituiu para fazer realçar o principio de liberdade que ella veiu annunciar ás nações.

Assim, força ella os povos, pela espada dos imperadores, a adoptarem o seu culto; consegue destes a dispersão dos Manicheus, a confiscação dos seus bens, o cerceamento do direito de successão aos seus parentes. Expulsa de Nicéa todos os dissidentes; apodera-se das egrejas arianas; monopoliza para os seus adeptos todos os privilegios, todas as posições politicas. E, a evocar esse poder tyrannico que deveria, seculos depois, estender-se pela terra afóra, ergue-se, tragica, a voz de S. Cyrillo, concitando as turbas inconscientes a despedaçarem, nas ruas de Alexandria, uma indefesa mulher, Hypathia, que commentava Platão e Aristoteles, para que se apagassem de vez os ultimos lampejos do pensamento grego.

Mas, aquelle christianismo todo de mansuetude, dulçoroso, mirifico, que se transformara de subito numa escola de odio e de represalias; aquelle espirito de concordia que animava as primeiras aggremações em torno de um ideal mystico, e degenerara em profundo sentimento de vindicta e de

ferocidade para com os vencidos, acabava enfeitando-se com os europeis dos velhos cultos: paganizava-se! E quem o confessa é um prelado christão, o bispo Newton:

“Os christãos divinizavam homens absolutamente como os pagãos. Os instituidores do novo culto sabiam bem que elle não differia do antigo, e não só o fundo, mas as cerimoniaes eram identicas. O incenso e os perfumes que ardem sobre os altares; a agua benta, isto é, a agua e o sal com que se aspergiam ao entrarem e ao sahirem das egrejas; as velas e as lampadas accesas durante o dia deante das estatuas dessas divindades; os *ex-votos* suspensos nos templos em signal de uma cura miraculosa; a canonização ou deificação dos mortos virtuosos; os patronatos particulares attribuidos aos santos como aos antigos heroes; o culto dos mortos em seus tumulos; as genuflexões deante das imagens; o poder miraculoso conferido aos idolos; a erecção de pequenos oratorios, de altares e de estatuas, nas ruas, nas vias publicas e no alto das montanhas; a conducção das imagens e reliquias em procissão, com velas, musicas e cantos; as flagellações, em certas épocas do anno, por penitencia; a tonsura dos padres no alto da cabeça; o celibato e os votos de castidade impostos aos religiosos dos dois sexos; todas essas cousas e muitas outras, pertencem tanto á superstição pagã como á superstição papista. Muito mais, os mesmos templos, as mesmas imagens que outr’ora eram consagradas a Jupiter e aos deuses, o são hoje á Virgem Maria e aos Santos; os mesmos ritos, as mesmas inscrições servem a uns e a outros; os prodigios, os mesmos milagres são attribuidos. Emfim, o paganismo tornou-se inteiramente o papismo. O ultimo é construido sobre o mesmo plano,

de modo que não ha só conformidade, mas identidade entre o culto antigo e o moderno, pagão e christão de Roma". (1)

Não só barbarizado, mas paganizado, o christianismo entrava no mundo como seita religiosa e como poderosa organização politica. Perdia o feitio primitivo de religião dos humildes, dos fracos, dos enfermos, para tornar-se um instrumento de oppressão, uma arma manejada pelos potentados.

Dos velhos cultos que elle combatia com uma intolerancia feroz, cópiou o ceremonial, o ritualismo, em grande dose, o fundo psychologico.

Pelo odio suffocou os impulsos da primitiva fé para um movimento de fraternidade universal, A' paz beatifica das catacumbas succedeu a luta sangrenta nas praças publicas. Os hymnos de amor que daquellas tetricas paredes iam, plangentes, morrer na escuridão da noite, emmudeceram com o rugir das paixões que estuavam no peito dos novos apóstolos do Evangelho.

Realizavam-se as palavras propheticas do Messias: "Não vim trazer paz, mas a guerra entre os homens!"

Roma ia tornar-se de novo, no mundo, um theatro de sangue; a humanidade retrocedia ao cesarismo, tendo desta vez por symbolo a tiara pontifical.

(1) — Draper, *les conflicts de la science et de la religion*, pag. 37.

V

O DESPOTISMO CLERICAL; A EGREJA E A SUA POLITICA DE SANGUE; A MATANÇA DOS VALDENSES E DOS ALBIGENSES

Não comporta o genero destes escriptos um exposto minucioso do que têm sido a liberdade, a igualdade e a fraternidade que a Igreja annunciara aos povos. Por isso, cingir-me-ei á relação dos factos de mais realce historico, a alguns documentos preciosissimos colhidos nos archivos dos concilios e na chronica do pontificado romano, e ás dissertações canonicas de austeros doutores da fé christã, que, ingenuamente, contra as leis naturaes da razão humana, tentaram coarctar, comprimir dentro de um molde escolastico, fixo, rigido, immutavel, a livre manifestação da vida e do pensamento.

Uma das monstruosidades que fecundaram as entranhas da *Santa Madre Igreja*, foi o seu irracional e insolente dogmatismo politico-religioso que conferiu aos papas um poder absoluto sobre os demais poderes da terra: "si todo poder vem de Deus" e si o papa é o seu representante unico, visivel entre os homens, logo cabe a elle o imperio do mundo, sendo os monarchas apenas seus delegados immediatos, ou simples executores da sua vontade soberana.

"O papa, diz Gregorio VII, é o unico que possa ser chamado universal; a elle, só, compete, segundo as necessidades, fazer leis; é de todos os principes o unico que possa usar insignias imperiaes; é o unico cujos pés todos os principes devem beijar!" E Paulo XXII: "A elle Deus confiou ao mesmo

tempo os direitos sobre o imperio terrestre e sobre o imperio celeste". E Bonifacio VIII: "A espada espiritual e a espada material são manejadas, a primeira, pela Igreja, a segunda, pelos reis e pelos guerreiros que devem submeter-se á discreção e á vontade dos padres".

Resumindo Gregorio VII, João XXII, Bonifacio VIII e muitos outros, um illustre canonista, Prospero Fagnani, formula assim, sob as ordens de Alexandre VII, as eminentissimas prerogativas dos successores de Pedro, um tosco e obscuro pescador da Galiléa:

"O Papa tem o poder de fazer quadrado o que é redondo; pode fazer preto o que é branco e o branco preto.

O Papa está acima do direito, contra o direito e fóra do direito; elle pode tudo".

Arroga-se, pois, com faculdades sobrenaturaes; elle, só, se julga com o privilegio de legislar para todos os povos, de dispôr dos thronos e do destino das dynastias; de inverter a ordem natural dos phenomenos, de revogar as tradições, reformar os costumes, de construir um mundo todo seu. Vai mesmo além: faz mais que o proprio Deus de que se diz representante; invade-lhe o casarão millenario, o céu; dispõe deste como de um velho solar que lhe pertença por um direito indiscutivel e absoluto. Ali enfileira, hiererchizados, segundo as suas virtudes e as suas obras, os bem-aventurados e os santos. Para os mortaes que desejarem accomodar-se nos espaçosos salões daquella mansão seraphica, ha uma tabella meticulosa de preços, á escolha dos freguezes, que podem pagar mais, á qual tambem concorrem aquelles que podem pagar menos. E para que tudo isso se faça em ordem, Sua Santidade, com seu corpo de altos funcionarios, que formam a Curia Ro-

mana, expede regulamentos burocraticos, summamente liturgicos e summamente indigestos, como si o anachronico deus moysaico não mais existisse, ou, de miolo mole, caduco, passasse a sua figura, outr'ora terrificante, hoje macambuzia e enfermiça sob o peso dos seculos, pelas transcendentis regiões do infinito. Este deslocamento do poder divino de Jehovah para as mãos humanissimas e frageis dos papas, veiu dar um eloquente colorido historico do que deveria ter sido a politica sanguinaria daquella remota divindade judaica contra os adoradores das suas irmãs semiticas.

Vieram, com effeito, dahi as famosas guerras de religião, que devastaram o solo europeu, trazendo as nações em continuas rixas, tudo isso preparado pelo clero catholico, que, sem escrupulo, açulava, uns contra os outros, os filhos de um mesmo paiz, só porque não chegavam a um accordo sobre este ou aquelle artigo de fé, sobre tal subtileza theologica, sobre a *transubstanciação*, ou a authenticidade de um texto das Santas Escripturas.

A historia está cheia de factos que falam bem alto do despotismo pontifical, já se exercendo ostensivamente na vida interna dos Estados, já promovendo entre elles lutas implacaveis, ás quaes se ligavam os interesses da Igreja.

Sem falar das celebres *cruzadas* que, ao grito epileptico *Deus o quer!*, custaram á humanidade rios de sangue, o massacre dos albigenses evoca-nos um edificante exemplo do que têm sido a liberdade e a fraternidade apregoadas pela Igreja.

Os albigenses, porque não se submettiam á autoridade dos papas, foram tratados sem piedade. Só em Béziers foram mor-

tos cerca de 60.000, sem falar na carnificina que enlutou outras cidades do sul da França.

Na tomada de Béziers deu-se um facto de alta significação moral para os apologistas da bondade maternal da Igreja: grande numero de catholicos procurava refugio. Consultou-se, então, ao delegado do papa, Arnaud de Citeaux, que resolução se devia tomar para poupal-os da morte: como se podiam distinguir catholicos e herejes ao mesmo tempo. O delegado teria respondido mui simplesmente: "Matae-os todos; o Senhor conhecerá bem os que lhe pertencem". A sua ordem foi fielmente executada; todos foram degollados sem exclusão de um só.

No cerco de Lavaur, conta um historiador, fizeram-se prisioneiros oitenta cavalleiros com o senhor dessa cidade, os quaes foram condemnados a ser enforcados. Mas, tendo-se quebrado as forcas, abandonaram os captivos aos Cruzados que os massacraram. Lançou-se em um poço o coração do senhor de Lavaur e foram queimados em torno desse poço trezentos habitantes que não quizeram renunciar ás suas opiniões. Ao lado de milhares de infelizes que pereceram pela espada e pelo fogo, quantos apodreceram até a morte em calabouços onde a luz não penetrava? A Inquisição organizada em 1232 para anniquilar os restos da heresia albigense, accendeu fogueiras por toda a parte e acabou arruinando o paiz. A civilização provençal recebeu tal golpe, que só tres seculos após pôde o sul da França reerguer-se. São ainda hoje procurados em Béziers e em Carcassona monumentos expiatorios á memoria dos martyres albigenes. A Igreja, unica inspiradora

de tantas violencias, encontrou, mesmo em nossos dias, escriptores complacentes para glorificar-a. (1)

Não menos cruenta foi a guerra que o pontificado romano moveu contra uma seita inoffensiva, a dos valdenses, cujo crime consistia em procurarem elles restaurar o christianismo primitivo e espalhar a Biblia entre os fieis, em desaccordo com as prescrições de Innocencio III que prohibira a leitura daquelle livro.

Em 1562 deu-se outro factó que demonstra quanto estava embotado nos defensores da fé christã o sentimento de piedade de que elles tanto falam. Derrotados os protestantes em um combate travado na cidade de Tolosa, solicitaram dos catholicos que lhes fosse permittido negociar com a Egreja um tratado que lhes garantisse a vida. Foram attendidos; mas, contra a expectativa de todos, foram os vencidos massacrados pelos catholicos cujos chefes, para se justificarem dessa monstruosa traição, declararam que, como *bons christãos*, não podiam estar presos a herejes por qualquer juramento. O papa exultou com a noticia de tal façanha e decidiu que um jubileu annualmente commemorasse tão humanitario feito.

“Em 1862, escreve A. S. Morin, o clero de Tolosa preparava-se para celebrar o terceiro centenario dessa exterminação e publicou o programma da festa. A noticia produziu uma penosa emoção. Não se podia vêr, sem indignação, glorificar uma guerra fratricida, uma carnificina de francezes, um odioso perjurio. Havia em Tolosa um numero regular de protestantes cujos antepassados tinham sido victimas desse acto de barbaria. Regosijar-se com tal acontecimento seria insultar a

(1) — O S. Reinach — Orpheus, pag. 431.

dôr das famílias, reaccender os odios de religião, provocar rixas, vinganças.”

“Mas, continúa o mesmo autor, o arcebispo, sem o commoverem as reclamações, declarou que só se preocupava com uma coisa: era o ganho das indulgencias concedidas pela Santa Sé, de que jamais podia privar as suas ovelhas, perante as quaes era responsavel por esses thesouros espirituaes.”

Foi preciso, como medida conciliatoria, que a evocação festiva e devota daquelle acto de selvageria contra irmãos se fizesse, por determinação do governo, no interior da cathedral. (1)

Assim, tres seculos depois, o odio clerical nem siquer amortecera; tripudiava, satanico, sobre a memoria das victimas, como ainda arde intenso contra qualquer seita que possa oppôr ao catholicismo uma concurrencia séria na rendosa exploração do sentimento religioso das massas.

VI

A CELEBRE MATANÇA DOS HUGUENOTES ATRAVÉS DE UM LIVRO CUJA AUTORIDADE VEM SELADA COM O “IMPRIMATUR” ECCLESIASTICO

COMO A EGREJA SOLEMNIZA ESSE PIEDOSO FEITO

Outro acontecimento, evocativo da politica fraternal e liberalissima da Egreja, é a celebre matança dos huguenotes no seculo dezeseis.

(1) — *L'esprit de l'Eglise*, pag. 98.

A despeito das tentativas que historiographos catholicos têm feito para eximir o pontificado romano da responsabilidade de tão barbaro crime, os documentos existentes sobre essa hedionda tragedia são de tal natureza, que o mais habil mystificador não consegue torcel-os a geito.

O massacre dos huguenotes é um episodio muito conhecido para ser contado; basta lembrar que só em uma noite custou a vida a cerca de 30.000 victimas da intolerancia clerical. Para que se não diga que me tenho valido de informantes suspeitos, para accusar a Egreja de principal instigadora daquella hecatombe que ia despovoando a França, limitar-me-ei a destacar trechos de um livro de E. Vacandard, doutor em theologia, intitulado — *Etudes de critique et d'histoire religieuse*, cuja autoridade apologetica vem sellada com o *imprimatur* de um arcebispo.

Eis como elle se refere á campanha que o papa moveu contra os protestantes francezes, cujo numero augmentava dia a dia:

“Para deter o progresso desses males, tornava-se preciso recorrer a meios energicos. Pio V desejava vivamente lançar todas as potencias catholicas ao assalto dos inimigos da Egreja. Mas a diversidade dos interesses politicos dos principes dessarranjou esse audacioso plano. Elle poz, ao menos, o seu dinheiro e as suas tropas ao serviço de Carlos IX... Esse exercito, engrossado ainda com o contingente fornecido por alguns principes italianos, juntou-se ás forças commandadas pelo duque d'Anjou. A Carlos IX entregara ao mesmo tempo o conde de Santa Fiore um breve de Soberano Pontifice em que este assim se expressava:

“A ternura paternal com que estimamos a vossa pessoa

e a dor que sentimos de ver o vosso reino tão cruelmente dividido pelas facções de vossos subditos hereticos e rebeldes, obrigando-nos a vos conceder promptamente o soccorro de que tendes necessidades *em nome de Deus Omnipotente*, enviamos a Vossa Magestade as tropas de infantaria e de cavallaria de que se servirá na guerra que os Huguenotes, vossos subditos, que *são tambem inimigos declarados de Deus e de sua Igreja*, atearam contra vossa *pessôa sagrada* e contra o bem geral do reino". — (Carta de 6 de março de 1569).

Mau grado o tom de mansuetude, esses dizeres encerram a mesma sêde de sangue com que Moysés e outros maioraes do judaismo arremessavam os israelitas á matança e ao saque das populações que professavam culto differente. Em vez de Pio V ter dito que os huguenotes eram inimigos declarados de Deus e da Igreja, devia ter dito — *do Papa e da Igreja*; porque o Deus dos huguenotes era o mesmo deus biblico dos catholicos, sem mais nem menos.

"Naquella batalha de Jarnac, a primeira que se travou, continúa E. Vancadard, coube a victoria ao exercito real, com o que Pio V *experimentou grande alegria, rendendo a Deus vivas acções de graças.*"

Mas a sua alegria não estava completa emquanto sobrevivesse um só Huguenote, tanto, que, em carta de 28 de março de 1569, aconselhava elle a Carlos IX:

"Persegui e abatei tudo que restar dos vossos inimigos. Si não arrancardes as raizes do mal, ellas rebentarão, como já o fizeram tantas vezes." E á rainha Catharina de Medicis: "Si Vossa Magestade continuar a combater aberta e livremente, até a sua completa destruição, os inimigos da Igreja

Catholica, pode estar segura de que jamais lhe faltará o socorro divino.”

“Estes conselhos de implacabilidade, — commenta o autorizado critico e theologo, — visavam tambem os prisioneiros que o duque de Anjou fizera na batalha. Certo numero dentre elles já tinha sido posto em liberdade. Pio V protesta contra essa medida de clemencia que, segundo elle, só pode ser prejudicial á Egreja e ao Estado.”

“Por coisa nenhuma no mundo, diz elle, e de modo algum, sejam poupados os inimigos de Deus. E’ preciso infligir-lhes o castigo e os supplicios que elles merecem pelos seus crimes... Mostrae-vos para com todos igualmente inexoravel: *acquæ omnibus inexorabilem te præbere*; agir de outro modo seria offender a Deus e comprometter ao mesmo tempo a salvação do rei e a segurança do reino.”

Como differe esta linguagem das palavras de amor e de concordia dos primitivos e humildes pregadores da fé christã! E’ antes uma fiel reedição daquelles textos biblicos em que a voz de Sabaoth, o famigerado deus das batalhas, ecôa inexoravel, colerica, ordenando o assassinato de 24 mil israelitas que se deixaram seduzir pelas filhas de Moab, e o completo exterminio dos Madianitas, de modo que apenas se pouparam cerca de 30 mil virgens... Mas sigamos o abbade Vacandard:

“As hostilidades continuaram durante alguns mezes sem grande ruido. Um encontro violento tornava-se inevitavel. No dia 3 de outubro de 1569, Moncontour foi o theatro de uma batalha mais mortifera do que a de Jarnac... A perda dos protestantes foi avaliada em 10 mil homens, sem contar 3 mil prisioneiros. O conde de Santa Fiore, commandante das tropas do papa, que tomara aos huguenotes vinte sete bandeiras,

enviou esse glorioso trophéu ao Summo Pontifice. Pio V collocou-o na igreja de São João de Latrão, gravando-se a respeito a seguinte inscripção:

“Pio V, soberano Pontifice, suspendeu nesta basilica e dedicou a Deus omnipotente, autor de uma tão grande victoria, as bandeiras arrebatadas aos subditos rebeldes do rei christianissimo Carlos IX, e aos inimigos da Igreja, por Sforzia, conde de Santa Fiore, general do exercito auxiliar pontifical. 1570.” Tal feito animou o papa a proseguir, sem treguas, na sua campanha de morte aos dissidentes, pois accrescenta o citado autor ecclesiastico que “Pio V exhortou Carlos IX a prohibir de então por diante e a supprimir necessariamente pela força todo exercicio do culto protestante, de sorte que só fosse permittido, na França, o da religião catholica.”

Houve, porém, um momento em que a côrte franceza tratou de uma conciliação com os huguenotes, a fim de pôr um paradeiro á sublevação que cada dia tomava proporções mais graves.

O casamento de Henrique de Navarra, protestante, com Margarida de Valois, catholica, devia sellar a paz entre os subditos e acabar de vez com a guerra civil que depauperava a nação.

Que fez, então, o santo Pio V? Oppoz-se tenazmente a que se realizasse tal casamento. E ao saber da amnistia concedida aos huguenotes em 8 de agosto de 1570, “Pio V, conta Vacandard, desconcertado, debulhou-se em lagrimas. Reduzido a engulir a affronta que lhe fazia a politica de Carlos IX e Catharina de Medicis, expandiu a sua dor junto aos cardeaes de Bourbon e de Lorraine.” Tudo fez para que não se fizesse nenhum accordo e continuasse a luta encarniçada contra uma

seita que de futuro poderia apossar-se de uma presa tão cara á politica pontifical como era a França.

“Elle cria perceber na historia motivos de pensar que a realeza franceza podia extinguir de vez a heresia. Não tinham os albigenses acabado por desaparecer, depois dos golpes que lhe desferira Simon de Monfort? Que era feito dos Valdenses? Que restava dos manicheus que, no seculo XII, haviam infestado o norte da França e as margens do Rheno? Não tinha a Igreja triumphado de todos esses inimigos, com o braço secular? Não se tinha esperanza de refazer o que tantas vezes se fizera? Para induzir Carlos IX a cumprir o que elle reputava um dever, o pontifice foi até ao Antigo Testamento buscar o exemplo de Saul castigado por Deus, por ter poupado os amalecitas que elle tinha o encargo de exterminar.” — (Obra citada, pag. 238).

Mas o horror de toda esta *santa cruzada* ia ter o seu epilogo na noite de 24 de agosto, já no pontificado de Gregorio XIII, successor de Pio V e continuador da sua politica. As coisas, apesar dos esforços tentados para uma conciliação, entre os catholicos e protestantes, agravavam-se dia a dia, para o que contribuíram as manobras clericas postas em jogo para evitar qualquer accordo que não fosse o de inteira submissão dos dissidentes á autoridade papal. O nuncio Salviati, que se achava em Paris, a serviço de Gregorio XIII, tanto previa que um desfecho tragico coroar a acção diabolica de S. Santidade, no sentido de esmagar por completo os adversarios da Igreja, que escrevia em 11 de agosto ao cardeal de Come: “Espero, enfim, que Deus me concederá a graça de vos anunciar em breve alguma coisa que encherá sua Santi-

dade de alegria e de contentamento.” — (Vaticano, Nuat, Francia. 5).

Dias depois verificava-se a hecatombe: apanhados de surpresa, os huguenotes foram sem piedade arcabuzados e degollados em Paris, estendendo-se a carnificina por toda a França.

A noticia desse piedoso crime correu celere até Roma.

“Advertido primeiro o cardeal de Lorraine, (consta isto da correspondencia de Catharina de Medicis) entregou duzentos escudos ao correio e, tomando com elle o embaixador Ferals, foi annunciar esta grande nova ao Santo Padre. Gregorio XIII não pôde sopitar um primeiro movimento de jubilo; mandou que se dessem cem escudos ao portador da carta e queria até que se accendessem fogueiras em Roma. Ferals objectou-lhe que, antes de tudo, era preciso esperar uma carta official do rei e a de Salviati, seu proprio delegado.” A correspondencia deste narra-lhe minuciosamente, com evidente manifestação de maldade, o que então se passara para gloria e honra da dulçurosa moral christã. Basta reproduzir o trecho seguinte: “Toda a cidade (Paris) tomou armas e as casas dos Huguenotes foram atacadas e violentadas; muitos homens foram mortos, e a população entregou-se ao saque com incrível avidéz... Estou persuadido de que se fará outro tanto em todas as cidades de França, quando se souber da execução de Paris... Eu me regosijo, do fundo de minh’alma, com Sua Santidade, porque aprouve á Magestade divina encaminhar, no principio de seu pontificado, tão feliz e honrosamente os negocios deste reino, tendo tomado em sua protecção o rei e a rainha mãe, de tal sorte que elles puderam arrancar estas

raizes pestíferas com tanta prudencia e em um momento em que todos os rebeldes estavam guardados á chave.”

“O papa, conta Vacandard, experimentou um verdadeiro allivio quando o cardeal de Come lhe entregou a correspondencia de Salviati... A noticia de S. Bartholomeu só poderia ser agradavel a Gregorio XIII... Justamente nessa manhã devia reunir-se um Consistorio em que o papa se dispunha a dar a cruz ao cardeal Orsini designado para ir á França como delegado extraordinario. Gregorio teve de communicar ao Sacro Collegio as noticias que acabava de receber; fez ler publicamente as cartas do nuncio, commentou-lhe o conteúdo e terminou dizendo que estavam ali as melhores noticias que se poderiam desejar naquelles tempos de perturbação; “parece accrescentou elle, que Deus começa a voltar sobre nós os olhares de sua misericordia.”

“Após o Consistorio e a cerimonia da entrega da cruz, o papa e os cardeaes, continúa Vacandard, dirigiram-se á igreja de S. Marcos para cantar um *Te Deum* e agradecer a Deus o favor insigne que elle concedera ao povo christão. Gregorio desejava ardentemente que o rei christianissimo seguisse resolutamente o caminho que a Providencia lhe abrira, e se occupasse de limpar e purgar inteiramente o reino da peste huguenote. Tratou immediatamente de aconselhar a revogação do edito de Saint-Germain, o qual concedia aos herejes a liberdade de consciencia e admirava-se mesmo de que já o não tivessem feito.” (1)

Os romanos associaram-se ás acções de graças da Curia. Gregorio fixou para segunda-feira, 8 de setembro, “uma pro-

(1) — Vacandard — Obra citada, pag. 274.

cissão mui solemne de todo o clero e de todas as confrarias, que deviam reunir-se na igreja de S. Marcos, onde se cantou missa pela capella papal, com grande alegria de todos os assistentes... Estas demonstrações continuaram nos dias subsequentes... Um jubileu foi annuciado aos fieis e fixado para cada anno no dia de São Bartholomeu, a fim de se agradecer a Deus a victoria de Lepanto e a de Carlos IX. Mandou-se cunhar uma medalha commemorativa do massacre dos huguenotes. Emfim, Gregorio XIII encarregava Vasari de pintar em uma sala do Vaticano as principaes scenas do sangrento dia. (1)

Aqui deixo a bôa companhia do abbade Vacandard, satisfeito de ter colhido, na propria seara catholica, provas mais que sufficientes de que o principio de liberdade, de igualdade e de fraternidade, ensinado pela Igreja, não passa de uma pilheria.

Outros dados trarei, não menos concludentes, sobre o que tem sido o catholicismo como propulsor da civilização e do progresso humano.

VII

A EGREJA E A SUA OBRA PRIMA: — A INQUISIÇÃO

Mas, a obra prima da Igreja, como sinceramente o disse o abbade Morel, é a Inquisição; obra que ella instituiu para consolidar o seu dominio sobre os homens.

(1) — Idem — Obra citada, pags. 275 a 276.

Si, com effeito, alguma coisa de genial saiu do catholicismo, foi certamente um systema de tortura tão perfeito, tão requintado, que deixa a perder de vista as legislações mais barbaras e os costumes mais selvagens.

A despeito das defesas capciosas que apologistas catholicos têm arranjado, visando irresponsabilizar a Igreja pelos crimes perpetrados por esse terrivel tribunal, em nome de um deus que se proclama infinitamente misericordioso, a historia nos diz pela voz dos theologos, pelas bulas pontificaes, pelos actos canonicos, que á Santa Sé cabe a autoria de um regimen de crueldade como não ha igual na chronica dos povos que se não banharam na agua lustral do christianismo.

E' ainda um informante insuspeito, o abbade Bergier, que com a sua autoridade de ecclesiastico, vem desmascarar, no seu Diccionario de Theologia, os deturpadores da verdade historica.

"Foi para o anno de 1200, que o Papa Innocencio III estabeleceu este tribunal (a Inquisição) para proceder contra os Albigenses, herejes perfidos que dissimulavam seus erros e profanavam os sacramentos em que não acreditavam absolutamente. Mas o concilio de Verona, realizado em 1184 já havia ordenado aos bispos de Lombardia que procurassem com cuidado e entregassem ao magistrado civil aquelles que fossem obstinados, a fim de que fossem corporalmente punidos. (1)

Este tribunal foi adoptado pelo conde de Tolosa em 1229, e confiado aos dominicanos pelo papa Gregorio IX em 1233. (2)

(1) — Vide Fleury. Hist. Eccles. liv. LXXIII, n. 54.

(2) — Bulla *Ille humani generis*, 24 de abril de 1233.

Innocencio IV o estendeu a toda a Italia, excepto a Naples; a Hespanha a elle submetteu-se inteiramente em 1448, sob o reinado de Fernando e Isabel. Portugal adoptou-o sob o rei João III, segundo a forma acceita em Hespanha. Doze annos antes, em 1545, Paulo III tinha formado a congregação da Inquisição, sob o nome de Santo Officio, e Sixto V o confirmou em 1588."

Uma divergencia em assumptos religiosos, a interpretação de um texto diverso do modo de pensar ecclesiastico, um retrahimento na pratica dos sacramentos, um pensamento innocente sobre a origem do mundo, tanto bastava para açular os sanhudos juizes do Santo Officio, e serem os dissidentes atirados vivos ao fogo ou submettidos aos supplicios mais atrozes. Uma vaga supposição de heresia, uma simples desconfiança, era o bastante para que se submettessem as victimas ás mais duras provas. O direito de defesa, quando não se vedava, era um perigo: ninguem se atrevia a defender um hereje com receio de cair nas iras dos *ministros de Deus*, e de ter a mesma sorte. Os delatores gosavam de attenções excepcionaes, sem contar as vantagens com que eram galardoados pelo seu infamante mister.

Lê-se no abbade Bergier a descripção exacta de como procedia esse hediondo tribunal:

"Não se confrontam os accusados com os delatores, e não ha delator que não seja ouvido; um inimigo condemnado pela justiça, uma criança, uma cortezã são accusadores graves. O filho pode depôr contra seu pai, a mulher contra seu marido, o irmão contra seu irmão. Emfim, o accusado é obrigado a ser o seu proprio delator, a adivinhar e a confessar o delicto que lhe é attribuido e que elle muitas vezes ignora... E' um

padre de sobrepeliz, um monge devotado á caridade e á doçura, que faz em vastos e profundos calabouços, submeter os homens á tortura. E' depois um theatro em uma praça publica; onde os condemnados são conduzidos á fogueira, após uma procissão de frades e de confrarias. Os reis, cuja unica presença basta para conceder-se a graça a um criminoso, assistem a esse espectáculo de um logar menos elevado que o do inquisidor, e vêem expirar os seus subditos nas chammas."

Eram festas macabras a que se imprimia um cunho de religiosa espectacularidade e que reproduziam, por uma especie de euphorismo atavico, os sacrificios humanos com que se applicava a furia dos Teutates e dos Molochs.

Um ecclesiastico, José del Olmo, descreve assim, com uma simplicidade verdadeiramente christã, um *auto da fé* que se celebrou em Madrid, em 1680: 21 individuos foram entregues ao braço secular e queimados vivos; 11 outros fizeram abjuração *de levi*; 24 judaisantes reconciliados e vestidos com o *sambenito*, foram submettidos a diversas penas; 34 effigies representavam os condemnados que morreram nas prisões e pelos tormentos; ao todo 270 culpados. O autor refere-se a "indulgencias extraordinarias concedidas a todos que assistiam ao *auto da fé*, tão salutar para a conservação da crença."

Onde a Inquisição era implantada, o terror e a morte se faziam sentir com as suas funestas consequencias.

Só a Hespanha, paiz então florescente, viu a sua população dizimar-se ao fogo, nos calabouços, nos supplicios com que o odio fanatico dos Torquemadas depurava as almas dos diabolicos microbios da heresia.

Naquelle paiz, cuja decadencia se attribue em grande parte á *acção humanitaria* dos inquisidores sobre a vida na-

cional, foram queimados vivos, de 1481 a 1808 34.658 pessoas (10.200 em 17 annos); queimados em effigie 18.049 e condemnados ás galés e á prisão 288.214.

Agora, que dirá a chronica dos outros paizes subjugados pela politica clerical? Que, embora menor o numero das victimas, o mesmo regimen de terriveis perseguições, de inominavel perversidade, era applicado aos infelizes que caiam nas garras desse ignominioso tribunal a serviço de uma falsa justiça divina. Mas o que tornou o Santo Officio uma instituição famosa, não foi só a guerra de exterminio aos judeus, aos mouros, aos protestantes, aos adeptos desta ou daquella seita; não foi tambem o ter suppliciado ou atirado ás chammas os feiticeiros, os magicos, os possessos, gente, aliás, que mal nenhum fazia, a não ser, talvez, competir, pelos mesmos embustes, pelas mesmas *coisas miraculosas*, com os mercadores de indulgencias, de reliquias de authenticidade suspeita, e de outras bugiarias com que elles exploravam a burrice humana. O que lhe valeu uma imperecivel fama foi a luta tenacissima que sustentou contra os livres pensadores, que em materia religiosa, em assumptos scientificos ou philosophicos, se aventuravam a discordar do tradicionalismo biblico e dos principios dogmaticos.

Não houve tyranno na historia da humanidade que applicasse o processo de Pygmalião com um rigor mais geometrico do que a Igreja.

Na sua estúpida concepção das leis que regem o espirito humano, todas as mentes deviam ter o mesmo feitio, o mesmo poder de percepção, o mesmo numero de idéas.

Avançar um pouco além do que ensinava a Igreja, desviar subtilmente um ponto na linha de um syllogismo formulado pela sapiencia doutoral de um canonista; discutir, enfim, qualquer artigo de fé já passado em julgado num concilio ou em uma encyclica, constituia maior crime do que hoje apunhalar em pleno dia, numa rua de grande transito, e por simples brincadeira, uma indefesa e incauta criatura. Pois, diz o padre Loriquet, na sua *Historia Ecclesiastica*, (pag. 87) para uso dos pensionatos de mocinhas, "os impios que perturbam a ordem, espalhando más doutrinas, são mais funestos á tranquillidade publica do que os ladrões e os assassinos."

E a Igreja, mãe carinhosa, falando para os seus filhos: "Quando se massacra o impio, a graça de Christo se espalha sobre a terra... Não julgamos que sejam homicidas aquelles que, ardendo de zelo pela sua Mãe, a Igreja catholica, contra os excommungados, massacraram alguns. (1)

Além da confiscação dos bens, da tortura e da morte a que eram condemnados os livres pensadores, os seus descendentes, "até a segunda geração, nada podiam possuir; eram excluidos das funcções publicas e de todas as honras, salvo aquelles que, não seguindo a heresia de seus paes, denunciavam as suas perfidias." (2)

Não é possivel dar aqui a lista de todos aquelles que tiveram de pagar com a vida ou com os mais crueis supplicios uma phrase, um pensamento que ferisse mesmo de leve a rigida cou-

(1) — *Corpus Juris can. cit.* por A. Morin, *L'esprit de l'Eglise*, 89-90.

(2) — Decreto do imperador Frederico II, homologado por Innocencio IV e inserto no *Corpus Juris canonici*, *Septimū decret.*, liv. V; tit. III, cap. 1, 177-178 — cit. J. S. Morin, *ob. cit.* pg. 96.

raça dos dogmas. Apenas recordaremos João Huss condenado a ser queimado vivo por ter escripto trinta e nove proposições que o concilio de Constança julgou hereticas; Jeronymo de Praga, Savonarola, um audacioso e eloquente dominicano, que se aventurara a investir a corrupção clerical, tiveram a mesma sorte; Cerneschi, protonotario apostolico, Aonio Palearius, professor de eloquencia em Milão, condemnados á fogueira por determinação do santo Pio V, segundo Falloux, na *Historia Apologetica*, que escreveu deste pontifice; Vanini, porque considerava Deus não a causa, mas substancia do mundo; apesar dos argumentos com que procurava convencer os inquisidores de que não era atheu, foi horripelmente torturado e queimado vivo. Antes de accender-se a fogueira, conta Grammond em sua *Historia Gall, ab Henric IV*, ornedou-se-lhe que estirasse a lingua para ser cortada. Elle recusou-se. O carrasco só o poudo conseguir com tenazes de que se serviu para prendel-a e cortal-a. Nunca se ouviu um grito mais horripel. O resto do seu corpo foi consumido pelo fogo e as suas cinzas lançadas ao vento. (1) Giordano Bruno, o maior philosopho da Renascença, como o classifica o eminente professor Harold Hoffding, condemnado á morte por ter ensinado, além de outras coisas que desnorteavam a velha escolastica, a theoria da pluralidade dos mundos. "Elle foi degradado, excommungado e entregue ao braço secular, o governador de Roma, com a prece hypocrita e costumeira de punil-o com indulgencia e sem derramar sangue, Bruno respondeu a esta condemnação por um gesto de ameaça: "Vós que proferis contra mim esta sentença, tendes, talvez, mais

(1) — A Fouillée — *Historie de la Philosophie*, pag. 278.

medo do que eu contra quem ella é pronunciada." Elle fazia, sem duvida, allusão ao medo que tinham da verdade, porque elle affrontava o temor do soffrimento ao serviço da verdade!... Foi queimado vivo no dia 17 de fevereiro de 1600 no Campo de Fiora, tendo enfrentado a morte estoicamente. Repeliu um padre que queria estender-lhe um crucifixo e expirou sem soltar um grito... Suas cinzas foram abandonadas ao vento. Mas, no logar onde foi queimado, erigiu-se-lhe em 1889 uma estatua com o producto das subscrições de todo o mundo civilizado e o Estado italiano trata de confeccionar actualmente, á sua custa, uma edição de luxo de suas obras." (1)

Outra victima do odio theologico foi o cavalheiro de La Barre, um joven de menos de dezenove annos de idade queimado vivo, depois de lhe haverem cortado a mão direita e a lingua. Isto em 1766!

Conta-se que Rogerio Bacon, um frade genial do seculo XIII, foi enclausurado durante annos nos calabouços da Inquisição, por ter voltado o seu pensamento para o estudo da natureza, o que era uma gravissima profanação naquelles tempos de estupidez orthodoxa. O dominicano Campanella, embora professasse a crença christã em um escripto intitulado *Atheismo vencido*, foi barbaramente suppliciado como elle mesmo conta: "Fui encerrado em cincoenta prisões e sete vezes submettido á tortura mais atroz. A' ultima vez a tortura durou quarenta horas. Garroteado com cordas mui retesadas e que me dilaceravam os ossos, suspenso com as mãos para trás,

(1) — *Historia de la Philosophie Moderne*, vol. 1.º, pags. 128 a 129.

em cima de uma ponta aguda de madeira que me devorou a decima sexta parte da minha carne e me tirou dez libras de sangue; curado por milagre após seis mezes de doença, fui atirado a um fosso. Quinze vezes tive de ser julgado. A primeira vez, quando me perguntaram: "Como sabes o que não aprendeste? Tens algum demonio ás tuas ordens?" Respondi: — Para aprender o que sei, gastei mais azeite do que o vinho que tendes bebido... Accusaram-me de ser hereje, eu que escrevi um livro contra a heresia de nosso tempo. Emfim, accusaram-me de rebellião e de heresia por ter dito que ha manchas no sol, na lua e nas estrellas, contra Aristoteles que faz o mundo eterno e incorruptivel... Por isso fui lançado, como Jeremias, no lago inferior onde não ha nem ar nem luz."

E para remate da série de attentados á liberdade de consciencia e á sua mais alta expressão, que é a verdade scientifica, destaca-se, no martyrologo de outras victimas cujos nomes deixo de mencionar, a retractação de Galileu, arrancada violentamente pelo *santissimo* tribunal, de que fôra elle um insensato em contradizer as Sagradas Escripturas descobrindo, após longas vigílias, que a terra não é o centro do universo, mas gira em torno do sol!

E' este o ultimo golpe que o despotismo dogmatico desfere, por assim dizer, sobre o espirito humano desperto para a luz de uma philosophia nova. Porque si a verdade oscillara suspensa dos labios tremulos de um ancião que não tivera animo de leval-a comsigo ás chammas, ella, entretanto, já refulgia, limpida e serena, com o mundo que resurgia para a vida e para o pensamento.

Era a Renascença que raiava das brumas da idade media.

reatando o fio de ouro da cultura grega, que se partira com roçar-lhe o sopro mystico do ascetismo christão.

VIII

A DEMOCRACIA CHRISTÁ E A ARISTOCRACIA CLERICAL; O QUE A RESPEITO ESCREVE UMA ALTA AUTORIDADE ECCLESIASTICA

Outro ponto que não deve escapar á critica é sobre o regimen de igualdade professado pela Egreja.

Talvez nenhum resalte em mais flagrante contraste com as tradições plebéas, ou *democraticas*, do christianismo primitivo. Este começou por ser uma religião de gente humilde, de mendigos, de enfermos, de desprotegidos da fortuna. O seu fundador dá-se por ter nascido sem berço, num estabulo; da sua familia diz-se que vivia de misero officio e se prendia por um fio de vaga linhagem a uma dynastia de patriarchas pacificos e de reis bellicosos. Tendo nascido pobre, pobre vivera; que, si lhe corria nas veias *sangue real*, honras, vaidades, tudo despresara para melhor nivelar-se ou confundir-se com os estropeados da vida. Dos seus primeiros discipulos ficou a tradição de que eram rústicos, obscuros, analphabetos.

Os primeiros crentes tambem não eram pessoas abastadas; e quem, por ventura, dispuzesse de recursos, abria mão delles em favor da communitade para a qual entrava, ou os distribuia com os necessitados. Não havia, pois, nas primitivas aggremações christãs, nem superiores nem inferiores; nem

principes, nem subditos; mas um regimen de igualdade que a todos nivelava. Eis o que nos conta o autor dos Actos dos Apostolos:

"A multidão dos fieis só possuia um coração e uma alma, e nenhum delles se considerava dono do que lhe pertencia, porque todos gosavam de tudo em commum. Tambem não havia pobres entre elles; os que tinham casas ou campos, vendiam-nos, e o producto da venda era depositado aos pés dos apostolos; depois, fazia-se a distribuição do que devia tocar a cada um segundo as suas necessidades. Em cada dia, cortavam o pão em plena concordia, com alegria e simplicidade de coração." (1)

Com o correr dos tempos, *aquella simplicidade de coração*, *aquella vida de humildade*, *aquelle esforço heroico contra o egoismo*, na phrase de Renan, *aquelle desprendimento pelas cousas terrenas*, pelas riquezas, pelo luxo, pelas *vaidades do mundo*, transmutou-se no mais estupefaciente orgulho, na mais desenfreada cupidez, de que ha noticia na chronica das organizações clericas.

O clero romano tornou-se com a instituição do pontificado e dos bispados uma classe que deveria, dada a sua influencia sobre a ignorancia das outras classes, gosar de privilegios e dispor de bens e de posições politicas que o arrastariam naturalmente a desvirtuar e a perder o espirito reformista dos primeiro evangelizadores.

O papa, que se proclama o mais puro representante espiritual do *humilde* reino christão, não passa de orgulhoso mo-

(1) — Aet. II, 44-47; IV, 32-35. Vide E. Renan, *Les Apôtres*, pag. 133.

narcha, julgando-se com prerogativas que jamais sonharam os monarchas mais autocratas, de carne e osso, como elle.

Em vez do mólho de palhas, em que se aquecera, ao nascer, o mestre de cuja doutrina elle se arroga fiel depositario, amaciam-lhe o corpo leitões de finissimo estôfo; e, em vez de uma corôa de espinhos, cinge-lhe o craneo um diadema real. A cabana do pescador obscuro de que elle se faz successor, desaparece sob a cupola doirada de palacios sumptuosos, com proporções collossaes, onde a ociosidade e o prazer campeiam de par com um cerimonial espectacularmente profano. A' pobreza voluntaria, ao abandono de todos os bens, elle oppõe immensos thesouros accumulados, durante longos seculos, por meio de extorsões e de um complexo e engenhoso systema de exploração commercial.

Logo em posição immediatamente inferior á do pontifice, vêm os altos dignatarios da Egreja, principes, eminencias, *santissimas* creaturas que formam o estado maior do exercito catholico e seguem as pegadas, a mesma estratégia do chefe supremo. Depois vem o grosso das tropas completar pelo em-buste, pela hypocrisia e o apego do ouro, a demolição da obra christã que cimentara o sangue dos martyres cuja memoria, ha quase dois mil annos, tem sido uma fonte inexaurivel de rendimentos fabulosos. Esse desvirtuamento do espirito mes-sianico resalta da historia ecclesiastica com tal viveza de traços, que mais parece uma reacção systematica ao ascetico doutrinarismo evangelico.

Do regimen autoritario, aristocraticamente hierarchico, que vigora na Egreja, fala assim um dos mais ferventes catholicos, — Monsenhor Passavalli, capuchinho, arcebispo de

Icone, antigo prégador apostolico junto a Santa Sé e vigario da Basilica Patriarchal em São Pedro de Roma:

“A vida da Igreja era inteiramente diversa do que ella se tornou no curso dos seculos, já pela ignorancia e o tartu-fismo, pelo servilismo e a covardia de uns, já pela orgulhosa ambição de outros e de seu desejo desenfreado de dominar. Quando, nos primeiros tempos do christianismo, se falava da Igreja, entendia-se principalmente, ousou mesmo dizer quase exclusivamente, a associação dos fieis christãos; e não foi sinão mais tarde que se veiu a corromper a significação desta palavra, restringindo-a á hierarchia ecclesiastica e mesmo ao papa, somente, na pessoa do qual, no dizer de certos fanaticos, se reuniriam e se condensariam toda autoridade terrestre e todo dom celeste, nem mais nem menos como si elle fosse a propria pessoa do Christo... E' certo, de certeza historica, que oito ao menos sobre dez das prerogativas concentradas hoje no papa e exercidas exclusivamente por elle, pertenciam, em proporções diversas, aos bispos, aos padres e aos leigos, e isto por tradição apostolica ou por um costume veneravel da antiga Igreja... O papa não agia como o senhor e o soberano da Igreja, mas como o primeiro dentre os pastores, o primeiro entre irmãos, o primeiro entre iguaes, segundo as bellas palavras de S. Bernardo: *Non es dominus episcoporum, sed unus ex ipsis* (não és o senhor dos bispos, mas um delles).” (1)

E' um crente sincero que escreve aquellas palavras e que, além disso, vem apoiado em uma elevada posição hierarchica. Tambem se exprime assim um grupo de catholicos em um

(1) — Separation de l'Eglise avec l'E'tat. Pensées d'un croyant sincère, cit. de Julien Narfon. Ver. l'Eglise libre p. 333.

livro que começa por uma ardente prece a Sua Santidade Pio X:

“Na Igreja, como algures, a autoridade não é o centro nem é o fim, não é senão um meio. Ella não tem o direito de se comportar como um senhor que, de fóra e do alto, só teria de dispôr da cousa humana; ella não é senão um órgão no funcionamento do organismo social. Jesus recommendou a seus discipulos que não imitassem *os reis das nações* e que não concebessem a autoridade senão como um serviço a prestar áquelle sobre quem ella se exerce. Não é senão por uma das numerosas exagerações e falsas concepções que acompanham sempre iguaes lutas de principios, que se pôde considerar toda critica das palavras de hierarchia como inadmissivel, como uma falta de respeito á autoridade, a risco de reduzir a intelligencia e a razão a um papel mais do que miseravel. Não é preciso esquecer que toda exageração do principio de autoridade só pôde prejudical-o e pôr, sobretudo em nossos dias, uma arma temivel entre as mãos dos incredulos.” (1)

A’ organização hierarchica da Igreja, continuando em uma aristocracia, accrescente-se a corrupção politica do clero, a caça encarniçada aos prazeres, a ambição desmedida das riquezas, o que faz que o catholicismo se constituísse herdeiro universal de todos os vicios dos cultos pagãos, e fosse o papismo uma exacta reproducção do cesarismo romano. Ouçamos um dos autores mais familiarizados com a litteratura e a historia da idade media, Emile Gebhart, em seu livro *L’Italie mystique*:

“Assim condemnada a manter a sua posição na hierarchia temporal e a reinar para não perecer, a Igreja agar-

(1) — Ce qu’on a fait de l’Eglise, pg. 147.

rou-se com unhas e dentes a uma nesga de territorio; poz a serviço da dominação secular o prestigio que a fé desses velhos seculos lhe dava; teve uma diplomacia sem escrupulos, mercenarios sem piedade, e foi tanto mais altiva quanto se sentia mais fraca; ella amou apaixonadamente a riqueza e dirigiu ao pé do altar um balcão de usurario. A simomia foi, então, em Roma o meio mais efficaz de governo, como mais tarde, em face da Italia principesca, o nepotismo. Todas as cousas se vendem no mercado pontifical, os chapéus cardinalicios e as mitras, o perdão dos peccados, a suspensão das excommu-nhões, as suzeranias, o direito de conquista sobre terra e sobre mar, as reliquias dos santos, a corôa imperial, a tiara romana, a porta do Paraiso... Parece que a edade média fechara para sempre o Evangelho. O christianismo original, que procedia de São Paulo e repousava sobre a justificação pela fé, não tem mais sentido de então por diante; o idealismo fugiu do santuario, a religião estreita, a religião das obras, foi instituida. Entre Deus e o fiel collocou-se a Igreja que occulta Deus ao fiel. A pratica feudal invadiu a vida religiosa. A Igreja tem então necessidade de servidores dedicados, de braços energicos, de amigos generosos; legiões de mysticos não valem para ella um vassallo bem armado ou um bom condottiere; o thesouro de São Pedro é para si coisa mais preciosa do que a pureza das almas." (1)

De facto, si ha uma religião que seja ao mesmo tempo uma formidavel organização economica, é, sem duvida, a catholica; o commercio das indulgencias e das reliquias, os sacramentos, as doações que á Igreja fazem milhões de devo-

(1) — Obr. cit., pag. 8, 9, 10.

tos que pensam ingenua e egoisticamente alcançar por este meio um logar de destaque no céu; os favores, os arranjos que manhosamente consegue o clero dos governos, mesmo dos que, constitucionalmente, nenhuma ligação mantêm com esta ou aquella seita, tudo isso ha concorrido para transformar o catholicismo em uma vasta e complexa engrenagem financeira, especie de grande casa bancaria que, com uma avidéz irrefreadavel de lucros, estende as suas operações por todos os cantos da terra.

IX

A EGREJA COMO ORGANIZAÇÃO FINANCEIRA; O SEU COMMERCIO DE INDULGENCIAS E DE TITULOS HONORIFICOS

Do amor beatifico da Egreja pelas coisas terrenas, do seu culto pantagruelico aos gosos materiaes, depara-se-nos uma superabundante documentação de origem genuinamente catholica, da qual, para me não tornar prolixo, utilizar-me-ei com extrema parcimonia.

Narra o abbade Duchesne, em sua *Historia antiga da Egreja*, livro de incontestavel autoridade nas rodas clericas, "que o prefeito Agorius Pretextatus, personagem considerado pela sua amabilidade e pela sua cultura de espirito, porém pagão dos mais zelosos, acossado pelo papa para converter-se, respondia-lhe: De boa vontade, si me fizeram bispo de Roma. Ammiano Marcelino acha mui natural que se dispute esta situação, "porque, diz elle, uma vez alcançado aquelle posto, gosa-se em paz de uma fortuna assegurada pela generosidade

das matronas; a gente ostenta-se em carruagens, traja habitos sumptuosos e dá festins que ultrapassam em luxo os da mesa imperial." O que deveria ser a corrupção clerical no seculo XV resalta destas palavras de Pio II aos cardeaes a quem elle aconselhava mais prudencia na vida de dissipação e de prazeres a que se entregavam: "Todos os nossos actos, o povo os interpretava mal. O que d'elle se ouve é que passamos regaladamente, amontoamos dinheiro, vivemos no fausto, cavalgamos nobres corseis e mulas bem nutridas, arrastamos atraz de nós as franjas de nossos mantos, passeamos pela cidade as nossas faces roliças, o chapéu cardinalicio na cabeça, a grande capa sobre o dorso; alimentamos matilhas de cães de caça, atiramos dinheiro aos comícios e aos parasitas, mas não o temos para a defesa da fé. O facto é que tudo isto é verdade, e entre os cardeaes e os membros da Curia ha mais de um a quem se pode applicar este retrato... Confessemol-o, porque é verdade, ha em nossa Curia muito luxo e muito fausto. E' por isso que o povo nos odeia e não mais nos escuta, mesmo quando lhe falamos de coração aberto."

Já tres seculos antes, o concilio de Latrão tentara cohibir a cupidez dos prelados, porém nada conseguiu; pois os prelados, com o Santo Padre á frente, continuaram a lançar mão dos processos mais indecorosos para melhor tosquiarem o incauto rebanho da christandade.

Entre taes processos salienta-se, pela sua abominavel immoralidade, o da absolvição dos crimes mais repugnantes, como o parricidio, o incesto, o adulterio e outros, mediante o pagamento de taxas previamente estipuladas. Uma das famosas tabellas organizadas *ad usum Ecclesiae* insere uma nota muito edificante de pura igualdade christã:

“Os pobres não podem participar desta graça porque não têm dinheiro; é preciso, pois, que passem sem aquella consolação.”

Isto leva a crer que a lettra do Evangelho, de que — é mais facil passar um cabo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino dos séos, — deve ser revogada ou então applicada áquelles para os quaes as portas do Paraiso rodavam escancaradamente sobre os gonzos.

Para o mercado das indulgencias distribuiam-se cartas entre os fieis, com os seguintes dizeres sacramentaes:

“Em nome de nosso Santissimo Padre, vigario de Jesus-Christo, eu te isento de todas as censuras da Egreja em que possas ter incorrido; demais, eu te absolvo de todos os mais actos e crimes que tens até hoje commettido, *por maiores e mais graves que possam ser*; absolvo-te tambem daquelles que o papa sómente pode perdoar, na extensão do poder das chaves de nossa santa Madre Egreja. Perdôo-te igualmente todas as penitencias que deverias soffrer no purgatorio para a expiação desses peccados. Reintegro-te na participação dos sacramentos da Egreja e da communidade dos fieis; *e de novo te conduzo ao estado de pureza e de innocencia em que te achavas ao saires do baptismo*; de sorte que, si vieres a morrer, as portas do inferno, este logar de tormentos e punições, serão fechadas, para que possas seguir direito o teu caminho até o paraiso. Ainda mesmo que não morras, a graça que recibes, em nada será diminuida.”

Para obter-se tudo isso, exigia-se apenas um obulo dos fieis para o cofre de São Paulo, cofre de bojo phantastico, monstruoso, que até hoje nunca se encheu nem nunca se esva-ziou...

Gordas prebendas rendia tambem a Santa Inquisição que, além de roubar a vida aos herejes, lhes roubava os haveres que eram *christãmente* incorporados ao patrimonio ecclesiastico.

Com o regimen feudal e com as monarchias absolutas, a Igreja tornou-se proprietaria de vastas extensões de terra e de privilegios excepcionaes que ainda hoje em grande parte desfructa.

Sobre o que ella possuia na França, durante o regimen monarchico, escreve um dos mais notaveis historiadores contemporaneos que lhe pertencia quase a quarta parte do sólo francez, com uma renda mais ou menos de 130 milhões de libras; só de dizimos sobre todas as terras percebia 123 milhões, além de cerca de 100 milhões que cabiam aos dignatarios do clero a titulo de senhores feudaes. A totalidade de todas as rendas subia a 353 milhões de libras, mais de um bilião da actual moeda franceza. (1)

Não só nos governos monarchicos e, depois, em pleno regimen republicano, a Igreja sempre gosou em França, como nos demais paizes catholicos, de uma situação financeira a que se não compara a das mais poderosas empresas do mundo. E' um *trust* tentacular, colossal, que, sem nada produzir, amontôa milhões, dizem os seus agentes, com angelica hypocrisia, que para a obra piedosa de soccorro aos necessitados. Estes, porém, vêem toda aquella dinheirama por um oculo, até o dia em que um novo messianismo enxotar dos templos esses manhosos e usurarios banqueiros.

(1) — Alfred Rambaud — Histoire de la civilisation française, t. II, paginas 47 e 48.

Como panno de amostra do que só, em França, possuíam as congregações religiosas, quando foi da execução da lei de 1 de julho de 1901, vão reproduzidos os dados finais de uma *enquête* do governo na parte concernente a immoveis: as congregações de mulheres possuíam bens no valor de 737.076.000 francos, e a dos homens, de 312.995.500 francos, "As associações autorizadas e as não autorizadas, diz o eminente economista Yves Guyot, não hesitaram em indicar um valor muito inferior ao valor real... A *enquête* actual estabelece que os bens tributados em nome da congregação ou da comunidade representam um valor venal de 463.175.000 francos, os tributados em nome de outro contribuinte, 608.060.000 francos, seja ao todo um valor venal de um bilião, setenta e um milhões, setecentos e cinco mil francos. Só os jesuitas, em 1901, possuíam propriedades no valor de 48 milhões de francos." (1)

Toda essa immensa fortuna, que poderia arrancar da miseria milhões de creaturas humanas, serve para alimentar a ociosidade de um exercito de parasitas insaciaveis que ainda têm a impudencia de arrotar de uma pobreza e de uma humilidade a Francisco de Assis ou a Vicente de Paulo.

Imperialista á feição do cesarismo romano, feudalista, monarchica, republicana e capitalista, a Igreja sempre timbrou em se amoldar a todas as transformações politicas e economicas por que tem passado a historia dos povos, com o fim exclusivo de impedir, não a fallencia dos seus dogmas, que

(1) — Le Bilan social et politique de l'Eglise, pags. 323 a 325, 1901.

estes não mais dirigem as consciencias, mas a fallencia do seu rendosissimo mercado.

Não ha um sacramento, uma solemnidade, um serviço devoto, que não seja um pretexto para fazer dinheiro ou para arranjar outros favores que concorram para a prosperidade economica do culto e de seus magos.

Os actos principaes da vida trazem, com o sello ecclesiastico, uma taxa que varia segundo a situação financeira das pessoas. O baptizado, o casamento, o enterro dos ricos valem um preço que não é o mesmo, está visto, para os pobres; é muito mais elevado; mas em compensação ha mais apparatus, mais retumbancia, maior realce no formalismo liturgico, e talvez, por isso mesmo, uma dose mais forte de santificação e de mystica beatitude...

A igualdade material e esperitual que teria existido nas primeiras associações christãs, cede aqui o lugar a um odioso contraste que nem com a morte desaparece. Os pobres, os mendigos, são tratados pelo clero catholico com a mesma gentileza, com a mesma distincção que, no regimen das castas, se attribue aos párias.

Pergunte-se a esses principes da Egreja, a esses *humillimos* aristocratas, quantas vezes descem elles dos seus luxuosos palacetes para irem levar uma palavra de carinho ou de conforto a uma familia de parcos haveres, nos seus momentos de alegria ou de luto?

Entretanto, o noticiario dos jornaes frequentemente regista que o Sr. Cardeal ou o Sr. Arcebispo esteve a tantas horas no palacio do governo a cumprimental-o com extrema ternura; que no desembarque de certo politico influente, Sua Eminencia fôra o primeiro a abraççal-o, e com tão precipitada

effusão de jubilo que, por um triz não rebolara, rotundo, pelo portaló abaixo...

Do casamento da filha do commendador fulano, faz o chefe da Igreja questão de ser o celebrante, de falar aos nubentes, de concital-os á pratica da caridade para com as boas obras de Deus... Nos festins de anniversario do banqueiro sicrano, lá está Sua Eminencia a deitar o brinde de honra, a descobrir e a enl-tecer, em estylo ciceronico, as raras qualidades moraes dos donos da casa, dos seus ascendentes mais remotos e dos seus descendentes de mais tenra idade, detacando de preferencia, como acto heroicamente christão, a magnanima pontualidade com que concorrem para a consolidação economica do culto catholico.

Aliás, para os que são generosos, a Igreja creou uma agencia de titulos nobiliarchicos, que opera como qualquer agencia de negocios, com os seus livrosmeticulosamntnte escripturados, com os seus caixeiros viajantes, com a sua correspondencia austeramente commercial.

O senhor de engenho, o usineiro, o negociante abastado, desejam um titulo de marquez, de conde, de barão? Nada mais facil; basta que disponham de alguns contos de réis, e o titulo não tarda a vir depurar-lhe o sangue dos detritos de que, por ventura, se impregnara ao contacto de um degradante mister ou de uma genealogia espuria. A Santa Sé não quer mesmo saber a origem da fortuna dos que lhe solicitam aquellas insignias honorificas: si o senhor de engenho tem por costume amarrar ao tronco ou enterrar na bagaceira os seus operarios; si o rico negociante, o industrial, que lhe compram brazões, e fazem com o dinheiro que surripiaram deshonestamente do proximo. Nada disso tem importancia: arranje-se o cobre que,

facinora ou patife, nem por isso, ser-lhe-á recusada a honrificiência.

Vejam os agora interessantes e instructivos documentos desse genero de commercio que fala bem eloquentemente do espirito igualitario da Egreja.

Constam elles dos papeis de Montagnini, um alto representante do Vaticano, principal encarregado da venda dos titulos de nobreza na França e do serviço de espionagem clerical, organizado nesse paiz pela Curia Romana.

Leia-se o que rezam, no seu laconismo mercantil: "16 de novembro, condecoração Happe, Versailles; supplemento depositado por P. Baudicourt, 500 francos. 30 de dezembro de 1904, condecoração de commendador de São Gregorio, o Grande, a M. Décastere — Huet, 2500 francos. 20 de janeiro de 1905, recebidos 2300 francos por uma condecoração de commendador. 8 de agosto de 1905, 1300 francos por condecoração de cavalheiro, etc." Seria impossivel reproduzir todas as sommas que entram para o cofre da agencia. Ainda esta correspondencia, que não differe, em linguagem da de qualquer casa de negocios: é ainda Montagnini que escreve ao cardeal Merry del Val, secretario de Pio X: "Paris, 8 de fevereiro de 1905: Eu transmitto igualmente um pedido ao Santo Padre pelo qual solicito a promoção ao grau de commendador de S. Gregorio, o Grande, em favor do muito activo M. cavalheiro Augusto Potron, pedido munido de uma ardorosa recommendação do cardeal Richard. Os promotores cotisam-se para reunir uma somma que offerecerão ao Santo Padre, a fim de que Sua Santidade se digne de conceder o favor solicitado, do qual desejariam elles receber, senão o breve, ao menos o aviso official para o dia 20 deste mez." "Tenho

a honra de vos transmittir uma carta pela qual M. Chalin *acolheu de bôa vontade o conselho que lhe dei de um modo mui delicado e me entregou para o obulo 200 francos dos quaes prestarei conta no proximo trimestre.*" E mais esta: "Pelo cavalheiro Jules Servonnet, o bom Potron entregou-me 1500 francos. A este respeito direi tambem que, pelo grau de commendador a M. Potron, obtive uma offerta de 2300 francos. Ora, como se tratasse de uma promoção de cavalleiro ao grau de commendador, os promotores da supplica ter-se-iam limitado á differença para mais do grau de cavalleiro á de commendador, *mas eu os convenci a procederem com a mais larga generosidade possivel*, tendo em vista as necessidades da Santa Sé, e elles, então, com um verdadeiro prazer me entregaram a somma enunciada acima, da qual prestarei contas." (1)

Agora, as relações financeiras do Vaticano com os banqueiros Rothschilds, os quaes, si bem que judeus de puro sangue, recebem da côrte romana um tratamento mais amistososo do que muitos catholicos do mais requintado quilate. Eis como o cardeal Merry del Val, secretario de Sua Santidade Pio X, dá pesames á familia Rothschild pela morte de um dos seus membros:

"Roma 27 de maio: Tendo os jornaes annunciado a morte do barão de Rothschild, peço-vos exprimir á familia os sentimentos de dolorosa sympathia de Santa Sé nesta triste occorrença." As *fichas pontificaes* registam gordas sommas depositadas, á ordem do papa, no cofre forte desses filhos de

(1) — Cf. Fiches pontificales, pgs. 171 a 173.

Israel, *raça perfida e maldita* para o catholicismo, contra a qual elle sempre moveu uma guerra de atroz exterminio.

Este é o regimen de igualdade que a Igreja instituiu: uma aristocracia avida de gosos e de riquezas; uma poderosa organização hierarchica, eminentemente parasitaria, dominada pela ambição de accumular milhões; sem outro objectivo que sugar o velho tronco da arvore christã, á sombra da qual ella tem prosperado, nedia e feliz, pelos seculos afóra.

Mas, ainda não emrudeceu de todo o hymno revolucionario com que os republicanos de 1798 saudavam cantando, o Summo Pontifice:

Non abbiamo pazienza,
non vogliamo Eminenza,
non vogliamo Santità,
ma — Eguaglianza e libertà. (1)

Nova geração começa a modular aquella trova, e dirá amanhã ao papa, como o general Ceroni, e para sempre:

Grande padre, teu reino fundou; o povo tornou-se, elle mesmo, soberano dos seus destinos!

(1) — Não temos mais paciência,
Não queremos Eminencia,
Não queremos Santidade,
Mas Igualdade e Liberdade.

X

A PRETENÇA ACÇÃO DA EGREJA EM PROL DOS DIREITOS DOS TRABALHADORES, SEMPRE AO LADO DO SENHOR CONTRA O ESCRAVO E O SERVO; AO LADO DO PATRÃO CONTRA O OPERARIO

A Igreja e os Trabalhadores

Outras asserções constam do resumo inserto nos jornaes, das conferencias do Sr. Conego Pereira Alves, que, deixo de refutar, para ferir o ponto essencial da divergencia que motivou estes escriptos, e que se resume na pretensa acção social da Igreja em prol dos direitos do operariado.

Insurge-se o ardor apologetico de S. S. contra os socialistas que sustentam nada haver feito o catholicismo pelas classes trabalhadoras, as quaes, no ponto de vista historico, justamente o que nos interessa a ambos, devem comprehender o escravo, o servo da gleba e o operario livre, tomando-se a ultima expressão no sentido vulgar.

Diz o Sr. Conego que a Igreja sempre foi mãe carinhosa dos homens do trabalho, sempre os embalou ternamente no seu seio, e invoca, como testemunho desse amor maternal, que ella " manda attentar nos apóstolos, nos primeiros padres e bispos que eram carpinteiros, pastores, trabalhadores, enfim."

Mais de uma vez tenho alludido á obscuridade em que viviam os primeiros apóstolos da fé christã, os quaes se davam a occupações humillimas, que lhes proporcionavam os meios de subsistencia. "Em 398, o quarto concilio geral de Carthago, conta o abba Albert Houtin, ainda obrigava os clerigos, com força de trabalhar, a que aprendessem uma profissão e ganhassem a vida, isto é, a que se alimentassem e se vestissem

por meio de um officio ou pela agricultura. Si estas regras revivessem, accrescenta o autor, o povo não se chocaria com ver o padre arrastar a sua ociosidade pelas casas ricas, andar diariamente acima e abaixo a jantar em casa dos confrades e installar-se em mesas de jogo durante dias inteiros." (1)

O Sr. Conego Pereira Alves nem devia ter recordado esse passado de que ficou apenas vaga reminiscencia, que cada vez mais recua e se desvanece com o viver á farta, mas improductivo e parasitario, do clero catholico.

Vejamos agora o que faz a Igreja pela liberdade dos escravos.

Primeiro, S. Paulo, apontado entre os que mais tenham contribuido para imprimir um caracter de universalidade á doutrina christã, originariamente saturada de forte espirito judaico: "Que os escravos se submettam aos seus senhores, agradando-lhes em tudo, não os contradizendo, não os enganando, mas dando-lhes provas de toda fidelidade, a fim de que elles honrem em tudo a doutrina do Salvador, nosso Deus." E São João Chrysostomo: "A escravidão é um bem porque é uma occasião de merito para o christão... A autoridade apostolica ordena que o escravo se submetta ao seu senhor." Não menos categorica é a justificação que da escravatura fazem dois dos mais famosos doutores da Igreja: — Santo Agostinho e São Thomaz de Aquino.

O 1.º concilio d'Arles e o 2.º de Orange excommungam quem se apossa dos escravos pertencentes ao clero. O de Elvira (305) prohibe que se promova a clericatura dos libertos. E o papa Leão I, "indigna-se com que se admittem ás

(1) — *La crise du Clergé*, pg. 183.

ordens sacras pessoas que se não recommendam pela dignidade da sua origem; com que haja escravos elevados ao sacerdocio, como se *a vileza servil tivesse o direito de attingir aquella honra. O sagrado mysterio é polluido ao seu contacto.*"

E' o que nos diz a historia ecclesiastica do horror da Igreja ao hediondo regimen da escravidão... "Os factos, escreve Yves Guyot, tratando do mesmo assumpto, são de esmagar os impostores que, tendo vergonha das verdadeiras doutrinas do christianismo, querem enfeital-o, mascaral-o, disfarçal-o, afim de apresental-o á nossa civilização do seculo dezenove. Dizem elles que o christianismo libertou o escravo. Porque então ha escravos de igreja no seculo V? Que digo eu? no seculo XI! Os ultimos servos libertos, antes da Revolução, não foram servos da Igreja? Porque, pois, no seculo XVII, Bossuet, bispo de Meaux, justifica a escravidão? Porque, pois, os ultimos paizes de escravos são paizes catholicos: a Hespanha e o Brasil?" (1)

No Brasil, o clero não só nada fez pela abolição do captivo, como era, elle mesmo, escravocrata.

Eis o que, em uma Representação á Assembléa Geral Constituinte, disse da sua cultura moral e intellectual e do seu amor á liberdade o mais austero, o mais prudente e o mais historico dos nossos estadistas, o patriarcha José Bonifacio:

"A nossa religião é na mór parte um systema de superstições e de abusos anti-sociaes; o nosso clero, na maior parte ignorante e corrompido, é o primeiro que se serve de escravos, e os accumula para enriquecer pelo commercio e pela

(1) — Etude sur les doctrines sociales du christianisme, p. 109.

agricultura, e para formar muitas vezes, com as desgraçadas escravas, um harem musulmano.”

Da escravidão dos negros foi ardentissimo apostolo o bispo de Pernambuco, d. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, sem falar em muitos membros do clero que faziam causa commum com os desalmados flagelladores da infeliz raça africana.

Já o movimento abolicionista invadia impetuoso a alma nacional, sacudindo-lhe os nervos entorpecidos no exercicio secular de uma tyrannia infamante, concitando-a a um nobre gesto de retratação perante o mundo civilizado, e o clero conservava-se impassivel, indifferente, retraido, mudo, como que alheio ao surdo arrastar de grilhões que se partiam sob o impulso irrefreavel da consciencia juridica transformada em força redemptora.

E' o que se depreheende do que escrevia em 1883 o grande defensor do abolicionismo, Joaquim Nabuco, que, entretanto, não era um incredulo:

“Entre nós o movimento abolicionista nada deve infelizmente á Igreja do Estado; pelo contrario, a posse de homens e mulheres pelos conventos e por todo o clero secular, desmoralizou inteiramente o sentimento religioso dos senhores de escravos. No sacerdote o escravo nunca vira senão um homem que o poderia comprar: no escravo o padre nunca vira senão a ultima pessoa que se lembraria de accusal-o. A deserção do nosso clero do posto que o Evangelho lhe marcou, foi a mais vergonhosa possivel; ninguem o viu tomar a parte dos escravos, fazer uso da religião para suavizar-lhes o captiveiro e para dizer a verdade moral aos senhores. Nenhum padre ten-

tou nunca impedir um leilão de escravos, nem condemnou o regimen ignominioso das senzalas.

A Igreja catholica, apesar de seu immenso poderio em um paiz fanatizado por ella, nunca elevou a voz em favor da emancipação." (1)

Si Leão XIII teve de, como chefe espiritual da Igreja, intervir junto aos catholicos brasileiros a favor da abolição, isto mesmo foi em virtude de um appello que lhe fez o proprio Nabuco, e depois que Sua Santidade, perspicaz e ladino como era, percebera que se tratava de uma causa que vertiginosamente se precipitava para o seu victorioso desfecho. Porque, então, nada fizeram os seus antecessores e elle mesmo, assim que empunhou o aureo bastão do Pontificado? Naturalmente tolhiam-lhe o braço apostolico conveniencias de ordem politica e economica, ás quaes tão bem se ajusta a moral clerical.

A servidão da gleba foi tambem piedosamente praticada pela Igreja. Os bispados, as abbadias, os mosteiros, além das senzalas, possuiram milhares de servos sobre os quaes exerciam a mesma exploração iniqua dos senhores feudaes.

Quando, com o movimento communal, se tentou a supressão do regimen servil, o clero lançou mão de todos os recursos para impedil-o; si, por ventura, algum dos seus servos se emancipava do despotismo senhorial, era á custa de pesadas indemnisações pagas ao suzerano. Demonstra-o o seguinte extracto de uma carta de alforria, escripta sob fórmula contractual:

"Taes reconheceram: que elles e seus mestres tinham sido homens de corpo de nossa Igreja, de condição servil e submet-

(1) — O abolicionismo, Londres, 1883.

tidos ao jugo desde um tempo immemorial... Reconheceram, além disto, que os tínhamos libertado, a elles e aos seus filhos, da servidão e da mão-morta que possuía nossa Igreja, e com esta condição:

1 — pagar todos os annos sessenta libras *parisis* de talha, emquanto que antes a Igreja onerava, com aquelle tributo, segundo seu bel prazer, as suas pessoas e os seus bens;

2 — desobrigar-se do dizimo, submeter-se ás *corvées* (dias do trabalho do servo, sem retribuição alguma, em beneficio do suzerano) aos direitos de alta e baixa justiça, ás multas e a outras servidões, independentemente da talha devida ao rei... mais, ainda, quatrocentas libras *parisis* a pagar em oito annos." (1)

Ja nas vespas da Revolução Franceza os conegos de Saint-Claude dispunham de um exercicio de doze mil servos que eram tratados exactamente como os da idade media. (2)

Si a Igreja hoje não tem mais a servidão da gleba que tanto contribuiu para tornal-a uma opulenta organização feudal, ficou-lhe a servidão voluntaria das massas populares, supersticiosas e inconscientes, que, com medo do inferno, lhe pagam verdadeiros tributos. Ficou-lhe, ainda, como substitutivo do systema de economia servil, a beatice prodiga de matronas ricas e de burguezes apatacados, cujas doações se convertem em um cheque cabalístico de missas, de orações, de toadas liturgicas capitalizadas para a ficticia jornada do outro mundo.

(1) — Cartulaire de Notre Dame, cit. por Ch. Letourneau — L'évolution de l'esclavage, p. 481.

(2) — Vide Ch. Letourneau, ob. cit., p. 480.

Pelos trabalhadores livres, jámais mostrou a Igreja o menor interesse, salvo o de mantel-os na infima posição de automatatos resignados com a sorte que os fizera depender de um patrão.

Si hoje ella se volta para a questão social, immiscuindo-se na discussão dos problemas que se prendem á emancipação economica, moral e intellectual do operariado, é porque já comprehendeu o alcance que terá para a sua politica opportunistica collocar-se ao lado de uma grande força que cada dia mais se faz sentir na balança do Poder. E' do seu programma sempre estar com os fortes contra os fracos; abandonar os seus alliados da vespera para ligar-se aos vencedores do dia seguinte.

Quando eram as dynastias que dirigiam os homens, a Igreja enlaçou-se com ellas contra os povos opprimidos; foi realista, feudalista, partidaria extremada das prerogativas da corôa e do feudo. Onde foi implantado o regimen republicano, ella bandonou o *direito divino* dos reis para amparar-se nessa outra ficção — o direito soberano do povo.

Esta observação não a têm feito só os historiadores imparciaes, mas os proprios catholicos que, sem pesarem o que escrevem, deixam ás vezes a descoberto as manobras clericæes.

Vilfredo Pareto, autor de uma obra vastissima de historia e de critica dos systemas socialistas, escreve, referindo-se ao catholicismo social:

"Os catholicos que, nos seculos passados, se apoiaram sobre os principes e as aristocracias, dirigem-se hoje, sobretudo, ao povo. Quando o soberano era um só, os jesuitas davam-lhe um confessor e uma amante; agora que o soberano

presente. Que o digam vinte seculos de tentativas inuteis para imprimir aos povos, sob um governo theocratico, uma só estructura social, um molde psychologico unico, um feito moral immutavel, uma civilização uniforme, invariavel, monotona, petrificada no dogma.

O novo mundo social, que ha de surgir do arcahouço das instituições da vida contemporanea, será obra exclusiva das consciencias emancipadas de todos os prejuizos, a começar pelos prejuizos religiosos e politicos, isto é, pelos que têm exercido a mais estúpida tyrannia mental sobre os homens.

Resposta ao Dr. XI Barreto Campello, sobre o dog. Bossi não foi o modelo.

Afinal, apparece-me um contradictor: o Dr. Barreto Campello. Diz elle que tudo quanto até aqui tenho escripto carece de originalidade, e sentencía: "No plano geral do assumpto e exposição da materia, na reproducção dos principaes argumentos, uns empregados por menção ou summula, outros *integralmente reproduzidos* no character permanente da parte pessoal da exposição, ora evidentes, já remotas e apagadas, *reconhecem-se flagrantemente as impressões estruturales do modelo*. Sobretudo, onde mais sensível a identidade é nas citações, *falsas na maioria e muitas vezes extorquidas dos seus respectivos textos, para, isoladas, expressarem idéas diversas. Fielmente reproduzidas com seus defeitos originarios, ellas conservam até a mesma traducção livre da fonte.*"

O modelo a que se refere o Dr. Barreto Campello é o livrinho de Emilio Bossi, A Igreja e a Liberdade, que elle

pretende reduzir a cinzas. E' esta obrinha excommungada que me dá por guia ou fonte permanente e unica onde teria eu buscado os argumentos e citações em que se apoia a minha critica ás conferencias quaresmaes do Sr. Conego Pereira Alves.

Devia ter feito, antes de apontar os meus escriptos como uma adaptação ou um resumo do livro de Bossi, um cotejo entre o que escrevi e o que escreveu aquelle autor; devia mostrar os trechos em que "se reconheçam as impressões estructuraes do modelo;" citar de parte a parte quaes os periodos que se repetem *integralmente*; demonstrar, com transcrições, que eu tenha seguido *pari passu* aquelle escriptor.

Porque o livro de Bossi aborde assumptos de que tratam os meus escriptos, segue-se que lhe tenha servilmente acompanhado as pegadas? Si o Dr. Barreto Campello deseja saber qual o verdadeiro inspirador de minha critica e do rumo que ella tomou, leia o primeiro periodo do artigo IV, que ha de encontral-o: foi o proprio Sr. Conego Pereira Alves que em sua primeira conferencia, viera fazendo a apologia do "principio — liberdade, igualdade e fraternidade" — dizendo mais que "fôra a Igreja a primeira a annuncial-o."

Mas, porque Emilio Bossi haja criticado o que tem sido tal principio na Igreja, e porque eu, sem precisar de valer-me dos seus argumentos, tambem mostre, com dados historicos, que o Sr. Conego não tem razão, logo se ergue ardendo de zelo devoto o meu christianismo collega, a gritar que ando copiando Bossi, que só conheço Bossi, que a não ser Bossi ninguem jamais se atreveria a escrever coisas que ferem tão a fundo a sua angelica sensibilidade de fervoroso catholico. Entretanto, de passagem indico-lhe o livro de A. S. Morim,

L'Esprit de l'Eglise, muito anterior ao de Bossi, pois dáta de 1874, e que tem o mesmo feitio litterario; o de Yves Guyot, um sabio economista, que o collega deve conhecer, intitulado *Les doctrines sociales du Christianisme*, tambem anterior ao de Bossi; o de Cimon — *La séparation integrale*, e mais o de Lanessan *La morale des religions*, e além de outros que obedecem ao mesmo criterio scientifico, que tratam das mesmas questões discutidas por mim, que se utilizam da mesma documentação, sem que isto constitúa motivo de accusação a qualquer desses autores pela sua falta de originalidade.

A originalidade de toda obra scientifica ou de critica historica resalta mais da maneira como os phenomenos naturaes ou sociaes são encarados, do que de simples citações; resulta do modo como se extrae de cada documento a verdade ou o erro que elle contiver. Ou, por outra, em sciencia, como em historia, o trabalho que realmente interessa é o que prima pelo rigor a que se submete a verificação de uma lei ou o restabelecimento de um facto que a lenda ou falsas interpretações deturparam. Não se trata aqui de ser ou não original, no sentido em que o meu antagonista pretendeu tomar tal expressão.

Vamos, porém, ás citações que eu tenha copiado da obra de Bossi, segundo affirma em tom tão categorico o devotissimo collega, que, por isso mesmo, talvez alguém acredite na sua futilissima cavaqueira:

Primeiro escripto: é mais uma troça do que uma critica; a citação litteral, unica que se encontra é uma poesia em francez sobre a morte dos deuses. Responda-me o Dr. Barreto Campello em que pagina de Bossi canta satanicamente o

bardo. E quaes os periodos que offereçam qualquer analogia com os do autor suiso.

Segundo: é um estudo sobre a organização economica das sociedades primitivas. Onde fala E. Bossi de tal assumpto? Responda-me em que paginas cita elle Kropotkine, Ratzenhofer, Gumplowicz, Lester Ward e outros que ali apparecem.

Terceiro: uma resposta ao Sr. Conego Pereira Alves; ha duas citações, uma de S. João Chrysostomo e outra do abbade Bergier. Encontram-se tambem no maldito livrinho? De certo inspirou-me igualmente Emilio Bossi os ultimos periodos em que, falando do meu passado, evoco o mesmo estado de beatitude, de candidez mystica em que o bom amigo hoje adormece feliz?

Quarto: aqui, grita, elle está o Bossi diabolico, de carne e osso. Pois engana-se, porque quem me contou a historia das perseguições que o sectarismo christão, victorioso, moveu contra os pagãos e contra os dissidentes, foi um eminente historiador americano, Draper, em suas duas obras notaveis — Les conflicts de la science et de la religion e Le developpement intellectuel de l'Europe, além de outros autores. Demais, são cousas bem sabidas para serem originaes de um só historiador. Vem tambem neste escripto uma citação, a do bispo Newton, sobre a paganização do christianismo. Com certeza foi tirada do Bossi...

Quinto: trata das prerogativas do pontificado romano e da cruzada sangrenta contra os albigenses. Mas o Bossi trata disto, exclama, dogmatico, o meu collega; sim, com certeza, como qualquer compendio de historia da civilização. Porque são factos corriqueiros, que se integram de tal modo á chro-

nica politica do pontificado, que seria estultice não citá-los, só porque certo autor já o fizera. Em todo caso, si duvida das minhas palavras, veja sobre as prerogativas do papa, sobre a sua enfatuada pretensão de estar acima de todos os poderes da terra, entre outros, Léon Duguit, *Manuel de Droit Constitutionnel*, e Filomusi Guelfi, *Enciclopedia Giuridica* (obras didacticas). Sobre a matança dos abigenses, Alfred Rambaud, *Histoire de la civilisation française*; Salomon Reinach, *Orpheus*, aliás citado nesse escripto, com certeza por generosidade de Emilio Bossi. Trarei, entretanto, em outra occasião novas contribuições fornecidas pelos autores catholicos, sobre o que foi aquella guerra de exterminio contra uma seita que apenas procurava realizar o christianismo primitivo em uma época em que a corrupção clerical attingira ás proporções do sublime.

As citações de Sismondi e de Reynaldi póde ser que venham no amaldiçoado livrinho; falta-me tempo para o verificar; por isso, peço que o collega o faça com o rapido poder de visão de que o dotou o divino Espirito Santo.

Sexto: matança dos huguenotes; são duas columnas batidas que me não pertencem, nem ao Emilio Bossi, mas ao muito illustre abbade Vacandard. Extrahi tudo aquillo, com paciente e religioso cuidado, de um livro com *imprimatur* ecclesiastico. Mas, naturalmente, objectará o Dr. Barreto Campello, o homem (o homem é ainda o Bossi) deve ter tocado no assumpto, ha de ter falado daquella carnificina que de tanto jubilo enchera a alma christã do chefe supremo da Igreja.

Setimo: é sobre a Santa Inquisição, a obra prima da Igreja, na phrase felicissima do abbade Morel, phrase que

não sei si o Bossi tambem terá recolhido. Ha duas citações do abbade Bergier; estas, por serem longas, facilmente as deparei no terrivel livrinho, aliás reproduzidas de outro historiador, a que antes me referi, A. S. Morin. Talvez sejam falsas; em todo caso fui encontral-as no 2.º volume do *Dictionaire de theologie dogmatique, liturgique, canonique et disciplinaire* do velho abbade, obra em quatro volumes, com artigos e annotações do P. Pierrot, professor do Seminario de Verdun, e publicada pelo zelosissimo abbade Migne.

Quanto a outras, isto é, á descripção que faz o padre José del Olmo de um importante *auto-da-fé* em Madrid; as que relatam torturas e a morte dos herejes, fica ao Dr. Barreto Campello o cuidado de informar si ellas, encontrando-se, por ventura, em Bossi, não se acham em outra parte.

Oitavo: vêm quatro citações de regular dimensão: uma, dos Actos dos Apostolos, extraida de um livro de Ernesto Renan; outra, de monsenhor Passavali, alto personagem ecclesiastico, sobre a corrupção do espirito hierarchico na Igreja; a terceira, de um livro escripto por um grupo de catholicos: — *Ce qu'on a fait de l'Eglise*; a quarta e ultima, de uma obra de Emilio Gebhart. Qual destas dirá o Dr. Barreto Campello que eu tenha mendigado ao meu bondoso guia?

Nono e ultimo escripto da série com que, na phrase lapidar do Dr. Barreto Campello, tentei "um successo facil de imprensa:"

A citação do abbade Duchesne é tambem de Bossi? Encontra-se, por ventura, só em Bossi a fala do papa Pio II aos prelados, em que lhes aconselhava mais prudencia na vida de dissolução que levavam? E a carta circular da venda de

indulgencias e o balanço financeiro das riquezas do clero, registado pelos autores francezes, Alfred Rambaud e Yves Guyot, e a immoralissima escripturação commercial da agencia de titulos nobiliarchicos, dirigida pelo ineffavel Montagnini, e aquelle telegramma de pesames do cardeal Merry del Val, secretario de Pio X, aos judeus Rothschild, tudo isso terá sido Emilio Bossi que andára afanosamente colhendo para amparar-me, magnanimo e fraternal, nesta saneadora campanha em prol da verdade?

E' o que espero venha provar o meu velho camarada, Dr. Barreto Campello, sob pena de passar por leviano ou de estar atacado de delirio de perseguição, vendo a carantinha diabolica de Bossi a cada canto, só digerindo Bossi, só respirando Bossi, dormindo, sonhando e acordando com Bossi.

XII *Idem*

A minha resposta ao Dr. Barreto Campello dispensar-me-ia de voltar a um assumpto já amplamente discutido e de modo irrefutavel. Contra a minha expectativa, é uma replica que destróe a illogica e frouxa argumentação com que pretende fazer crer que não passo de simples copiador de Emilio Bossi. Não distingue o Dr. Barreto Campello, o que é lastimavel, uma copia, uma adaptação, um resumo do que seja redacção litteraria de dois ou mais autores que se reportem a factos identicos, que relatem os mesmos acontecimentos, que expressem as mesmas opiniões. Com uma ingenuidade infantil, elle jura que ali ha de por força haver plagios, escamoteações; que um terá indignamente se apropriado do trabalho

e do pensamento do outro. E' um modo originalissimo de fazer critica, que conduz á negação do que é característico a toda obra scientifica ou historica, isto é, ser o fructo de uma cooperação, de um esforço collectivo visando o mesmo fim — a descoberta ou o restabelecimento da verdade.

Desconheço o Dr. Barreto Campello que no campo da sciencia já se tem dado a circumstancia de investigadores, trabalhando isoladamente, chegarem a resultados identicos ou analogos; e si isto é um facto que ali se repete, quanto mais em estudos historicos que não se podem afastar da documentação, que têm de registar factos positivos, em que não se tem o direito de inventar, de phantasiar, mas, ao contrario, deve-se depurar a realidade de tudo que pareça ficção ou lenda!

Mas assim não o entende o collega; ninguém para elle é original si, por ventura, citar um texto que outro já tenha citado; si aborda uma questão que fôra antes discutida. Um Mommsen, um Ernesto Lavisse, segundo criterio tão pueril, não passam de meros registadores de acontecimentos já compendiados em qualquer livrinho de historia. A conclusão, a tirar de tão alto poder de visão critica é que, antes de Bossi existir, muitos factos não eram sequer adivinhados, nem tão pouco objecto de eruditas dissertações.

Apreciamos de mais perto o tenue poder analytico com que o Dr. Barreto Campello, com uma severidade pouco christã, ameaça fulminar-me ou, como elle diz pretenciosamente, embargar-me o passo forçando-me a cuidar de coisas mais serias, como si a religião entrasse no ról das coisas futeis...

No trecho, o primeiro que elle reproduz, de um dos meus escriptos, *trecho apenas de onze linhas*, em que digo o que

tem sido a liberdade, a igualdade e a fraternidade annunciadas pela Igreja, descobre que resumi *seis capitulos* de Bossi! Só lhe posso agradecer o attribuir-me uma faculdade de synthese verdadeiramente prodigiosa!

Em outra passagem dos meus escriptos em que me refiro á destruição dos templos e das estatuas pagãs, e ás perseguições que a Igreja moveu com extremado zelo christão aos herejes, aos crentes dos velhos cultos, aos ultimos representantes da philosophia grega, apenas enxergou o dedo satânico de Bossi, o que cada vez mais me convence de que o Dr. Barreto Campello, a não serem livros de devoção ou historias de santos, só conhece o excammungado livrinho.

Já lhe indiquei mais de uma fonte onde poderá colher dados mais minuciosos sobre os *piedosos crimes* praticados pela intolerancia sectaria de imperadores catholicos, de graves concilios, de sacerdotes energumenos e ferozes que, contra as leis da natureza, tentaram pela violencia, a ferro e a fogo, subjugar ou supprimir as consciencias insubmissas ao dogmatismo chirstão.

Sobre o hediondo assassinato de Hypathia, victima do *espírito libertario do catholicismo*, reproduz o Dr. Barreto Campello o que escrevi e o que escreveu Emilio Bossi, procurando mostrar, dentro da sua ineffavel orientação critica, que si não fosse o *meu guia*, eu não teria dado curso ao que elle chama *uma calunnia*.

Comparemos os dois periodos e vejamos si é possível admittir entre elles uma correlação litteraria, de modo que transpareça me tenha eu deixado influenciar pela leitura de um livro que o Dr. Barreto Campello parece já conhecer de cór e salteado. Porque, quanto ao facto historico, a que esses

periodos se referem, seria até idiotice exigir que ressaltasse elle com aspectos differentes.

Escrevi eu: "E como evocação desse poder tyrannico que deveria, seculos depois, estender-se pela terra afóra, ergue-se, tragica, a voz de S. Cyrillo, concitando as turbas inconscientes a despedaçarem, nas ruas de Alexandria, uma indefesa mulher, Hypathia, que commentava Platão e Aristoteles, para que de vez se apagassem os ultimos lampejos do pensamento grego."

Agora o Emilio Bossi:

"Na quaresma do anno 415, quando Aspasia (?) a celebre philosopha da escola neoplatonica, filha do mathematico Theon de Alexandria, passava no seu coche, uma turba de doidos furiosos, instigados por S. Cyrillo, bispo de Alexandria e guiados por um tal Pedro, leitor na sua Igreja, levou-a violentamente até a Igreja suprema, onde a pedradas a lapidou, sendo o seu corpo arrastado pela rua e despedaçado."

Mas si ha apenas uma identidade entre os dois periodos, acima transcriptos, identidade de fundo historico onde, então, perguntará colerico, o Dr. Barreto Campello, se encontra mais *a calumnia*? Vou dizer-lhe; leia Draper: — "Este (São Cyrillo) recommendara-se aos suffragios dos alexandrinos por suas qualidades de orador... Todavia, o seu poder sobre aquelle povo inconstante fôra muito abalado por Hypathia, filha de Theon, o mathematico, a qual se distinguiu, não só pela sua exposição da doutrina de Aristoteles e de Platão, mas tambem por seus commentarios sobre Apollonio e outros geometras. Hypathia e S. Cyrillo! A philosophia e o tartufismo! Na occasião em que Hypathia se dirigia á sua Academia, foi assaltada pela população que Cyrillo excitara, no

meio da qual havia grande numero de frades. Despojada de suas vestes, foi arrastada até a Igreja e ali assassinada pelos companheiros de Pedro, o Leitor. O seu corpo foi despedaçado, a carne arrancada dos ossos, os restos lançados ao fogo.” (1)

E mais André Lefèvre: “Para os fins do século 4.º, a escola de Alexandria tomou o nome de escola de Athenas. E’ preciso lembrar aqui uma celebre mulher, Hypathia, tocante victima do fanatismo christão. Filha do mathematico Theon de Alexandria, discipula de Plutarcho de Athenas, inspiradora do poeta, — bispo Synesio, bella, casta, eloquente no meio das seitas judias, pagãs, christãs, cujas dissensões sangrentas desolavam Alexandria, soube manter os direitos do pensamento e da sciencia livres... *O ciume de um bispo, Cyrillo, e a ferocidade de frades dementes desencadearam contra Hypathia o odio inepto das turbas cegas. Arrancada da sua cadeira, lapidada e despedaçada, aquella cujas lições excitavam de entusiasmo as almas nobres e os espiritos esclarecidos que ainda restavam, sellou com o seu sangue a victoria do christianismo.” (2)*

Ainda Salomon Reinach: “Sob o reinado de Theodosio, o fanatico Cyrillo, que a Igreja fez santo, atirou-se contra a douta Hypathia, filha do mathematico Theon, *a qual foi lapidada e despedaçada pela população nas ruas de Alexandria.” (3)*

Veja agora, meu caro amigo, que, por maior que seja o

(1) — Les conflicts de la science et de la religion, p. 40, 1893.

(2) — La philosophie, p. 212, 1879.

(3) — Orpheus, p. 377, 1909.

seu desejo de revelar-se um profundo e sagaz esmiuçador de coisas historicas, de textos, de citações falsas ou verdadeiras, está-me parecendo que, fóra da literatura canonica, você só conhece Bossi e... nada mais.

As citações de Gregorio VII e de Bonifacio VIII estão no Bossi, continua no mesmo diapasão o Dr. Barreto Campello.

Para se ver quanto andou com má fé tão sincero catholico, compare-se o que reproduz Emilio Bossi, á pagina 42, do seu livro, que foi escripto em italiano e nos é conhecido através de uma edição portugueza, e o que vem em J. S. Morin, isto é, o trecho que traduzi e que peço venia para reproduzir em francez:

“Le pontifice romain est le seul qui puisse être appelé universel. A lui seul il appartient, suivant les necessités du temps, de faire de nouvelles lois. Il est le seul qui puisse se servir des insignes imperiaux. Il est le seul dont tous les princes doivent baiser les pieds.” (1)

A redacção do trecho de Bossi é inteiramente differente, como vou provar: “Gregorio VII proclama que o papa pode dar e tirar, a quem quizer, os imperios, os reinos e a posse de todas as honras. O papa pode depôr os imperadores, desobrigar os subditos do juramento de fidelidade. Deus não exceptuou ninguem, não subtrahiu nada ao poder do papa, antes o nomeou principe de todos os reinos.”

Nas mesmas condições está a de Bonifacio VII citada

(1) — Ob. cit. pgs. 3 e 4.

por Bossi; basta que se compare com a citada por mim, para se verificar a differença. Deixo, porém, de reproduzil-as, para não estar cansando a paciencia do leitor, e mesmo porque isto é tão comesinho que nem vale a pena insistir.

Tambem si não fosse Bossi, eu ignoraria que "todo o poder vem de Deus" e outras bobagens que qualquer menino de escola deve saber.

Quanto á citação de Bergier já a ella me referi no artigo anterior. Em todo caso direi mais alguma coisa.

A supressão de um pequeno trecho em nada altera a feição historica das barbaras encenações com que festivamente se revestiam os supplicios e a morte das desgraçadas victimas do Santo Officio. Negará o Dr. Barreto Campello que, no dia de um *auto da fé*, lá estivesse a figura sinistra do clero inquisidor, representada em sacerdotes catholicos, a falar em coisas santas, mas, com o fél do rancor na alma de scelerados?

Contestará que ao lugubre espectáculo toda a christianidade assistia, estourando de goso ao ver um corpo humano vivo, palpitante, a contorcer-se desesperadamente, a consumir-se lentamente nas chammas?

Bergier refere que *nossos dissertadores têm grande cuidado de pintar sob as cores mais negras os supplicios ordenados pela inquisição*. Elle fala em *nossos dissertadores*, com certeza gente de Egreja, os José del Olmo e outros que naturalmente, como testemunhas de vista, retratavam com fidelidade aquellas torturas que, só em recordal-as, mettem medo.

Quanto á phrase — *on pretend* — que eu tenha supprimido para attribuir a Bergier uma impressão que *é realmente*

delle, leia-se o seguinte que transcrevo da pagina 1438, vol. 2.º do seu *Dictionaire de Theologie*:

"*On pretend* que pendant quatorze années il (Torquemada) fit le procès a plus de quatre-vingt mille: c'est evidemment une exageration." Agora segue-se a citação que eu fiz: "*Voici quelle est la forme de ces procedures*. On ne se confront points les accusés, " etc. etc.

Tudo isso mostra quanto foi leviano o meu antagonista dando por modelo dos meus assertos um livro que, nem sequer, me occorrera antes o cuidado de consultar.

Emfim, o que devemos fazer é deixar de parte a futilissima preocupação de andar catando citações em Bossi, as quaes se encontram em tantos outros, para cuidar exclusivamente dos factos, do que realmente constitue o ponto de apoio da verdade historica.

Perseguiu ou não a Igreja os pagãos, os herejes, os livres pensadores?

Creou ou não a Igreja o mais odioso de todos os tribunaes, o tribunal do Santo Officio? Era este tribunal uma instituição humanitaria, animada pelo espirito de piedade e mansuetude?

E' ou não a Igreja uma poderosa organização economica? Ou vive pauperrima, na pobreza voluntaria do seu pretense fundador?

Existe ou não uma aristocracia clerical? Os altos dignatarios da Igreja calçam as mesmas alpercatas rusticas, vestem as mesmas tunicas plebéas dos primeiros apostolos?

Possuiu ou não a Igreja escravos e servos da gleba? Collocou-se, desinteressadamente, ao lado do operariado, para amparal-o nas suas justas reivindicações?

Eis o que se deve discutir e provar; é o que o publico está a exigir de nós. Não essa lenga-lenga monotona, esteril, ridicula, em torno de um livro que apenas regista o que ha de mais corriqueiro, o que se lê em compendios escolares e já entrou no patrimonio commum da historia.

XIII A Igreja tem ou não

contestavel, parte nas perseguições!

Parece que o Dr. Barreto Campello está, afinal, resolvido a seguir, nesta polemica, o rumo que nos convém a ambos: esmerilhar factos, discutir principios, oppôr argumentos a argumentos, doutrinas a doutrinas, de modo que a verdade realce diaphana, com a limpidez transparente dum crystal, ou "segundo as leis da critica historica", como pontifica elle num gesto doutoral de Aristarcho dogmatico.

Não ha duvida que, na sua ultima investida, mudou de tactica, norteado, parece, por processos que se coadunam melhor á gravidade canonica de um theologo.

Apenas, o que se occulta por detraz dessa sisudez de argumentação, do tom cathedralesco com que defende a Igreja da accusação de ter sido sempre feroz com os pagãos, os herejes, os livres pensadores, é uma refinadissima astucia jesuitica, uma logica capciosa, flexivel, sorrateira, sempre habil em mystificar, torcer, deturpar a exacta expressão de um facto, de uma lei scientifica, de um raciocinio philosophico, quando em desaccordo com os dogmas ou si, por ventura, o que ella reputa um caso gravissimo, contiverem um ataque, uma critica, um desmentido, mesmo uma simples allusão aos interesses materiaes da religião catholica.

Porque, si ha uma coisa que, mais do que a pureza da fé, o clero procura conservar, é a sua numerosissima clientela de devotos, que lhe proporciona o viver folgado e parasitario, que mui christãmente desfructa.

Para o devotissimo collega, a Egreja nada tem que ver com a guerra atroz, que, desde os primeiros seculos do seu triumpho na historia dos povos, se desencadeou contra todas as manifestações da liberdade humana — contra a liberdade de culto, contra a liberdade intellectual e moral, contra a liberdade politica; que, ao contrario, ella resultara da organização social da época, era “uma consequencia das idéas dominantes.”

Tambem não contesto este ponto, isto é, que fosse o ambiente que envolvia o espirito do tempo; mas o que não diz o Dr. Barreto Campello é que *idéas dominantes* eram aquellas, quaes os principios em que se pretendia apoiar a nova ordem social, quaes os dogmas que constituiam o alicerce da *unidade religiosa* que elle julga necessaria á estabilidade do poder publico; em virtude de que preceitos theologicos, de que moral se demoliam os templos e as obras de arte, e se matava e se exilava e se suppliciava quem quer que se não submettesse á orthodoxia catholica. O que não esclarece é em nome de que divindade, de que messias, as *santas cruzadas* massacravam populações indefesas e, ao som plangente de canticos religiosos, assaltavam e saqueavam cidades e aldeias, de cujas ruinas devia erguer-se, em vez de uma cruz, emblema de uma paz ficticia e de um amor não menos illusorio, o pelourinho symbolico da crueldade sectaria.

Aquellas *idéas dominantes* passavam por *idéas christianissimas*; eram ensinamentos que a Egreja semeara; eram pre-

ceitos de uma justiça irracional, deshumana, absurda; eram concepções de um direito publico, de um rigemen politico a que se ajustava o seu plano de dominação absoluta das consciencias, sob o qual ella tentava crear, refundir, modelar a vida social e com esta uma nova civilização.

Aliás, talvez sem reflectir, vem em meu apoio, quando diz "que Constantino adoptando o Catholicismo, *fel-o religião do Estado, e em consequencia alterou a legislação ou as praticas do povo romano, as quaes passaram a deprimir o culto dos deuses. Mais tarde os seus successores estenderam essas medidas ás heresias que successivamente esgalham da verdadeira fé, as quaes não foram desde o inicio punidas porque, então, não existiam.*"

Si bem que se esforce em seguida por contestar que "a religião catholica, *pelos seus legitimos representantes ou mesmo pelo conselho isolado de qualquer de seus membros,*" tivesse impellido os imperadores catholicos a agirem violentamente contra os que não adoptavam as crenças christãs, o que é certo, o que é irretorquível, é que jamais lançariam mão de tal processo sem pleno assentimento do clero, sem a sua approvação expressa ou tacita.

Si houvesse desaccordo entre o modo de agir desses imperadores e o modo de pensar da Egreja, esta o teria manifestado em concilios, em encyclicas, pelos theologos; mas apesar de se dizer depositaria de uma crença de bondade, de misericordia e de perdão, ella jamais anathematizou aquelles potentados transformados em instrumentos do fanatismo religioso. Ao contrario, pela voz dos seus apologistas e dos seus historiadores, sempre teve para elles palavras de maternal ternura e de ardente enthusiasmo.

Já insistimos mais de uma vez sobre o espirito imperia-
lista dos pontífices romanos, os quaes se julgavam detentores
de todos os poderes da terra. No seculo 4.º, justamente quando
o Catholicismo começara a attingir o mais alto grau de pres-
tigio, escrevia o papa Gelasio ao imperador Anastacio: "O
mundo é governado pela autoridade pontifical e pelo poder
real; o poder sacerdotal é mais pesado para conduzir-se, por-
que deve prestar conta a Deus da alma dos reis. Estás acima
de todos por tua dignidade; *todavia tu te inclinas devota-
mente deante dos chefes da ordem divina*, ou obtens delles
as graças da salvação e comprehendes que, por meio dos sa-
cramentos e segundo a posição que occupa a religião, debes
submitter-te aos papas, bem longe de quereses ser superior a
elles; em igual materia debes submitter-te ao juizo delles, em
vez de reduzil-os á tua vontade." (1)

Esta epistola do papa Gelasio demonstra que os Constan-
tinos, os Constancios, os Theodosios e outros, que se valiam
da força para esmagar os *inimigos da fé christã*, eram apenas
para a Igreja servos submissos, executores fieis da vontade
e das decisões dos "legitimos representantes do Catholicismo."

Não menos significativa fôra a submissão de Constantino
ao clero catholico quando, falando aos padres, dizia: "*Vós
sois deuses* constituidos pelo verdadeiro Deus; ide e discuti
vossos canones entre vós, porque não é conveniente que jul-
guemos deuses."

Si ficasse somente nisto, em discutir canones, nada mais
natural; mas o poder episcopal, o pontifical e o dos concilios
cada dia se estendiam empolgando todo o campo da actividade

(1) — Cit. de C. Cantu, *Heretiques d'Italie*, p. 29.

social e politica, abrangendo, além dos assumptos puramente theologicos, questões de justiça civil, de impostos, de serviços publicos, tudo enfim. Era a obra de absorção do Estado pela Igreja, que proseguia e apressava o advento de um governo theocratico de que só pode haver exemplo entre os povos subjuggados pelo despotismo militar. Não era, realmente, a doutrina catholica discutida, deliberada, definida através da palavra dos bispos, dos concilios provinciaes e ecumenicos, das bulas pontificiaes e dos canonistas officializados pela Igreja? Não eram elles que indicavam ao braço secular, a serviço do clero, a *má doutrina* que devia ser extirpada, para que se implantasse no mundo uma unidade religiosa, que, a despeito de tudo, jamais existiu?

Pode o collega sustentar com bôa fé que na campanha de exterminio das seitas que se constituíam em desaccordo com a Igreja, não figurassem os *legitimos representantes* do catholicismo?

Vamos aos factos.

XIV Deus

Quando os imperadores catholicos ordenavam a destruição dos templos e das estatuas dos deuses, de parceria com a policia imperial lá estavam *membros do clero* a incitar os *iconoclastas* a não deixarem pedra sobre pedra. (1)

A. Rambaud, um historiador de autoridade incontestavel, assim se refere ao *espirito de liberdade* da Igreja triumphante:

“De proscripta, a religião christã tornou-se em breve religião official. Por sua vez proscreeu os deuses e os ritos romanos. Em Roma o imperador Graciano fazia retirar do

(1) — Lela-se Draper, *Les conflicts de la science et de la religion*, particularmente o cap. II; S. Reinach, *Orpheus*, cap. IX; Alzog, *Histoire Universelle de l'Eglise*, vol. I, p. 343).

Senado a estatua da Victoria e renunciava ao titulo de soberano pontifice. O christão Firmicus aconselhava os imperadores a destruirem os templos e os altares dos deuses..., pois, dizia elle, depois da ruina dos templos, seriam elles mais agradaveis a Deus. Isto, continua o historiador, não ficou só em palavras. Por toda a parte o martelo abateu-se sobre os templos e as estatuas, e o machado sobre as arvores sagradas. Em 360, S. Martinho, antigo soldado, mais tarde *bispo de Tours, dirigia energicamente essas empresas*. Sob os seus golpes, numerosos monumentos pereceram no Poitou, na Touraine, na Borgonha. Em 400, Santo Exupère derrubava nos arredores de Bayeux o idolo de Belen, collocado sobre o monte Phenus. Em Autun, S. Sulpicio punha termo ao culto de Cybelé. (1)

E ao exterminio dos donatistas não está ligado o nome do maior theologo do seu tempo, de S. Agostinho, bispo de Hyppona, "cuja autoridade fôra secundada por *severissimos editos imperiaes*?" (2)

E a guerra ao arianismo, foi obra exclusivva dos cesares? Não nasceu ella do seio de um concilio e não se fez sobre o patrocínio *christianissimo* da Egreja? Não foram dois prelados que denunciaram ao imperador Maximo o bispo Prisciliano como adepto do manicheismo? Não foi elle condemnado á morte com seus companheiros, por um concilio reunido em Bordeaux? Si é verdade que contra esta condemnação protestaram Sto. Ambrosio e S. Martinho, tambem é certo que foi ella mais tarde justificada pelo papa Leão I, que não satis-

(1) — *Histoire de la civilisation française*, vol. I, p.

(2) — S. Reinach, *ob. cit.* p. 378.

feito com tão monstruoso crime, ainda affirmou ser um attentado ás leis divinas e humanas deixar a vida aos suppostos de uma heresia condemnavel. (1)

Além dos pagãos e dos dissidentes em materia religiosa, tambem foram perseguidos os philosophos pelos imperadores catholicos, sob a instigação dos seraphicos defensores da piedade e humildade christãs Eis o que nos conta Pompeyo Gener em seu livro *La Mort et le Diable*, obra profundissima de critica e de historia religiosa:

“O nome de philosopho bastava para dar logar ás perseguições. Aquelles que os frequentavam eram por este facto atormentados, e as pessoas sobresaltadas queimavam os livros porque o livro mesmo era um instrumento proprio a fornecer a base de um processo. Alguns renunciaram a trazer mantos com receio de serem tomados por pagãos.”

Esse rancor á philosophia e á sciencia mui significativamente manifestado com a destruição da famosa bibliotheca de Alexandria, inocularam-no, aliás, nos animos fanatizados pela Igreja, santissimos e austerissimos doutores que pelo olho mystico de Tertuliano lobrigavam os philosophos “no inferno a arderem com seus discipulos em uma fornalha incandescente” e percebiam “o mal no pensamento e o bem na submissão absoluta, cega, para com as autoridades ecclesiasticas.”

Para não estar a insistir sobre factos tão positivos, limitar-me-ei a uma documentação que por si só é sufficiente para convencer o Dr. Barreto Campello de que a Igreja, por seus legitimis representantes, pelos seus membros, intervinha directamente na obra de aniquilamento de tudo que lhe pu-

(1) — A. Rambaud, ob. cit. vol. I, pag. 65; Orpheus, p. 385.

desse estorvar o passo na fundação de um governo rigorosamente theocratico.

E' o que escreve Alzog, em sua *Histoire Universelle de l'Eglise*, obra approvada pela Santa Sé, tanto que declara no prefacio o conego Gosghler "ter-se tornado *classica* nos seminarios de França:"

"Assim, por toda a parte e muitas vezes esqueceu-se a palavra de São Chrysostomo: *"Não é pelo constrangimento e pela violencia que os christãos devem destruir o erro; é pela persuasão, a instrucção, a caridade que elles devem salvar os homens."* Em Alexandria, continua o historiador ecclesiastico, demoliu-se de *fond en comble*, após um levante tumultuoso dos pagãos, o Serapeum, um dos maiores santuarios pagãos da época; o ardoroso bispo de Alexandria, *Theophilo*, elle mesmo, tomou parte neste acto de violencia."

Estou de pleno accordo com o collega em que tudo aquillo se explica pelas idéas dominantes naquelles tempos. Quer isto dizer que hoje a Igreja já não pensa como pensavam os seus pontifices, já não julga como julgavam os seus concilios, já não sente como sentiam os seus veneraveis canonistas, que viam no pagão, no hereje, no philosopho seres que deviam ser exterminados, suppliciados, torrados sem piedade? Ainda pensa como pensaram elles, mas os tempos são outros... De qualquer modo, o raciocinio do Dr. Barreto Campello trahe um fundo heretico que em outra época lhe teria custado horas amargas: é que a Igreja é uma instituição que varia com os tempos, que se adapta ás condições do meio, phenomeno mui natural que, segundo as leis da critica historica, invocada doutoralmente pelo meu illustre collega, re-

flecte apenas o principio evolucionista de conservação da existencia, principio que rege as cousas humanas e divinas...

XV

A Inquisição - determinismo histórico?

Como logicamente se induz das proprias palavras do Dr. Barreto Campello, palavras que envolvem um fundo de heresia extranhavel em devoto tão orthodoxo, o catholicismo, para não perecer na luta com outras seitas que lhe disputavam o governo politico--religioso do mundo, teve de amoldar-se a um ambiente profano, a um regimen despotico que em nada se assemelha aos principios de liberdade, de igualdade e de fraternidade que os seus apologistas andam a apregoar que elle viesse trazer aos povos. Em vez de uma Igreja de origem divina, immutavel, infallivel nos seus ensinamentos, misericordiosa e humilde no seu apostolado, destaca-se qual realmente é, uma instituição como as demais, subordinada ás leis da evolução, identificada com costumes barbaros, accomodando a sua pretensa missão de *reformadora da sociedade* ás conveniencias de momento, esquecendo o ideal messianico de perfectibilidade humana pelo abandono de todos os bens terrenos, pela bondade, pelo amor, por um realismo crú, egoistico, deshumano, sanguinario, com o qual tentou forçar as nações á acceitação de uma crença que fôra ella a primeira a torcer, a deturpar, a deprimir, a aviltar.

Mas a natureza, com as suas leis irrevogaveis, vingou-se de tão estúpida tentativa: pois, para poder viver e triumphar, além dos processos mais selvagens de que lançou mão e que desvirtuavam a doutrina de que hypocritamente se dizia por-

tadora, a Igreja foi impellida a paganizar-se, a copiar o ritualismo, as praticas feiticistas, o espirito polytheista dos velhos cultos pagãos que tão encarniçadamente combatera.

E seguiu o seu destino pelos tempos afóra, imperialista com os cesares, feudalista com os suzeranos, monarchista com os reis, republicana nos nossos dias, em que ella apparenta um liberalismo postigo, por não poder mais accender as fogueiras inquisitoriaes.

Mas, prosigamos na analyse da defesa que o meu illustre collega faz da Igreja quando se refere á instituição do Santo Officio.

E' com o mesmo criterio determinista, francamente heretico para um catholico da sua tempera, que elle arranja uma argumentação que agrava ainda mais a responsabilidade do catholicismo pelos crimes hediondos perpetrados contra a liberdade de consciencia.

Diz o Dr. Barreto Campello:

"A inquisição não foi, pois, a *obra prima* da Igreja, mas sim a resultante das circumstancias de *um terrivel momento historico*, a par das idéas dominantes na multidão e das proprias concepções do direito publico contemporaneo."

Não ha explicação mais capciosa, mais jesuitica; porque quem vê no Santo Officio a *obra prima da Igreja*, não é um atheu, um livre pensador, mas uma respeitabilissima autoridade ecclesiastica, o abbade Morel, cujo nome o meu velho camarada cavilosamente supprimiu. A este sincerissimo ministro do Senhor, a Inquisição, que elle chamava "o tribunal de Deus," infundia tanto entusiasmo, tanto respeito, que não implorava o seu restabelecimento por julgar "*o nosso seculo*

não só indigno mas incapaz" de tão divina e magnanima instituição. (1)

Mas, onde estão as bullas dos pontifices, as pastoraes dos bispos, os actos canonicos, as massudas dissertações doutoraes, a historia ecclesiastica, enfim, que o Dr. Barreto Campello deixou de invocar, atirando tudo isso a um canto, por uma irreverencia incomprehensivel em um piedosissimo catholico pelas tradições da propria Igreja que defende? Será que elle veja na acção do clero, ao instituir aquelle tribunal, (ainda de accordo com seu criterio relativista e heretico) uma cega exigencia do determinismo historico, um movimento automatico, executor das leis universaes a que se dobram até os dictames de uma vontade sobrenatural e infallivel?...

Tal interpretação é muito dura de roer pelo espirito orthodoxo que pretende projectar fóra e acima do determinismo universal o poder de acção, de intelligencia e de sagacidade do padre.

A verdade insophismavel, que resalta a quem honestamente quizer apoiar a sua apologetica nas *leis da critica historica*, é a que se desentranha da farta documentação archivada por chronistas profanos e legitimos representantes da litteratura clerical. Fornecem elles riquissimo material que poderá consultar com proveito quem ainda crê ingenuamente que a Santa Madre Egreja sempre foi a mais terna das mães, possiveis e imaginaveis.

Antes de constituir-se regularmente o tyrannissimo tribunal do Santo Officio, os prelados catholicos, os chefes ecclesiasticos, as ordens monasticas, os oradores sacros não

(1) — Cf. A. S. Morin — *L'esprit de l'Eglise*, p. 113.

cessaram, durante seculos, de infundir e radicar na alma das multidões fanaticas e ignorantes e dos seus dominadores, o odio e o horror ao hereje. Foi um trabalho lento, pertinaz, continuo, para o qual concorrera poderosamente o temor de Satan, explorado talvez com muito mais proveito para a Igreja, do que a morte lendaria do Christo.

Desde os primeiros dias em que se accentuou o prestigio politico do catholicismo até o seculo XIII, quando os papas imprimiram ao Santo Officio uma jurisdicção regular, uniforme, de efficiencia mais prompta na defesa da fé, a heresia passou a ser o maior crime que se poderia commetter contra a ordem social, que, então, o clero confundia com os seus proprios interesses e ambições. Até S. Thomaz de Aquino, o *doctor angelicus*, não hesitou em dizer que os herejes não só mereciam a excommunhão, mas deviam ser eliminados do mundo pela pena de morte. (1)

O papa Lucius III foi buscar no Evangelho de São João o castigo que conviesse, por excellencia, aos herejes; este castigo devia ser o supplicio pelo fogo. Como aquelle, se manifestavam os mais *virtuosos* canonistas, os mais *santos* personagens que figuram no calendario agiographico, alguns dos quaes receberam a palma de santidade pelo zelo apostolico com que açulavam contra os herejes a ferocidade das turbas e de governos fidelissimos á Santa Sé. Para não estar insistindo com citações, pois as que já fiz documentam de modo irrefutavel o que antes escrevi sobre a Inquisição, limitar-me-ei a transcrever os principaes topicos de uma synthese historica da

(1) — Cf. Summa, secunda secundo quest, XI, art. 8; cft. de Morin, p. 93.

fundação do Santo Officio pela Egreja, a qual se lê no tomo 29, letra S, da *Grande Encyclopedie*, obra monumental pelo valor da collaboração de vultos eminentes na sciencia, nas letras e nas artes. Trata-se, pois, de um trabalho de responsabilidade scientifica, vasado em uma bibliographia do que de mais completo ha no assumpto.

Vai ver o Dr. Barreto Campello que a Inquisição é obra genuinamente clerical; ella não só reflecte o espirito do tempo, pacientemente preparado pela Egreja, para recebê-la, mas contém uma jurisdicção, uma processualistica, um systema penal prefixados pelas autoridades ecclesiasticas.

Verá também o illustre collega que a Inquisição só attingiu o mais alto grau de intolerancia e crueldade quando a repressão da heresia passou dos bispados a centralizar-se nas mãos sacrosantas dos pontifices. Foi realmente quando ella se tornou a *obra prima* da perversidade humana. Ouçamos o que diz a *Grande Encyclopedie*:

“Estabeleceram-se o uso de que os herejes, reconhecidos como taes pela autoridade competente, fossem, si persistissem em seus erros, “entregues ao braço secular.” Segundo os canones, as pessoas da Egreja não podiam por si pronunciar nenhuma sentença de morte. (*Ecclesia abhorret sanguine*); mas estava entendido que a autoridade laica não tinha o direito de recusar-se, sob pena de commetter um crime tão grave quanto a heresia, a punir condignamente as pessoas que a Egreja lhe entregava. Por outro lado, o uso se introduzira, de que o braço secular fizesse perecer os herejes pelo fogo...”

Antes, a Inquisição era jurisdicionada pelos bispos, mas estes, preocupados com negocios extranhos ao mister episcopal, pouco se lhes dava que as ovelhas se desgarrassem ou

não do rebanho ou que os *impíos* procurassem arrebatá-las do aprisco.

Essa negligencia desagradou a côrte de Roma, pelo que, conta o escriptor da *Encyclopedie*, o pontifice Innocencio III tratou de substituir a inquisição episcopal por um tribunal regular que unificasse o seu processo e dêsse mais efficiencia ao combate aos herejes.

“Os delegados de Innocencio, os dos seus antecessores e dos seus successores immediatos, frequentemente estimularam a perseguição que fraquejava... Gregorio IX confiou, pois, mandatos de inquisição a dominicanos; foram estes os primeiros que tomaram o titulo de inquisidores, conferido pela autoridade apostolica, prendendo-se esta preferencia, então aos membros daquella ordem, por terem sido, como se expressa Lea,” os instrumentos mais promptamente disponiveis na caça dos herejes.”

“A famosa bulla *Ad extirpanda* de Innocencio IV, (15 de maio de 1252) contém um *systema completo de organização inquisitorial*; ella “estabelece a perseguição systematica da heresia como um elemento essencial do edificio social em cada estado e em cada cidade.” O magistrado temporal, ao entrar em funções, devia designar segundo as indicações dos bispos e de dois frades de cada uma das Ordens Mendicantes, doze pessoas, assistidas de notarios e de *familiares* pagos pelo Thesouro publico, apontadas por seis mezes e reelegiveis, cujo papel consistiria em descobrir os herejes, em entregal-os e confiscar os seus bens. “Quando os inquisidores visitavam uma parte do territorio submettido á sua jurisdicção, deviam ser acompanhados de um delegado do soberano, cujo officio era constranger, sob juramento, os habitantes de cada aldeia

aonde a commissão se transportava, a denunciarem os herejes e a assignalarem seus bens. *O Estado era obrigado a deter todos os suspeitos, a guardal-os em prisão, a remettel-os de baixo de bôa escolta ao bispo ou á inquisição.*

“Além disto, exigia-se do poder secular que elle em toda requisição *fizesse infligir a tortura áquelles que se recusassem a denunciar os herejes de seu conhecimento...*”

Esta bulla devia ser transcripta á perpetuidade em todos os estatutos locaes. Foi reeditada por Alexandre IV e por Clemente IV (com algumas variantes) e permaneceu inserta nos estatutos municipaes de Florença até o meado do seculo quatorze. “Originariamente, relata o escriptor da *Encyclopedie*, parece que os inquisidores tinham feito proceder á tortura, como á execução dos obstinados, pelo braço secular; mas era uma complicação incommoda. Alexandre IV autorizou, em 1256, os inquisidores e seus auxiliares a se concederem mutuamente dispensas para as “irregularidades.” Desde então, o inquisidor e seus familiares acobertados pela dispensa concedida por um collega, procederam directamente ás operações da tortura, mas nada revelando nos processos verbaes. O abuso foi tal que, desde o fim do seculo XIII, o governo de Philippe, o Bello, protestou contra o novo methodo (que elle mesmo empregou tão copiosamente, mais tarde) e Clemente V preparou um projecto segundo o qual a tortura só seria administrada com o consentimento do bispo.”

Depois disso, ainda continuará o Dr. Barreto Campello a dizer que o Santo Officio não foi instituido pela Egreja, que si existiu, foi como um grande propulsor da liberdade de pensamento e do progresso scientifico; que, sem as suas sentenças tyrannicas, o mundo não teria marchado? Não exagêro.

pois elle teve coragem de exclamar, n'um arrebatamento de ferocidade mystica:

"Ai da humanidade, si naquella época ficassem apagadas as fogueiras da Inquisição!"

Creia piamente o leitor que, quando li isto, senti roçar-me um sopro atavico da alma sinistra de Torquemada; e pensei que talvez, por complicados processos hereditarios, viesse ella tremeluzir, seculos após, no craneo devoto do meu velho amigo.

Veremos no capitulo seguinte quaes eram os excellentes processos inquisitoriaes, as penas benignas applicadas ás victimas da intolerancia clerical, e qual fôra o momento historico que déra á luz o monstruoso tribunal que, pelo gosto de muitos e mui piedosos catholicos deveria ser restaurado, sobretudo nos nossos dias em que, de mãos dadas com a sciencia, ri, a heresia, jovial e triumphante, da rabujice orthodoxa dos theologos.

XVI

A Inquisição marca a revolução na perseguição
 Já ficou mais do que patenteado por dados historicos que a Inquisição foi "a obra prima" da Igreja; que ella exercia a função politico-religiosa, essencialmente ecclesiastica, de defesa de interesses catholicos que, em uma época de obscurantismo, de estagnação mental, provenientes, aliás, da tyrannica e nefasta educação clerical, se confundiam, por uma lei de regressão sociologica, com os interesses vitaes da sociedade e do Estado. *ca?*

Vejamos agora como se sae o Dr. Barreto Campello na sua astuciosa apologetica, quando se refere ás vantagens que

para a civilização (devia dizer para o clero) teria acarretado o Santo Officio, esse *christianismo tribunal de Deus*.

Persistindo na sua argumentação, foge, entretanto, do terreno que deveria pisar, que era encarar aquella hedionda instituição no seu feitiço, por assim dizer, substancial, na sua natureza intrinseca e na sua finalidade historica.

O que desejo saber do fervoroso apologistista é si a Egreja combateu ou não a liberdade de consciencia. Si o Santo Officio foi ou não instituido para manter a integridade dos dogmas catholicos e impol-os pela violencia, pela tortura, pelo exilio, pelo calabouço, pela morte mais horrivel, áquelles que não se submettiam á autoridade ecclesiastica.

A isto responde com evasivas, afugentando-se em uma dissertação escolastica em torno da evolução do direito processual, que pouco nos adeanta quanto ao fim que temos em vista.

Diz elle que o processo inquisitorial marca um passo, uma innovação na historia da processualistica, um progresso, emfim, sobre o systema das *ordalias*, praticado pelos tribunaes civis, o que, de certo, justifica que nos recordemos com respeitosa sympathia, si não com nostalgica saudade, dos Torquemadas, dos Bernardos de Gui e de outros scelerados sem entranhas, que os catholicos mui devotamente glorificam entre os *bemfeitores* da humanidade.

Escreve elle que "os senhores feudaes arrastaram o processo á mais profunda abjecção. Alphabetos, supprimiram o processo escripto, supersticiosos *praticaram a prova da agua e do fogo*; endurecidos naquelle regimen de guerras continuas, *applicavam a tortura dos romanos*," além do *combate judiciario* entre as partes," etc., etc.

“Debalde, continua elle, a *Egreja condemnou essas* absurdas provas, declarando que ellas presuppunham o milagre permanente.”

Vou demonstrar como o Dr. Barreto Campello está alheio á historia ecclesiastica, ou finge ignoral-a, o que é um caso grave para quem se proclama esmiuçador sincero e erudito de cousas historicas.

Então, a *Egreja* jamais praticou o systema das ordalias, nunca lançou mão daquelle systema de processualistica adoptado pelos barbaros, que ella *christianizou*, nas tentativas de decisão da responsabilidade criminal?

Chamemos á fala um velho jurista, J. D. Mayer, que, ha um seculo, escrevia em uma obra de vastas proporções sobre a historia do processo:

“O que pode parecer extraordinario é a parte que a *Egreja* tomou nesses *juizos de Deus* que ella propria, por consequencia, proscreeu. As leis anglo-saxonias (que elle cita em notas) as quaes tantas vezes se referem áquelles juizos, não os consideram senão como meios *consagrados pela autoridade ecclesiastica* para a descoberta da verdade: o concilio de Reims, cap. II, os sancionou nos proprios termos; no Glossario das leis inglezas de Wilkins, o vocabulo *ordalium*, que contem as mais preciosas informações sobre aquellas provas, dá ao mesmo tempo o ritual da *Egreja* para a consagração dos *juizos de Deus*.” (1)

O mesmo autor diz que si a *Egreja*, desde os primeiros tempos, se oppuzera á prova do combate judiciario, acabara

(1) — *Esprit, origine et progrès des institutions judiciaires*, V. I, p. 13.

por ceder á corrente, não só permittindo esse costume, mas dando mesmo o exemplo, o que se prova evidentemente com a decisão do ritual mosarabico. (1)

Mayer lembra de passagem um factó colhido do chronista Ughelli, (*Italia sacra*, tomo 5, em que se descreve um systema completo de ordalias) sobre a *prova da cruz*: tratava-se de uma disputa entre o bispo e o clero de Verona, de um lado, e, do outro, o corpo administrativo da cidade, sobre a obrigação de construir os muros da mesma. Combinou-se confiar a decisão ao juizo de Deus e do Espirito Santo. Dois jovens clerigos de costumes puros e de uma conducta exemplar foram escolhidos e collocados na Igreja de São João, deante da cruz, onde permaneceram desde o começo da missa. Aquelle que o bispo escolhera, guardou o seu posto até o fim da paixão, mas o que representava a cidade, caiu como morto, o que deu ganho de causa ao bispo e ao clero." (2)

Segundo o illustre critico catholico, o abbade Vacandard, o duello, as sortes, as provas do ferro em brasa, da agua a ferver e da agua fria, são "costumes barbaros que passaram por uma infiltração lenta e progressiva aos costumes dos fieis e até aos canones dos concilios. A Igreja, é verdade, não parece ter a principio experimentado repugnancia alguma em admittil-os."

Mais adiante diz elle que "o character sobrenatural das ordalias devia exercer sobre os espiritos, na idade media, um attractivo particular, e não é surprehendente que, depois de as terem adoptado, certas Igrejas hajam regulado o seu uso

(1) — Ob. cit. vol. I, p. 335.

(2) — Idem, p. 321 — 322.

ou mesmo tenham procurado christianizal-as de algum modo por meio de preces e de benções, cujas formulas nos conservaram os Rituaes e as *Ordines*.

“No seculo VIII, a questão das Ordalias se estabelece francamente nos synodos ecclesiasticos; *nesta época todos os canones sem excepção lhes são favoraveis*. Taes são os canones de Heristal, de Riesbach, de Dilgolfingen e de Neuching.

“Ainda mais, certas provas judicarias tiveram algumas vezes lugar em pleno concilio.” (1)

A Egreja, até na applicação dessas provas, dava um eloquente exemplo do seu principio de igualdade, que os seus apologistas vivem a apregoar: em um decreto do concilio de Tribur, citado pelo abbade Vacandard, os servos são, quando accusados de certos crimes, submettidos a provas mais crueis que os homens livres: entre ellas a da agua a ferver e a do ferro em brasa (*qui ingenus non est, ferventi aqua auto candenti ferro se expurget*). “Notar-se-á, conclue o abbade, a differença do tratamento applicado ao accusado, segundo é livre ou servo.”

“No seculo XI, conta-se, (ainda o abbade) uma serie de decisões interessantes não só na Allemanha como na Hespanha e na Italia, as quaes partiam de diversos synodos, sobre os *juizos de Deus*. O autor ecclesiastico evoca, entre outros factos,” a famosa luta entre Henrique IV e Gregorio VII, na qual o abbade de Monte Cassino e outros membros do clero tiveram de recorrer á prova da agua fria, por meio de uma criança, afim de saberem de que lado estava o direito.” (2)

(1) — *Etudes de critique et d'histoire religieuse*, pag. 181-195, — livro que traz o *Imprimatur* ecclesiastico.

(2) — *Ob. cit.*, p. 197.

“Uma disposição do concilio de Reims (1119), o qual fôra presidido pelo papa Calixto II, *encerra uma approvação formal dos juizos de Deus*. O synodo realizado na mesma cidade em 1157, impõe a prova de ferro em brasa a todo homem suspeito de pertencer á seita dos catharos.

O duello judiciario, que deveria, mais do que as outras provas, desaparecer, por se tornar muitas vezes inexequivel pelas condições de saude, de resistencia, de idade, sempre mui deseguaes, dos combatentes, é reconhecido pelo papa Innocencio II em um acto official que marca para com elle “*uma tolerancia positiva*.” Este acto, diz Vacandard, é a approvação dos estatutos municipaes de Benevente, nos quaes ainda prevalecem as *absurdas provas condemnadas pela Igreja*. (1)

Si o Dr. Barreto Campello não está satisfeito com as informações do seu correligionario, recorra á obra do Frederico Patteta, *Le ordalie*, obra de 500 paginas, com uma documentação copiosissima, em que o autor demonstra que os *juizos de Deus*, não só foram acceitos, como frequentemente postos em pratica pela Igreja. Para chegar a esta conciusão o eminente professor italiano teve de recorrer, como elle mesmo confessa, ás fontes e ás compilações do direito ecclesiastico, ao exame dos actos dos concilios, das cartas pontificaes e á doutrina dos escriptores. (2)

Deixando de parte as outras provas do *Juizo de Deus*, o duello, que passa por ter sido logo prohibido especialmente entre os membros do clero, era, segundo Patetta, “precedido de formalidades e de praticas religiosas,” entre ellas a missa

(1) — Ob. cit., p. 202 e 206.

(2) — Ver especialmente todo o cap. IX, da p. 322 a 412.

e a eucharistia, a fim de que mais facilmente se revelasse a razão divina.

Si as ordalias foram pouco a pouco desaparecendo dos costumes e das legislações, deve-se isto exclusivamente á evolução moral e intellectual dos homens, a novas formas de existencia social a que a Igreja, embora *inmutavel e de origem divina*, humanamente se amolda assim que percebe que disso pode tirar proveita ou quando vislumbra qualquer ameaça aos seus interesses economico-religiosos.

Si é certo que Agobardo, um arcebispo, e outros personagens da Igreja combateram o barbaro systema das ordalias, "só tres ou quatro seculos depois, accrescenta o abbade Vacandard, triumpharam as razões em que elles apoiavam o seu ataque."

O que se deprehe de tudo isso é que a Igreja, pagani- zada logo nos primeiros seculos, ainda se barbarizou com os povos anglo-saxonios; saturou-se do espirito bellicoso e rustico daquellas tribus de habitos primitivos, copiando-lhes os costumes e a ferocidade ancestral.

XVII

Idem

Como disse antes, o Dr. Barreto Campello, para tentar uma defesa do catholicismo, responsavel pelos crimes do Santo Officio, veiu com o argumento, aliás insustentavel, de que o processo inquisitorial foi uma innovação util á humanidade, um progresso na processualistica, sobre o systema barbaro das *ordalias*, igualmente praticado pela Igreja.

Para quem conhece um pouco de philosophia do direito a

argumentação do devotissimo collega envolve um equívoco, si não uma dessas subtilezas de logica jesuitica com que a apologetica clerical costuma inverter ou mystificar a verdade.

Assim, confunde elle o que, no processo, é puramente formalistico com o seu elemento substancial, intrinseco, isto é, com o systema de penalidade.

Pode um processo ser publico ou secreto, escripto ou não, sem que isto por si só determine a crueldade ou amenização de uma pena, ou impeça que se torne arbitrario ou imparcial.

No caso em questão, não será capaz o Dr. Barreto Campello de sustentar que o processo inquisitorial haja supprimido as torturas mais deshumanas que vigoravam no systema das *ordalias*. Não contestará que os inquisidores, para arrancarem uma confissão, uma denuncia, uma accusação, recorressem ás provas mais horriveis, a instrumentos de supplicio, que atestavam um requinte de perversidade que só os povos mais selvagens seriam capazes de imaginar na repressão de sacrilegas irreverencias aos seus tabús.

Ninguem sustentará que as penas impostas aos delinquentes, a começar pelo hereje que a estupidez da época fizera o mais temivel de todos os criminosos, se tivessem tornado mais humanitarias. Realmente deve ser mui piedoso arrancar ao paciente a lingua com uma torquez, desarticular-lhe ou quebrar-lhe os ossos, decepar-lhe os punhos, atiral-os em calabouços infectos e, por ultimo, queimal-o vivo!...

E' elementar principio de sociologia que a alteração morphologica de um instituto juridico, de um costume, de uma instituição qualquer, só representa um progresso, uma vantagem para a sociedade, quando corresponde realmente a uma

alteração de fundo dynamico, nos interesses, nas crenças, nos sentimentos, nas idéas que lhes servem de substrato psychosocial. Enquanto este substrato não se modifica, jámais poderá a vontade de um tyranno, de uma assembléa, de uma classe manter em equilibrio as relações sociaes por simples processos arbitrarios, qualquer que seja o alcance de ordem moral que tenham em vista. Mesmo que fosse admissivel um progresso no systema processualistico da Inquisição, vêm os factos demonstrar que o character dos homens não mudara; que a mentalidade do barbaro permanecera estratificada no mesmo lastro ancestral, com a aggravação, porém, de se ter tornado mais consciente, mais experimentada, mais requintada pelo despotismo espiritual da Egreja.

Si o processo inquisitorial correspondesse á finalidade de todo processo, que é pôr em movimento a machina do poder publico na descoberta da verdade juridica, seria elle uma garantia para o individuo e para a collectividade, não um instrumento de oppressão manejado pelo clero contra os que combatiam a sua politica de dominação dos povos. Tornando-se secreto, em vez de ser, como pensa o Dr. Barreto Campello, um passo avançado na evolução processualistica, foi o processo inquisitorial um recuo, como todas as instituições em que se fez sentir o poder absorvente da religião catholica. Ouçamos a respeito o sabio Mayer. Depois de ter estudado o processo publico, em que o direito se discutia e se julgava á luz meridiana, na presença dos accusados e das testemunhas, regimen este que a propria Egreja seguira a principio, e que tão radicado estava na legislação romana (de modo que uma sentença, não pronunciada em publico, se reputava nulla, não obrigando ninguem a conformar-se com ella) o eminente his-

toriador entra a criticar o processo secreto tendo em vista os seus maleficos effectos:

Qual é, pois, a origem do processo secreto, tal como se viu na Europa inteira, com excepção apenas da Inglaterra; tal como é usado ainda por varios paizes; tal, enfim, como alguns povos, bastante cegos o restauraram, depois de terem conhecido os seus inconvenientes e podido apreciar as vantagens da publicidade?

Mayer nol-o vai dizer: "foi o papa Bonifacio VIII que, *sob o pretexto do perigo* que podiam correr os accusados e as testemunhas, a cargo de um hereje poderoso, permittiu aos inquisitadores *procederem sem figura de processo* e sem publicar o nome das testemunhas ou dos accusadores, em caso grave."

"O perigo das testemunhas era apenas o pretexto de uma disposição tão extranha: em breve caiu a mascara e uma constituição do papa Innocencio IV declarou que a presumpção do perigo existia de direito, de sorte que o processo secreto se tornou geral em materia de heresia." (1)

O velho jurista refere-se depois ás consequencias mais graves que á causa do direito trouxe aquella manobra judiciaria, os vexames, as condemnações injustas, as arbitrariedades oriundas desse processo *inseparavel da tortura* que, como observa o erudito professor Filomusi Guelfi, tornou, com "o desaparecimento da publicidade da accusação penal um instrumento de partido, *de odio e de vingança*."

Outro escriptor que deve merecer confiança do zeloso apologista catholico, tanto que o tem citado mais de uma vez,

(1) — Obra citada, vol. III, pags. 241 — 245,

é o historiador Lea; este escreve que o processo inquisitorial “era eminentemente perigoso, porque o accusador nelle se confundia com o juiz que, muitas vezes, era pessoalmente um fanatico. Todavia a Egreja professava a theoria de que o inquisidor era um pai espiritual imparcial, cujas funcções, tendo por objecto a salvação das almas, não deviam ser entravadas por qualquer regra.”

“Todas as garantias, prosegue Ch. Lea, que a experiencia dos homens reconhecera necessarias aos processos judi-
ciarios, de character mais trivial, eram supprimidas propositalmente, emquanto a vida e a reputação dos accusados, a sua fortuna, durante tres gerações, ficavam em jogo.

Toda questão duvidosa era cortada no interesse da fé. O inquisidor era autorizado e exortado a proceder summariamente, a não inquietar--se com formalidades, a não permitir que se lhe creassem obstaculos com normas judi-
ciarias ou argucias de advogados, a abreviar o processo o mais possivel, privando o accusado das facilidades ordinarias da defesa e regeitando todas as appellações e execuções dilatorias... Si o processo tivesse sido publico, teria sido, sem duvida, atenuada a infamia desse systema; mas a Inquisição envolvia-se de um profundo mysterio, mesmo depois de proferida a sentença.” (1)

Um processo que se caracterizava pela arbitrariedade de juizes empedernidos pelo odio secular contra a heresia, visando exclusivamente acautelar os interesses de uma casta; que cerceava ás victimas, que lhe cahiam nas malhas, o direito de se justificarem em publico, que difficultava os meios mais

(1) — Histoire de l'Inquisition au Moyen âge — vol. I, pag. 456 — 457.

elementares de defesa; que descobria em todo denunciado um criminoso que devia ser suppliciado, para forçal-o a confessar uma falta que não commettera ou a accusar innocentes, não sei que progresso, que vantagens possa representar, não digo entre povos a que fôra extranha a alta cultura greco-romana, mas em relação aos costumes barbaros que em materia de penalidade se podem equiparar francamente ao ritualismo judiciario formulado pela Egreja.

Para se ter uma idéa do que era o processo inquisitorial, basta lembrar que, para justificar a condemnação dos herejes, as provas mais vagas, mais escassas, serviam de base (*in causa hæresis sufficiunt minores probationes quam in aliis* — Claro, paragrapho Hæresis), completando-se ellas com a tortura. Qualquer outro crime não estava, como a heresia, sujeito aos mais futeis caprichos. (1)

Eis como a *Grande Encyclopedie* descreve com a sua incontestavel autoridade scientifica esse progressista e humanitario systema de protecção da liberdade de pensamento:

“Assim que um individuo era apontado como suspeito, a Inquisição fazia proceder a um inquerito secreto; depois, era elle citado secretamente perante o inquisidor. Si era citado, dava-se logo como julgado culpado; era, pois, condemnado desde o dia da citação.

Era preciso que confessasse e acceitasse a penitencia; si não confessava, é que se obstinava, e seu caso tornava-se por isso mesmo passivel de fogueira. Denegação é signal de endurecimento, na pratica inquisitorial... Quando fracassava a

(1) -- Cf. C. Calisse — *Storia del diritto penale italiano*, p. 274.

habilidade do interrogatorio, recorria-se á tortura sob todas as formas...

Passara a regra, que um accusado ou uma testemunha só podia ser torturada uma vez; tambem quando se torturava pela segunda ou terceira vez o mesmo individuo, tomava-se a precaução de declarar que se procedia, não á reiteração, mas á continuação do supplicio. Toda confissão feita em consequencia de uma tortura propriamente dita devia ser renovada posteriormente "sem constrangimento"; mas toda retratação de uma confissão feita era considerada como um perjurio, attestando que um hereje era não só impenitente mas relapso; e os relapsos eram entregues immediatamente ao braço secular. Assim, nenhum accusado podia escapar quando o juiz estava decidido a condemnar.

Uma das causas era que os culpados conduzidos perante a Inquisição jamais conheciam os nomes das testemunhas que depunham contra elles, inclusive as que determinavam a convicção do juiz.

De facto, escapava-se raramente á Inquisição quando se era denunciado. Sem duvida ha exemplos de grandes senhores que, tendo appellado do Santo Officio para o papa, foram absolvidos e individuos ricos que compraram a sua liberdade na côrte de Roma; mas nenhuma esperança restava ás pessoas communs que não tinham protectores poderosos e cahiam nas garras dos inquisidores inintelligentes ou apaixonados, sem falar nos que se deixavam levar por odios pessoas." (1)

A suppressão nos tribunaes do estúpido processo inqui-

(1) — Cf. La Grande Encyclopedie, art. Saint Office, ver todo o Cap. IX do vol. I, da obra notavel de Ch. Lea, já citada.

sitorial, tal como fôra instituido pela Igreja; o desaparecimento, nas legislações modernas, da tortura como a praticavam os inquisidores; o abrandamento do systema penitenciario que se veiu impondo aos governos como uma necessidade de ordem social, tudo isso se explica por modificações profundas do espirito humano, á medida que se emancipava do dogmatismo clerical. Foram novas tendências que começaram a accentuar-se na arte, na literatura, na sciencia, na philosophia, na politica e no direito das nações, cansadas de supportar a tutela orthodoxa do catholicismo. Foram, então, os Giordano Bruno, os Montaigne, os Bacon, os Descartes, os Spinoza, os David Hume, os Montesquieu, os pensadores da Encyclopedia, os Rousseau, os Voltaire, os Beccaria e muitos outros que romperam a turva cortina medieval que se interpunha entre o homem e a natureza, entre o pensamento e a realidade, entre a idéa e a experiencia. Foram elles que, focializando os impulsos da humanidade para uma vida nova, fizeram-na attingir a consciencia de si mesma, amar a liberdade como fundamento dos seus destinos, não vêr no hereje um criminoso a suppliciar, a eliminar pelo exílio e pela morte, da convivencia dos outros homens, mas um ser na posse de um direito inviolavel, mais do que isto: um ser que dignifica a propria especie pela emancipação da sua mentalidade da cadeia secular de erros e de preconceitos monstruosos ou ridiculos que, por aberrante reversão psychica, se petrificavam em dogmas irrationaes para servirem de esteio ao governo das sociedades.

E a prova do seu apego a um processo tão barbaro quanto o das *ordalias*, está em que, quando os povos, sob o influxo de outras idéas e de outros sentimentos, cuidaram de reformar a sua legislação penal, a Igreja, para não ficar

atrás, como é sempre a sua tactica, fingiu adherir áquelle movimento de fundo humanitario. Mas em lugar de, ao menos uma vez, revelar o seu tão decantado espirito de *pietade* christã, apenas se pronunciou pela alteração de pequenos detalhes na codificação do novo direito penal, mantendo, a despeito de tudo, o processo inquisitorial secreto, a perda dos direitos de familia para delictos contra o Estado, a morte acompanhada da aggravação da pena para servir de exemplo, a arbitrariedade do juiz, sem falar na tortura; tudo isto em pleno seculo XIX! (1)

Muito embora não possa mais accender o braseiro da Inquisição e arrancar, a torquez, a lingua dos que combatem a sua moral hypocrita e a sua politica tortuosa, a Igreja ainda não revogou nos tribunaes ecclesiasticos a sua velha pratica processual.

Eis o que nos diz um grupo de catholicos em um livro que procura incutir no animo do papa e da Curia Romana que devem fazer voltar a Santa Sé aos bons tempos do primitivo culto:

“O accusado ignora o mais das vezes que se procede contra elle, por meio de duas especies de testemunhas. Em primeiro lugar, ha as pessoas a quem se pedem secretamente informações, dando-lhes a conhecer que se interroga por parte da Igreja. Estas testemunhas podem á vontade fazer carga sobre o accusado e jamais serão confrontadas com a pessoa incriminada, nem incorrerão em risco algum de ser condemnadas á prisão por falso testemunho. Depois daquellas testemunhas, são interrogadas outras pessoas a quem não se diz

(1) — C. Calisse — Obra citada, p. 336.

que se trata de um processo. Quanto á defesa, pode o advogado consultar as peças do processo, mas sob pena de excommunhão, lhe é vedado avisar o seu cliente *do que quer que seja*; de sorte que tudo se passa sem este nada saber até o momento em que lhe dizem os jornaes que uma sentença foi proferida contra elle.

“Com semelhante processo vê-se que recursos pode tirar desse *instrumentum regni* o partido que dirige a Igreja, ferindo os homens e proscrevendo as cousas na medida em que aquelles e estes desagradam ao conventilho — sim, porque ha conventilhos na Igreja — cuja influencia dispõe do poder.” (1)

Os mesmos autores observam que tendo Pio X, em 1908, reorganizado os tribunaes ecclesiasticos apenas modificou “alguns detalhes de processo” mas no fundo nada mudou: não ha garantia nova alguma para os accusados; é sempre o mesmo desconhecimento da justiça e do direito.

Assim, em pleno seculo XX a Igreja mantem esse apparelho anachronico de perseguição á liberdade de consciencia, que, para felicidade de todos nós, apenas conduz á expulsão do seu seio de alguns sacerdotes pouco submissos á disciplina dogmatica, a excommunhões inocuas, a censuras patuscas, quando, por ventura, estoura algum escandalo de sacristia, cujo éco não se pode abafar em tempo.

Mas, si amanhã os codigos se refundirem; si houver uma revolução scientifica deslocando o eixo metaphysico da responsabilidade criminal do individuo para a collectividade; si nas leis de cada paiz figurar o delinquente como um producto

(1) — Ce qu'on a fait de l'Eglise, p. 332 a 335.

natural de factores biologicos, psychicos e sociaes, e a penalidade transformar-se em um conjunto de processos racionais de reeducação physica, moral e intellectual; logo gritarão os catholicos que tudo aquillo foi obra da Igreja; que, sem o seu fluido christão, nada se teria feito. Porque quem se dá ao trabalho não pouco arduo de folhear os seus livros de apologetica, fica embatucado ante o desassombro com que elles sustentam que, si não fosse o sacerdocio catholico, jamais a humanidade teria attingido o grau de civilização a que chegou; que foi elle, elle só, que com o facho da Inquisição, trouxe da idade media todo o progresso hodierno e mais os grandes ideaes de liberdade, de igualdade e de fraternidade que impellem a alma contemporanea para um mundo rejuvenescido, sem dogmas, sem odios e sem tyrannias.

XVIII

○ "moj histórico" invocado pela Igreja

Para poder galvanizar com uma apparencia de logica a sua bambaleante argumentação em torno de factos que depõem das tradições da Igreja, vem o Dr. Barreto Campello invocar o *terrivel momento historico* que atravessava a civilização, do qual resultou a serie de perseguições, de lutas, de chacinas que, durante seculos, ensanguentaram a chronica das nações christianizadas. Esqueceu-se, porém, o collega de que esse *terrivel momento historico* se resume no principio theocratico da unidade da fé catholica, a que o clero violentamente tentou encadear a politica do mundo: que elle, na realidade condensa em synthese a louca e *divina* missão da Igreja,

de querer a ferro e fogo, inverter as leis naturaes e irrevogaveis da vida e do pensamento,

Aliás, não é só o Dr. Barreto Campello que se utiliza de tal systema de critica; é da tactica jesuitica: sempre matreira e escorregadiça, fugindo á luz da verdade, si esta vai attingil-a de frente.

Assim, quando, com documentos á vista, se accusa a Igreja de um attentado á liberdade de consciencia; quando se evoca a memoria dos martyres da intolerancia catholico-romana, como uma lição dolorosa, que se transmite ás gerações que se vão emancipando de anachronicos e sediços preconceitos de autoridade; quando, com testemunhos da época, se expõe o quadro dantesco da corrupção e da selvageria de costumes que solaparam as bases doutrinarias em que pretende a Igreja fundar a sua constituição e o seu mythologismo; então a turba apologetica se ergue, de sobreceño carregado, a dizer que tudo aquillo fôra cousa dos maus tempos, obra dos reis, rancores politicos a que a Igreja era inteiramente extranha. Que fosse cousa dos tempos, das circumstancias, até ahí nada mais natural; que a Igreja se adaptasse ás condições historicas da época, tambem nada mais logico. O caso muda, porém, de figura assim que se trata de salvar a sua pretensa *natureza divina e imutavel*. Emquanto se allude de um lado, ao momento historico, ao determinismo que rege os acontecimentos, surge do outro, em contradição, o maluquissimo argumento de que a Igreja se mantem acima das leis da historia, acima da humanidade christã, fóra do tempo e do espaço, incorruptivel no seu apostolado e infallivel na sua doutrina.

A não ser por hypocrita beatice ou obtusão mental, nin-

guem pode abstrahir de uma instituição, qualquer que seja o caracter que se lhe attribua, os individuos que a constituem. Si ella é um todo complexo, de feitio proprio, resulta, entretanto, do modo de viver, de sentir, de pensar das suas unidades componentes, as quaes, por sua vez, não se podem furtar ás leis do transformismo universal. Uma Igreja que se acomoda a um momento historico, que se adapta ao ambiente sociologico de cada paiz, e é, ao mesmo tempo, immutavel e incorruptivel, só pode existir no bestunto de quantos acceitam o *credo quia absurdum* da escolastica medieval.

O que a sociologia nos explica, baseando-se na historia das crenças e instituições da idade media, é que a Igreja, além de se ter apropriado de ritos pagãos e de se ter amoldado aos costumes barbaros, se constituiu, com o apoio dos governos a ella submissos, em poderosa engrenagem politica, cuja interferencia se fez directa e profundamente sentir na educação de todas as classes sociaes, em todos os departamentos do viver colectivo, nos negocios de ordem economica, nas relações juridicas, nos dominios da cultura moral e intellectual. Conquistando uma posição excepcional de prestigio sobre as massas populares que fanatizára, prestigio de que jamais se cercou, até hoje, outra religião, conseguiu formar uma consciencia social francamente favoravel ás suas ambições de mando e poderio. Para chegar a esse resultado, contou a Igreja com a similitude de estratificações mentaes dos povos indo-europeus, com o mesmo fundo de religiosidade simultaneamente feiticista e polytheista, com o mesmo acervo de lendas e de mythos, com as mesmas tendencias hereditarias para o mysticismo e para as superstições mais toscas.

Quaes eram, porém, as idéas e os sentimentos em que a

Egreja tentou fundar o theocratico e universal reino christão? Qual a concepção do mundo, da vida e do destino humano com que procurou ella construir uma sociedade nova?

1.º — A crença em um Deus creador de todas as cousas, o velho Jehovah, deus de batalhas e de vinganças tenebrosas, que só de uma feita ordenou que passassem a fio de espada 23 mil israelitas, heroica façanha que o veneravel Cathecismo do Concilio de Trento plenamente justifica ao fazer o commentario do quinto mandamento da lei moisaica. Este deus, por um calculo arithmetico verdadeiramente phantastico, fracciona-se, sem perder a sua unidade, em tres pessôas distinctas, coeternas, omniscientes e omnipotentes, em nome das quaes uma casta sacerdotal se arroga o privilegio de dominar a terra, centro immovel do Universo, unico ponto habitado pelos homens, creaturas de Jehovah.

2.º — Que dentro do nosso corpo reside uma alma incorporea, substancia immaterial, que, contra todas as leis da physica, irá, depois da morte, habitar uma região tambem immaterial; que esta alma, para que seja perfeita e possa gosar, mesmo despida de orgãos, a eterna felicidade celeste, é necessario que a bafeje a graça divina; que sobre ella actue uma bondade sobrenatural, e não a vontade propria.

3.º — Que si ha um poder benefico, genios bons que nos protegem, cercam-nos tambem genios maus que nos perdem, e com aquelles partilham o imperio do mundo. Para afugental-os, ha o sacerdote catholico com os seus exorcismos, com os seus processos cabalisticos, com a sua astucia; e por isto mesmo avulta a funcção do sacerdocio como depositaria de todos os nossos destinos; e apparece a Egreja qual enorme

barcaça a recolher a humanidade que acaba sempre por naufragar na heresia e na descrença.

4.º — Que sendo assim, isto é, si ninguem pode estar seguro sem o apoio do padre catholico, si fóra da Igreja não ha salvação, logo é dever de todos os homens, particularmente dos que dispõem de fortuna ou de poder, prestar todo o seu auxilio, todo o seu concurso aos planos de dominação politico-religiosa do clero romano, porque nelles se inscrevem os altos designios da velha divindade judaica.

Foi á sombra de taes principios, que se desdobrou o *terrivel momento historico* a que se refere o Dr. Barreto Campello, durante o qual foi supprimida a liberdade de consciencia e se desencadearam as famosas guerras de religião, a manança dos valdenses, dos albigenses e dos huguenotes; que ás fogueiras da Inquisição foram arremessados sem piedade, com os herejes, pobres enfermos, manicacos, hystericos, feiticeiros, fructos de um ambiente de depressão moral e de exaltação mystica, que a propria Igreja creara e que deteve., durante seculos, a marcha do espirito humano na conquista da natureza pela verdade scientifica, base unica de todo o progresso social. E' esse *terrivel momento historico*, que, das trevas que o encobrem, vou fazer resaltar, com as côres vivas da realidade, que buscam, em vão, desfazer apologistas do catholicismo.

XIX

A Idade Média, período aureo do Catholicismo

A idade media que os historiographos e os theologos catholicos consideram o *periodo aureo* da Igreja, marca um eclipse na historia da civilização; é um caso complexo de

pathologia social em que ás nevroses mysticas, ás allucinações demoniacas, ás aberrações sexuaes, ás epidemias e á miseria que ceifam milhares de vidas, creando um ambiente de desespero e de morte, se vão juntar lutas politicas, o fanatismo religioso, a degradação dos costumes, as loucas orgias que campeiam desenfreadas entre as classes populares e aristocraticas, nas côrtes pontificias, nos palacios episcopaes, indo, por fim, quebrar o morno e ascetico silencio dos claustros.

O homem deixa de reflectir, de pensar sobre si, sobre a natureza que o cerca, sobre a realidade, porque o pensamento se torna um crime, a natureza uma fonte de vicios, a realidade uma illusão. Só o catholicismo, pelos labios seraphicos dos seus doutores, pôde dictar a verdade, e esta, toda se contem no dogma, tido por invulneravel á critica dos homens.

A sciencia e a philosophia passam por artes diabolicas; os monumentos litterarios da cultura greco-latina são destruidos, uns, truncados, outros, para se accommodarem ao doutrinarismo christão. "Inebriada de sobrenatural, diz E. Gebhart, a idade media applicou á *visão* das cousas uma optica intellectual mui singular. A preocupação do milagre, a ignorancia de toda lei experimental, a busca malsã do mysterio, esta crença que o objecto attingido pelos sentidos é uma figura ou um signal, uma ameaça ou uma promessa, que o visivel vale somente pela porção de invisivel que elle envolve com um veu espesso para o vulgo, transparente aos olhos dos doutores e santos, todos estes excessos do idealismo falsearam então o instrumento do saber, e o effeito dessa perversão se mostrou no abuso que os mestres mais subtis da escolastica, da põesia e da arte fizeram do symbolo. De Scot Erigene a Duns Scot, entendeu-se que a natureza e o espirito humano

são um algarismo hiêratico; os seres vivos, sombras de seres; os phenomenos, visiveis symptomas de vidas ou de vontades occultas; que a palavra que nomeia um objecto individual a nada corresponde de real; que a palavra abstracta, que nenhum individuo designa, só, exprime a realidade em toda a sua plenitude... Dahi as mais surprehendentes invenções, idéas mortas, ha seculos, de subito reanimadas; por exemplo, a superstição dos numeros mysticos esquecida desde Pythagoras; dahi a aberração de todas as sciencias da natureza: alchimia, astrologia, medicina." (1)

Quem especula sobre questões extranhas á fé, quem disserta sobre assumptos theologicos sem amparar-se na autoridade ecclesiastica, ou mesmo se dedica a estudos litterarios, quando não pratica um crime de heresia, arrisca-se a passar por feiticeiro.

O estudo da litteratura classica, commum nos primeiros seculos do christianismo, naturalmente pela necessidade que tinha o clero de combater os heresiarchas saturados do espirito philosophico e litterario da Grecia e de Roma, é, pouco a pouco, abandonado para ceder logar ao mysticismo da vida monacal em que a ignorancia irá tornar-se a expressão symbolica de toda sabedoria humana. Já no seculo VI, Gregorio de Tours, alludindo á decadencia intellectual do clero, exclamava: "Ai de nós que deixamos perecer o estudo das letras!" E do seculo VI para o seculo VIII, Gregorio o Grande, o vulto talvez mais famoso do pontificado, fazia desta decadencia o ponto de apoio do seu apostolado politico-religioso, expulsando todos os mathematicos de Roma, queimando a

(1) — E. Gebhart — Moines et Papes, ps. 29 — 30,

bibliotheca fundada pelo imperador Augusto sobre o monte Palatino, a qual encerrava manuscriptos de grande valor; prohibindo o estudo dos classicos, fazendo mutilar as estatutas e destruir os templos. (1)

“Diz-se com razão, escreve Draper, que a sciencia jamais teve um inimigo mais inveterado e que jamais um raio de luz aclarou a sua alma supersticiosa.”

Ufanava-se elle de ter escripto as suas obras sem preocupar-se com as regras da grammatica, e reprehendeu um padre que tinha feito destas regras o objecto do seu ensino. Propunha-se a substituir as obras pagãs por outras menos perigosas para a orthodoxia, e conseguiu tão bem despojar a Italia das obras dos seus mais illustres autores, que, quando Pepino pediu ao papa Paulo I que lhe enviasse “todos os livros que pudesse encontrar,” este ultimo só pôde descobrir um antiphonario, uma grammatica e as obras de Dionysio, o aréopagita. Gregorio era verdadeiramente a incarnação do ignorante bysantino.” (2)

Si as escolas de Carlos Magno e alguns mosteiros acolhem os autores profanos, isto mesmo é dentro da ferrea disciplina dogmatica, não se admittindo que se extraia delles uma idéa, uma phrase, que possa ao menos dar margem a uma vaga irreverencia á fé christã. Sabe-se quanto aquelle imperador era inexoravel, não só para os incredulos, mas, tambem, para aquelles que não cumpriam á risca os preceitos da Igreja.

Uma chronica que nos ficou de um monge, Raul Glaber, chronica do anno 1000, do anno terrivel em que, segundo a

(1) — Ct. Draper — Histoire du developpement intellectuel de l'Europe, vol. II, p. 139.

(2) — Ob. cit. vol. II, p. 136.

fallaz propheta messianica, deveria realizar-se o fim do mundo, e a trombeta de Josaphat, ecoando lugubrememente pelo valle afóra, tocaria a reunir a humanidade para o juizo final, retrata, na sua ingenua simplicidade, a que ponto chegara a depressão intellectual e moral na *idade de ouro* do catholicismo.

Conta o frade que naquelle tempo apparecera em Ravenna uma heresia muito exquisita: foi que um tal Vilgardus estudava grammatica mais assiduamente que de ordinario, á maneira desses italianos que desprezam todos os conhecimentos pelas lettras; entumecido de orgulho e de tolice, viu uma noite demonios sob as figuras de Virgilio, de Horacio e de Juvenal, que o felicitaram pelo zelo que elle mostrava em ler os seus livros e recommendal-os á posteridade, promettendo-lhe uma gloria igual á delles. "Este homem illudido pelos artificios do demonio, poz-se, então, com insolencia a ensinar doutrinas contrarias á santa fé. Segundo elle, era preciso crer em tudo o que diziam aquelles poetas. Foi por isso julgado e condemnado como heretico por Pedro, bispo da cidade. Foram nessa occasião descobertas, na Italia, muitas pessoas professando esta crença pestilencial, as quaes pereceram pelo ferro e pelo fogo." Glaber testemunhou de perto o odio dos frades da sua época á antiguidade profana: Santo Odon, abbade de Cluny, tivera a imprudancia de folhear Virgilio. Sonhou uma noite com um vaso magnifico de onde se lançavam serpentes, isto é, as doutrinas diabolicas do doce poeta. Dahi por deante leu somente livros santos, e, quando á frente da metropole benedictina da França, procreveu sem piedade da educação dos seus noviços todos os autores pagãos. São Mayeul, um dos successores de Odon, ternamente venerado por Glaber, lêra

na escola de Lyon “os antigos philosophos e as mentiras de Virgilio;” quando abbade, os interdissse. Si nas mãos lhe cahia um antigo, cortava no pergaminho todas as passagens que falavam de amor ou das alegrias terrestres. (1)

Ha momentos em que nos claustros a ignorancia da propria escolastica constitue uma peregrina virtude; e a voz dos primeiros doutores se perde abafada pelo rumor das rezas, pela toada dolente dos canticos, pelo estralejar secco dos cilicios no dorso dos penitentes, pelo ulular estridente, convulsivo, de monjas hystericas.

Si no interior dos conventos se faz a profissão de tudo ignorar, si ali basta o extase para conduzir o espirito á suprema perfeição moral e intellectual, fóra, entre a gente lettrada que mantem com as suas luzes a autoridade ecclesiastica em que assenta o prestigio economico-politico do clero catholico, não se poupam esforços, não se medem sacrificios, não se escolhem meios, para que se leve a effeito a completa annullação de todo o raciocinio, de toda a experiencia; porque a fé suppre a razão, ou por outra, só ha a razão da fé; porque a theologia absorve a philosophia, ou só ha uma philosophia — a theologia; porque a Biblia substitue a historia, isto é, só ha uma verdade historica, a dos livros sagrados!

Em vez de analyses scientificas, tem-se o syllogismo secco e arido; em vez de processos de busca e verificação, uma dialectica vazia, obscura, cabalistica; em vez da critica com as suas leis, um dogmatismo rigido, caturra e sibyllino.

Das cousas da terra só se deseja o prazer, o goso material que ellas proporcionam: a riqueza, o poder, o bom vinho, a

(1) — Cf. E. Gebhart — Ob. cit. p. 11 e 12.

bôa mesa, a bôa cama, o mulhero, com o que não se accommodara o ascetismo messianico de Jesus. Das cousas espirituaes discute-se, entretanto, com vehemente interesse, entre outras questões pueris e ridiculas, " si um rato que come a santa hostia, engole o corpo do Christo; si o Pai é mais velho do que o Filho, ou si ambos são da mesma idade; porque Eva foi tirada duma costella de Adão e não de outra parte."

Como corramento desta profunda e lastimavel depressão da mentalidade humana, no *periodo aureo* do catholicismo, enxerta-se florescente, exuberante, no velho tronco evangelico, o culto polytheista dos santos e dos bemaventurados, a veneração feiticista das imagens e das reliquias; e acima de tudo isto, paira orgulhosa de sua força e de seu poder, a sombra terrificante de Santanaz, amedrontando a christandade, demolindo, com riso escarninho, a segunda obra de Jehovah, a grande obra redemptora que elle, applacado na sua colera vingativa, construiu com o sangue do proprio filho, para abrigar de novo a humanidade irrequieta e peccadora...

XX

Um parêntese: as enciclopédias que citei; o
 Deveria continuar a fazer resaltar das brumas da idade media a realidade que retrata o terrivel momento historico ou a *idade aurea* do catholicismo, com que o Dr. Barreto Campello procura, em vão, justificar os crimes da Igreja contra a liberdade de consciencia e as seitas dissidentes que, com extrema violencia, foram guerreadas pela intolerancia clerical.

Sou, porém, forçado a suspender por enquanto aquella analyse impellido pelo sentimento de piedade que provocou

em mim o artigo publicado pelo meu velho camarada e devotissimo collega.

Jamais pensei que tão cedo se lhe apagasse a luz inspiradora do Espirito Santo, tal o desnorreamento de sua ultima argumentação, que mais parece um caso de somnambulismo...

Não podendo destruir os meus argumentos de que as ordalias foram praticadas pela Egreja e que o processo inquisitorial marca um recuo, em vez de um progresso, na processualistica, o singelo discipulo de Torquemada lança mão de duas armas muito em uso, nas discussões, pelo adversario que sente fugir-lhe o terreno aos pés: o ridiculo e a ausencia de senso critico capaz de honestamente reconhecer a probidade intellectual do seu contendor.

~~Primeiro~~ Primeiro, diz elle que, tendo eu "declarado possuir a melhor e mais abundante bibliotheca do Estado" (o que é uma evidente exageração do que escrevi) quasi só lhe opponho encyclopedias; que as citações de taes encyclopedias andam a par das nomenclaturas de catalogos com que frequentemente por este mundo afóra se deslumbram os simples"; que são "destinadas a condensar todos os conhecimentos humanos, com duas linhas e um ponto"; e, por consequencia, nada devem valer as citações que extrai da *Grande Encyclopedie*.

Ora, quem leu os meus escriptos anteriores terá verificado que não me limitei a citar quasi uma obra só; que ali ha referencias repetidas a outros trabalhos cujo valor o Dr. Barreto Campello não poderá contestar.

Além desta infantilissima observação que faz o heretico e devoto collega, mostra-se elle de uma ignorancia tal do que venham a ser as encyclopedias do genero da que citei, que cada vez mais me convenço de que, a não serem a litteratura

canonica e os livrinhos beatos, tudo mais elle desconhece. A *Grande Encyclopedie* não é, como julga o Dr. Barreto Campello, com angelica simplicidade, uma obra vulgar, do calibre dos compendios de theologia, de historia sacra, dos catecismos diocesanos e dos manuaes de devoção, que "andam frequentemente por este mundo a fóra deslumbrando" a cretinice dos pobres de espirito. Ella obedece a um novo plano, a um novo methodo que differem inteiramente das outras publicações de feição semelhante, mas destituídas de todo valor scientifico.

E', como diz o seu prefacio, "um inventario dos conhecimentos da nossa época", uma obra extranha ás querellas do dia, resolvida a não ser obra de combate, não tendo e não podendo ter outra regra sinão a *imparcialidade da sciencia.*"

E' como a *Encyclopedia Britannica*, como as de Brockhaus e de Meyer (na Allemanha) e a americana, um archivo de conhecimentos, confiado á collaboração de homens que trabalham dentro de sua especialidade, que estejam ao par da materia que tiverem de expôr.

A *Grande Encyclopedie* comprehende 31 tomos, em grande formato, cada volume com mais de mil paginas, cuja direcção foi entregue a escriptores que mais do que o simples interesse de negociarem, como faz o clero catholico com livros falsificados, prezam a sua responsabilidade scientifica, subordinado a escrupuloso respeito á verdade.

São elles, veja-se bem: Berthelot, membro do Instituto, professor na Escola especial de linguas orientaes vivas e na Escola dos altos estudos; A. Giry, membro do Instituto, professor na Escola das Artes e na Escola dos altos estudos; E. Glasson, membro do Instituto, decano da Faculdade de Direito de Paris; L. Hahn, bibliothecario-chefe da Faculdade de

Medicina de Paris; C. A. Laisant, doutor em sciencias mathematicas, examinador da Escola Polytechnica (função que foi outróra exercida pelo genial Augusto Comte); Ch. V. Langlois, professor adjunto da Faculdade das Letras de Paris; H. Laurent, doutor em sciencias mathematicas, examinador na Escola Polytechnica; E. Lefebvre, membro do Instituto, professor no Collegio de França e no Conservatorio das Artes e Officios; G. Lyon, mestre de conferencias na Escola Normal Superior; H. Marion, professor na Faculdade de Letras de Paris; E. Muntz, membro do Instituto, conservador das colleções da Escola Nacional das Bellas Artes. Além desses nomes de relevo, ha um corpo de mais de 350 collaboradores, entre elles summidades universalmente conhecidas nos dominios da sciencia e da litteratura, bastando citar apenas E. Boutroux, Brunetière, Claparède, Débierre, Espinas, Giard, Dastre, Laloy, Arsène Houssay, Liard, Planiol, Ch. Richet, Th. Ribot, George Renard, Tannery, G. Tarde, Mortillet e Zaborowsky.

Mas, admitta-se que o Dr. Barreto Campello, com a sua profunda autoridade de critico e de historiador de cousas canonicas, tenha, com um simples traço de sua penna fulminante, derrocado aquelle monumento de sabedoria secular. Destruiu o que escreveu o collaborador da *Encyclopedie* sobre o processo inquisitorial? Refutou o que elle disse de *tão progressista systema* de impôr crenças e dogmas, pela tortura, pelo exilio, pela confiscação dos bens, por toda especie de humilhações, pelo supplicio mortal de um homem a consumir-se vivo nas chammas de uma fogueira? Nada disso fez; limitou-se apenas a dizer que eu, em apuros, me aferrava a encyclopedias, á falta de outros pontos de apoio, omittindo, com

sagacidade jesuitica, diversos autores citados por mim, decerto para dar a entender á beataria ignara que está a levar-me de vencida.

Mais de uma vez o tenho aconselhado a que não procure saber si uma citação vale exclusivamente pelo autor de quem ella provêm, mas pelo facto, pelo principio que ella regista ou possa conter; si o facto ou principio é ou não verdadeiro. No ponto em questão, trata-se de um caso que tanto se verifica em uma encyclopedia, como em qualquer livro de historia do direito penal. Dirá, talvez, o Dr. Barreto Campello, teimoso como todo catholico orthodoxo, que o tal escriptor da *Encyclopedie* nada leu, *não consultou as fontes*, escreveu tudo aquillo de oitiva, não merece credito, como já não lhe merece fé uma citação que fiz e elle não refutou, do historiador Lea, cuja autoridade reconheceu a principio, tanto que a invocou mais de uma vez, para vir depois confessar que elle é inimigo *rancoroso do catholicismo!* Si não fosse fatigante para o leitor, reproduziria aqui a nota bibliographica de que se acompanha o artigo da *Encyclopedie*. Basta dizer que, além das chronicas e das monographias mais antigas que se têm escripto sobre a Inquisição, figuram os trabalhos mais modernos e profundos.

Outro ponto em que o Dr. Barreto Campello se mostra desnorteado é quando tenta defender-se do erro em que caiu, apontando o processo inquisitorial secreto como um progresso vantajoso para a humanidade; conclue elle que não lhe “cabia justificar a pena, mas o processo”. Mas, torno a perguntar:

Que vantagem poderia offerecer um processo que, depois de cercear ao individuo o direito de defesa, de embaraçar-lhe todos os meios de prova, de envolvê-lo nas malhas de uma inquirição mysteriosa, de utilizar-se arbitrariamente da tortura

para arrancar uma confissão, uma denuncia, um depoimento, ainda applica, calculada e friamente, as penas mais crueis que a perversidade humana tem concebido?

Eis o que o Dr. Barreto Campello não conseguiu até agora destruir, nem o conseguirá jamais, mesmo que o alumie a divina graça, que se agarre á austera sapiencia dos velhos doutores, e ainda o embale carinhosa, mirifica, sorridente, a solidariedade, ou a sympathia fraternal de todas as associações catholicas de Pernambuco.

Escreve elle a titulo de contestação do que sustentei — isto é, que a Igreja não só accitou, mas tambem praticou o systema das ordalias:

“O juizo de Deus, a prova da agua e do fogo, o combate judiciario, disse, em verdade, que eram os meios de prova correntemente usados no seculo XII.”

Porque não disse tambem antes do seculo XII?

Não é elle um processo que se vai perder nas priscas eras da historia dos povos indo-europeus? Não vigorou durante doze seculos, após o advento do christianismo, e oito, após o dominio espirital e politico da Igreja? Porque esta, na sua *missão reformadora*, não se oppoz logo a tão barbaro systema de provas, e, a partir do seculo XII, começa a manifestar-se contra elle? Porque a Igreja rainha soberana das nações christianizadas, permittiu que, não só nos tribunaes civis, mas nos proprios tribunaes ecclesiasticos, continuassem a ser applicadas as mais horriveis torturas, e a pena de morte precedida de supplicios que ainda nos revoltam? A isto vem o Dr. Barreto Campello com um argumento desconcertadissimo: “Não importa ao meu estudo que a *Grande Encyclopedie* affirme que os juizes ecclesiasticos mandavam os accusados á fogueira;

que o Dr. Pimenta *tenha encontrado* em Vacandard *alguns usos de igrejas regionaes tolerando as ordalias,*" etc., saindo-se depois com uma citação de Larousse, que sendo um *diccionario encyclopedico*, retrata, *entretanto*, fielmente quaes os laços que, no *periodo aureo* do catholicismo, prendiam as duas jurisdicções, a ecclesiastica e a civil, na repressão do *crime* de heresia.

Sempre a fugir do terreno, em que devia collocar-se; já não quer sustentar que a Igreja jamais combateu a liberdade de consciencia, como não póde contestar que ella tivesse approvado e praticado o systema das ordalias.

Diz elle, desorientado: "Effectivamente, nenhum historiador, que se preza, até hoje contestou que a imposição da pena dos herejes fosse feita pelo poder civil." Positivamente o collega está a sonhar, pois ninguem ignora uma coisa tão sabida e jamais contestada, tal a sua banalidade historica. O que eu sustentei e continuo a sustentar é que o Santo Officio era uma instituição ecclesiastica, *a obra prima da Igreja, o tribunal de Deus*, valendo-me até destas palavras do abbade Morel, que me não consta tenha sido excommungado ou mesmo censurado porque as tivesse proferido; que elle fôra instituido para defender os *interesses* da Igreja, e confiada a sua engrenagem a autoridades ecclesiasticas que agiam de parceria com as autoridades civis, christãmente dominadas pelo clero.

Mas, cabeçudo como todo catholico fanatico, virá dizer que, si o poder civil procedia de concerto com a Igreja, era com a mesma liberdade com que os primeiros imperadores catholicos, tambem dominados pelo clero, perseguiram os dissidentes e os velhos cultos pagãos. A isto responde o Concilio de Latrão, de 1215, com a ameaça ao poder civil de, caso se

negue a cumprir as decisões da Igreja contra os herejes, terá pela frente a excommunhão com as suas gravissimas consequências em uma época de arraigado sectarismo religioso:

“Si o senhor temporal, advertido e intimado pela Igreja, deixa de purgar suas terras dessa nodoa heretica, será excomungado pelo metropolitano, assistido dos outros bispos da provincia; si esse deixa de a isso attender, que seja o facto denunciado ao soberano pontifice *que, desde então, lhe desligará os subditos de seu juramento de fidelidade e proporá seus domínios para serem occupados pelos catholicos; e estes, depois de haverem exterminado os herejes,* entrarão, sem contradição, a desfructar a pureza da fé.” (1)

Volta o Dr. Barreto Campello á questão das ordalias e escreve:

“Quanto ás citações que o Dr. Joaquim Pimenta tomou ao padre Vacandard — *Etudes de critique et d'histoire religieuse* — é pena que S. S. não *transcreva integralmente as expressões do autor.* Ver-se-ia assim que os concilios citados são particulares e que pelo seu character não definem a doutrina da Igreja. Elles indicam apenas que *certos costumes barbaros se infiltraram na pratica dos fieis e que taes processos eram tratados pelas igrejas locais.*”

Peço ao leitor toda attenção para o que escreveu o Dr. Barreto Campello e para o que vou reproduzir integralmente de Vacandard. E' escusado dizer que reproduzirei o sufficiente para convencel-o de que elle deve abandonar o mau veso

(1) — Corpus Jur. can. Decret. Gregor, liv., V, lit. VII, cap. XIII; paragrapho 3, coll. 642, cit., A. Morin — *L'esprit de l'Eglise*, pagina 91.

de ver a cada passo uma falta de probidade litteraria por parte do seu contendor, aliás, vicio mui peculiar ao ambiente das sacristias, que não quadra bem á consciencia de um magistrado...

Escreve o abbade Vacandard:

“Si algumas ordalias, taes a prova da Eucharistia, o juizo da Cruz e o juramento sobre as reliquias dos santos têm um character essencialmente christão, todas as outras, e para não citar sinão as principaes, o duello, as sortes, a prova do ferro em brasa, as da agua a ferver, a de agua fria, são manifestamente, entre os povos baptizados, de importação germanica. São leis e costumes que passaram por uma infiltração lenta e progressiva aos costumes dos fieis e até nos canones dos concilios. A Egreja (vejam bem), é verdade, não parece ter a principio experimentado repugnancia alguma em admittil-os. Os factos miraculosos de que tinham sido testemunhos os primeiros seculos, a predispunham a acceitar, com surpresa, os signaes sensiveis de uma intervenção extraordinaria da Providencia a favor dos innocentes nas causas em que era insufficiente a justiça humana. A prova da agua a ferver e do ferro em brasa não eram de espantar christãos habituados a entreter a sua piedade pela narrativa do supplicio de S. João Evangelista diante da Pcrta Latina e pela recordação de tantos outros actos maravilhosos do martyrologio.” (1)

Aqui, a declaração de um apologista do catholicismo em um livro oficialmente reconhecido pela autoridade ecclesiastica, de que, além de não parecer tenha a Egreja experimentado qualquer repugnancia pelo systema das ordalias, este se ajus-

(1) — Obr. cit. pag. 192.

tava ao espirito e ás tradições da christandade; encontrava a sua razão de ser na chronica dos primeiros martyres.

E logo em seguida:

“Em resumo, o character sobrenatural das ordalias *deveria exercer sobre os espiritos, na idade media, um attractivo particular*, e não surprehende que depois de tel-as adoptado, algumas Igrejas tenham regulado o seu uso, ou mesmo procurado christianizal-as de alguma sorte por preces e benções, cujas formulas nos conservaram os Rituaes e as *Ordines*.”

Eram só as Igrejas particulares ou regionaes, como assegurou o Dr. Barreto Campello, que reconheciam e praticavam as ordalias? Os trechos acima citados do abbade Vacandard dizem claramente que eram costumes que se adaptavam bem ao espirito e ás tradições christãs.

Aliás, não se comprehenderia que Igrejas regionaes, destacadas da Igreja, adoptassem costumes que a esta repugnassem, que viessem ferir a sua pudicia evangelica; Igrejas que legislassem *pro domo sua*, que se puzessem a *christianizar* liturgicamente com *preces e benções*, segundo o abbade Vacandard, umas praticas deshumanas, ou, na expressão do Dr. Barreto Campello, umas *absurdas provas* que a Igreja *tivesse condemnado*. Onde estaria, então, a sua unidade de base, segundo ella, toda moral e a sua unidade de doutrina e de legislação canonica? Não eram essas Igrejas regionaes ramificações da mesma arvore, unidades elementares, particulas divinas de uma unidade complexa e tambem divina? Receando talvez, num momento lucido, metter o pé no buraco da heresia, sahese com esta evasiva:

“O facto é perfeitamente explicavel (a adopção das ordalias), porque a *Igreja catholica* (e não as regionaes) *teve* de

soffrer nos cursos dos tempos, sem prejuizo da sua doutrina, modificações, corruptelas locaes...”

O que, porém, não entra na cabeça de ninguém é que um corpo que soffra modificações e corruptelas, mantenha integral, perfeita, limpida, a sua unidade, por mais *divino* que elle seja. Si, no dominio da chimica em que os corpos se encontram na sua simplicidade absoluta, não se pode admittir tal absurdo, quanto mais em uma instituição social de extrema complexidade, como a Igreja catholica, desenvolvendo-se em um ambiente barbaro, em lutas continuas de caracter religioso, politico e economico, e ás voltas com uma infinidade de povos differentes entre si, pelas suas origens ethnicas, pelos seus habitos, pela sua indole e grau de cultura!

Si, á pagina 192, o abbade Vacandard, “para determinar a fortuna dos juizos de Deus em relação á Igreja”, *distingue* “entre a doutrina dos particulares e a dos papas”, não o faz com o intuito de provar que a Igreja sempre condemnara as ordalias. Ao contrario, começa elle assim a segunda divisão do seu estudo sobre aquellas provas:

“Não é sinão no seculo VIII que a questão das ordalias se estabeleceu claramente nos synodos ecclesiasticos; mas, nesta época, *todos os canones, sem excepção, a ellas são favoraveis.*”

Si pensa que todõs aquelles canones, *sem excepção*, não reflectem o espirito da Igreja, no longo prazo de cem annos, queixe-se de sua imprudencia em se ter mettido por um becco sem sahida.

Mas, deixemos de parte os synodos e os concilios, e vamos ao que naturalmente deseja saber o Dr. Barreto Camello: si os papas foram ou não favoraveis ás ordalias; si

realmente elles as condemnaram desde os primeiros dias do Pontificado.

O abbade Vacandard refere-se, á pagina 202, a “uma disposição do Concilio de Reims (1119), isto é, em pleno seculo XII, presidido pelo papa Calixto II, *“a qual encerra igualmente uma approvação formal dos juizos de Deus.”*”

Na mesma pagina diz textualmente o critico catholico: “Antes de Nicolau I, não se poderia citar nenhuma decisão que se relacionasse com as ordalias. Este *silencio que envolve tantos juizos de Deus publicamente conhecidos, é um signal, parece-nos, de que os papas toleravam o seu uso.* Também não ha certeza de que elles *officialmente* o tenham approvado.”

Condemnados é que o abbade não diz que tivessem sido até então, como escreveu o Dr. Barreto Campello.

A respeito do mesmo Nicolau, lê-se á pagina 204:

“O decreto de Nicolau I: *Monomachiam*, etc., interdiz o duello judiciario. E’ preciso vêr na phrase final:

“*Cum hoc et hujusmodi sectantes Deum solummodo tentare videantur,*” *uma condemnação formal de todas as ordalias?* Os canonistas Reginon, Yves de Chartre e Burchard pensam que não; talvez o decreto vise só os ecclesiasticos. De resto, em uma circumstancia grave em que o mesmo Nicolau fôra naturalmente conduzido a pronunciar-se sobre a legitimidade das ordalias, *guardou elle uma reserva mui significativa.* Queremos falar do caso do divorciò de Lothario. Em 856, um escravo tinha demonstrado pela prova da agua a ferver a innocencia da rainha accusada de adulterio por seu real esposo. Mais tarde, quando o processo foi levado á côrte de Roma, o papa fez uma allusão manifesta áquella

prova, e em vez de censurar o seu uso, parece mesmo que reconheceu seu valor, não em direito, ao menos em facto.”

Ainda aponta o mesmo autor outros papas que, quando por ventura, se manifestavam desfavoráveis ás ordalias, particularmente aos duellos judicarios, tinham em vista os tribunaes ecclesiasticos, pouco se lhes dando que nos tribunaes civis se decidissem por taes processos dos destinos sociaes da christandade.

XXI Idem

NOTA — Ao artigo do Dr. Barreto Campello, publicado hontem, opponho as seguintes objecções:

1.º — Que jamais attribui ao abbade Vacandard a *indisciplina* de julgar a Igreja responsavel pela matança dos huguenotes; seria isto, aliás, um absurdo em um livro de critica apologetica com *imprimatur* ecclesiastico;

2.º — Que o trecho do meu artigo, citado pelo Dr. Barreto Campello, refere-se a *provas colhidas* (o que é muito diferente) *na propria seara catholica*, *provas* mais que sufficientes de que o principio de liberdade, ensinado pela Igreja, não passa de uma pilheria;

3.º — Que taes provas existem exuberantemente não só no proprio trecho que elle reproduz integralmente, de Vacandard, como em outros do mesmo autor, que constam da obra citada;

4.º — Que o periodo que começa assim: Mas a sua alegria não estava completa, *emquanto não sobrevivesse um só*

huguenote, etc., periodo que S. S. não aspeou, porque não podia fazel-o, nada tem que ver com o trecho griphado na sua citação de Vacandard, mas é uma illação que tirei da passagem em que o papa escrevendo a Carlos IX, dizia: *Persegui e abatei tudo o que vos resta dos vossos inimigos.*

5.º — Que, confrontados os dois periodos, isto é, a minha traducção e a delle, verificar-se-á a mais completa identidade; que ambas se referem á alegria do papa com a matança dos huguenotes; que de ambas resalta a *responsabilidade intellectual* do papa em aconselhar a extirpação pela raiz, o que só poderia ser pelas armas, dos partidarios daquella seita; que ainda se reportam de modo identico aos conselhos do pontifice, de implacabilidade contra os prisioneiros e de que não fossem de modo algum poupados os inimigos de Deus, que, naquelle momento, não passavam de meros *inimigos da Igreja*;

6.º — Que, além desses e de outros documentos que demonstram o espirito de intolerancia religiosa do clero, do seu odio á liberdade de pensamento, ainda fala o eminente abbade de um *Te Deum* que se cantou em acção de graças por tão piedoso feito christão; e mais de uma procissão de regosijo e mais da medalha commemorativa que se cunhou, além de um quadro evocativo da façanha, que, talvez, ainda hoje possam os catholicos contemplar, embevecidos, em uma das salas do Vaticano;

7.º — Que, finalmente, basta o trecho que o Dr. Barreto Campello reproduziu, afim de que fosse cotejado com a minha

tradução, para demonstrar que o alto espirito de tolerancia da Igreja e, que o amor fraternal que anda a pregar, não passam de uma piedosa farça.

Só os cegos e os orthodoxos é que não vêem o que é claro como a luz do dia.

Outros dois pontos da replica do Dr. Barreto Campello, relativamente ao processo das ordalias, denunciam a que grau chegou a sua desorientação:

1.º — Que “quando a Igreja foi chamada a decidir, pelos seus legitimis representantes, da legitimidade dessas provas absurdas, viu-se que o papa Nicolau I as prohibiu desde logo, nos tribunaes ecclesiasticos,” e depois que mais tres pontifices “as condemnaram em termos vehementes.”

Esqueceu-se, porém, de dizer que essa reacção vehemente do pontificado contra aquelle systema de provas judi-
ciarias, só se fez sentir nos seculos XII e XIII e que Vacan-
dard, que elle invoca, reproduzindo quase textualmente as
suas palavras “*Quand les papes furent appellés à se prononcer
officiellement sur la légitimité des preuves...*” declara na
mesma pagina, (212), e em continuação, que, si os papas,
“interdisseram expressamente o seu uso nos tribunaes eccle-
siasticos, *elles o toleraram nos tribunaes leigos*, seja porque
os espiritos não estavam preparados para aceitar a sua sup-
pressão, seja porque *tal processo não lhes parecia essencia-
mente mau;*” e, mais adeante, á mesma pagina, falando do
duello judicial, cuja legitimidade só é contestada para os
tribunaes ecclesiasticos, acrescenta: *os membros do clero im-
plicados em um caso que termine por um duello, recorrem a
um campeão leigo para defender a sua causa.*

Mas, depois de tanto barulho em torno de uma coisa tão simples, vem afinal confessar o Dr. Barreto Campello, que a *Egreja ininterveiu nas ordalias*, por abundancia (sic) para ensinar, como sempre, aos doutores de todos os tempos que "o caminho certo" que elles deverão seguir é o que conduz a submissão da consciencia á autoridade despotica do dogma e a subordinação dos interesses da justiça ás ambições politicas do clero.

2.º — E' quando elle diz que eu não consegui contestar que era a pratica dos tribunaes civis naquella época e a origem não christã das ordalias.

O Dr. Barreto Campello estava de certo a sonhar; pois de uma coisa nem de outra cogitei; nem me interessa saber si elles se utilizavam daquellas provas, nem tão pouco da origem das ordalias, que não só são communs entre anglo-saxo-nios, como entre outros povos indo-europeus e até mesmo entre populações selvagens. A these que sustentei e se mantem firme, é que, antes de condemnar as ordalias, ellas figuram nos annaes da Egreja; não só são reconhecidas como dotadas de efficacia juridica, por concilios e pelos canones, e praticadas nas egrejas, mas sancionadas em actos pontificaes, entre elles, o de Innocencio III, approvando os estatutos de Benevente, os quaes, diz Vacandard, autorizam o duello e as ordalias.

Volto agora á analyse da idade media, limitando-me de agora por deante, a responder em notas os pontos capitaes de cada replica do Dr. Barreto Campello, ficando os demais para serem retomados opportunamente, no curso da minha critica. Além de ser isso uma questão de methodo, tira á polemica a

aridez insupportavel em que se arrisca a cair com esse tolissimo esmiuçamento de citações, quando de factos e de idéas é que se deve especialmente tratar.

XXII

Queda a Idade Média

A idade media, a *idade de ouro* do catholicismo, passa por uma época de profunda estagnação mental, ou, antes, por um phenomeno monstruoso de evoluer regressivo na historia da civilização.

O unico elemento conceptual, observa Troilo, que nessa época possa imprimir, apesar de contradictorio e absurdo, um signal qualquer á idéa de movimento, de actividade humana, para um fim, é o livre arbitrio, e isto mesmo para um fim que o proprio homem determina. Tudo o mais é immovel no dominio da intelligencia; triste e fria rigidez na concepção dos céos; immobilidade na astronomia, immobilidade na visão gigantesca do poeta; immobilidade na representação transcendental do principio supremo do Universo — *o motor immovel*, immobilidade substancial que ainda se faz sentir fatalmente no pensamento philosophico até no periodo do mais alto e avançado racionalismo, isto é, até os fins do seculo dezoito, (1)

E emquanto, de um lado, o doutorismo escolastico, de olho fixo no infinito, busca, em vão, a realidade da existencia, a razão de ser das coisas, o segredo dos nossos destinos, actua, por outro lado, no animo das populações depauperadas pelas superstições e pelo fanatismo religioso, uma concepção pes-

(1) — Cf. II misticismo moderno, pags. 22 e 23.

simista da vida, a idéa fixa da morte, o pavor que incute nos espiritos a lenda de Satanaz, que ameaça disputar a Jehovah, pela segunda vez, o imperio do Universo.

A saude, o prazer mais innocente, os desejos mais humanos, tudo isso é para os mysticos uma causa de perdição, a origem de todos os peccados, de que o homem deve fugir. O mais elevado ideal de perfeição está na absoluta ignorancia do que se passa pelo mundo; está no extase, na inercia do pensamento e na aniquilação da vontade. O goso espiritual, este só se obtem com a mortificação da carne, com as flagellações, com os jejuns prolongados.

O corpo, envolucro da alma, é vil materia que não merece os cuidados da hygiene; deve apodrecer de sujo para que a alma, substancia divina, realce na sua limpidez, na sua graça, na sua frescura. O asseio torna-se, pois, um feio vicio e a porcaria uma bella virtude. Tudo em torno é triste e sombrio. A natureza não sorri mais ao homem absorto na pequenez de si mesmo e torturado por visões apocalypticas que lhe excitam a sensibilidade e lhe desenham na imaginação as ineffaveis delicias do Paraiso ou as chammas crepitantes do Inferno.

O ideal da vida, todo elle se reflecte, por assim dizer, na lividez dos christos esqueleticos, nas madonas inertes, em personagens de faces escaveiradas, de cabelleira hirta, que, até Cimabue, retratam nas telas o sentimento da arte christã; (1) ou, então, refugia-se elle naquellas vastas cathedraes onde os homens que entram, como diz Taine, têm a alma triste e as idéas que ali vão buscar são dolorosas. (2)

(1) — Cf. E. Gebhart, *L'Italie Mystique*, p. 282.

(2) — *Philosophie de l'art*, vol. I p. 92.

Sente-se, por toda a parte, a morte rondar, farejando os incautos e os mais precavidos. Parece que a cada momento se ouve a voz tumular de Fra Jacoponi a cantar lugubre para os que passam:

Ecco la pallida morte
Laida, scura e sfigurata

Nas ordens monasticas o sentimento da morte chega a ponto de embotar o instincto de conservação: torna-se quase que a unica manifestação de vitalidade. Além do odio á belleza, do desprezo á saude, da proscricção das regras mais elementares de hygiene e de asseio, conta-se que uma dessas commu-nidades impoz, como dever a seus membros, cavarem elles mesmos a sua sepultura:

“Cada noite o irmão ia ao cemiterio do convento, tomava a pá, tirava um punhado de terra e, silencioso, voltava para a sua cella. E si ao atravessar o claustro, que vagamente alumiava o esplendor mysterioso das estrellas, encontrava uma sombra silenciosa a esgueirar-se ao longo dos muros, saudava-a por estas simples palavras: “*Irmão, é preciso morrer!*” Ao que o outro respondia: “*E’ preciso morrer, irmãos!*” E, lentamente, cada qual seguia o seu caminho.” (1)

Sob a forma de um esqueleto, vagueia a Morte entre as classes populares qual sombra errante da mystica igualdade christã que os pontifices, os prelados, os ricos abbades, os seus alliados, os soberanos, afogaram na embriaguez das orgias, em lutas sangrentas pela conquista do poder temporal e na cubiçaça desenfreada dos bens terrenos.

(1) — P. Gener, *La Mort et le Diable*, p. 124.

A um papa ella diz que elle não vale mais do que um sacristão; a um imperador, que elle não vale mais do que um camponez; a uma rainha, que ella não vale mais que uma mendiga. (1)

A todos sem excepção de classe ou de fortuna, se dirige: aos grandes e aos humildes, aos suzeranos e aos faccinoras. Nos festins, canta canções alegres com os monarchas e os altos dignatarios da Egreja; nos claustros, chora com os ascetas e os acaricia nos seus delirios.

E, cavalgando a besta do Apocalypse, ella entra a saracotear pelos palacios, pelos conventos, pelos templos, pelas ruas, num samba frenetico, que não para e envolve e arrasta e allucina, num louco rodopio, a christandade estarrecida.

E' a *dansa macabra* que os poetas celebram nas suas trovas; que os pintores commemoram nas suas telas e os esculptores cinzelam no marmore e no bronze; que se desenha nos livros devotos, na espada do guerreiro e no punhal do assassino.

Além dessa dramatização delirante, a morte teve o seu canto funerario em que a alma medieval, no desespero da vida e do mundo, aguarda espavorida, desalentada, o dia fatal do aniquilamento da terra com as suas tristezas; em que os mortos sairão das suas tumbas, para o *juizo final*; é o "dia de colera, aquelle que reduzirá os seculos a pó; dia de grande terror, quando o Juiz supremo vier pedir as contas mais severas:"

(1) — Cf. P. Gener, ob. cit. p. 145.

Dies irae, dies illa
Solvat seclum in favilla
Teste David cum sibylla.
Quantus tremor est futurus
Cuncta stricte discussurus!

Hymno de dor, de loucura, de resignação, de covardia, de atrofiamiento da personalidade humana!...

XXIII

Idem

Não é só o espectro da morte que traz espavorida a alma christã da idade media; a cada instante estremece ella de susto, sentindo roçar-lhe, numa caricia, ou infundir-se-lhe no intimo e subjugal-a, o espirito escarninho de Satanaz.

Após um ostracismo multiseccular, elle vem, como que rejuvenescido, mais varonil e mais experimentado, disputar com o Christo o dominio das consciencias devotas.

Já não é mais uma simples divindade derrotada que a mão de Jehovah arremessara, num gesto omnipotente, para o abysmo das trevas, de onde, nostalgico, evocasse o seu passado e o seu esplendor; é o *principe do mundo*, como affirma o Evangelista, é a propria natureza com os seus contrastes e os seus encantos; é materia e é espirito; é a vida e é a morte; é o prazer e é a dor; é força que gera e força que destróe. A tudo que é natural, a tudo que é humano, elle communica o calor de sua existencia: á seiva das plantas e ás palpitações da carne; á belleza e á fealdade; á alegria e á tristeza, ao amor e ao odio.

Revela-se , por toda a parte, o seu poder mysterioso: si o afugentam dos tabernaculos, elle vai sussurrar bucolicamente com a brisa na folhagem dos bosques; ou rumorejar traquinas no marulho das cascatas; ou vai sacudir furioso o dorso das ondas.

Como Jehovah, possui o dom da ubiquidade: habita o fundo silencioso das aguas e as florestas escuras; frequenta os claustros e os bordeis; as tavernas e as sacristias; a cella tosca dos anachoretas e a côrte sumptuosa dos pontifices. Brinca com as crianças, é jovial com as donzellas, ri, impudico, com as cortezãs, e, nas noites de frio, vae aquecer-se ao seio calido das monjas. Canta com os poetas, discute com os philosophos e, na retorta do alchimista, ausculta, numa concentração de asceta, os insondaveis enigmas da existencia.

O Diabo torna-se na imaginação popular e dos proprios theologos, a personificação de todos os deuses do paganismo; é uno e é multiplo: uno, como principio do mal, uno como principio de todas as manifestações da phenomenalidade, que possam impedir a visão mystica de além-mundo, onde o christianismo procurou fixar o ponto de convergencia de todas as aspirações humanas. Multiplo, porque reflecte, por entidades anthropomorphicas, a infinita e variavel tonalidade das coisas.

Uma tempestade que se desencadeia, um furacão que rugge pelos montes e pelas planicies, arrancando arvores e desmoronando torres; si o inverno é rigoroso e si a geada cai, e si os rios transbordam e inundam as herdades, tudo é obra do Diabo, executada pelos seus mensageiros. A fome, a peste, todas as calamidades que assolam uma população, um paiz, é ainda obra satanica. Si um guerreiro christão é mal succedido em uma batalha; si um padre, um cenobita, uma freira desfaz

os seus votos com a Igreja; si um bispo, um cardeal, um papa se deixam arrastar pelas seduções do mundo; si uma solteirona, devota e ricaça, morre sem haver legado os seus bens a um mosteiro ou a uma igreja, foi, por força, intervenção do espirito maligno. Nos actos mais communs da vida, no nascimento de uma criança, nos phenomenos da puberdade, nas enfermidades congenitas ou adquiridas, nos prazeres mais innocentes, na diversidade de indoles e de gostos, num gesto, num pensamento, numa palavra inoffensiva, sente-se o fluido magnetico de Lucifer.

De todas as formas o veste a credence popular e doutoral: ora apparece sob a figura de um porco immundo, de uma serpente, de um morcego, de um lobo, de uma raposa, de todos os animaes de chifre, ou é uma horripilante criação hybrida em que se combinam partes varias de diversos seres; (1) ora se apropria da forma humana: é um ancião de aspecto sombrio e pensativo, um monge alquebrado pelos annos e pelos jejuns; ou joven libertino, cheio de mocidade, que, a deshoras, anda a perturbar o somno e a candura das noviças; ou formosa mulher, cujos requebros fazem reluzir de desejos a calva veneravel dos santos e dos theologos; ou magico eximio que realiza prodigios cabalisticos; ou cynico hystrião que, com ditos picantes e trovas burlescas, quebra a monotona melancolia da vida.

Ora descrevem-no macambuzio, irritadiço, com tedio de viver; ora glutão e borracho; ora turbulento ou sentimental, a trautear pelas viellas canções de amor. A's vezes, por desfastio, escala os muros e entra pelas cozinhas a derriçar com

(1) — Cf. P. Gener — *La Mort et le Diable*, p. 506.

as creadas; ou se faz banqueiro com os judeus, empresta a juros com os usurarios e mercadeja com reliquias á porta dos templos. Assim, o Diabo vae pouco a pouco, identificando-se com os homens; torna-se visivel e palpavel, com uma psysionomia distincta de ser humano.

Raoul Glaber, o frade chronista do anno 1000, conta como teve em mais de uma occasião de avir-se com elle. Uma das vezes foi no mosteiro de Saint-Léger, á noite. Narra o chronista: Eu vi ao pé do meu leito um pequeno monstro negro de forma humana. Tinha, tanto quanto pude reconhecê-lo, o pescoço esguio, a face magra, os olhos muito pretos, a fronte estreita e enrugada, o nariz chato, a bocca enorme, os labios grossos, o rosto curto e fino, uma barba de bóde, as orelhas rectas e pontudas, os cabellos duros, os dentes de cão, o occiput saliente, o peito e as costas protuberantes, as vestes sordidas; agitava-se, debatia-se furiosamente. Essas aparições eram na sua época mui frequentes, e por isso andavam sempre os monjes em polvorosa. (1)

E ao mesmo tempo, que apavora os religiosos nos seus cubiculos, é visto alta noite, a devassar os espaços com o papa Silverio II. Este pontifice que, antes de assumir a chefia da Igreja, percorrera a Espanha, onde conheceu de perto a cultura arabe, passava por manter ligações intimas com o Demónio. Corre a lenda de que este lhe arrebatara a alma e os seus ossos se entrechocavam no tumulto a predizer a morte dos Pontífices.

Não finda aqui o destino da mais complexa criação

(1) — Ver E. Gebhart — Moines et papes, p. 21 a 28.

(2) — Cf. P. Gener — La mort et el Diable, p. 534.

legendaria que empolgou a imaginação e o pensamento da idade media.

XXIII a

NOTA — A' critica do Dr. Barreto Campello ao meu artigo sobre o papel da Igreja, na libertação dos escravos e dos servos da gleba, tenho a oppor o seguinte:

1.º — E' elle mesmo quem confessa que o christianismo, pela bocca do seu mais eminente apostolo, São Paulo, em vez de combater a escravidão "aconselhou aos captivos obediencia, isto é, *respeitou a ordem juridica estabelecida na sociedade.*" De certo, vai uma grande distancia entre aceitar um instituto, um regimen, e repudial-o ou combatel-o.

De accôrdo com as tradições evangelicas reconheceram tambem a legitimidade da escravidão doutores da Igreja do calibre de Santo Agostinho, de Tertuliano e de Thomaz de Aquino. Tambem não contestou o Dr. Barreto Campello que em concilios se excommungasse quem se apossasse do escravo de outrem, o que é um reconhecimento solemne do *direito de propriedade do homem sobre o homem*; nem que Bossuet, o famoso bispo de Meaux, já no seculo dezesete, justificasse a escravatura. Igualmente, não foi porque o escravo dependesse de outrem, como tentou explicar, que o papa Leão I impedira a sua elevação ao sacerdocio; mas porque a *vileza servil* não tinha o *direito de attingir aquella honra*; porque o *sagrado mysterio era polluido ao seu contacto.*"

3.º — O Dr. Barreto Campello, procurando destruir uma informação de Ives Guyot, ou não a examinou com a devida attenção, ou procedeu de má fé. Escreveu elle:

"Escravos no seculo XVIII, como diz o Dr. Pimenta,

citando Ives Guyot, é mesmo coisa de fazer rir. Eis que diz M. Luchaire, professor da Sorbonne, na grande *Histoire de France* de Lavisse, serem muito raros os *servos na França no seculo XII*. E a revolução teve de libertar *escravos da Igreja no seculo XVIII*! Si quasi não havia *servos em França no seculo XII*?” Agora veja o leitor como elle torce as palavras:

O que citei de Guyot foi: *Os ultimos servos libertos antes da Revolução não foram servos da Igreja?*

Ora, *servo e escravo*, deve elle saber que não se confundem.

Quanto á citação de Luchaire de que no seculo XII “os servos eram mui raros na França,” lembra Crozals, que “somente no seculo XIII se podem observar os primeiros esforços tentados para a abolição da servidão; que a esse movimento de emancipação, favorecido a principio pelas communas, depois pelos senhores leigos, só por ultimo adheriram os senhores ecclesiasticos.” (1)

Outro escriptor, Salomon Reinach, escreve que “no seculo XII a *escravidão* tende a desaparecer no nordeste da Europa, mas a *servidão* ali subsistiu até o seculo dezoito. No sul e a leste, por causa do contacto com o Islam, a *escravidão* se manteve muito mais tempo. Os cruzados, (guerreiros *catholicos*) tiveram mesmo como escravos christãos gregos.” (2)

Por ultimo, A Rambaud refere que “se contavam no fim do seculo XVIII cerca de 150.000 (*cento e cincoenta mil*) *servos*,” sendo que “nas vespervas da Revolução, accrescenta

(1) — *Histoire de la civilisation*, vol. 2, p. 135 a 137.

(2) — *Orpheus*, p. 587.

Letourneau, os conegos de Saint Claude possuíam 12.000 (doze mil) *servos tratados exactamente como os da idade media.*" (1)

Quanto á *questão social*, falta elle á verdade, affirmando que eu, além de nem siquer ter cogitado de tal assumpto, estou sempre a fugir delle como o diabo da cruz.

De certo, anda muito desmemoriado, pois o ultimo escripto que publiquei da serie que tem a infantil pretensão de destruir, era o inicio da minha analyse do catholicismo social e da politica tortuosa da Egreja em adherir ao movimento operario. Si até hoje me tenho conservado no terreno da historia, primeiro, é porque a discussão me impelle a não abandonar este, enquanto eu tiver o que nelle devassar; segundo, porque, conhecendo-se bem o passado de uma instituição que se propõe a reformar o mundo contemporaneo, de antemão se torna facil calcular qual deva ser o valor do seu apostolado e o espirito que o anima.

Ao que escreveu o Dr. Barreto Campello, relativamente á participação do clero brasileiro na campanha abolicionista, tenho a dizer:

1.º — Nem uma palavra siquer para o velho José Bonifacio, o nosso predestinissimo patriarcha que, alludindo em 1823, á ignorancia e á corrupção do nosso clero, sentenciava que elle *era o primeiro que se servia de escravos e os accumulava para enriquecer pelo commercio e pela agricultura, e para formar muitas vezes com as desgraçadas escravas um*

(1) — A. Rambaud — Histoire de la civilisation française, vol. 3, p. 82; ch. Letourneau — L'évolution de l'esclavage, p. 480.

harem musulmano. E' uma testemunha insuspeita que se expressa deste modo sobre o interesse apostolico do clero brasileiro pela sorte dos captivos.

2.º — O Dr. Barreto Campello mostra ser mui versado na chronica ecclesiastica de Pernambuco, pois escreve:

“No Brasil, diz o Dr. Pimenta, que o clero nada fez em beneficio dos escravos, *excepção feita do bispo Azeredo Coutinho.*”

Eu escrevi justamente o contrario:

“Da *escravidão dos negros foi ardentissimo apostolo* o bispo de Pernambuco, Azeredo Coutinho.”

Assim, me attribue um erro que elle commette em um assumpto que lhe deveria ser familiar...

3.º — Quanto ao papel do padre catholico Antonio Feijó (dizem que tambem era maçon) na suspensão do trafico de escravos, em primeiro lugar, não representa, elle, pessoalmente, o clero; em segundo, não agiu pelo sentimentalismo christão; em terceiro, representou antes uma figura apagada naquelle acto de pura humanidade.

A lei de 7 de novembro de 1831 a que S. S. se refere, resultou de uma convenção celebrada entre o governo brasileiro e o governo britannico, afim de que desaparecesse das nossas plagas tão infamante commercio. Para que na regencia se convertesse aquella convenção em lei nocional, teve a Inglaterra de fazer ao Brasil innumeradas reclamações. Tratase, pois, de um acontecimento provocado pela politica internacional, limitando-se a *acção catholica* ou *maçonica* do padre Feijó, que nem da regencia fazia parte, a *referendar*, como ministro da Justiça, o que nem sequer partia de nós como uma

eloquente demonstração do sentimento de piedade, mas sob a imposição, por assim dizer, de uma nação *protestante*.

Si quizer informar-se disso melhor, recorra o Dr. Barreto Campello ao excellente trabalho de O. Duque Estrada *A Abolição* — (Paginas 18 e 19) em que Ruy Barbosa, seu prefaciador, figura entre os primeiros apóstolos do abolicionismo, de certo movido, naquella época, por sentimentos que lhe não inspirara o espirito *libertario* da Igreja brasileira.

Mas o meu antagonista vai ficar de olho esgazeado quando eu lhe disser que o trafico de escravos, para Portugal, teve a sancção de sua christianissima santidade, o papa Nicolau V, e que um dominicano, Bartholomeu Las Casas, aconselhou a exportação dos negros para a America, do que se arrependeu, porém muito tarde, já no fim da vida. (1)

5.º — *A retractação* de Joaquim Nabuco, do que dissêra elle relativamente á ausencia do clero na campanha abolicionista, é outra coisa muito parecida com as conversões de Littré, de Claude Bernard e outras, não menos imaginarias, impudentemente exploradas pelo clero.

Joaquim Nabuco, quando refere que scientificara Leão XIII de que os bispos brasileiros se manifestavam, em pastoraes, favoraveis á emancipação dos escravos, nem vagamente se reporta ao que antes escrevera; não houve, absolutamente, tal *retractação*. O Dr. Barreto Campello cavilosamente supprimiu a data em que Nabuco escrevia em Londres, e a da primeira pastoral, que foi a do bispo de Olinda, de adhesão á causa dos captivos.

O eminente apóstolo do abolicionismo invectiva o pro-

(1) — Salomon Reinach, *Orpheus*, p. 587.

cedimento pusillanime do clero em 1883, ao passo que os nossos *piadosos* prelados só se tornaram *abolicionistas* em 1887, quando o movimento já havia conquistado a alma nacional, ou, como dizia o arcebispo da Bahia, estava “na consciencia do povo brasileiro.”

Nem era explicavel que um homem da correcção de Nabuco caísse na esparrela de faltar á verdade, hoje, para, amanhã, ser forçado a uma retractação humilhante.

Mesmo os factos estão na memoria de todos, para que possam ser deturpados como em regra fazem os *chronistas catholicos*.

6.º — Em synthese, não contesta o Dr. Barreto Campello, nem o poderá jamais, que a Igreja, pelos seus legitimos representantes, possuiu escravos e servos da gleba; que, no Brasil os membros do clero, dos mais humildes aos mais graduados, hierarchicamente, foram senhores de escravos; que, á frente do movimento abolicionista só se collocou a Igreja officialmente, quando a causa da emancipação dominava a consciencia nacional; finalmente, que os ultimos paizes que deram o golpe de morte no hediondo regimen foram os que culminam entre os mais catholicos da christandade: Hespanha e Brasil.

XXIV

Emquanto o diabo comparece em trajes de gala aos festins dos principes da Igreja e dos senhores feudaes, e discute com os doutores sobre o cháos genesiaco, a immortalidade da alma e outros problemas transcendentales; enquanto, com os trovadores, canta em noites de farra cantigas brejeiras e, pelos

claustrros, anda a tentar os mysticos que de medo se encolhem nas suas cellas, ao mesmo tempo se populariza, torna-se um personagem democratico, mettido entre multidões e tomando parte nos seus folgares e nas suas maguas.

Como Jehovah, passa elle a ter um culto com o seu ritual e os seus adoradores, que, em vão, combate um exercito de ascetas e de santos.

O seu poder reveste-se pouco a pouco de um prestigio que impressiona: a elle attribue-se a corrupção que mina assustadoramente a arvore christã; é elle que com os pontifices, os prelados e os clerigos arruina o vasto edificio religioso, á sombra do qual raças e povos, os mais diversos, vieram abrigar-se. Realizam-se, como se fosse uma prophesia, as palavras do Evangelista: faz-se de *príncipe do mundo*, de Grande Diabo, tão grande, maior, talvez, que o proprio Christo.

Como outr'ora, no Paraizo, vale-se da mulher para illudir a vigilancia senil do velho deus judaico; e, então, sente-se que no coração da Igreja, *divina e incorruptivel*, desfere o golpe mortal a mensageira satanica, *veneno das almas, sanguisuga insaciavel* que Pietro Damiani alveja, com odio pudico e aggressivo, ao denunciar á christandade a cupidez, a depravação de costumes, o apego aos bens terrenos do clero catholico.

A mulher apparece por toda a parte: domina com os bispos no episcopado e com os parochos no presbyterio; esposa ou concubina, participa das vantagens do sacerdocio igualmente com a prole. "No começo do seculo XI, escreve Pompeyo Gener, grande numero de bispos são casados. Só na Bretanha contam-se nada menos de quatro. Seus filhos herdam do episcopado. Todo o clero imita os bispos; os clerigos

que não têm mulheres, têm concubinas; á falta de mulheres proprias, tomam as dos outros... A mulher do diacono reveste-se do character de sacerdotiza e sobe com elle ao altar. A do bispo disputa o passo á do barão; reina na igreja, como a outra reina no castello." (1)

As prerogativas ecclesiasticas são, como tudo mais na Igreja, um meio de extorquir dinheiro ou de galgar uma posição rendosa; vende-se um bispado como se fosse uma propriedade, um feudo, a que se annexam direitos hereditarios.

O pontificado constitue-se tambem um campo de exploração economica e de competições politicas.

"Do seculo XI até o seculo XIII a historia dos papas é de causar vertigem. A loucura de Caligula, a ferocidade de Nero, a luxuria de Heliogabalo reapparecem. No seculo X, os condes de Tusculum entregam a Santa Sé ás cortezãs e aos bandidos: João XII, papa aos dezeseite annos, installa o seu harem em Latrão e sagra um diacono em uma estrebaria. Bonifacio VIII, desthronado após quarenta e dois dias de pontificado, foge para Constantinopla com o thesouro da Igreja. Volta, após a morte de Othon II, faz morrer de fome o seu successor João XIV nos poços de Sant'Angelo e arranca os olhos aos seus cardeaes. Bento IX leva uma vida tão horrivel que tentam estrangulal-o no altar. Foge, vende a tiara, pede moça em casamento, regressa a Roma, onde encontra dois anti-papas; é de novo expulso, faz envenenar Clemente II, occupa pela terceira vez a cadeira de S. Pedro, depois

(1) — *La mort et le diable*, p. 534. Ver ainda M. e Mme. Guizot, *Essai historique sur la vie et les écrits d'Abellard et d'Heloise*, VI.

desapparece para sempre, encerrando-se como um animal selvagem nas florestas de Tusculum... Este papado demoniaco ou profundamente miseravel, essa Igreja manchada por todos os crimes, que se curva á brutalidade do seculo, tornou-se o horror e o tormento da christandade... A consciencia popular que via a mão de Deus, em todas as crises da historia como em todos os phenomenos inquietantes, condemnava silenciosamente a igreja de Roma. Si Deus permittia taes catastrophes, era porque entregara á malicia de Satan os pastores christãos." (1)

A corrupção, que envolve o clero secular, acaba invadindo os conventos, antes, refugio dos crentes que não podiam tolerar o mundanismo escandaloso que imperava nos meios ecclesiasticos. Já não são mais para o mystico Gerson um lugar de recolhimento, de penitencia e de prece; são valhaoitos de vicios, asylos de prostituição, *prostibula meretricium*, que os governos, muitas vezes, são forçados a fechar, a bem do decôro publico, como hoje faz a policia com os *cabarets e rendez-vous*.

Mas, á medida que o povo vae sendo tosquiado pelo clero, os altos dignatarios da Igreja, transformados em senhores feudaes, tratam de consolidar a sua fortuna e os seus privilegios aristocraticos; á proporção que o grosso do exercito clerical embrutece na occiosidade, na concupiscencia e no sybaritismo, eleva-se das baixas camadas sociaes o queixume das victimas, primeiro e vago balbucio da alma de todas as revoluções:

(1) — E. Gebhart, L'Italie mystique, p. 11 a14.

Hélas, prélats et gens d'église
Qui nous voyez nus en chemise,
Pour Dieu, regardez nos visages
Qui sont si piteux et si pâles!

Sente-se pelas chronicas e pelo falar anonymo do tempo que o povo vai perdendo a fé na obra redemptora de um deus de misericórdia e de justiça, feito homem; que em suas tribulações, em seus pesares, nas grandes calamidades que ceifam milhares de creaturas, não mais se ouve o deus celeste, como que sequestrado pelos tyrannos da espada e da mitra.

Volta-se com fervor para o Diabo, invoca-se o *rei da terra*, para que elle distribua com os pequenos, com os servos, com os humildes, a riqueza, a alegria, o goso de viver que, em nome do Christo, aos grandes coubera em alta escala. É a vida como que renasce, mas renasce, com uma hypertrophia pathologica, para a loucura sensual; resurge na vertigem erotica das almas que se paganizam; emerge com a explosão dos instinctos que adormecera e embotara uma idéa sombria e lugubre da existencia. E assim como a danza macabra dramatizara a visão triste da morte, o *sabbat* dramatiza a visão alegre da vida. O seu symbolo religioso é Satanaz, como da morte o fôra Jesus Christo. E' um folguedo e um culto em que a imagem do *espírito das trevas*, illuminada com o esplendor das tochas, preside, de um throno erecto no fundo de um bosque florido, á confraternização, pelo prazer e pela blasphemia, dos fracos contra os fortes, dos espoliados contra os espoliadores. E' uma valvula por onde, sob um regimen de ferrea theocracia, se escapa com a vida o fermento das re-

voltas secretas, que na chronica das civilisações prenunciam as grandes borrascas sociaes.

Desse ambiente creado por uma educação religiosa que desvirtua as leis da natureza, que insiste por destruir no homem o senso da realidade, impedindo-lhe o livre exame dos phenomenos, que ella substitue por concepções infantis e absurdas, resultou uma tal crise, na psychologia individual e collectiva da idade media, que esta não só é uma pagina regressiva da historia, como é tambem, um capitulo eloquente de sciencia psiquiatrica.

O que a principio era apenas o fructo da insufficiencia mental dos homens — a crença em uma outra vida, de gosos ou de soffrimentos; a idéa fixa da morte e o pensamento de que os nossos destinos estão a mercê da vontade de seres sobrenaturaes, de genios bons e de genios maus, tudo isso se converteu em um estado allucinatorio, degenerou em verdadeiras manifestações epidemicas de delirio religioso, através das quaes a *omnisciencia infallivel* da Igreja percebia, pelos seus pontifices, pelos seus concilios, pelos seus canonistas, em umas, os designios de Deus, em outras, as manhas de Satan.

NOTA — O Dr. Barreto Campello, sempre desnordeado, a fugir do terreno da discussão, saiu-se com uma divagação sobre as congregações religiosas cujos bens o governo francez desapropriara, faz alguns annos. Não sei a que proposito vem com semelhante questão, quando nem vagamente della cogitei. O que eu affirmei foi que os prelados da Igreja, os *seus principes*, não vivem, como os primeiros evangelizadores, pobre e humildemente; que a Igreja perdeu o feitio espirital, apostolico, das primeiras communitades christãs, para tornar-

se em poderosa e aristocratica organização economica; que no clero existe uma escalonagem de posições hieraticas que vai do simples beato de sacristia até o posto supremo do pontificado. E' o que desejo venha refutar; pois quanto ao fim que o governo francez tenha dado aos bens das congregações, é assumpto que me não interessa.

XXV

A idade media é uma época em que a loucura mystica attinge um caracter tão agudo, tão contagioso, tão extensivo, como em nenhum outro periodo da historia da pathologia social.

Si é certo que na chronica dos cultos pagãos se registam muitos casos de mysticismo allucinatorio; si os homens vêem os seus deuses metamorphoseados em serpentes, em cysnes, em touros; si os melancholicos se sentem perseguidos por furias que empunham lategos ou pelos cães de Hecate (1); é justamente no *periodo* aureo do catholicismo, quando mais se firma a infallibilidade da Igreja no domínio espirital e temporal, que a humanidade soffre a mais profunda e a mais critica depressão psychica.

Para isso contribue a ignorancia das classes sociaes, reforçada e mantida pela educação malsã do clero catholico que, em vez de depurar o christianismo das superstições grosseiras que nelle se enxertam, concorre para que o mesmo se degrade e desapareça sob a floração rustica de um ritualismo rebar-

(1) — Ver Dr. A. Marie — *Mysticisme et folie*, p. 130.

bativo e de crenças peculiares á mentalidade dos povos inferiores.

Tentando coarctar a livre expansão dos instinctos vitaes, desviando o espirito da realidade, tolhendo-lhe a faculdade de analyse e de reflexão, incute elle nos animos, com o pavor do inferno e pensamento da morte, a idéa pueril do milagre, que passa a ser a mais alta concepção do phenomenismo universal.

O resultado disso foi um lamentavel desarranjo da emotividade, um desequilibrio animico, a irrupção de psychoses de fundo hysterico, de aberrações sexuaes, de convulsões epileptiformes, uma grande crise de nervos que devastou e inhibiu as funcções superiores da mecanica cerebral, reduzindo-a á actividade subconsciente e em extremo suggestionavel do automatismo psychologico.

Como Jehovah, o Diabo tem tambem o seu sacerdocio, cujos membros, os feiticeiros, tanto deram que fazer á Egreja. Por intermedio delles, o principe do mundo communica á christandade o seu mysterioso poder infernal: faz-se de curandeiro, de droguista, de fabricante de filtros que revelam os segredos do sonho, de talismans que tornam as cousas invisiveis, descobrem thesouros occultos, enriquecem os que são pobres e protegem o guerreiro medieval nas batalhas e nos torneios.

Este sacerdocio diabolico, cujo prestigio augmenta dia a dia, impressiona vivamente o seu rival — o sacerdocio catholico: este vê naquelle a politica astuciosa de Satan a triumphar sobre a politica militar de Sabaath; e com razão, porque cada vez mais o *espirito das trevas* espanca as ultimas sombras do messianismo que de leve, mui tenuemente, ainda envolve o

silencio melancolico de algum mosteiro perdido entre os destroços da velha nau christã a sossobrar.

Desencadeia-se, então, uma perseguição atroz contra o feiticeiro; como o hereje, é um inimigo perigoso que é preciso eliminar; é um concurrente que é necessario afastar do commercio religioso; e a elle attribue-se toda especie de maleficios, de crimes horriveis: a morte, as molestias mais repugnantes, as grandes calamidades, tudo é obra sua de combinação com o Demonio.

Por toda a parte, a Egreja, com a sua *visão infallivel, omnisciente*, descobre-lhe o vulto sinistro; é o mendigo coberto de trapos que esmola pelas herdades e dorme ao relento; é o rustico pastor que descuidado passa tocando a sua gaita; é uma cura, um frade, que leva uma vida de aventuras mysteriosas; é o humanista que folheia os classicos; é o medico, o astrologo, o alchimista, o inventor, quem quer que ouse levantar um pouco o manto espesso que encobre a natureza aos olhos mortaes. E' o moedeiro falso que faz concurrencia aos reis e o colleccionador de reliquias que faz concurrencia aos papas. Dahi a colligação do poder temporal e do poder espirital para combatel-o. Desde o seculo IV procura em vão a Egreja reprimir a feitiçaria: um concilio prohibe que os padres e os clerigos sejam *encantadores*, mathematicos, astrologos, façam amuletos, sob pena de serem expulsos da Egreja. No seculo VI, quatro concilios anathematizam os feiticeiros e os adivinhos; neste mesmo seculo instituem-se contra elles violentas medidas repressivas, mas sem resultado. Sob Carlos Magno, a feitiçaria figura na legislação penal como um crime que é necessario extirpar pelos processos mais energicos; ella, porém, continua pelos seculos afóra a estender o *reino de*

Satan; vulgariza-se de tal forma que entra a integrar-se ás subtis divagações theologicas, ás questões de logica judiciaria e ao incipiente empirismo dos conhecimentos medicos. Gente obscura, ou de alta posição, ninguem contesta a influencia occultista e sobrenatural do feiteiceiro: os reis e os papas sentem o seu magnetismo bemfazejo ou malefico, a penetrar-lhes a epiderme, a infiltrar-se-lhes nas veias. De dois que pretenderam envenenal-o, fala assim o papa João XXII:

“Os magicos Jacques Brabançon e Jean d’Amonte, este, medico, prepararam beberagens para nos envenenar com alguns cardeaes, nossos irmãos, e não o tendo conseguido, fabricaram com os nossos proprios nomes, para nos roubar a vida, imagens de cêra, que elles picavam. Mas Deus nos salvou fazendo que viessem ás nossas mãos tres dessas imagens.”

Sob o reinado de Luiz XI e de Carlos VIII a feitiçaria installa-se nos paços reaes, e do seculo XII até o seculo XVI ella domina, por assim dizer, o scenario do mundo christão; só em França o numero de feiteiceiros attinge a trazentos mil. Homens illustres, como Fernel e Ambroise Paré, acreditam no feitiço e dissertam sobre elle. Afim de deter-lhe definitivamente o passo, um pontifice, Innocencio VIII, accende as fogueiras da Inquisição “contra aquelles, de um e outro sexo, que tenham commercio com o demonio e atormentem com as suas feitiçarias os homens e os animaes.” Então, começa encarniçada a extirpação do mal; tortura-se e queima-se em massa; milhares de vidas se consomem nas chammas, depois de terem passado por torturas indescriveis. Só na Allemanha perecem pelo fogo cerca de cem mil feiteiceiros. Uma vaga denuncia, a tagarelice de uma hysterica, é bastante para que arda o brasileiro inquisitorial. Em vez de ao menos attenuar

o mal, a Inquisição contribue para aggraval-o, o que se verifica com o impulso que a elle imprimira a bulla *summis delinquentes*.

Sob a accusação de professarem a feitiçaria, são excomungadas ou condemnadas á morte pessôas illustres que deixaram o seu nome ligado ás sciencias, ás artes, aos grandes feitos.

Vem a proposito recordar aqui o nome de Joanná d'Arc, que o Vaticano canonizou com uma pompa theatral, accusada de feitiçaria e queimada viva por sentença de legitimos representantes da Igreja! "Os escriptores ecclesiasticos da época (seculo XV) quer francezes, quer inglezes, diz Ch. Richet, foram unanimes em admittir que Joanna era realmente feitiçeira e fizera um pacto com o demonio." (1)

O tribunal que condemnou Joanna d'Arc foi dirigido por Pedro Cauchon, bispo de Beauvais, e João Lemaitre, vice-inquisidor da Fé, supplente do grande inquisidor de França, e comprehendia cento e vinte abbades, priores, conegos, padres, bachareis ou licenciados em theologia e direito canonico. Os termos da sentença, proferida "em nome do Senhor", são, como se verá, repassados de uma edificante e profunda ternura christã:

"Nós te declaramos, por justo julgamento, tu, Joanna, vulgarmente chamada a *Pucelle*, haver cahido em crime de schisma, idolatria, invocação de demonios e outros delictos... Visto que, depois de teres fingido abjurar os teus erros, a elles, ó vergonha! voltaste, como volta o cão ao que vomitou"... Por taes motivos declaram-na "relapsa, impia, here-

(1) — L'homme et l'intelligence, p. 345.

tica... , membro apodrecido que deve ser rejeitado e cortado do corpo da Igreja, para que não infeccionasse os outros." (Cf. F. Challaye, *Le christianisme et nous*, nota á ps. 239-240).

Dessa perseguição atroz que se fazia aos adoradores de Satan ficou uma liateratura cuja rotulação exotica diz o que deveria ser a mentalidade daquelles que se julgavam illuminados pela *revelação divina*. Cito, de passagem: *Tratado notavel sobre os maleficios e as decepções que elles causam, extraido com um cuidado particular do Formicarium do mesmo autor*: Frei João Mider, da ordem dos irmãos pregadores, professor de theologia e inquisidor da peste heretica; *Flagello dos demonios, ou exorcismos terriveis, poderosos e efficazes, remedios excellentes para expulsar os espiritos malignos dos corpos dos possessos e escapar dos maleficios do diabo*, de frei Jeronymo Mengus, da Ordem dos irmãos menores. E, além destes e de outros productos da sapiencia clerical, sobreviveu, para edificação dos povos, um famoso monumento de imbecilidade humana — *Malleus maleficarum* (*o Martello das feiticeiras*), *vademecum* monstruoso dos inquisidores, "um manual, diz Ch. Richet, que permittia ao juiz ser douto, orthodoxo, erudito, invencivel na resposta e em condemnar sem appello." (1)

Mas, emquanto a crença na Igreja é que os feiticeiros são agentes do diabo, um pensador, que não fôra inspirado pela *omnisciencia divina*, Jean Wier, sustenta que a maior parte dos feiticeiros não passam de pobres doentes, victimas de

(1) — Obra citada, p. 300; na parte historica, todo o capitulo *Les demoniaques d'autrefois*; e ainda J. Regnault, *La sorcellerie*, p. 76 a 84 e S. Reinach, *Orpheus*, p. 444.

allucinações, sendo, por ter dito taes *abominações*, accusado de querer augmentar o *reino de Satan*. Não contasse elle um forte protector e teria acabado na fogueira.

Ao passo que o numero de adivinhos e de magicos se eleva numa progressão geometrica e o numero de santos vai diminuindo sensivelmente, o poder diabolico alcança as almas mysticas que ainda persistem na fé. Como aquelles, ellas se sentem tentadas e dominadas por Lucifer que resiste a todas as preces e a todas as flagellações: a theomania e a demonomania disputam com a mesma vehemencia o campo religioso da idade media. Conventos ha que se transformam em manicômios; as nevroses, as paranoias, a hysteria campeiam ali sob fórmas epidemicas; as correlações do extase religioso e do erethismo erotico, phenomeno mui commum nas loucuras mysticas, se revelam sob aspectos aberrantes e espasmodicos. As visões celestes mais puras turvam-se com as sensações mais lubricas. Emquanto a alma anceia por desprender-se do corpo, em busca do além, a carne estremece e palpita; envolve-a um goso estranho, corre-lhe pelas veias uma especie de trituração sensual: é o espirito maligno que se installa no mesmo envolucro, formando-se uma esquisita dualidade psychica, duas substancias que se chocam, que se repellem, que se contradizem.

Desse estado delirante do mysticismo religioso, tão commum na idade media, ficou a memoria do mosteiro de Kintrop, onde o diabo forçava as boas irmãs a andarem aos pulos, a uivarem ou a miarem como gatas, sem falar no caso celebre de demonopathia, já no seculo XVII, do convento das Ursulinas, em Loudun, que custou a vida a um pobre cura

injustamente accusado por factos que só a sciencia viria mais tarde decifrar. (1)

“Todavia, escreve o eminente professor Pitres, a razão acaba sempre por ter razão. Ella começou a triumphar para o fim do seculo dezesete. As obras de Rabelais, de Montaigne, de Bacon, de Harvey, de Descartes tinham já transformado o espirito publico. A crença nas influencias sobrenaturaes ou ao menos na intervenção directa do diabo nos negocios humanos tinha pouco a pouco perdido o credito e em 1674 um edito de Colbert prohibiu nos tribunaes fosse admittida de então por deante a accusação de feitiçaria.” (2)

O que a Igreja *infallivel* julgava ser a influencia de uma força sobrenatural, resultava apenas um facto naturalissimo, originario de processos pathogenicos que se desdobravam em um ambiente de profunda ignorancia e fanatismo, fortemente saturado do seu *espirito divino*. Era o fructo sazonado da educação dogmatica e autoritaria com que ella tentou, sem resultado, modelar um typo de civilização, negativo de todo progresso; era a nuvem que projectava nos espiritos o pavor de um soffrimento eterno que ella com rara habilidade explorou; eram os effeitos da sua intolerancia em vedar o livre exame e a discussão em torno de qualquer assumpto que se prendesse á estreiteza e vacuidade de sua escolastica.

Graças, porém, á sciencia heretica do seculo dezenove, hoje nos rimos dos exorcismos como das praticas de *catimbó*.

(1) — Cf. A. Marie — Obra citada, p. 169; Richet, obra citada, pag. 373; Pierre Janet, *Nevroses et idées fixes* p. 376.

(2) — *Léçons cliniques sur l'hysterie et hypnotisme*, vol. X. p. 48.

Creemos que tambem comnosco se ri o clero catholico, mas com o riso amarello do fiasco...

Só nos causa pena é que, ao mesmo tempo, se nos contraiam os labios ao evocar a legião de victimas sacrificadas inutil e cruelmente pela sapientissima e humanitaria justiça ecclesiastica.

Mas... *era o terrivel momento historico!*

XXVI

E' natural que os costumes dissolutos do clero, em desaccôrdo com as tradições evangelicas; que a divisão da sociedade em classes opprimidas e classes oppressoras, mantida pela theocracia catholica; que as multiplas vicissitudes da historia tumultuosa do pontificado, cuja intervenção se faz directamente sentir na vida externa e interna dos povos, suscitem mais de um movimento de rebeldia visando forçar a volta da Igreja ao primitivo regimen christão, ou a restringir tanto quanto possivel o seu absorvente e exorbitante imperialismo politico-religioso. Dahi a erupção do sectarismo reformista caracaerizado na idade media por duas correntes que, convergindo para o mesmo fim, divergem, entretanto, no modo de agir: uma, submissa á autoridade espiritual e temporal dos pontifices; outra, rejeitando esta autoridade a que attribue em grande parte a origem dos males que desvirtuam a verdadeira missão apostolica do christianismo.

A' primeira corrente estão ligados entre outros nomes, o de Bruno, no seculo XI, o de Joaquim de Flora, no seculo XII e o de Francisco de Assis que com um punhado de dis-

cipulos delineaia no seu recanto da Umbria a obra de renascença do sentimento christão.

A segunda, que é a que nos interessa nesta polemica, comprehende, entre outras, duas seitas ás quaes já me referi, isto é, a seita dos valdenses e a dos albigenses, com extrema crueldade massacradas pela Igreja.

Pedro Valdo, que passa por um dos predecessores de Francisco de Assis, tentou restabelecer a religião christã começando por desfazer-se de todos os seus bens e fundando agremiações de crentes das quaes excluiu toda especie de hierarchia. Os seus adeptos, os *humilhados*, percorriam a Italia em peregrinações, como os primeiros apóstolos, procurando, segundo confessaram os proprios inquisidores que os perseguiam, fazer reviver a fraternidade evangelica: "Estendiam a mão aos pobres, aos enfermos, aos orphãos, aos prisioneiros, aos exilados; fundavam hospicios para os forasteiros e os doentes, abriam escolas gratuitas, mantinham seus estudantes na Universidade de Paris, levavam os seus soccorros até aos orthodoxos." Pois esta seita, assim animada de um nobre esperito de reforma, foi atrozmente esmagada só porque se recusára a curvâr-se ao sceptro de Roma. Uma carta de Innocencio III ao bispo de Metz, solicitando informações sobre si os valdenses se submettiam ou não á supremacia do papa, conclue recommendando que si "elles a reconhecessem, podiam ficar tranquillos; no caso contrario, fossem perseguidos." (1)

Mas, a crueldade do clero catholico attingiu a sua culmi-

(1) — Cf. D'Argentré, *Collect. Judicior*, ann 1180, in E. Gebhart, *L'Italie mystique*, p. 34; *Ce qu'on a fait de l'Eglise* p. 121; S. Reinach, *Orpheus*, p. 432.

nancia na cruzada contra os albigenses, que o Dr. Barreto Campello tentou justificar, valendo-se de argumentos que francamente destoam da piedade christã que está sempre a aflorar aos labios dos apologistas.

Elle vê nesta seita uma *sacietas sceleris*, uma turba de malfeitoses que pelo occidente europeu, especialmente no sul da França, destroem mosteiros, incendiam e profanam templos, matam os religiosos, esquecendo-se, porém, de dizer que na mesma época, em nome de Christo, a Egreja arremessava as suas hostes contra o Oriente onde elles praticavam os mesmos desatinos, e absolvía com santo jubilo o saque de Constantinopla e o massacre dos gregos scismaticos. (1)

Mas que seita é esta que só em evocar a sua fama, arripia de *horror sacer* o meu devoto collega? Qual a origem desta *raça maldita de crentes* contra a qual, no dizer de um historiador, “se organizou a mais odiosa guerra de religião de que a historia de França se recorda”? Esta seita nasceu na Italia do espirito de revolta do povo e do baixo clero contra “os escandalos da Egreja ambrosiana, a simonia do alto clero, a impudencia dos padres casados” a que se oppunha em protesto um commentario rubro do *Sermão da Montanha*, cujo éco soava pelas ruas immundas de Milão a reunir a plebe que se acotovelava colerica e faminta no bazar Pataria e á qual Arialdo assim falava:

“Não esqueçais que o Filho de Deus não tinha uma pedra onde repousar a cabeça. Mas disse: Bemaventurados os pobres! Olhae agora os vossos padres com os seus palacios e as

(1) — Cf. Lanessan, *La morale des religions*, p. 400.

suas torres, as suas vestes macias, o seu orgulho, a sua luxuria, a sua preguiça." (1)

Este protesto que parecia ter emmudecido com o destrocamento dos Patarinos resurgiu depois, sob a forma sectaria, em Orvieto, em Florença, em Milão, em Verona, passando depois da Lombardia para o sul da Franca. Aqui o catharismo installou-se com o vigor de uma crença rejuvenescida, para o que contrbiuiu o meio histórico formado pela convergencia de tradições arianas, romanas, arabes, entrelaçadas através de relações commerciaes e intellectuaes que se estendiam de Bordeaux até Béziers, e apressavam a libertação de uma porção consideravel do territorio do jugo despotico do pontificado romano. Como prova dessa emancipação que se operava entre catholicos dissidentes, basta dizer que uma parte notavel dos bispos, dos padres e da população acceitava as idéas e as praticas do catharismo: repellia-se o uso do latim nas cerimonias religiosas, desprezavam-se a missa e os sacramentos, voltava-se á austeridade da Igreja primitiva. S. Bernardo, que tentara chamal-os ao seio da Igreja, dizia que "os seus costumes eram irreprehensiveis; não faziam mal a ninguem; seus rostos eram mortificados e abatidos pelo jejum; não comiam o seu pão como os preguiçosos, e trabalhavam para viver." (2)

Si esta seita se manifestava por um mysticismo aggressivo, si lhe attribuem os parcialissimos defensores da Igreja os crimes mais abominaveis, não menos aggressivo se revela o fanatismo de Innocencio III, quando dirige ao conde de Tolosa

(1) — E. Gebhart — Obra citada, p. 29.

(2) — Cf. Lanessan — Obra citada, p. 400 — 401; A Rambaud, *Histoire de la civilisation française*, vol. I, p. 325; Salomon Reinach, *Orpheus* p. 430.

estas palavras que falam muito alto da sua mansuetude apostolica:

“Homem pestilencial, qual a vossa loucura de zombar das leis divinas, juntando-vos aos inimigos da fé!... Impio, cruel e barbaro tyranno, não tendes vergonha de favorecer os herejes?... Si não temeis as chammas eternas, não deveis temer os castigos temporaes que tendes merecido por vossos crimes? Sabei, si não vos arreponderdes, que nós nos apossaremos dos dominios que possuis na Egreja universal e ordenaremos a todos os principes que se levantem contra vós, como inimigo do Christo e perseguidor da Egreja.”

Estas palavras não ficaram somente em ameaças: no massacre dos habitantes de Béziers, conta-se que o delegado do papa dizia para a soldadesca: “*Matae tudo; Deus saberá quaes são os seus!*” phrase cuja authenticidade contesta o Dr. Barreto Campello, de accôrdo com apologistas do catholicismo.

Entretanto, si se deve, como diz o padre Alzog, a sua vulgarização á *credulidade* do historiador C. Heisteberbach, ella entrou no patrimonio commum das phrases celebres a traduzir na sua expressão tragica a realidade historica. O proprio Alzog, na sua *Historia Universal da Igreja*, vol. 2, pagina 298, confessa que, na tomada de assalto da cidade Béziers, “muitos habitantes foram trucidados sem distincção de crença, nem de sexo, nem de idade.” Isto, aliás, consta de uma *chronica anonyma de Tolosa*, que regista como se deu a terrivel carnificina:

“Então se fez o maior massacre que já se tenha visto no mundo; não foram poupados nem velhos nem jovens, nem mesmo crianças de mamma.”

Tambem a poesia, espelho de mil côres da mentalidade de uma época, retrata eloquentemente o que foi essa obra de benevolencia do despotismo clerical:

“Os incendios, as matanças, os actos de crueldade mais ferozes e as devastações executadas ou ordenadas pelo clero que acompanhava a cruzada, são inauditas. A descripção que de taes scenas fez, em seu poema, Guilherme de Tudele indigna todas as pessoas de coração. Entre os numerosos actos de crueldade commettidos pelos cruzados, é horrivel a morte da infeliz condessa de Lavaur. Depois de terem enforcado o seu irmão Eymeric, com mais oitenta cavalheiros que, tendo resistido aos numerosos barões commandados por Montfort, foram aprisionados na luta; depois de terem queimado mais de quatrocentos Albigenses, apoderaram-se de Giraude e a lançaram em um poço que atulharam de pedras. O mesmo poeta, se bem que catholico e papista, exclama: *Era horrivel!*” depois de ter notado que “foi luto e peccado, porque jamais esta dama deixara partir alguém sem lhe ter dado de comer.” As outras prisioneiras teriam soffrido a mesma sorte si um francez amavel e cortez, commovido por um tal crime, não lhes tivesse facilitado a fuga.” (1)

Si a seita, como outras, porventura degenerou em uma organização ameaçadora do equilibrio social, contribuiu muito para isso o regimen theocratico a que o pontificado queria a ferro e a fogo escravizar todas as manifestações do sentimento religioso. Não fosse a extrema violencia com que foi

(1) — Pompeio Goner, *La mort et le diable* p. 572; o autor reproduz integralmente a parte do poema, em que vem a descripção, e em um francez archaico, difficilmente traduzivel.

combatida desde o começo, e não se teria dado por parte dos catharos a extrema reacção em que entra, aliás o instincto de defesa. Neste ponto estou de accôrdo com Salomon Reinach, quando, referindo-se á campanha do clero contra as seitas que irromperam do seio da catholicidade, escreve:

“Mas não parece que a Egreja, em sua luta contra os sectarios, se tenha inspirado por considerações tão sabias; os historiadores, que dellas se utilizam para justificar-a, não procedem todos de bôa fé. A Egreja lutou pela sua autoridade, pelos seus privilegios, pelas suas riquezas e o fez com uma ferocidade sem exemplo, tanto mais culpavel quanto pretendia ella inspirar-se no Evangelho, em uma religião de doçura e de humanidade.”

De nada, porém, lhe valeu tanto odio, tanta selvageria: nem tão pouco o visionarismo reformista dos mysticos torturados com a fragorosa derrocada do edificio christão. Porque no fundo caliginoso dessa noite secular, fermentava no sangue que ella derramara e nas cinzas que espalhara ao vento, o germen de uma existencia nova, que, infiltrando-se na alma das gerações despertas, vinha pouco a pouco minando o sombrio rochedo dos dogmas que milhares de vidas esmagara, para que outras pudessem avançar no caminho em busca da verdade.

XXVII

Sempre tenho deixado transparecer, nesta polemica, que, si insisto em esmerilhar a parte historica da religião catholica, é por pensar que, antes de calcular-se o valor sociologico de uma doutrina, de uma crença, de uma instituição que se pro-

ponha a reformar costumes, a educar e dirigir consciencias, é necessario saber que *função social* tenha exercido na vida de um povo ou no evolver humano, sobretudo, si se trata de uma crença, ou de uma instituição multiseccular. Chama-se isto velharia ou bysantinismo; prefiro ficar com os que pensam que o presente, em grande parte, se explica pelo passado; que elle só pode ser um campo de exploração verdadeiramente scientifico quando se prende á cadeia de circumstancias que o têm precedido. Isto, aliás, é hoje uma coisa tão em voga, que nem mais se discute: basta somente consultar os resultados magnificos que o methodo genetico trouxe ao estudo das sciencias naturaes e especialmente das sciencias sociaes, da economia politica, da arte, do direito, da ethica, etc.

Ora, si a Igreja é uma instituição que ainda insiste em nortear os destinos da humanidade; si ella teima em querer reformar a vida social com a sua bagagem de caducas concepções theologicas; si pretende com o seu dogmatismo resolver problemas de sociologia, o que só á sciencia compete; nada mais natural do que demonstrar qual a sua estructura e quaes as suas tradições: que sempre combateu as manifestações da liberdade e todas as conquistas do espirito humano, discordantes da logica vazia da sua escolastica: que a sua acção dissolvente sempre se fez sentir entre os povos que supportaram a sua ascendencia politico-religiosa.

Conhecido o seu passado, descobre-se a razão de ser por que em pleno seculo XIX ella se oppõe, pela colera impotente de Pio IX, ao avanço do liberalismo e, em pleno seculo XX, por Pio X, á cultura scientifica e ao *modernismo* que pouco a pouco lhe vêm carcomendo o velho arcabouço dogmatico.

Mas, já que o Dr. Barreto Campello está a arder de dese-

jos para que eu entre logo na critica da questão social e do papel que na sua solução pretende representar o catholicismo, comecemos a analyse do seu artigo de 29 de maio último em que elle inicia a discussão do assumpto.

1.º — Elle contesta que seja a idade media uma phase de evolução regressiva, na historia da humanidade; é, ao contrario, uma época de "*grandes progressos e emprehendimentos* nas artes, nas sciencias, na navegação; 2.º que as reformas sociaes que surgiram, então, foram *idealizadas e praticadas* pela Igreja.

Uma e outra observação assentam em um erro duplo de historia e de sociologia.

O Dr. Barreto Campello é dos que ainda admittem a divisão classica da historia em épocas mathematicamente fixas, tanto que chama á idade media uma *noite de mil annos*. Ha nisto um erro que tende a desaparecer definitivamente com a constituição scientifica da historia. Uma época, um dado periodo, nada exprime por si só, isto é, como tempo que vai de uma data a outra, de um anno a outro, de um seculo a outro seculo, principalmente em se tratando de um conjuncto de povos cujo evolver não poderia ser, para todos, uniforme. O que deve servir de base, para determinar uma época e destacal-a de outras, é o *relevo commum do meio social, é o modo de viver, de sentir, de pensar, predominante no momento*. Uma época corresponde, pois, a uma synthese em que se condensam os traços caracteristicos inherentes a uma sociedade, os quaes são a expressão de crenças, de idéas, de interesses reinantes, crystallizados em instituições ou em monumentos scientificos e artisticos.

Podem na mesma phase historica coexistir diferentes

aspectos de evolução religiosa, moral, intellectual, juridica; a concepção de um deus unico ao lado do escrupulo supersticioso que desperta o tabú; um regimen de propriedades collectiva e a forma de propriedade individual; producções artisticas diversas pela sua physionomia esthetica; ou systemas philosophicos que radicalmente se contradigam; tudo isso, porém, não impede que se estabeleça um ponto de vista que permita ao historiador e ao sociologo *classificar varios typos de civilização*, diferentes graus de cultura, que se enfeixam, em épocas differentes. Neste trabalho de classificação o que vai servir de apoio são os factos que prevalecem, que dominam, por assim dizer, o *palco da historia*; são elles que constituem um todo, destacado da massa amorpha, ainda fluctuante, de acontecimentos, que mal se precipitam na grande retorta da chimica social.

A divisão classica da historia em tres longos periodos fixos (a idade media, por exemplo, corresponde a um periodo de dez seculos) é puramente artificial. Data dos fins do seculo XVII, quando a historia não passava de uma simples chronologia, tendo sido mantida até os nossos dias com esse character puramente arbitrario. Quem primeiro dividiu a historia em tres periodos foi um professor de Halle, Christophe Cellarius, que os fixou em: — *Historia antiqua* (até Constantino, o Grande), *Historia medievá* (até a conquista de Constantinopla pelos turcos) e *Historia nova*. (1)

Quanto á idade media, não se pode fixar o seu começo nem o seu fim; pois ella se estende á vida de povos que se

(1) — Cf. Rudolph Eucken, *Les grandes courantes de la pensée contemporaine*, p. 359.

não regiam pelos mesmos costumes, que não tinham a mesma índole, o mesmo grau de mentalidade, para que concomitantemente percorressem o mesmo cyclo historico. Si na vida individual, muito menos complexa que a vida social, não se pode mathematicamente prever quando começa o desenvolvimento das funcções psychicas superiores, o qual está dependente de circumstancias multiplas que podem retardal-o ou favorecel-o, torna-se com mais razão impossivel dizer quando ao certo começou a dissolução do imperio romano, o advento do systema feudal, a Revolução Franceza e outros grandes episodios historicos.

Isto nos leva á conclusão de que o que se deve buscar de uma época, no ponto de vista da historia, é, por assim dizer, a realidade social, *vivida, crystalizada*, cabendo ao sociologo a realidade social em formação, cujo *valor historico* só posteriormente se verifica, indo constituir a *tournure* de uma época subsequente.

A idade media não envolve, pois, toda a realidade social que vai do reinado de Constantino ao seculo XV; mas uma civilização que se distingue da civilização greco-romana que a precedeu, e da civilização que se lhe seguiu. Ella comprehende uma *synthese creativa*, um conjuncto de factos, cujo significado historico marca uma degradação da cultura humana, um recuo ás formas inferiores da mentalidade, um eclipse do pensamento philosophico cuja visão das coisas attingira, seculos antes, com os pensadores gregos, tal culminancia perceptiva, que só se observa igual nos tempos modernos.

O que, por ventura, ficou neste periodo, da civilização antiga, como forma superior de cultura, se explica em virtude de uma lei que rege tambem o organismo social; a lei da here-

ditariedade. Foram sobrevivências que não puderam extinguirse, que estacionaram, que se petrificaram, até que um novo sopro de vida as reanimasse e fizesse *renascer*.

Assim, nos seculos XII e XIII, ha na Italia e na França, um movimento accentuado para o estudo das sciencias e do direito romano; mas, em vez de um movimento de *caracter medieval*, no sentido sociologico em que se deve tomar tal expressão, isto é, como parte integrante do *espirito dominante* da época, é, ao contrario, uma tendencia para quebrar o circulo de aço em que pretendera a Igreja conter as consciencias; é um impulso do instincto de liberdade contra a estúpida disciplina orthodoxa; movel obscuro e profundo de uma vegetação que pouco a pouco desponta e cresce, contrapondo á resistencia do meio ambiente a força intrinseca de sua vitalidade.

Tivesse surgido esse espirito de renovação no seculo X ou antes, só poderia ser apreciado, no seu verdadeiro valcr historico, seculos após, quando francamente se rasgavam outros horizontes aos destinos do mundo.

Veremos mais detalhadamente até que ponto desceu a cultura da idade media, entrando em seguida na critica do movimento communal e da organização das classes que o meu collega acredita terem saído de um piparote dado pelo dedo apostolico da Igreja.

XXVIII

Para reforçar a sua opinião de que o periodo medieval tenha sido uma época de grandes progressos e empreendimentos nas sciencias, nas artes, na navegação, invoca o Dr.

Barreto Campello o testemunho do Dr. Daremberg, citando-lhe um trecho referente não á cultura em geral, mas á cultura medica “na historia da primeira parte da idade media occidental.”

O Dr. Daremberg lembra que diversas escolas de medicina existiam na Italia, na França, na Espanha e em outros paizes, onde se contavam numerosos commentadores e traductores das obras medicas da antiguidade, sendo que de todos era a mais famosa a escola de Salerno.

O autor não aponta, entretanto, uma grande obra, uma doutrina, um systema a registar um progresso real na medicina; ao contrario, deprehende-se da leitura desse historico que a sciencia, então florescente, era uma sciencia de commentario, tradicionalmente erudita, inclusive a que se professava em Salerno; todas se prendiam á cultura greco-latina. O Dr. Darembergg observa ainda que, quando a autoridade civil ou a Igreja se apossavam daquellas escolas, ellas se tornavam rotineiras, retrogradadas, sem “espontaneidade de movimentos,” o que quer dizer que só podiam manter uma certa liberdade, dentro do seu proprio conservatorismo, quando desligadas das cadeias regulamentares e burocraticas do poder ecclesiastico e do poder laico, então intimamente colligados.

Do seculo XII ao XIII, começa uma revolução escolar em Salerno que pouco a pouco se generaliza pela Europa; vem com a vulgarização da sciencia arabe que contem os germens do espirito scientifico que deverá mais tarde fender a crosta do mundo medieval.

O illustre historiador allude, então, ao papel saliente de Frederico II que “dá novo impulso ás sciencias e ás letras.

prescrevendo tres annos de estudos philosophicos e litterarios antes da admissão ao curso medico."

Mas este monarcha, que assim procedia, era a negação do espirito medieval; tentava, no seu pequeno imperio das Duas Sicilias, forçar a renascença da civilização greco-romana, transformando a sua cõrte em um *Jardim de Epicuro*, onde dava acolhida aos poetas, aos herejes, aos homens de sciencia, qualquer que fosse a sua origem ou a sua nacionalidade.

Elle "fazia ver á idade media, escreve E. Gebhart, no momento em que a escolastica lançava sobre a França o seu intenso brilho, que o pensamento do homem, liberto de toda disciplina theologica e dos textos da Escripura, podia escutar os segredos de Deus, interrogar os mysterios da alma, descobrir as leis da natureza." Inimigo acerrimo do pontificado, quando os outros principes da Europa se ajoelhavam submissos aos pés do papa, elle "denuncia a mão da Igreja, sempre presente em todas as perturbações do Estado, em todas as revoltas, em todas as guerras do Occidente." Mas, é ainda o Dr. Daremberg que, ao referir-se ao apparente renascimento dos estudos medicos, lastima que elle termine pela banalidade monotona, característica das épocas da decadencia: "Em vez de escolher-se na litteratura arabe o que podia completar e explicar os antigos, deixa-se seduzir por um material que tem mais superficie que profundeza; abrem-se todas as portas; aceita-se tudo de todas as mãos; o espirito enlanguece, perde toda actividade, o fogo extingue-se sob este pedaço de madeira morta e se estabelece por longos dias a dominação do Aristoteles e do Galeno arabes. Só os cirurgiões, dos seculos XII, XIII e XIV, escapam quase por toda a parte a esse torpor universal."

Em parte alguma do estudo historico do Dr. Daremberg depara-se uma prova de que tenha havido no periodo medievo um avanço real e continuo da sciencia medica, mas apenas tentativas e ensaios, sempre frustrados, para reatar o fio da tradição scientifica estacionada em um ambiente francamente desfavoravel ao desenvolvimento de todos os ramos do saber. Era mais uma especie de rumação intellectual de noções communs a uma idade muito anterior á civilização medieval, que não podia constituir um progresso; porquanto este implica em qualquer sciencia uma revolução na sua doutrina e nos seus methods, por consequencia, um alargamento do seu campo de experiencias, ou, ao menos, o esboço de uma nova synthese condensadora de dados positivos colhidos pelos processos de analyse.

Aliás, o illustre professor do Collegio de França, ao referir-se á evolução geral da medicina, fixa, na sua historia, dois grandes marcos: um, no seculo de Pericles, com Hippocrates; outro, nos tempos modernos, no seculo XVI, com Vesale, sobretudo no seculo XVII, com Harwey. O ultimo assignala a ruptura com o archaismo estagnante da idade media, operando-se nos dominios da medicina pelo estudo da anatomia e da physiologia experimental. (1)

Para que se faça uma idéa de quanto se eclipsou o espirito humano, basta dizer que no tempo de Hippocrates, cinco seculos antes da era christã, acreditava-se na Grecia que todas as doenças (excepto a epilepsia, doença sagrada) se prendiam a causas naturaes; o "divino ancião de Cos já ensinava que o conhecimento da natureza do corpo é o ponto de partida de

(1) — Cf. *Histoire des sciences medicales*, paginas 305 e 325.

todo raciocinio em medicina," e a este conhecimento alliaua elle o dos agentes naturaes que actuam nas condições vitaes de cada individuo, como nas condições sociaes de cada povo. E' uma visão profunda sobre que assenta hoje toda a philosophia medica, da qual não se soube tirar proveito; ao contrario, a tão alta concepção oppoz-se, sob a inspiração *divina* da Igreja, a crença em seres phantasticos aos quaes se attribua toda sorte de bens e de males.

Dir-se-á que os gregos foram tambem supersticiosos; mas, observa Richet que, si houve entre elles "algumas superstições, as da idade media e do seculo XVI, até mesmo as do seculo XVII, foram mais cegas e mais sangrentas." (1)

Só a guerra de exterminio da Igreja aos demoniacos, é um attestado do que devia ser a mentalidade na idade media. Referindo-se a ella escreve um eminente historiador da sciencia medica, E. Bouchut:

"Infelizmente, a ignorancia, o ardor da fé, o fanatismo e o espirito de proselytismo, tomando proporções cada vez maiores, chegou-se a empregar o terror e a tortura para combater a influencia imaginaria do demonio, a quem se attribua a maior parte dos delictos e das doenças no homem... A crença nos feiticeiros e em seus sortilegios era tão geral na idade media, que leigos e religiosos se punham ao mesmo tempo a perseguil-os afim de destruil-os por meio dos maiores supplicios, como si a sociedade tivesse em face de si grandes culpados que não merecessem piedade." (2)

Fosse o estudo da medicina tão generalizado durante o

(1) — Histoire de la médecine, paginas 19 e 20; ainda Pitres, *Lçons cliniques sur l'hysterie et l'hypnotisme*, pagina 39.

(2) — *L'homme et l'intelligence*, p. 298.

aureo periodo do catholicismo, mesmo essa medicina de *quarta mão*, como a denomina o Dr. Daremberg, e não se contariam tantas procissões e preces publicas, durante as tão frequentes epidemias que dizimavam as populações; não sobrepujaria a idéa do milagre as noções scientificas que a ella se contrapunham; nem floresceria com um desenvolvimento prodigioso o commercio das reliquias, nem tão pouco a rendosa therapeutica clerical das missas, dos jejuns, dos exorcismos, da agua benta e de certos ingredientes, therapeutica de que Paracelso se queixava amargamente pela concurrencia que lhe fazia na clinica.

Em conclusão, o que se verifica na historia da medicina, enquanto domina o espirito medieval, é a mesma coisa que teremos de ver na historia geral das sciencias: a livre critica coarctada pela autoridade dogmatica; o methodo inductivo, que é basico em toda construcção scientifica, pouco a pouco abandonado ou exercendo-se através de mil tropeços; o receio que se apodera dos homens mais intelligentes de, consultando as manifestações espontaneas da natureza, serem accusados, perseguidos e queimados como herejes ou feiticeiros. Tudo isso fizera a cultura medica, ora descambar para a magia, ora retrair-se somnolenta nos seus velhos alfarrabios, até retomar e seguir, nos tempos modernos, a trajectoria que, mais de vinte seculos antes, lhe havia traçado o genio de Hippocrates.

XXIX

A philosophia e a sciencia medievaes, isto é, o conjuncto de noções sobre a phenomenalidade, então permittidas ou sancionadas pelo poder civil e pelo poder ecclesiastico ao qual

cabem particularmente o privilegio da censura, comprehendem apenas conhecimentos que se accomodem ou se identifiquem com a idéa básica de uma causalidade divina, sobrenatural, do Universo, *fundamento* privativo de toda theologia.

O elemento logico e essencial a toda sciencia, isto é, o conceito de uma relação intima entre um facto e as condições que o determinam, conceito que afasta do phenomenismo toda intervenção extranha, pode dizer-se que não existe: o facto ou phenomeno é sempre o effeito mediato ou immediato de uma causa que constitue um *quid* á parte, uma entidade unica com um poder creador inteiramente distincto das cousas creadas, *motor immovel* do eterno movimento da vida universal.

O senso da realidade transmuta-se na visão mystica do mundo. Ao principio monista, metaphysico e impessoal da origem das cousas, ao atheismo, e ao idealismo da philosophia grega, imprime-se um feitiço anthropomorphico que os desfigura, a idéa de um deus pessoal com attributos humanos. E' uma philosophia e uma sciencia cujo valor não assenta em verdades ou em hypotheses formuladas pela experiencia ou pelo trabalho, si bem que aprioristico, mas espontaneo e livre, do raciocinio; repousa só em nomes, em opiniões individuaes invocadas sob a tutela do dogma religioso.

Toda a escolastica, platonica ou peripatetica, que condensa a philosophia medieval, versa, de preferencia, em torno dos nomes de Platão e de Aristoteles; são elles os dois polos entre os quaes gyra o eixo do pensamento, formando o circulo vicioso de discussões estereis ás quaes a Igreja preside, cautelosa de salvaguardar, nesses torneios dialecticos, o principio da sua *infallivel autoridade*.

Desde os primeiros doutores que tentaram conciliar a

religião christã com a cultura grega, até João d'Ockhan, no seculo XIV, quando a escolastica decae e se perde definitivamente na verborrhéa monotona e vasia das universidades, a tendencia dominante ou, antes, até mesmo nas dissertações divergentes dos theologos philosophantes, é para harmonizar a crença com a razão, ou antes, subordinar esta áquella. O ultimo criterio é o que, aliás, acaba por predominar com Thomaz de Aquino, que passa por ser o pontifice maximo do theologismo catholico, o mais eminente representante da cultura clerical na idade media.

Para o *doctor angelicus*, a primeira e principal funcção da philosophia é a demonstração da existencia de Deus; mas esta só se pode tentar á luz da revelação primitivamente feita aos homens por Jehovah e depois na pessoa do Christo; fóra dessa dúpla revelação, nada se pode saber da origem e da mecanica do mundo; e porque é a Egreja a unica ou principal fonte de toda sabedoria, logo a philosophia só é legitima com a condição de ser *ancilla ecclesiae*, e, enquanto Aristoteles fór o precursor do Christo no dominio scientifico, será ella *ancilla Aristotelis*. (1)

A conclusão disso é que fóra da Egreja não ha philosophia, nem sciencia; ou por outra, a fé sobreleva a razão como criterio de toda a certeza; o que equivale a supprimir os proprios elementos racionaes que servem de alicerce a toda construcção philosophica ou scientifica.

O limite traçado ao pensador resume-se nestas palavras de S. Bernardo; "Podes disputar, comtanto que a tua fé seja

(1) — A. Weber, *Histoire de la philosophie européenne*, p. 248.

inabalavel"; ou podes discutir, contanto que não vás além do dogma, porque além, é a heresia que te poderá custar a vida.

Uma innovação qualquer na celebre disputa dos *universales*, que tanto irritou os nervos dos doutores, era recebida como irreverencia ou crime.

Haja vista o que aconteceu a Abélard, com a sua theoria conceptualista, condemnado, sem ser ao menos ouvido, por um concilio de prelados que, segundo conta Berenger, um contemporaneo, o julgaram *inter pocula*, envoltos nos vapores do vinho, "os olhos cerrados sob o peso de um somno lethargico." (1)

Si é assim no ponto de vista puramente philosophico, si a idéa do sobrenatural, de uma entidade anthropomorphica, se confunde com o principio de causalidade universal; si, no dizer de santo Anselmo, "*deve a intelligencia submeter-se á autoridade, mesmo quando em desaccôrdo com ella,*" não menos depressivo é o estado em que se encontram os differentes ramos do saber.

"A concepção das sciencias, escreve Alfred Rambaud, é então limitada e estreita. O ensino official, aquelle mesmo que se ministra na Universidade de Paris, nem sequer desenvolveu o seu programma desde Alcuino e a escola palatina de Carlos Magno. Elle compõe-se sempre do *trivium* ou *quadrivium*. O *trivium* comprehende a grammatica, a rhetorica e a dialectica; o *quadrivium* comprehende a arithmetica, a geometria, a astronomia, a musica; era o que chamavam as *sete artes*

(1) — Cf. *Apologetique de l'écolatre Berenger contre Saint-Bernard*, abbé de Clairvaux et les autres prélats qui ont condanné Pierre Abelard, in *Essai historique, sur la vie et les écrits d'Abelard et d'Heloise*, de M. et mme. Guizot.

liberaes. Vê-se quantas sciencias eram excluidas. Tudo no ensino das sete artes liberaes é limitado á utilidade da Igreja. A grammatica é ensinada em vista de se comprehenderem os textos dos padres; a rhetorica, para deduzir delles as regras da eloquencia sagrada; a astronomia, porque os clerigos devem saber determinar as festas de data variavel e organizar o calendario; a musica, por causa do canto-chão." (1)

Em astronomia, o systema officialmente acceto é o de Ptolomeu, isto é, a theoria geocentrica, que ensina ser a terra o centro do universo.

Entretanto, tres seculos antes da era christã, um astronomo, Aristarcho de Samos, ensinava a doutrina hoje triumphante, mesmo entre os catholicos, do movimento da terra em torno do sol.

A Igreja, *sempre omnisciente* nas suas visões transcendentas, não admittia que alguem se afastasse da revelação firmada no episodio biblico em que Josué, com um gesto, fizera parar o sol, afim de que elle, immovel, impassivel, o deixasse, ás claras, completar um massacre dos inimigos de Sabaoth.

"A autoridade dos padres da Igreja e a opinião que toda a verdade estava contida nas Escripturas, causavam desanimo para todas as investigações scientificas. Si algumas vezes se prendia um certo interesse a uma questão astronomica, esta questão era logo resolvida por uma passagem de Agostinho ou de Lactancio, sem haver, pois, necessidade de consultar os phenomenos celestes." (2)

(1) — Histoire de la civilisation française, vol. I, pg. 255.

(2) — Draper, Les conflicts de la science et de la religion. pagina 113.

A astronomia cahe no mais grosseiro empirismo com a astrologia, arte de ler nos astros os destinos humanos e o segredo dos acontecimentos futuros.

A chimica ou alchimia e a physica indirectamente chegam a algumas descobertas; mas não preside ás suas analyses o espirito scientifico; guiam-se por um fim de utilidade mercantil, descambando para o charlatanismo ou para a magia. Destaca-se, entretanto, o nome de um frade celebre, Rogerio Bacon, cujas idéas teriam revolucionado a idade media si outro fosse o seu ambiente historico. Foi um rebelde contra o espirito dominante na sua época; "contra o servilismo dos legistas, o fanatismo dos frades, os costumes dos prelados, os escandalos da curia romana, tendo rebaixado e reduzido ao seu justo valor os compiladores famosos e os ambiciosos constructores de phraseados subtis", aos quaes contrapunha a experiencia como condição essencial de todo progresso scientifico; *hæc est domina scientiarum et finis totius speculationis*.

Elle teve a previsão genial de que para o futuro a humanidade realizaria conquistas que só seriam admissiveis após a queda da tyrannia clerical: quer que a medicina e a hygiene trabalhem em prolongar a vida; á mechanica pede carros que, sem cavallos, correrão com uma velocidade maravilhosa; á resistencia dos liquidos attribue uma força capaz de mover os maiores navios; evoca aparelhos que permittirão descer, sem asphyxia, até o fundo dos rios e dos mares; machinas providas de azas artificiaes e que fenderão os ares; emfim, instrumentos que devem "aproximar da vista os objectos longinquos, augmentar os caracteres da escriptura mais meuda

da distancias incriveis e pôr as estrellas ao alcance dos olhos." (1)

Mas a audacia de Rogerio Bacon attraheu-lhe o odio theologico e misoneista dos defensores do dogma catholico, razão por que, escreve Weber, "a semente que esse espirito, o mais clarividente da idade media, lançára em uma terra resequida pelo escolasticismo, não germinou sinão tres seculos depois," isto é, em plena Renascença.

No campo da biologia e da psychologia, nada de novo trouxe a civilização medieval; aqui, como em astronomia, o olho vigilante da Egreja não permittia discussões que se chocassem com a autoridade dos santos doutores e dos seus concilios.

O *fiat* biblico ecoava como verdade primordial da vida e do espirito; não houve outro campo de dissertações philosophicas ou scientificas que a tyrannia ecclesiastica mais procurasse subtrair á critica ou á analyse. Por isso, sob o arranjo artificial da dialectica dos theologos, através de suas subtilezas e syllogismos sobre a origem da vida e sobre a alma, descobre-se o fundo atavico das crenças animistas com todo o seu viço primitivo.

XXX

A arte, que floresceu durante o periodo medieval, é, aos olhos dos fervorosos apologistas do catholicismo, um dos argu-

(1) — Cf. A. Lefèvre, *La Philosophie*, p. 252 a 254; A. Fouillée, *Histoire de la Philosophie*, p. 210; A. Weber, ob. cit. pag. 261.

mentos sempre invocados para enaltecer a alta função civilizadora da Igreja.

Ha, porém, neste periodo uma arte, expressão exacta do ambiente historico, sem realce, sem vida, arte propriamente *medieval*, e ha outra que, mantendo o mesmo fundo de religiosidade, se destaca da primeira pelo seu vigor de exteriorização, pela sua natural espontaneidade, pela sua riqueza plastica; ella é a expressão de outro meio, de uma visão mais real, mais humana da existencia, e, por isso mesmo, uma reacção contra o estado de atonia, de embotamento do senso esthetico que elle creara. Emilio Gebhart, profundo conhecedor da historia da idade media, observa que a arte italiana, até Cimabue, era de uma lastimavel pobreza de concepção e de formas; os christos, as madonas, os personagens celestes, que appareciam nas telas, eram typos esqueleticos, de faces descarnadas, olhar desconsolado e triste como que a fixar-se em um mundo prestes a findar. Esta sombra de desolação e de tristeza tambem se projectava nos templos onde as almas, atormentadas pela idéa da morte e o pavor do inferno, buscavam refugio.

Com a renascença religiosa de Francisco de Assis, renascença que traduzia um grito de alerta ao clero que, pelos seus costumes dissolutos, transformara o christianismo em uma religião sanguinaria e oppressora dos povos, a arte italiana "rejeita, no seculo XIII, a angustia secular da *idade media*"; perde a sua secura, a sua rigidez de linhas, o seu ascetismo doentio, e "procura a claridade do dia, a natureza, o coração humano; abre-se á piedade e ao amor." O Divino humaniza-se, por assim dizer; naturaliza-se com Giotto, com Puccio Capanna, com Jacopo della Turrina e outros que delineiam os primeiros

ensaios da grande época que se inicia da emancipação das consciências pelo culto da belleza e pelo amor da verdade.

Entretanto, Giotto, o principal representante desta arte nova que vem quebrar a monotonia da *austera arte sacerdotal*, escreve Vasari, "nenhuma religião teve e jamais alguém conseguiu convencel-o da immortalidade da alma; mas, com palavras dignas do seu cerebro de granito, recusou sempre obstinadamente o bom caminho. Apenas tinha fé nos bens terrestres." (1)

Outro critico de grande autoridade, Eugenio Veron, ao referir-se á evolução da architectura na idade media, mostra que o estylo gothico é antes uma renovação da arte do que um fructo da civilização medieval. Diz elle que o sentimento religioso, que exprimem as igrejas romanas, tem alguma cousa de triste e deprimente que lembra o claustro onde viviam os frades que as construíram. Ali, nada se sente do impulso, do poder, da ousadia que deveriam caracterizar o estylo ogival, adoptado por todas as escolas leigas de architectura, saídas da emancipação das communas. Entre os dois estylos (o romano e o ogival) ha toda differença que se pode marcar na expressão do mesmo pensamento pelo espirito monastico ainda todo impregnado dos terrores do anno mil, e o espirito leigo exaltado pela posse nova da liberdade e da esperança sem limites.. (2)

Para que a arte pudesse progredir, mesmo sob o seu colorido christão, foi necessario, pois, romper com a rotina do espirito medieval; que ella exprimisse o sentimento da vida

(1) — Cf. E. Gebhart. *L'Italie mystique*, p. 282 a 291.

(2) — *L'Esthétique*, pag. 207.

e da natureza na propria religião que o dogmatismo theologico tentara subtrair á realidade sensivel como alguma coisa de anti-humano. Renascera com o impulso instinctivo de liberdade que pouco a pouco desentorpecia as almas fatigadas de supportar o autoritarismo formalistico dos doutores e a tyrannia politica e economica dos senhores feudaes e dos papas, dos bispos e dos abbades. Foi como que uma valvula por onde a emotividade deixava escapar, sob formas symbolicas, o pensamento livre que, oscillante ainda, tremeluzia envolto na imagem mystica das cousas. Só mais tarde se desataria para realçar victorioso e unico na historia do mundo.

O que no ponto de vista artistico se deu na idade media foi justamente o que se observou com a sciencia e philosophia, isto é, uma arte que retrata, de um lado, uma civilização peculiar a esse periodo, e, do outro, uma arte que renasce e floresce em sentido contrario, que é a negação daquella. Por isso, escrevi antes que o que se deve extrair de uma época, como synthese historica que a symbolize, não é toda a realidade social que ella chronologicamente abrange; são os elementos que a caracterizam e a distinguem de outras épocas.

Ora, o periodo de dez seculos em que se procurou enfeixar a civilização medieval, não se pode estender ao mesmo tempo e indistinctamente aos paizes onde ella se implantou, nem tão pouco a todas as formas de actividade de cada um.

Em certos lugares, ella começou mais cedo, em outros só mais tarde é que veio predominar; em outros ainda, a sua influencia pouco se fez sentir.

Na Italia "a noite medieval, segundo Renan, durou apenas cinco ou seis seculos... porque o seculo XI é, para toda a Italia, uma época de renascença e esta renascença nos con-

duz quase até o seculo de Dante pelo qual tocamos a Petrar-
cha, e á brilhante aurora que illumina, não mais com fracos
vislumbres, porém com soberbas luzes, toda a segunda metade
do seculo XIV." (1)

A razão desse facto assenta na tradição que lhe ficara de
suas velhas instituições e da cultura greco-latina contra a qual
se fôra neutralizando o esforço continuo do catholicismo para
submitter as populações da península ao dominio theocratico
dos papas e á ferrea autoridade dos seus dogmas.

Outro pensador, Prantl, na sua *Historia da Logica* (III,
p. 1) faz datar do seculo XIII a renascença da philosophia
antiga, das mathematicas e das sciencias naturaes com a publi-
cação das obras de Aristoteles e pela litteratura arabe. (2)

Na Espanha, a tyrannia clerical só veio dominar defini-
tivamente em uma época recente, quase nos tempos moder-
nos." Emquanto por toda a parte, na Europa, escreve Pom-
peyo Gener. se renascia para a vida, a morte estendia o seu
manto gelado sobre a península iberica. Ali, a idéa do anno
mil fizera apenas alguns adeptos e os rodopios furiosos da
dansa de S. Guido de modo algum perturbaram as suas popu-
lações. A Catalunha e o Aragão eram dotados de instituições
democraticas, de sabios codigos de commercio, de conselhos
populares que impunham ao rei a sua vontade soberana. Bar-
celona, refugio dos sabios, dos judeus, dos excommungados,
era uma republica commercial como as do littoral da Italia;
Navarra regia-se pelo governo federativo e representativo; as

(1) — *Mélanges religieuses et historiques*, p. 264.

(2) — Cf. A. Lange — *Histoire du materialisme*, vol. I,
pagina 475.

provincias meridionaes, subdivididas em Kalifados, constituíam uma federação arabe, onde a industria e as artes uteis tomaram um impulso consideravel, e onde se encontravam personagens de toda a parte, que se instruíam nas suas escolas. Na Andaluzia brilhava com uma luz nova a philosophia grega; e alguns dos monarchas espanhoes se distinguiram pela sua reacção contra a politica dos papas. Tudo isso, porém, desapareceu; a Egreja, batida em outros paizes, pouco a pouco cravava as suas garras sobre o paiz, acabando por subjugal-o. Começou então a politica de sangue contra todos os principios de liberdade; os bispos induziam diariamente os reis ao massacre dos que não se curvavam á vontade clerical; “o céo irritado, diziam elles, não pode permittir a prosperidade da patria emquanto não se purgar a Espanha dos herejes, estes inimigos de Deus e de sua santa religião.” E entre os mais ferventes, um cardeal arcebispo de Toledo, pedia que se não poupassem nesses massacres nem mesmo as creanças, afim de, com o tempo, não se exporem os fieis a misturar o seu sangue ao dos mouros ou dos judeus.” (1)

“Então, um clero feroz, continúa P. Gener, passeia a cruz e a fogueira por todas as terras que conquistaram os exercitos das Espanhas; as Indias, a Flandres, a Italia, a Lombardia, a costa d’Africa incensam o Deus dos catholicos com a fumaça da carne daquelles que não querem submeter-se ás leis da Egreja. Para honrar o Christo, ennegrecem-no de fuligem humana. Em breve a purificação pelas chammas se estende igualmente aos catholicos suspeitos. Na Espanha, a fogueira os devora ás centenas. Para salvar a alma, queima-se o corpo.

(1) — Cf. P. Gener — *La Mart et le Diable*, ps. 182 a 193.

Para castigar a carne, carbonizam-na... O lugar da fogueira, o *quemadero*, torna-se para as cidades um monumento de utilidade publica. O povo, os fidalgos, até as damas vêm blindar o coração em taes espectaculos e petrificar ahi as consciencias. Caso singular de atavismo! O semita reaparece no castelhano. Inconscientemente adorando Jesus Christo, rende homenagens ao Moloch phenicio ou ao Ammon cartaginez."

A conclusão que se deve, pois, tirar de tudo isso é a mesma do eminente geographo Elisée Réclus: que não deve confundir-se, neste periodo, com o tempo de *ignorancia e de barbaria a que se deu a denominação de idade media*, a idade que viu nascer a maravilhosa floração das ogivas, dos florões, das flechas; nem pode ser medieval o progresso das profissões e das artes, sobretudo a constituição das communas, além das expedições commerciaes dos mercadores italianos e outros acontecimentos que despertaram os homens narcotizados pelo clero. "Evidentemente, diz elle, historiadores terão de prevenir, por uma terminologia nova, a confusão que arrasta esta expressão *idade media* applicada impropriamente a duas épocas differentes." (1)

Duas épocas differentes, quer dizer duas civilizações, uma que "coincidiu com o periodo durante o qual o christianismo, sob a sua forma catholica e romana, foi acceito sem protesto, sem herezias, por parte dos fieis occidentaes": outra, não só comprehendendo "o periodo esplendido das liberdades communaes, tão energeticamente reivindicadas e defendidas" e outras manifestações espontaneas do espirito humano, mas, ainda, a civilização arabe, *verdadero oasis no mundo christão*,

(1) — *L'Homme et la Terre*, vol. IV, ps. 5 e 6.

como a considera Pompeyo Gener, que pela cultura philosophica, scientifica, literaria e pelo progresso das artes e das industrias, ecôa qual nota desconcertante no meio da aridez que se estende ao territorio europeu, resequido pelo fogo da dominação politico-religiosa dos povos pela Egreja.

XXXI

Continúo a sustentar que todas as manifestações da vida livre, no periodo medieval, não se podem dar como resultados directos e immediatos do ambiente historico com que se pretendeu caracterizar tal periodo. Este é a expressão de um meio desenvolvido á sombra do christianismo romanizado, que perdurou seculos, resistindo sempre a factos heterogeneos que, em circumstancias diversas, surgiram com um relevo psychico-social inteiramente novo.

Foi porque não fizeram essa distincção, que pensadores, como Augusto Comte e Littré, consideraram o catholicismo medieval um motor do progresso humano, o que é inadmissivel, como faz ver G. de Greef, um dos mais eminentes sociologos contemporaneos:

“Uma victoria de varios seculos do espirito religioso sobre a sciencia e a philosophia, diz elle, jamais poderá ser considerada um progresso... Si o christianismo deu um certo impulso ao sentimento do progresso, o fez indirectamente, emquanto o seu estadio de formação era a expressão mesma, eloquente e sincera, da dor do mundo antigo, o accusador da sua iniquidade e das suas miserias; mas o seu espirito de resignação e o seu mysticismo, como a sua transformação em

catholicismo, denotam inconstancia do seu ideal que se deixou tão depressa alterar pela influencia dos poderosos, os quaes lhe competia combater. Elle não soube, como o seu fundador, resistir a Satan que, arrebatando-o ás alturas, lhe promettia o reino da terra. O progresso fez-se, desde então, contra o catholicismo, sem elle, e a despeito d'elle." (1)

Quer nas suas lutas politicas pela conquista do poder temporal ou para submettel-o ao pontificado romano, quer na sua campanha contra a heresia e o livre pensamento, a Egreja sempre manteve, como principio fundamental do governo que procurou impôr ao mundo, a obediencia absoluta do individuo e da collectividade aos seus dogmas e ás suas leis. A orthodoxia tornou-se mesmo a razão de ser de toda a cultura; ou, como ainda observa De Greef, — "a noção de progresso devia perder-se e perdeu-se realmente nessa noite tenebrosa povoada de todos os phantasmas, inclusive o da fome, durante a qual tremia a consciencia collectiva."

Mas ninguem fixou com mais nitidez do que H. Taine "*os traços proprios da idade media;*" o que elle nos diz sobre o que tenha sido essa época, como *productio historico* da Egreja, vem francamente em apoio do criterio que adoptei desde o começo:

"Insensivelmente, desde o quarto seculo, vê-se a regra substituir a fé viva. O povo christão entrega-se ás mãos do papa. As opiniões christãs submettem-se aos theologos, que se submettem aos padres. A crença christã se reduz ao cumprimento dos ritos. A religião, fluido nos primeiros seculos, precipita-se em um crystal duro e o contacto grosseiro dos bar-

(1) — *Le transformisme social*, p. 95 a 96.

baros vem depositar em cima uma camada de idolatria: vê-se apparecer a theocracia e a inquisição, o monopolio do clero e a interdição das Escripturas, o culto das reliquias e a venda das indulgencias. Em vez do christianismo, a Igreja; em vez da crença livre, a orthodoxia imposta; em vez do fervor moral, as praticas fixas; em vez do coração e do pensamento agindo, a disciplina exterior e machinal... Sob essa oppressão, a sociedade pensante cessara de pensar; a philosophia voltara ao manual e a poesia ao disparate, e o homem inerte, ajoelhado, alienando a sua consciencia e a sua conducta ás mãos do seu padre, não parecia sinão um manequim, bom para recitar um catecismo e psalmodiar um rosario." (1)

Sob semelhante estado de coisas todo progresso seria impossivel, como de facto o foi. E si a humanidade readquiriu depois a consciencia do seu proprio destino, foi por um movimento de reacção do espirito leigo contra o espirito clerical que a opprimia.

Esse movimento resalta na idade media em um facto sociologico caracteristico do instincto de liberdade em luta com a tyrannia dominante na época: a formação das communas, ou a emancipação das classes populares exploradas pelos senhores feudaes e ecclesiasticos e constituídas em unidades autonomas, cada qual com a sua politica, com a sua administração, com as suas leis proprias.

Entretanto, mais talvez do que a Realeza, a Igreja sempre se oppoz, pela excommunhão e pelas armas, ao advento das communas que um chronista da época, Guibert, abbade de Nogent, qualifica de *innovações funestas e execraveis*.

(1) — Histoire de la litterature anglaise, vol. I, p. 225.

Contra os burguezes de Reims, que tentaram emancipar-se da suzerania do seu arcebispo, aconselhou S. Bernardo ao papa as mais violentas medidas repressivas e o ultimo, por sua vez, escreveu ao rei Luiz VII concitando-o a usar da força "caso persistissem elles na sua rebellião." A primeira communa de Laon foi afogada em sangue; contra a de Cambrai o prelado enviou um exercito de allemães que a atacou de improviso, matando os seus membros até dentro das igrejas; a soldadesca cortava os pés e as mãos aos prisioneiros, arrancava-lhes os olhos ou os conduzia ao carrasco para que este lhes marcasse a fronte com um ferro em brasa. Innumeros são os factos demonstrativos desta hostilidade da Egreja ao movimento communal, em que ella via uma perigosa ameaça aos seus interesses economicos e á sua soberania temporal. (1)

Por toda a parte onde se estabelece a communa, mesmo nos lugares onde a Egreja não pudera oppôr-lhe grande resistencia, como na Italia, a tendencia das classes sociaes era para excluir da direcção dos seus negocios os nobres e o clero, cujos privilegios e prerogativas destoavam do espirito de igualdade que se infiltrava na massa popular. Florença, observa Julien Luchaire, a cidade guelfa por excellencia, isto é, cujas relações com o papado são geralmente bôas (nem sempre) e que persegue severamente a heresia, *rigorosamente excluiu a Egreja da politica interna.* (2)

Quanto ás corporações medievaes, ellas resultam das mes-

(1) — Cf. F. Laurent — *La féodalité et l'Eglise*, p. 509 a 518; E. Lavisso — *Histoire de France*, tomo II; A. Luchaire, p. 345 a 353; Alfred Rambaud — *Histoire de la civilisation française*, vol. I, pagina 239 a 253.

(2) — *Les democraties italiennes*, p. 156.

mas condições que determinaram a formação das *communes*; correspondem á necessidade de defesa collectiva dos grupos profissionaes contra as classes privilegiadas, a começar pelo clero. O facto de se reunirem em um templo e de escolherem os seus patronos entre os *santos*, tem apenas um valor secundario; não exprime elle a finalidade social destas organizações, que é o auxilio mutuo, a assistencia reciproca entre os individuos que exercem o mesmo officio ou mister ou, por outra, que “se sustentam mutuamente contra as exacções e as violencias dos senhores e do clero, dos cortezãos e dos guerreiros e contra as rapinas dos individuos de toda especie.” (1)

As corporações nem foram uma criação do espirito medieval, nem surgiram como organizações originaes na idade media: entre os romanos encontram-se associações analogas com as suas divindades tutelares, animadas do mesmo sentimento de solidariedade. No tempo de Cicero, era grande o seu numero; “todas as classes de trabalhadores, diz Waltzing, parecem possuidas do desejo de multiplicar as associações operarias.” (2)

Ainda Boissier refere-se a numerosas corporações do mesmo genero que floresceram no imperio romano, as quaes se assemelham ás da idade media. (3)

As *communes*, como as corporações, nasceram, pois, do espirito leigo e liberal das camadas populares contra o despotismo feudal e ecclesiastico:

“O espirito leigo, escreve A. Luchaire, tão opposto aos

(1) — *Dictionaire de l'economie politique*, vol. I, p. 531.

(2) — *Etude sur les corporations professionnelles des Romains*.

(3) — *La religion romaine*, vol. II, p. 252 a 257.

principios e aos factos sobre os quaes repousava a idade media, encontrou, nos meios urbanos, o terreno mais favoravel ao seu desenvolvimento. Porque as cidades, para se libertarem, entraram, sobretudo, em luta contra os bispos, os abbades, os capitulos; zombaram dos anathemas dos papas; só puderam crescer á custa dos poderes locaes e geraes da Egreja. E' pela burguezia emancipada que o espirito laico conseguiu modificar de *fond en comble* não só o character dos poderes publicos e das relações sociaes, mas ainda a litteratura e a vida intellectual do paiz." (1)

O que o autor diz em relação á França se applica aos demais paizes onde as classes populares soffreram a tyrannia politica e economica da Egreja.

Ciosa das suas prerogativas, preocupada sempre com augmentar o seu poder, jamais admittiu que, fóra da sua autoridade e contra os seus interesses, vivesse e prosperasse em paz qualquer associação.

Eis porque, emquanto pode, resistiu, como ainda resiste, a todo movimento libertario, só adherindo ou só se submettendo a elle quando convencida de que não podia mais supplantal-o. E' o que está na historia dos povos, desde o dia aziago, para a humanidade, em que o catholicismo se dispoz a reformar o mundo.

XXXII

A organização das corporações, na idade media, que o Dr. Barreto Campello dá erroneamente como *idealizada* e

(1) — Obra citada, p. 136.

praticada pela Igreja, foi, ao contrario, um phenomeno sociologico de base economica resultante da emancipação progressiva das classes populares e da constituição das cidades livres. Sob o impulso do instincto de conservação individual e colectivo, ellas obedeceram á lei geral da divisão do trabalho que preside, a despeito de todos os dogmas, a differenciação dos aggregados humanos. Aliás, é o Dr. Barreto Campello que, sem o perceber, e valendo-se do autor de uma *sociologia christã* (deve haver tambem uma *sociologia budhista*), fez resaltar a finalidade social das corporações sob a sua base economica:

“Regulamentar o trabalho e a producção, assegurar a bôa qualidade dos productos; assegurar os interesses de classes; velar sobre a moralidade do patrão e do trabalhador; organizar uma solida educação profissional; socorrer as necessidades da familia do trabalhador.”

Entretanto, sem alludir a uma prova siquer, elle reivindica para a Igreja a autoria de instituições que se encontravam igualmente entre os romanos, antes do advento do christianismo. E' natural que nada perceba do mecanismo das leis sociaes e esteja, por isso mesmo, a attribuir ao catholicismo a origem de factos que, além de serem a consequencia de um conflicto de interesses, representam uma reacção contra o regimen que elle planeara para subjugar os povos. Si o Dr Barreto Campello não estivesse dominado pela idéa fixa de que, fóra dos livros ecclesiasticos, tudo é falso e diabolico, eu o aconselharia a folhear, nos intervallos das suas praticas devotas, entre muitos outros: *Durckheim, De la division du travail social*; Herbert Spencer, *Les Institutions professionnelles et industrielles*; Kropotkine, *L'entraide*, especialmente

dois extensos capitulos sobre as communes e as corporações da idade media; L. von Stein, *La scienza della publica amministrazione*, p. 316 a 239; E. Réclus, *L'homme et la terre*, vol. IV, cap. VI. Elles lhe ensinariam que o movimento corporativo, como o movimento communal, não é obra da religião catholica e feudalista, mas, do evolver economico da sociedade, do progresso da industria e do commercio, da complexidade crescente das relações sociaes que resultam dessa evolução.

A Egreja, grande proprietaria de terras, possuidora de fortuna colossal e de privilegios aristocraticos, jamais poderia supportar que as classes sociaes se constituissem livremente, que ellas exercessem o elemental direito de formar agremiações independentes de qualquer interferencia extranha á sua vida interna, para defesa dos seus interesses profissionaes.

Ella via nesse despertar da consciencia dos trabalhadores um manejo da heresia, tanto que um concilio reunido em Rouen chegou mesmo a ameaçar de excommunhão os leigos ou clerigos que ousassem associar-se. (1)

Essa hostilidade se explica pela circumstancia de ser o movimento corporativista um poderoso elemento de dissolução do regimen servil que ella praticava em larga escala e que só abandonou forçada pela revolução moral das idéas humanitarias. Já tenho mais de uma vez demonstrado com documentos irrefutaveis, que a Egreja, longe de condemnar a escravidão, a reconheceu e adoptou como instituição de origem humana e tambem divina: no Evangelho e entre os seus doutores, a classe dos homens livres e a dos escravos ou dos servos entram na ordem das coisas estabelecidas por Deus;

(1) — Muntz — *La Grande Encyclopedie, Corporations.*

é o que se lê nestas palavras de S. Boaventura, que resumem laconicamente o principio doutrinario da Igreja escravocrata: "*Non solum secundum humanam institutionem, sed etiam secundum divinam dispensationem, inter Christianos sunt domini et servi.*" (1)

Um historiador de notavel nomeada, Fustel de Coulanges, que não pode ser suspeito aos apologistas catholicos, referindo-se à acção socialista da Igreja junto aos trabalhadores escravizados, diz que "*ella não tinha opinião a respeito das instituições sociaes. Jamais, por consequencia, combateu a escravidão. Elevou a alma do escravo, aconselhou ao senhor que amenizasse a sua situação material. Porém, jamais se constituiu adversaria da escravidão. Reconheceu formalmente o direito adquirido dos senhores. Si um escravo, fugindo do seu dono, se refugiava em um templo, a Igreja não se julgava com o direito de o guardar; ella o restituia, intercedendo somente junto ao senhor para que o perdoasse. Ella mesma os possuia e si libertou um certo numero delles, individualmente, recusou-se a libertal-os em massa porque tornaria as suas terras desertas.*" (2)

Fustel de Coulanges lembra que a Igreja aconselhava os senhores a libertarem os escravos, e muitos passavam como libertos a viver sob a sua jurisdicção. Mas é elle mesmo que nos mostra que essa emancipação, quando não se fazia por dinheiro, se dava sob o impulso de um interesse de ordem puramente individual; era para escaparem ás chammas do

(1) — Lib. *Sententiarum*, cit. por Laurent — *La féodalité et l'Eglise*, p. 522.

(2) — *Histoire des institutions politiques de la France: La monarchie franque*, p. 588.

inferno que os fieis assim procediam: *Pro remedio animæ nostræ vel retributione eterna.*

Quanto aos escravos que a Igreja libertava, gosavam elles apenas de uma *liberdade apparente*. O mesmo acontecia aos que, emancipados do poder de um senhor leigo, passavam á jurisdicção ecclesiastica:

“Assim, escreve Fustel de Coulanges, cada igreja episcopal e cada abbadia tinham nos seus dominios, sem contar os escravos, um numero incalculavel de libertos. Homens da Igreja ou do convento, deviam-lhe certos serviços e certas obrigações que eram marcadas para cada um na carta de alforria... Estes homens, *tanto eram um objecto de propriedade para a Igreja ou para o convento* que os tinha sob a sua guarda, que um concilio decide que si um bispo libertasse um servo da sua igreja, dando-lhe liberdade plena e completa, isto é, sem reservar á Igreja a patronagem deste liberto, deveria em compensação do prejuizo causado á sua igreja ou do valor de que elle a privava, dar-lhe dois libertos de igual valia e peculio.” (1)

Si esta era a doutrina predominante na Igreja, como poderia ella fomentar um movimento de classes constituídas na sua maioria de antigas familias de escravos e de servos? Dizem os seus defensores que se lhe deve, entretanto, o *bom tratamento* do escravo que na antiguidade, principalmente em Roma, era submettido a um regimen crudelissimo. E' uma velha historia que sempre se repete, esta da acção lubrificante da Igreja sobre a dureza da instituição servil.

Boissier, que é um profundo conhecedor da historia de

(1) — *Histoire des institutions politiques de la France: L'alleu et le domaine rural*, p. 350.

Roma e não esconde a sua admiração pelo christianismo, occupa-se largamente da escravidão romana salientando o contraste que havia entre as leis e os costumes relativamente ao modo de tratar-se o escravo.

Tanto os philosophos, como o povo, manifestavam-lhe francas sympathias: desde Cicero até Seneca, tornara-se idéa commum que os escravos são homens como os outros, "formados dos mesmos elementos, gosando do mesmo céo e respirando o mesmo ar." O direito mesmo introduzira o principio de que a escravidão não é, como ensinou a Egreja, um instituto ao mesmo tempo natural e divino; mas repousava em uma convenção puramente social: *Ut pote cum jure naturali omnes liberi nascerentur... sed postea quam jure gentium servitus invasit.* (1)

Os senhores crueis para com os seus escravos, tornaram-se em Roma tão raros que Seneca diz que eram apontados a dedo.

"Eu creio, escreve Boissier, que em geral se representa o escravo romano um pouco mais infeliz do que era, e que, pintando-se a sua sorte, o fazem com côres carregadas. O que arrasta a esse exaggero, é a comparação que se estabelece, sem o querer, entre a escravidão antiga e a que reinou tanto tempo no novo mundo... Ellas não se assemelham, e o digo com pesar, é a de nossos dias, a que veio depois do christianismo, que é a mais rigorosa." (2)

O autor ainda observa que, emquanto na antiguidade o liberto se collocava no mesmo plano social do homem livre,

(1) — Dig. I, 4.

(2) — *La religion romaine*, vol. 2.º, p. 315 a 335.

nos tempos modernos, o facto de ter sido captivo é para os mais fervorosos christãos um estigma que não se apaga.

Sobre a emancipação dos servos, que tanto desenvolvimento imprimiu ás organizações corporativas, o papel do catholicismo reflecte a sua tradicional attitude para com as reformas sociaes: resistir sempre até que se convença da inutilidade dos seus esforços e das vantagens que possa retirar de sua adhesão, quando victoriosas.

“Como a Igreja, pergunta Laurent, convencida de que *servir a Deus, isto é, servir aos mosteiros, era reinar; como a Igreja, convencida de que esta santa servidão era a verdadeira liberdade, teria favorecido a abolição de uma tão santa instituição?...*”

Possuidora, na idade media, da metade dos servos, ella teria naturalmente o maior interesse de mantel-os submissos a um regimen diametralmente opposto ao regimen das corporações.

Ao estado de miseria, ás extorsões de que os servos eram victimas, ella apenas contrapunha o remedio inocuo da resignação; sempre os concitava a supportar com humildade o jugo senhorial, procurando assim embotar-lhe o sentimento da sua propria individualidade:

“O protector de todas as tyrannias, escreve Vacaro, o padre, aggravando ainda mais a ignorancia do pobre servo, faz-lhe crer que as enfermidades que o acabrunham, as epidemias que dizimam os seus irmãos de infortunio, os males que o atormentam e arruinam, são castigos do céu.” (1)

Ser ao mesmo tempo escravocrata e favorecer a livre

(1) — *Les bases sociologiques du droit et de l'Etat*, p. 295.

organização das classes trabalhadoras em que naturalmente entram o escravo e o servo da gleba, eis duas coisas que absolutamente não combinam.

A Igreja, com a tactica tradicional da sua politica, teve de aceitar as corporações, como teve de adoptar os costumes barbaros; porque correspondiam ellas a uma corrente popular irresistivel. Si ella e a nobreza se submeteram á burguezia triumphante, formando-se uma representação de classes que o Dr. Barreto Campello acha excellente, não obstante assentar em um profundo antagonismo de interesses e de privilegios irritantes, isto mesmo vem provar que, derrotada nas suas tentativas de ser unica depositaria de toda autoridade, aceitava a participação de um outro poder que se formava sem os decretos pontificios nem pelas decisões dos seus concilios. Mesmo assim, o clero revelou o seu espirito democratico debandando com os nobres das assembléas populares, onde não podia exercer a sua nefasta ascendencia. (1)

Tambem quando começou o movimento politico favoravel á constituição do regimen monarchico absoluto, que acabou por destruir o regimen communal, a Igreja, pelos seus legitimos representantes, alliou-se a elle com um zelo verdadeiramente apostolico. Com os seus anathemas e as suas fogueiras, com os seus sermões e a sua astucia, concorreu para que as cidades independentes e com ellas as associações livres caissem sob a tyrannia militar e burocratica dos governos, reforçando o prestigio que lhe fugia com o avanço das liberdades populares. Nem era crível que ella procedesse de outro modo! (2)

(1) — Cf. A. Therry, *Du Tiers Etat*, p. 38.

(2) — As igrejas tinham os seus escravos independentes dos que pessoalmente possuíam os papas, os bispos, os outros clerigos

IIIXXX

O Dr. Barreto Campello, além de erroneamente attribuir ao catholicismo a autoria das corporações, erra tambem quando pensa que fôra a Revolução Franceza que as destruiu com a proclamação da liberdade do trabalho.

Elle desconhece que essas corporações, sob o regimen das monarchias absolutas, perderam toda a sua autonomia, tornando-se corpos profissionaes *fechados*, com uma regulamentação tão rigorosa, que impedia a livre iniciativa de qual-quer dos seus membros.

Desde o seculo XV, começaram ellas a soffrer os mesmos golpes que as *communas*, ás quaes estava ligada intimamente a sua organização primitiva. O movimento politico para a centralização dictatorial dos poderes disseminados entre os feudos e as *communas*, não permittia a existencia, dentro do Estado, de associações independentes da sua tutela immediata.

"Durante os tres ultimos seculos, escreve Kropotkine, as condições para o desenvolvimento de taes instituições foram tão desfavoraveis nas cidades como nas aldeias. Com effeito, quando as cidades da idade media foram submettidas,

e mesmo os monges. Prova-se isto com numerosos documentos a partir de Constantino (cartas de 316 e de 321). E' preciso ignorar profundamente a historia da escravidão para attribuir á Igreja a honra de a ter abolido. O concilio de Toledo de 655 se mostra particularmente duro para os escravos libertos (canon 12): Quando o bispo liberta os escravos da Igreja, esta libertação terá effeito a contar da morte do bispo e não do dia em que foi o acto redigido, (canon 13). Os escravos da Igreja que forem libertos, não devem, nem os seus descendentes casar-se com romanos ou godos de nascimento livre." A. Houtin, *Courte histoire du celibat ecclesiastique*, p. 89, 1929.

no seculo XVI, pelos Estados militares nascentes, todas as instituições que mantinham a união nas guildes e nas cidades entre os artifices, os mestres e os commerciantes, foram violentamente destruidas. A autonomia e a auto-jurisdicção das guildes foram abolidas; o juramento de fidelidade entre os irmãos da guilde tornou-se um acto de felonía para com o Estado; os bens das guildes foram confiscados do mesmo modo que as terras das communas aldeãs, e a organização interior e technica de cada mister foi usurpada pelo Estado. Leis, cada vez mais severas, foram feitas para impedir os artifices de se unirem como entendessem." (1)

A interferencia dos governos na vida economica, como nos demais departamentos da sociedade, fazia-se de modo tão systematico, que nas relações sociaes do commercio, da industria, da agricultura, tudo se regulava como hoje se regulam os actos de uma repartição publica. Nas corporações, cada profissão tinha um numero fixo de trabalhadores, que exerciam o seu mister como si este lhe estivesse collado até a morte, quando não se transmitisse aos descendentes. O espirito de invenção, alma de todo progresso industrial, era amordaçado pelo espirito de rotina; um processo novo de trabalho era repudiado como um attentado ao formalismo technico: "o direito de trabalhar era um *direito real* que o principe podia vender e os subditos deviam comprar." O trabalhador que, pelo regimen communal, se tornara um ser livre, capaz de conduzir-se na corporação qual elemento integrante de uma unidade mais complexa, ficou reduzido a um automato do patronato, a ser besta de carga dos nobres, dos ricos burguezes e

(1) — *L'entr'aide*, p. 285.

do clero. Das antigas corporações apenas ficou a organização sem o sentimento de solidariedade profissional que as creara; ou antes, enquanto as corporações se regiam antigamente pelo principio da *cooperação voluntaria*, passaram, sob a tyrannia militar e ecclesiastica do direito divino, a reger-se pelo principio da *cooperação forçada*.

Quando a Revolução Franceza as supprimiu definitivamente, não fez mais do que reflectir uma nova corrente de interesses e de idéas já dominantes em philosophia social, no direito e na economia politica, das quaes ella foi uma explosão rubra. As corporações desapareceram com a queda de todos os privilegios e prejuizos que formavam na sociedade uma hierarchia de classes parasitarias (nobreza e clero) e de classes productoras sobre as quaes recama o peso de todos os impostos e de todos os serviços, sem direito a coisa alguma. Qualquer tratado de direito ou de economia politica mostra que, desde o seculo dezesete, começa a accentuar-se entre os povos europeus um movimento economico e politico no sentido de neutralizar a acção regulamentar dos governos na producção das riquezas e nas transações commerciaes. Os philosophos e os economistas secundam esta aspiração commum, procurando na propria natureza das coisas a razão de ser desse impulso para uma vida nova. Partindo do conceito de que uma lei natural e irrevogavel domina todos os phenomenos, concluem por negar á acção do poder publico toda efficiencia em regular o que é o resultado da actividade livre, espontanea, do homem. Ao contrario, esta regulamentação, em vez de ser uma condição de progresso, concorre, para o retardamento e para a decadencia da sociedade, restringindo

a liberdade individual que, segundo elles, deve ser o ponto de apoio de todo o systema de governo.

A idéa abstracta do individuo servia, pois, de *pivot* para a construcção de um novo mundo social, e, antes de desdobrar-se, codificando-se na *declaração dos direitos do homem e do cidadão*, tinha já conquistado a consciencia das nações, constituir-se em patrimonio commum da humanidade que se emancipava da politica theocratica das monarchias, á sombra das quaes desfructava a Igreja magnifica situação economica e um prestigio social como nenhuma outra instituição jamais, até então, conquistara.

O erro que se pode attribuir aos revolucionarios de 89, como a todos os pensadores que os precederam, e aos paizes que, independentemente e antes mesmo da Revolução, contrapunham ao poder supremo e divino do rei o poder soberano e natural do povo, é que, em vez de imaginarem o Estado como uma synthese dos direitos individuaes e collectivos, apenas tiveram em vista os primeiros; e mais ainda, em vez de, como observou Fourier, apoiarem os direitos politicos do individuo sobre os seus direitos economicos, fizeram que estes assentassem sobre aquelles; em lugar do homem real, do homem synthese de direitos inherentes á sua existencia, o homem ideal, synthese das ficções de um poder, de uma soberania que elle, de facto, não possui.

Mesmo assim, seria preferivel este systema, embora baseado sobre um conceito metaphysico da liberdade, ao que estava no *programma social* da Igreja, que é o systema da oppressão, do despotismo temporal e espiritual, systema que reconhece a desigualdade economica e todas as formas de espoliação, do fraco pelo forte, como tendo entrado no plano

geral da criação; systema em que Deus, representado nos seus sacerdotes, apparece como um *grão-visir*, ou monarcha absoluto, com a sua côrte de altos dignatarios, com um immenso exercito de famulos, toda essa gente mantida no luxo e na ociosidade pela grande massa dos que trabalham e produzem.

Dir-se-á, porém, que foi depois da Revolução que se aggravou a situação do mundo; o que se dá como um producto da Revolução Franceza é, antes, a negação do que tinha em vista o pensamento dos homens que a idealizaram ou que figuraram nesse sangrento drama da historia. Não estava na mente delles que uma classe supplantasse outra na cooperação da grande reforma social que projectavam; a união da classe burgueza e da classe proletaria contra a realza e o clero mostra que era commum a ambas o esforço para o remodelamento das instituições, de modo que garantissem ellas o individuo, qualquer que fosse a sua origem, a sua profissão, a sua nacionalidade. Si, depois, a burguezia monopolizou o poder, a ponto de supprimir o direito de associação para os trabalhadores, (o que não se deve confundir com a suppressão das corporações que obedecem a outros fins), ainda isto se explica por uma herança do antigo regimen; a burguezia, como a realza e o clero, assim que galgou o poder, revelou-se inesperadamente uma classe que sonhava com o poderio politico, que manifestava as mesmas tendencias aristocraticas, o mesmo espirito imperialista; por isso mesmo não causa estranheza que ella acceitasse, poucos annos depois, o regimen monarchico, não tendo sido Napoleão Bonaparte sinão um imperador saído da burguezia para governar com a burguezia.

Não foi o *fetichismo da liberdade*, como pensa o Dr.

Barreto Campello, a origem do "horrendo conflicto de classes, que abala o mundo." A liberdade, quando é um direito de todos, não faz mal a ninguém, mesmo a liberdade metaphysica dos revolucionarios de 89. Esse "horrendo conflicto de classes" prende-se a causas mui complexas e profundas, para se conterem na trama fragil de um ideal de liberdade, que nunca foi além do circulo doutrinario de uma escola.

LIXXX

Os apologistas catholicos ficam fóra de si toda vez que a critica historica faz resaltar do exame dos factos que a adhesão da Igreja ao *movimento socialista* contemporaneo, é apenas um reflexo da politica tortuosa, machiavelica e opportunistica que ella tem seguido em todos os tempos.

O Dr. Barreto Campello pensa, com elles, que a Igreja sempre esteve ao lado das classes trabalhadoras, sempre manteve inalteravel o seu programma de reformas sociaes e que a sua attitude hoje é a mesma de hontem.

Que mantenha sempre um programma inalteravel, que seja a sua attitude uma só, ninguém contesta; mas esse programma e essa attitude se têm resumido em ficar a Igreja systematicamente com as classes ou grupos sociaes que detêm o poder; em identificar a sua *missão apostolica* com os interesses dominantes; em reagir contra todo regimen politico em que possa o seu prestigio soffrer restricções ou as rendas diminuir. Eis porque a historia nos mostra a Igreja successiva-

mente imperialista, feudalista, realista, capitalista e finalmente socialista.

Aliás, Pio X chegou mesmo a dizer que “a Igreja tem sempre mostrado *luminosamente uma virtude maravilhosa de adaptação ás variaveis condições do consorcio civil,*” si bem que procure ingenuamente convencer-nos de que, dobrando-se e accommodando-se ás novas exigencias da vida social, ella conserva a integridade e a immutabilidade da fé e da moral. (1)

Em face da *lucta de classes* ou do conflicto de interesses, que hoje se trava por toda a parte, ameaçando a transformação da sociedade contemporanea, apparece o clero catholico pressuroso em tomar parte na solução do litigio, advogando direitos que em outras épocas ignorava elle ou fingia ignorar que existissem.

Já mostrei com que intuito a Igreja entrou na liça, com o seu plano de reformas: apenas para dominar as massas proletarias. E' o que transparece em uma limpidez offuscante das palavras textuaes dos seus altos representantes, a começar pelo Papa Leão XIII, o mais astucioso de todos os discipulos de Machiavel.

Eis como um catholico fervoroso, o professor G. Balle-rine, refere o que se passou em uma audiencia, entre aquelle pontifice e o bispo de Liège, a proposito da questão social:

“Então, pergunta o papa, quer-se, por ventura, deixar que os operarios corram para o socialismo e a revolução?” E acrescentou: “E' preciso exhortar, sobretudo, os padres a andarem com o povo. Elles não podem permanecer circumscriptos nas suas igrejas e nos seus presbyterios; é necessario animal-

(1) — Cf. *Encyclica* de 11 de julho de 1905.

os do *espírito apostolico*, (o grypho é do autor), do espírito de S. Francisco Xavier, que penetrava em toda parte onde fosse pregar a verdade christã..." Na *Graves de communi re* dizia elle: "Nós mesmos, mais de uma vez, falando a ecclesiasticos, temos crido bem affirmar *ser opportuno, nos nossos dias, andar com o povo.*" (1)

Ora, o que se deduz das palavras de Leão XIII é, primeiro, o retrahimento do clero para com as classes populares; segundo, que esse retrahimento denuncia a deliquescencia do *espírito apostolico* que os defensores do catholicismo dizem jamais se isolara do povo; mas que o proprio pontifice julga opportuno *animar* ao contacto de um novo poder que se levanta...

Os prelados, por sua vez, acompanham o chefe supremo com esse grito de alerta: *Saiamos das sacristias!* Deviam dizer: *Saiamos dos nossos ricos palacetes*, antes que a bomba estoure; desçamos das nossas carruagens a confraternizar com as massas. Porque, exclama o arcebispo Ireland: *Quem tem as massas, governa!*

Quanto ao ponto de vista doutrinario, a Egreja, apesar de toda a sua infallibilidade, conhecia tão bem as questões sociaes, que só nestes ultimos annos é que veiu aprender alguma coisa, isto mesmo valendo-se da critica feita da sociedade presente pelo seu temivel adversario — o *socialismo*.

Não faz muito tempo que o cardeal Mermillod salientava a ignorancia do clero em assumptos sociaes e economicos e o abbade Houtin, referindo-se ao clero francez, dizia que taes assumptos só entraram a ser discutidos nos seminarios, sob

(1) — Analisis del Socialismo contemporaneo, p. 11, n. 2.

a precaução e as desconfianças com que as innovações penetram nos meios clericais. (1)

Quando Leão XIII se dispoz, não sem reluctancia, a assumir uma attitude *liberal* em prol dos trabalhadores, foi ainda ao socialismo marxista que foi pedir inspiração para traçar uma synthese da sociedade contemporanea. Como Karl Marx e Engels, Leão XIII divide “o corpo social em duas classes separadas por um immenso abysmo”: a que vive na opulencia, “uma facção que, senhora absoluta da industria e do commercio, desvia o curso das riquezas e faz affluirem para si todas as fontes” e, do outro lado, “a infinita multidão dos proletarios”, que soffre por parte daquella “um jugo quase servil.” Como Leão XIII, o bispo Von Keteler e o conego Moufang que, na Allemanha, promoveram a organização das classes obreiras muito antes da adhesão do pontifice ao movimento operario, tiveram por mestres, não autores canonicos, mas dois livres-pensadores: Lasalle e Karl Marx.

Após a publicação das encyclicas de Leão XIII, nas quaes o conde de Mun, um jesuita de casaca, percebia e divulgava ser “o esforço urgente do chefe da Igreja para entrar em communicação com o povo que a marcha do tempo fizera o grande poder temporal da nossa idade,” o clero se poz em campo, a falar de justiça social, a discutir problemas de economia politica e de legislação, a fundar centros de estudos e de conferencias, convicto de que em pouco tempo a *infinita multidão dos proletarios*, como as turbas fanaticas de outróra, seguiria obediente e constricta os ensinamentos desse postico evangelismo.

(1) — Cf. G. Ballerini — Ob. cit., p. 9; A. Houtin, *La crise du clergé*, p. 115 a 117.

Mas, inesperadamente verificou a Igreja que a tal *democracia christã*, nome pomposo que se deu ao catholicismo social, estava a degenerar em um liberalismo inconveniente á disciplina ecclesiastica e principalmente aos seus interesses economicos, intimamente ligados á organização da sociedade.

Alguns padres, aliás bem intencionados, tendo procurado imprimir á *democracia christã* uma orientação autonoma, mais coherente com o espirito do seculo, isto é, livre da tutela immediata dos bispos, foram por isso alcunhados de *modernistas*, obrigados uns a retrahir-se, outros a abandonar a propaganda, além de diversos que, não querendo submeter-se ás imposições dos seus superiores, tiveram de atirar fóra a batina.

Esta reacção, que começara já com Leão XIII, attingiu no pontificado de Pio X as proporções de uma campanha inquisitorial, acabando por impedir, no seio do clero, todo movimento em prol das reivindicações operarias, que não trouxesse o sello episcopal.

Por ultimo, as idéas de liberdade, de igualdade e de fraternidade em que deveria naturalmente apoiar-se o programma da *democracia christã*, foram implicitamente condemnadas pelo chefe da Igreja em um *motu proprio* que deve ser para os catholicos "a regra constante de sua conducta" junto ás classes populares. Para elle nada deve mudar no mundo actual, porque tudo o que existe e que os homens querem reformar, se justifica como expressão da vontade divina:

"Na sociedade humana, segundo a ordem estabelecida por Deus, encontram-se príncipes e subditos, ricos e pobres, doutos e ignorantes, nobres e plebeus, que intimamente unidos por um laço de amor, devem auxiliar-se reciprocamente em attingir seu fim ultimo no céo, e, na terra, seu bem material e moral."

Em 1849, em sua encyclica *Nostis e nobiscum*, dava Pio IX o seguinte conselho: "Que os pobres se lembrem, segundo o ensino do proprio Jesus-Christo, que não devem entristecer com a sua condição: porque a pobreza mesma lhes preparou para a salvação um caminho mais facil, contanto que supportem elles pacientemente a sua indigencia, e que sejam pobres não só em realidade como em espirito."

Quem assim sentenciava, deixou, a despeito de se dizer unico representante de Christo, na terra, uma *fortuna pessoal*, de milhares de contos, que não quiz destinar aos *pobres*, afim de não desvial-os do caminho da salvação.

Felizmente, a classe operaria recebe hoje esse *socialismo de sacristia*, como si ouvisse, sem emoção, uma velha cantiga muito conhecida. Já comprehendeu bastante a manobra do clero, que obedece a fins exclusivamente politicos, para se deixar cavalgar, como a bête do Apocalypse.

XXXV

Entremos a apreciar a critica que o Dr. Barreto Campello faz do socialismo.

Antes de caracterizar, muito pela rama, isto mesmo pisando em terreno falso, o que seja o socialismo, e de referir-se aos seus differentes ramos, dogmatiza com uma superficialidade pouco vulgar sobre o anarchismo, comparando-o a uma escola de criminosos communs, cujo valor doutrinario nem vale a pena discutir.

Desconhece o que ha de mais corriqueiro neste systema, que elle confunde com o sectarismo vulgar de um Ravachol.

Não distingue, no ponto de vista theorico, o velho anarchismo de Godwin, de Proudhon, de Max Stirner, do novo anarchismo de Bakounine, de Most, de Kropotkine, de Réclus, os quaes, si se identificam pela idéa de que toda autoridade, todo poder deve ser supprimido, se separam inteiramente quanto ao modo por que encaram a organização da vida social.

O anarchismo resume-se, para elle, na explosão de uma bomba de dynamite, e nada mais. Não extrae dessa doutrina o que é o seu elemento intrinseco, isto é, uma concepção da existencia, tendo apenas em vista os processos de que alguns dos seus adeptos lançam mão para transformal-a em realidade, processos, aliás, communs a toda a historia revolucionaria do mundo.

De facto, não me aponta o Dr. Barreto Campello uma idéa nova, uma tentativa de reforma radical dos costumes ou das crenças dominantes em uma época, que não se faça acompanhar de um cortejo de victimas; não ha reformador, seja de uma religião, ou de qualquer outra instituição social, que não se tome por inimigo da "ordem," que é preciso eliminar. Podem as suas idéas ser de uma logica profunda, de uma pureza moral adamantina, de uma nobreza heroica de sentimentos: estão em desaccordo com o meio, contrariam interesses reinantes, chocam habitos tradicionaes, ameaçam a ruina de prejuizos arraigados, por isso mesmo devem ser tratados sem piedade os seus propugnadores. O anarchista realiza um desses typos contra os quaes se volta o conservatorismo de todos os tempos; como o constitucionalista nos regimens de monarchia absoluta; como o republicano nos regimens monarchico-constitucionaes, elle tem de arcar com a hostilidade de elemen-

tos estratificados na sociedade contemporanea, e que em outras eras soffreram tambem a mesma reacção.

Entretanto, qual o pensamento predominante nesta doutrina? O mais humano, o mais altruistico, o mais idealista que se pode imaginar: a idéa de uma sociedade em que cada individuo se torne senhor de si mesmo, em que todos possam viver pelo espirito de fraternidade, pelo auxilio mutuo, pela igual participação de todos os bens. E' um sonho irrealizavel? E' uma louca utopia? Nem por isso ninguem será capaz de desconhecer o fundo de humanidade e de altruismo que anima esse systema. Pode-se mesmo avançar que, sob a sua forma sectaria, o anarchismo é o sacrificio do individuo á collectividade; o terrorista que, com o punhal ou com a dynamite pretende transformar de vez o regimen social existente, é um visionario que perdeu o sentimento da propria vida; na sua mentalidade actúa uma idéa mystica do evoluer progressivo da especie para um estado de perfeição absoluta. O *eu individual* se deixa absorver nelle pelo *eu social*, agindo, por isso, subconscientemente, sob o impulso de uma força psychica cujo dynamismo explicam as leis da psychologia collectiva.

Si os processos de que os anarchistas têm lançado mão. para a reforma da sociedade, são os mesmos dos criminosos vulgares, o movel que os impelle á violencia, destôa dos motivos que prevalecem na criminalidade commum. São *delinquentes politicos*, como igualmente o foram tantos revolucionarios que hoje são glorificados com festas pomposas, com hymnos religiosos e civicos, pela rhetorica das tribunas e dos pulpitos, pela perpetuação do seu nome em estatuas e nos templos, por panegyricos e biographias massudas em que a severidade erudita dos chronistas lhes esmieuça a memoria secretissima.

A excepção de um Ravachol e de outros *anarchistas* apenas de nome, encontram-se, entre os mais famosos desses *delinquentes politicos*, homens que offerecem da sua vida particular o exemplo mais dignificante de honestidade e pureza de costumes. E' o que attestam os criminalistas que se têm dedicado ao estudo do crime sectario, entre elles, Lombroso e Laschi, E. Regis e Scipio Sighele. O ultimo, ao falar dos *anarchistas petroleiros*, diz que aquelles que se encontram com os caracteres especificos do delinquente commum, "não são criminosos pelo facto de serem *anarchistas*; mas recobrem a sua *criminalidade instinctiva com a libré politica, que pode ser commoda*. E sabe-se que nos partidos extremistas se alistam, para pescarem em aguas turvas, todos os elementos degenerados e pervertidos que a sociedade produz... e conserva." (1)

Quanto aos apóstolos mais eminentes do anarchismo, contam-se entre elles grandes pensadores, de indiscutível probidade moral e intellectual, bastando citar Elisée Reclus e Kropotkine, dois nomes universalmente acatados nos dominios da sciencia.

Em synthese, o que se dá presentemente com o anarchismo, deu-se com o christianismo primitivo. Ha entre um e outro tal identidade no ponto de vista historico e até mesmo no ponto de vista doutrinario, que E. de Laveleye, um socialista christão dos mais sinceros e de grande autoridade entre os sociologos, chega mesmo a confessal-o. Referindo-se aos *anarchistas* e ás suas idéas de destruição do mundo actual, escreve elle:

(1) — *Psychologie des sectes*, p. 120, nota n. 2.

“Estas imaginações que poderiam ser attribuidas a um louco, não são sem precedentes na historia. Em certas épocas de perturbação, as almas avidas de ideal gemem e se indignam com os males e as iniquidades que affligem a especie humana. Ellas entrevêem uma ordem melhor *onde reinaria a justiça, mas* crêem que é impossivel lá chegar por meio de reformas lentas e successivas. Então, aspiram á destruição da ordem antiga, a fim de que de suas ruinas saia a palingenesia. *Tal era a idéa do christianismo primitivo.*” (1)

Como o anarchismo, o christianismo primitivo pretendeu refazer o mundo, quiz crear uma nova ordem de coisas; como o anarchismo, reagiu contra as crenças, os costumes, as instituições dominantes; como o anarchismo, buscou outro fundamento, outro principio em que se apoiasse a sociedade que elle tentou em vão depurar dos seus vicios e das suas miserias. Anarchicas, sob forma communista, foram as primeiras agremiações christãs, em que cada individuo se ligava a outro pelo laço de amor fraternal; em que não existia o espirito de autoridade, de prepotencia, de tyrannia, de que o catholicismo se prevaleceu na sua tentativa de fundar o imperio christão. Ali, contam os Actos dos Apostolos, *todos gosavam de tudo em commum*; e “cada igreja, observa Renan, era um mosteiro onde todos tinham direito sobre todos, onde não devia haver nem pobres nem mãos; onde todos, por consequencia velavam uns pelos outros e mandavam uns aos outros... uma grande associação de pobres, um esforço heroico contra o egoismo, fundado sobre esta idéa que cada um só tem direito ao

(1) — *Le socialisme contemporaine*, p. 224.

que lhe é necessario, pertencendo o superfluo aos que nada possuem." (1)

Como os anarchistas de hoje, foram os christãos accusados de crimes os mais abominaveis; corridos de toda a parte, torturados, condemnados á morte, tudo isso por serem inimigos da *ordem social* estabelecida. Em Roma, onde a tolerancia religiosa se estendia a todos os cultos, menos ao christianismo, como hoje se toleram todas as seitas politicas, menos o anarchismo, os christãos eram perseguidos, não porque professassem um credo, mas porque formavam "*sociedades secretas e assembléas illegaes*;" e por este facto, em vez de julgados por tribunaes religiosos, eram-no por magistrados que velavam pela segurança publica. (2)

Mas, não é só isto. Ha *santos doutores* da Igreja que, sem deslustre, se podem hombraear com os Proudhon e Bakounine. Não foram elles hypnotizados pelo ideologia christã, quando condemnaram o mesmo regimen que os anarchistas pretendem destruir? Ouça lá o collega o que dizem alguns desses inimigos da *ordem*, que a Igreja canonizou. Além de S. Basilio e de S. João Chrisostomo, S. Jeronymo: "A opulencia é sempre o producto de um roubo; si este não foi commettido pelo proprietario actual, o foi pelos seus antepassados;" e S. Ambrosio: "A natureza estabeleceu a communitade; a usurpação, a propriedade privada;" e S. Clemente: "Em bôa justiça tudo deveria pertencer a todos. E' a iniquidade que fez a propriedade privada." (3)

(1) — Les Apôtres, ps. 131 e 133.

(2) — Cf. Boissier — La religion romaine, vol. 1, p. 346 e 347.

(3) — Cf. E. de Laveleye — Obra citada, XVII.

Que dirá o Dr. Barreto Campello desses velhos e veneráveis *anarchistas*? Estão ou não de accôrdo com o christianismo? Si não estão de accôrdo, si a Igreja combate tão encarniçadamente o anarchismo, ella que se julga depositaria unica das tradições evangelicas, porque, então, conserva na côrte celeste, entre os santos mais graduados, tão suspeito grupo de indesejaveis? Porque não procede com elles como o fez com o papa Formose, que foi excommungado depois de morto?

Nisto não cairia; porque si um dia viesse o anarchismo a triumphar, logo os seus apologistas diriam que a Igreja sempre o defendera pelos seus doutores e o praticara pelas primeiras communitades christãs. Diriam mesmo que o proprio Jehovah fôra o primeiro anarchista que levou avante, por meio do diluvio, a *liquidação social*, para poder organizar um mundo mais perfeito. Até Christo seria proclamado o mais antigo *dynamiteiro*, pois foi elle que vaticinou, antes de mais ninguem, que o *fogo do céu* desceria sobre a terra para, num abrasamento cosmico, refundir todo o genero humano em uma obra completa de amor e de fraternidade universal.

E' do seu programma...

XXXVI

Affirmei, antes, que o Dr. Barreto Campello, além de caracterizar muito pela rama o que seja o socialismo, o faz pisando em terreno falso.

"A tendencia generalizada e commum a todos os partidarios do socialismo, escreve elle, é a exaggeração do facto

economico-social. Para a quase unanimidade dos socialistas a sociologia é toda ella um problema multiforme de producção e circulação. *O idealismo e todas as suas manifestações, a religião, a personalidade, o altruismo são inteiramente desprezíveis como factores sociaes.*”

Este periodo define bem os conhecimentos que tem o collega da litteratura socialista: 1.º, elle diz que a tendencia generalizada e commum a *todos os socialistas* é a exaggeração do facto economico-social; 2.º, que não são todos os socialistas, mas a quase *unanimidade* que considera a sociologia um problema (?) multiforme de producção e de circulação, isto é, quer elle dizer, que fazem depender o facto social do facto economico; 3.º, finalmente, elle avança uma affirmação que não sei onde terá ido buscar, *de que o idealismo com todas as suas manifestações, a religião, a personalidade, o altruismo são, para os socialistas, inteiramente desprezíveis como factores sociaes.*

O que talvez pretendeu explicar, foi que do socialismo marxista são partidarios todos os socialistas e ao mesmo tempo d'elle se afasta uma pequena minoria, o que vem a ser uma contradicção flagrante. Mesmo que *todos os socialistas* ou a *quase unanimidade* dos socialistas accitassem as idéas marxistas, poucos reduziriam exclusivamente toda a phenomenalidade social a um simples capitulo de economia politica.

E' certo que Karl Marx considerava a vida economica a base estructural de todas as fórmãs de coexistencia collectiva. Prendera-se, a principio, á idéa fundamental do seu systema, de que todas as relações sociaes retratam relações economicas originarias da producção sem ter salientado, porém, o papel de

outros factores que actuam no evoluer das sociedades. (1) Mais tarde ampliou a sua concepção sociologica reconhecendo que a base economica sobre que assenta a vida social, "ao menos, em suas linhas geraes, pode representar, na realidade, variações ao infinito, devidas a circumstancias economicas innumeraveis, a *condições naturaes*, a *relações de raças*, a *influencias historicas*, etc., variações que só podem ser comprehendidos pela analyse dessas circumstancias empiricas. (2)

Alguns dos seus adeptos, como os seus adversarios, viram, ali, a idéa de uma fatalidade cega a que devia submeter-se todo dynamismo historico. O mesmo exclusivismo com que foi interpretada a theoria da *selecção natural* de Darwin, contra o qual teve de reagir o sabio naturalista, se verificou com a doutrina marxista, a que ainda se attribue uma estreiteza de concepção que não se ajusta aos moldes scientificos da sociologia contemporanea.

Engels, que collaborou com Karl Marx na constituição do *socialismo scientifico* e, mais que ninguém, lhe conhecia as opiniões, sustentou em uma serie de cartas que escreveu entre 1890 e 1895, que elle e Marx tinham sido muitas vezes mal comprehendidos e que jamais entenderam attribuir uma *efficacia absoluta ás considerações economicas*, com a exclusão de outros factores. Elle mostrava que as acções economicas não são somente as acções physicas, mas todas as acções humanas, e que um homem age como um agente economico pelo uso do seu cerebro e tambem das suas mãos. As formas do direito, as theorias politicas, juridicas, philosophicas, as idéas religio-

(1) — *Cf. Misère de Philosophie*, p. 115 1847.

(2) — *Le Capital*, vol. III, p. 587.

sas, ou os dogmas exercem, também no curso da historia, fortes influencias e que, em muitos casos, ao determinar-se a forma das mesmas, têm ellas até uma acção preponderante.

Em uma carta a Eduardo Bernstein diz elle que “a evolução politica, juridica, philosophica, litteraria, religiosa e assim por diante, repousam sobre a economia, mas todas ellas reagem entre si e ainda sobre a base economica.” (1)

Outro marxista famoso pelos seus escriptos, Karl Kautsky, assim se dirige aos que, como o Dr. Barreto Campello, não apprehendem todo o alcance da concepção materialista da historia :

“O materialismo historico, bem longe de negar o poder motor do espirito humano, na sociedade, não faz sinão dar uma explicação especial, differente das explicações anteriores sobre a acção desta força. O espirito conduz a sociedade, não como senhor das condições economicas, mas como seu servo. São ellas que lhe ditam os problemas que elle deve resolver, são ellas que lhe fornecem os meios de resolvel-os. O fim immediato que o espirito humano prosegue, resolvendo este problema, pode ser um fim querido e previsto. Mas cada uma das suas soluções deve ter consequencias que elle não podia prever e que, muitas vezes, vão directamente ao encontro das suas previsões.”

Mais expressivas são as palavras de Mehring :

“Nada mais absurdo que esta affirmação que Engels e Marx, com a sua concepção materialista da historia, se tenham

(1) — Cf. Edwin R. A. Seligman — *L'interpretation économique de l'histoire*, p. 66; R. Michels — *Problèmes de sociologia applicata* p. 191; E. Vandervelde — *Essais socialistes*, ps. 14 e 15.

submettido a um sombrio fatalismo e tenham expulso todas as forças ideaes do desenvolvimento historico da humanidade, Do seu methodo dialectico resalta que, si a sociedade determina o Estado, o Estado por sua vez reage sobre a sociedade; que, si os phenomenos economicos dominam, em ultima instancia, todavia, as representações ideologicas podem influencia-los; que, por consequencia, a ideologia não é de todo sem acção porque não pode ella exercer nenhuma acção independente." (1)

O erro do Dr. Barreto Campello está, pois, em que elle attribue a todos os socialistas ou á sua quase unanimidade uma concepção que, além de não ser commum a todos nem mesmo á quase unanimidade dos socialistas, só percebe actuando na vida social o factor economico. Si tivesse dito que para a escola marxista elle prepondera no evoluer social, sem a exclusão de outros menos importantes para a mesma escola, ou si dissesse que o phenomeno economico é basico na vida social, mas que não se furta á influencia ou á reacção dos outros phenomenos, teria dado uma idéa exacta da doutrina. A sociologia, como a delinearão os partidarios deste systema, repousa realmente nas leis do mundo economico cuja primazia elles mantêm em todas as suas construcções theoricas; mas a circumstancia de que o phenomeno economico sirva de fundamento a uma sciencia tão complexa como é a sociologia, não justifica que, para o marxismo, ella se reduza exclusivamente ao estudo do mecanismo da producção e da troca.

E' o que se deprehende das conclusões a que chega Seligman, após uma exposiçáo minuciosa da theoria marxista:

(1) — Cf. E. Vandervelde — Obra citada, ps. 3 e 17.

“Comprehendemos, então, pela theoria da interpretação economica da historia, não que toda a historia deva ser explicada em termos economicos somente, mas que as principaes considerações do progresso humano são as considerações sociaes e que o factor importante no transformismo social é o factor economico. A interpretação economica da historia significa, não que as relações economicas *exercam uma influencia exclusiva, mas que exercam uma influencia preponderante, regulando o progresso da sociedade.* Eis ao menos o *exposto preliminar do conteúdo real da concepção economica da historia tal como foi elaborada e explicada pelos seus proprios fundadores.* (1)

Ao contrario do que muita gente pensa, os socialistas que se apontam entre os mais extremados em fazer realçar a preponderancia do phenomeno economico na mecanica social, mesmo assim, confessam que no evolver de uma sociedade tambem actuam outros factores, si bem que de importancia secundaria para elles.

Salientado isso, e mais que entre esses factores que se dão de importancia secundaria, ha alguns cujo valor se pode comparar ao do phenomeno economico, e ainda, que todos, emfim, no transformismo social, agem e reagem entre si por uma estreita relação de interdependencia, a isso nem eu nem *a quase unanimidade* dos socialistas nada teriamos que oppôr. (2)

(1) — Obra citada, ps. 70 e 71.

(2) — Quando no Brasil o nome de Karl Max era apenas conhecido de um ou de outro estudioso da litteratura socialista, já eu fazia restricções aos excessos orthodoxos da sua escola. Em 1917, em these de concurso para docente da Faculdade de Direito

XXXVII

Antes de precisar o valor que se possa inferir do phenomeno economico, encarado já no ponto de vista sociologico, já no ponto de vista socialista, analysemos a ultima phrase do periodo em que o Dr. Barreto Campello pretendeu resumir o pensamento basico de todos ou da quase unanimidade dos partidarios do socialismo.

Diz elle que o *idealismo e todas as suas manifestações, a religião, a personalidade e o altruismo são, (para os socialistas) inteiramente desprezíveis como factores sociaes.*

Só o alheamento da technica philosophica e as noções superficiaes que elle tem do movimento socialista, assim mesmo falseadas pelos seus directores espirituaes, lhe pode-

do Recife, contrapunha ao principio de subordinação immediata á estrutura economica da sociedade, das demais formas de coexistencia social, o principio de interdependencia integral de todos os phenomenos sociologicos, resultante, entre elles, de acções e de reacções reciprocas. Além de outros topicos, o seguinte dá uma idéa exacta do meu ponto de vista naquelle tempo, mantido, até hoje, em escriptos posteriores:

“O erro da theoria materialista da historia está em reduzir ao phenomenismo economico todas as manifestações da vida social. Mas, como no organismo, as funcções puramente nutritivas não se confundem com as funcções mentaes, assim, na sociedade ha factos que não se podem tomar por simples epiphenomenos do facto economico. Si este actua de modo profundo no evoluer social, soffre, por seu turno, a influencia da religião, dos costumes, do direito, da politica. Pode-se dizer com Rudolf Stammler que ‘não é philosophico pretender que uma categoria qualquer de relações sociaes seja a causa ou a explicação das outras relações sociaes. Todas são o producto commum da mesma causa,’ ou, por outra, *todas se prendem não só por laços de causalidade, mas, sobretudo, por laços estreitissimos de interdependencia.* (Cf. *O Estado — Sua função administrativa*, ps. 180 a 182, em SOCIOLO-

riam ter ditado tantos despropositos em tão poucas linhas. Começemos pelo mais extravagante: a *personalidade — manifestação do idealismo*. Em que historia da philosophia, em que manual de logica, em que compendio de psychologia descobriu o inspirado apologista catholico uma coisa tão original e tão profunda?

Systema philosophico ou conjuncto de aspirações, de devaneios, de ideaes humanos (sentido vulgar), de um modo ou de outro, phenomeno puramente subjectivo, jamais o idealismo poderia crear uma synthese natural tão objectiva, tão concreta e tão complexa como é a personalidade. Mesmo no ponto de vista da philosophia escolastica ou da metaphysica racionalista, a personalidade foi sempre um facto a que se applicava um conceito idealista e aprioristico, permanecendo, entretanto,

GIA E DIREITO, obra editada eb 1928. Neste mesmo volume, ha, sobre a these comunista que conclue pelo desaparecimento do Estado, um longo capitulo de exposição e critica, do qual destacamos os periodos mais precisos: "O Estado que nos descrevem os syndicalistas e os communistas orthodoxos é o contrario do que elle deverá ser na sua natureza intrinseca: em vez de um orgão de dominação, tornar-se-á um orgão de coordenação de todas as formas de actividade, que concorrem para conservar e ampliar a vida do aggregado humano. Será esse mesmo "Estado Juridico" de que tanto se fala hoje, porém subordinado a uma lei cujo poder soberano seja uma resultante de energias sociaes em equilibrio, que, formulada ou não em um texto, passe a ser, em sociologia, o que, é, em astronomia, a lei de gravitação — *uma synthese em que se combinem e se harmonizem todos os direitos*.

De orgãos de dominação, como disse, passará o Estado a orgão de coordenação e de subordinação das actividades humanas. Não desaparecerá, mas, transformar-se-á ou, antes, retomará a finalidade historica que se lhe delinea nas organizações collectivas que, para viverem, não necessitam de recorrer á força ou vão dispensando o concurso desta. Porque o desaparecimento do Estado importaria na extinção do direito; e á extinção do direito seguir-se-ia a dissolução da sociedade, com lhe faltar um

destacado, com a sua natureza propria, como *coisa em si*, dos systemas que lhe imprimiram o feitiço de uma synthese. E hoje ninguem se atreve a confundir um phenomeno com as idéas que elle tenha suggerido. O que se dá é, como observa Ernst Mach, a *adaptação dos pensamentos ás coisas e dos pensamentos entre si*, adaptação de caracter tanto mais scientifico, quanto mais exacta e harmonica. (1)

O conceito theologico e o conceito metaphysico da personalidade, que poderiam servir de taboa de salvação ao Dr. Barreto Campello, apresentam-na como substancia racional, consciencia do *eu*, indivisivel, immutavel, ou como "liberdade e independencia deante do mecanismo da natureza"; é uma unidade simples, existindo por si, não podendo ser, portanto, manifestação, attributo, modo, de uma outra coisa. Porque o que existe por si, em linguagem metaphysica, não pôde ser attributo ou modo de outra substancia.

elemento essencial á sua existencia, elemento que é para a sua estrutura o que é o equilibrio vital para estrutura dos seres. Depois de outras considerações:

— A questão pode definir-se em poucas palavras: o Estado é uma "*formação natural*" do determinismo sociologico, como é a consciencia uma "*formação natural*" do determinismo biologico.

Si a consciencia, depois de resultar da evolução organica, imprime uma direcção ao organismo, o Estado, depois de resultar da evolução social, imprime uma direcção á sociedade. Esta direcção realizar-se-á, então, ao mesmo tempo, pelo direito e pela politica: pelo direito, elle coordena as actividades humanas; pela politica, subordina estas ao Poder, que vae perdendo o seu feitiço militar e arbitrario, para revestir-se de um caracter eminentemente juridico. Será, em resumo, uma forma superior de integração synthetica da realidade sociologica, um centro, de equilibração de forças sociaes, como é a consciencia uma forma superior de integração synthetica da realidade psychologica, um centro de equilibração de consciencias cellulares. (Ver ob. cit. — *O Estado e a revolução social*, ps. 219 a 296).

(1) — La connaissance et l'erreur, p. 174.

Ainda que o collega identificasse, por uma impropriedade de termos, o idealismo com o que ha de ideal, de racional, de suprasensível no ser, mesmo assim, a personalidade não seria mais uma manifestação do idealismo, sim o seu conteúdo, a sua propria substancia, ou por outra, ambos seriam, confundindo-se, a mesma coisa em si. Demais, o erro do apolo-gista catholico envolve, sem que elle o perceba, uma heresia gravissima: para um deista orthodoxo, a negação da existencia real de Deus; pois si a personalidade é uma manifestação do idealismo, logo a *personalitas divina* não passa de uma idéa que só existe dentro de nós e por nós; uma abstracção que se pode reduzir, afinal, a um *flatus vocis*. Manifestação do idealismo dos philosophos ou da imaginação creadora dos artistas, ou do sonho mystico dos prophetas, elle deixa de ser o puro espirito, sem principio e sem fim, dos theologos, para tornar-se méro conceito, simples imagem, vaga phantasia da mente humana...

Mas deixemos de parte esse velho thema que não seduz, para considerar a personalidade no ponto de vista da psychologia moderna, o unico que deve ser admissivel na presente discussão.

Recorra o Dr. Barreto Campello aos mais eminentes psychologos e venha demonstrar que a personalidade seja uma das manifestações do idealismo: posso indicar-lhe d'antemão Th. Ribot, *Les maladies de la personnalité* — Dallemagne — *Dégénérés et déséquilibrés* (os primeiros capitulos) Herzen — *Le cerveau et l'activité cérébrale*, Legrain — *Eléments de médecine mentale*; Binet, *Les alterations de la personnalité*, além de outros trabalhos que de prompto me não occorrem á memoria e tratam especialmente do assumpto, sem falar na infinidade

de obras e de artigos de revista em que a personalidade figura no estudo geral dos phenomenos psychicos. O que terá de aprender nesse vasto archivo de experiencias e de observações é que a personalidade é uma synthese de elementos physico-psychicos, que nada tem com o idealismo; é um todo complexo em cuja composição entram desde os actos reflexos até as formas superiores do *processus* ideativo, as ultimas, condicionadas por actos reflexos systematizados e infinitamente complicados. Unidade resultante de condições organicas, affectivas e intellectuaes, ella é um todo concreto, um *complexus* (Ribot) que evolve sob o impulso de factores naturaes; que passa por adaptações successivas, e não é sempre identica a si mesma no curso da evolução ontogenetica, pois varia com a idade, com o estado organico do individuo, com o grau de actuação de caracteres hereditarios ou adquiridos no meio physico e social. Longe de ser uma substancia immutavel, ella transforma-se, desdobra-se, desaggrega-se, recompõe-se sob a influencia de causas multiplas, muitas das quaes extrinsecas, que agem sobre o dynamismo psychico.

A personalidade não se limita só á consciencia do eu; esta é como que o seu aspecto superficial, fluctuante, instavel; aquella é uma unidade de base biologica muito mais vasta, abrangendo desde a consciencia obscura do *consensus* e da solidariedade das funções vitaes até as formas superiores da actividade cerebral.

Não ha, pois, phenomeno mais realista, tão realista que se submete á analyse experimental, que se deixa, por assim dizer, apanhar ao vivo pelo psychologo e pelo pathologista.

Si o Dr. Barreto Campello deseja conhecer mais a fundo o que dá como manifestação do idealismo, consulte qualquer

dos autores acima citado sobre os processos de formação, de desenvolvimento e de dissolução da personalidade; elles lhe responderão que a personalidade não é uma unidade substancial, abstracta, ideal, mas varia no mesmo individuo nas differentes phases da sua vida; reduz-se pouco a pouco até o seu aniquilamento, por exemplo, com a paralyisia geral dos alienados; modifica-se artificialmente sob a acção de um toxico: substitue-se nos casos de loucura bipolar, factos estes que nada têm de idealistas. Finalmente, chegará o collega á conclusão de que, em vez de ser a personalidade — manifestação do idealismo, o idealismo é que é manifestação da personalidade: systema philosophico ou conjunto de idealizações, é elle um producto da evolução psychica, um reflexo da consciencia do eu.

A religião, manifestação do idealismo; apesar de ser um apologista fervoroso da theologia, a noção que tem o Dr. Barreto Campello do phenomeno religioso é incompletissima: a religião, manifestação do idealismo, marca, quando muito, o ponto culminante do seu evolver. O tabuismo, o totemismo, o animismo, formas anteriores do idealismo theista, não podem ser excluidos assim de uma pennada. Tambem o polytheismo e o monotheismo retratam crenças eminentemente anthropomorphicas; si ha nellas um fundo de *idealidade* moral ou intellectual, mal se destaca dos elementos psychicos que primitivamente entraram na composição desses systemas.

A religião, facto e *factor social*, como deve ser justamente comprehendida, reflecte sempre um modo de sentir e de pensar da collectividade; razão por que Guyau a denominou, com muita justeza, um *sociomorphismo*. Um povo guerreiro, por exemplo, só póde ter deuses guerreiros: pelo menos são as divindades a que elle presta, de preferencia, o seu culto; um

povo pacífico é natural que só tenha deuses pacíficos; e o que vive só da pastoricia não concebe genios tutelares da agricultura. A religião é sempre o reflexo da *psychologia collectiva*; esta, menos *idealista* que a *psychologia individual*.

Nas sociedades mais cultas verifica-se igualmente que o sentimento religioso é muito mais realista do que supõem os theologos: a idéa do divino, longe de ser uma forma superior de abstracção, traduz um estado emotivo intimamente ligado ás necessidades immediatas da vida. A não ser o culto protestante, que tende cada vez mais para o idealismo, moral e religioso, aliás, em correspondencia ao grau de cultura das nações que, abraçando a reforma, facilitaram a cada individuo o exame das proprias crenças, os demais conservam os mesmos matizes das religiões primitivas e barbaras: o tabuismo, sobrevivencias mesmo sob a forma symbolica, do totemismo, crenças polytheistas; praticas que lembram o magismo, nellas se incrustaram e persistiram até os nossos dias.

O catholicismo que, para o Dr. Barreto Campello, além de religião verdadeira, deve ser a *única manifestação perfeita* do idealismo, é, ao contrario, de um realismo crú: o seu culto das imagens e das reliquias não differe do feiticismo de uma tribu africana; o significado que elle empresta á agua *benta*, aos *santos oleos*, ao vinho *consagrado*, não passa de uma grosseira materialização do sentimento religioso. Os seus santos, as suas madonas, os seus bemaventurados formam uma hierarchia banalissima de deuses, que nem mesmo se pode comparar ao polytheismo greco-romano, que tinha a realçal-o a *belleza* artistica. O seu ritual adopta praticas devotas tão ridiculas que identicas só se encontram entre as raças selvagens. O seu clero tem sido talvez o mais *materialista* da historia da humanidade.

porque nenhum, nem o clero budhista a que elle tanto se assemelha, tem gosado, em nome do ascetico Messias, uma vida de mais opulencia e de mais luxo: nenhum se tem preocupado mais do que elle com as coisas da terra...

A moral catholica, que deveria ser o refugio do idealismo religioso, é, ao contrario, humanamente utilitarista: o que ella ensina sobre o bem e o mal é que a um e a outro está preso o interesse do individuo; a pratica do bem traz uma recompensa; a pratica do mal, um castigo. E' a idéa do aperfeiçoamento moral do individuo num ambiente de desejos e de receios, em que a personalidade, em vez de desenvolver-se por um sentimento espontaneo e nobre de si mesma, sahe deprimida, amesquinhada, com virtudes que só lhe pertencem de emprestimo. A idéa do bem pelo bem, o sentimento puro de justiça, de bondade, de altruismo, tanto pode existir no catholico como nos adeptos de outras religiões; mas de certo não se ajusta a uma moral em que o seu deus apparece como credor e devedor universal do genero humano, communicando-se com este por intermedio de um grupo numerosissimo de agentes commerciaes, sob a gerencia suprema do papa. Pode resumir-se toda a moral *idealista* do catholicismo nestas duas palavras sacramentaes com que se obre a escripturação de toda casa de negocio: — *Deve e Haver*.

O *altruismo, manifestação do idealismo*: é innegavel que haja uma forma de altruismo que é profundamente idealista: a dos visionarios de todos os tempos, que vão até ao sacrificio pela realização de um principio que elles crêem fazer a felicidade dos homens. Mas aqui não é o altruismo que é manifestação do idealismo, mas o idealismo que é manifestação do altruismo. Este tem as suas raizes profundas na constituição

animica do organismo: é uma projecção na existencia individual do sentimento da existencia collectiva; é como que a consciencia da especie actuando na consciencia do individuo. Fosse revelação do idealismo, só poderia ser privilegio dos seres que tivessem attingido um alto grau de intellectualidade. Mas elle tanto se reflecte no pensamento de um philosopho idealista ou de um mystico, quanto, instinctivamente, desabrocha e realça nas almas mais rusticas.

Si o Dr. Barreto Campello deseja instruir-se melhor sobre o que vem a ser o altruismo, qual a sua genese, o seu evolver, recorra a Spencer — *Principes de psychologie e morale evolutioniste*; Th. Ribot, *La psychologie des sentiments*; Sergi, *Psychologie physiologique*; Espinas, *Les sociétés animales*, além dos excellentes trabalhos de Lubbock, de Romanes, de Gross, que lhe hão de revelar o altruismo como facto de natureza bio-psychica, como sentimento intimamente estratificado no instincto de perpetuação da especie, commum não só ao homem, mas a seres que desconhecem a ethica religiosa de um Thomaz de Aquino ou as subtilezas metaphysicas da *critica da razão pratica*.

O que elle tentou balbuciar foi que o socialismo scientifico, ou antes, o marxismo, contrapõe, á concepção *ideologica* dos factos historicos, uma *concepção materialista*, ou uma *interpretação economica*; que, reduzindo todo o evolver da vida social á noção de um factor unico — o economico — exclue outros factores, entre elles a religião, as manifestações inherentes á actividade intellectual e moral do individuo; as idéas de direito, de justiça, etc., etc. Ou ainda: elles consideram os principios, as idéas, méras categorias que não se poderão constituir em factores da vida social. Idealismo, ou

melhor, ideologismo, é um systema *interpretativo* de phenomenos, uma *synthese philosophica, metaphysica, abstracta, aprioristica*; *factores* — são os elementos que esse systema abrange gnoseologicamente: materia, objecto sobre o qual trabalha e constroe o intellecto. Assim, quando falamos de *evolucionismo*, como concepção do mundo, é tolíce consideral-o um *factor*; elle é uma *synthese das leis que explicam as multiplas transformações da força, ou o mecanismo dos diversos factores que actuaram na passagem dos phenomenos do seu estado de homogeneidade indefinida, incoherente, para o seu estado de heterogeneidade definida e coherente.*

Depois dessa ligeira analyse da estranha technica philosophica do Dr. Barreto Campello, cheguei á seguinte conclusão: elle ha de ter lido qualquer critica do *socialismo* scientifico, que se relacionasse com o que escreveu; não alcançou, porém, o *espirito da coisa*; não se apropriou do pensamento do critico. Dahi a confusão lastimavel em que ficou, e até em detrimento da sua honorabilidade de apologista orthodoxa; pois, além de haver perpetrado mais de uma heresia contra a sciencia, descambou para o atheismo, com uma affirmativa que implica logicamente a negação da *existencia real do seu proprio deus.*

Os tres capitulos que se seguem, escriptos no Rio, para onde tive de embarcar por motivos de força maior, me foram devolvidos pelo director do *Jornal do Commercio*, de Recife, com uma carta em que me explicava não mais poder divulgá-los, porque estava sendo mal interpretada a publicação na-

quelle diario dos meus escriptos de polemica com o Dr. Barreto Campello.

De volta a Pernambuco, fui informado de que o *Jornal do Commercio* fôra de tal modo assediado por elementos clericas, para que me fechasse as suas columnas, que acabou por tomar aquella resolução, que tanto mais me surprehendera, quanto, além do mais franco acolhimento dispensado aos escriptos anteriores, era eu, desde a sua fundação, um dos seus assiduos collaboradores. Sempre os mesmos processos, quando não podem vencer o adversario: valem-se de empenhos, recorrem a relações de amisade, a influencias politicas, até a senhoras que possam actuar no animo dos maridos, dos paes, dos avós, contanto que se faça o silencio, depois torpemente explorado como debandada do contendor. Foi, exactamente, o que procuraram insinuar na minha ausencia: que eu havia deixado precipitadamente Recife por não poder mais supportar os golpes do meu antagonista. Felizmente, ninguem os levou a serio, tal a impressão que deixara no espirito publico a superioridade de armas que eu manejava, de preferencia adquiridas no copioso arsenal da litteratura catholica.

XXXVIII

Reatando o fio da discussão que, por motivos superiores á minha vontade, fui forçado a suspender, continúo a analyse daquela phrase, fatal aos creditos apologeticos do Dr. Barreto Campello, em que elle affirma que a *religião*, a *personalidade* e o *altruismo* são para os socialistas *inteiramente despreziveis como factores sociaes*.

A religião, de facto, não interessa ao socialismo como coefficiente evolucional capaz de influir directamente na reorganização da sociedade contemporanea. Si ha socialistas que a combatem, outros ha sobre os quaes ella nenhuma impressão desperta; são estes os que acreditam que as religiões desaparecerão naturalmente com o remodelamento das instituições e o avanço progressivo da cultura scientifica.

Systema primitivo de concepção das cousas ou regra de conducta individual e collectiva, de um modo ou de outro, a religião vem perdendo, entre os povos civilizados, o poder de suggestão que quasi exclusivamente exercia, em outras eras, sobre a consciencia dos homens.

Si é certo que ella ainda reúne sob a cupola dos templos milhões de crentes, estes na sua grande maioria continuam a ir ás suas egrejas, ás suas synagogas, ás suas mesquitas, como vão aos divertimentos de sua predileção, aos clubs, aos theatros, aos cinemas, aos hippodromos e ás touradas. O costume secular de crêr nas mesmas divindades, de repetir as mesmas preces, de ouvir os mesmos canticos, de assistir ao mesmo cerimonial, acaba reduzindo o *tonus* emotivo da crença religiosa ao estado de automatismo psychologico, a um habito que sobrevive sem a força motriz, sem o impulso vital peculiar aos cultos em formação, isto é, na sua phase de propaganda e de proselytismo.

Tomando para exemplo a religião catholica, uma das que mais se têm revelado com tendencias a absorver e subjugar as sociedades que a abraçaram, resalta flagrante, não só a sua impotencia em reconquistar o prestigio de que se cercava na Edade Media, mas tambem a sua systematica opposição a tudo

que possa constituir um progresso, uma ampliação, nos moldes da vida social e nos domínios do pensamento.

Autoritaria, intransigente no seu tradicionalismo anachronico, ella reage, em quanto pode, a todo movimento, a toda innovação que venha melhorar as condições de existencia de uma collectividade; porque a longa experiencia historica tem patenteado aos seus pontifices, aos seus doutores, aos seus apologistas, que a cada revolução social, a cada victoria do espirito humano, corresponde uma redução de privilegios e uma derrocada de erros e de prejuizos sobre os quaes assenta a engrenagem ecclesiastica.

Dizer que a Igreja possa actuar como factor do progresso humano, ella que, pelo seu espirito dogmatico, é a negação de todo progresso; esperar a iniciativa das reformas sociaes de uma organização theocratica, que se conserva amarrada á idéa de que no seu chefe supremo deve focalizar-se todo poder espiritual e temporal, poder que, a despeito da sua pretensa origem divina, cada vez mais se desloca e se adapta a novas exigencias do viver social, é desconhecer o que de mais elementar, de mais banal, de mais commum se depreheende da chronica da nossa civilização.

Com effeito, quando o cãtholicismo se constituiu definitivamente, isto é, quando attingiu pelo dogmatismo a sua unidade de-doutrina, tornou-se, em vez de um elemento de progresso, um elemento de estabilidade, de regressão, tentando em torno de si, e em seu proveito, concentrar todas as manifestações da existencia. Elle traçou á consciencia de cada individuo um circulo que jamais se deveria transpor. Estabeleceu um systema de ética, fixou normas de governo, preceituou regras juridicas, restringiu a liberdade de acção e de

pensamento ao campo estreito da sua orthodoxia, como si dentro de puras convenções arbitrarias e do immobilismo dos seus dogmas se pudessem conter em equilibrio estavel, uniforme, monotono, as forças sociaes, de todas as forças do Universo, as mais complexas, as mais heterogeneas.

O que a historia das nações tem mostrado é que as suas paginas mais eloquentes marcam sempre um recuo do sobrenatural a cada passo que o homem avança nos dominios da realidade; que uma descoberta, uma invenção, uma verdade na sciencia é uma restricção do theologismo como systema conceptualista do mundo; que uma transformação de regimen, uma alteração qualquer de ordem social repercute na vida religiosa e em tudo o mais que se relaciona com as crenças, com as idéas e costumes tradicionalmente estabelecidos. De sorte que, a moral, a religião, o direito, todos os phenomenos que evoluem no meio collectivo, são *formações naturaes* deste meio, antes de reagirem sobre elle; resultam *syntheses creativas que*, não obstante conservarem o seu característico proprio, jamais poderão actuar sobre a evolução sociologica, furtando-se a novas adaptações decorrentes de necessidades novas da vida.

Quando uma religião, com os seus deuses, o seu ritualismo, a sua ethica, exerce em um ambiente social uma influencia consideravel, de duas uma: ou esta influencia se faz no sentido de reter velhas tradições petrificadas, por assim dizer, na alma collectiva, ou a crença religiosa se encontra no estado de formação, no seu periodo inicial de reacção contra religiões já existentes, forçando-as a um trabalho de reforma ou de remodelamento dos seus dogmas.

No primeiro caso, ella é um factor de involução; no se-

gundo, um factor de evolução progressiva, isto mesmo como reflexo do grau de cultura moral e intellectual da sociedade em um dado momento historico.

Nos tempos modernos tornou-se bem patente a correspondencia que ha entre o movimento religioso e o desenvolvimento cultural da mentalidade humana; poucos seculos faz que não havia acto mais licito, mesmo mais meritorio, do que torturar ou queimar vivo um hereje ou um atheu. Além de figurar na policia ecclesiastica, fazia parte integrante da jurisdicção penal dos governos civis. Entretanto, hoje não só é permittido crêr ou descrêr em poderes sobrenaturaes, como é passivel de pena aquelle que contraria ou hostiliza a crença de quem quer que seja. A intolerancia é actualmente um delicto como outr'ora o foi a liberdade de consciencia. Esta revolução nas idéas terá sido, por ventura, uma conquista do sentimento religioso? Terá sido elle o factor dessa mudança radical no modo de sentir das gerações que inscreveram nos seus codigos, como um direito inviolavel, o que antes era um crime execravel? Ninguem o dirá. Foi pelo pensamento philosophico a que a experiencia scientifica imprimiu uma vitalidade nova; foi por uma concepção natural, mais humana, da existencia sob todos os seus aspectos, que se incutiu no espirito do homem hodierno a convicção de que uma sociedade será tanto mais progressista quanto mais livres forem os individuos que a constituirem; que, para poder reinar a paz na terra, se tornará necessario que desapareçam todas as tyrannias, a começar pela tyrannia dogmatica, a mais estúpida, a mais insensata das que têm pesado sobre os destinos da humanidade.

Em synthese, a religião que, ao lado de outros factos, actuou como elemento de cohesão sobre a organização dos

grupos sociaes primitivos, vae pouco a pouco cedendo o lugar á cultura scientifica que, avançando no vasto campo da natureza, faz cada vez mais recuar e perder-se no vacuo a sombra de quantos idolos e phantasmás povôam os imaginarios dominios do sobrenatural.

Phenomeno que se rege, como os outros, pelos principios do determinismo universal, ella retrata no seu evolver as phases de desenvolvimento do espirito humano, modificando-se, transformando-se, á medida que se modificam e se transformam, com as condições de existencia, as idéas e os sentimentos do homem em face da realidade.

De certo, terá ella de extinguir-se definitivamente quando a crença na causalidade natural de todos os phenomenos, irradiando-se da consciencia do individuo, prevalecer, como lei básica do pensamento, na consciencia da especie.

XXXIX

Quanto ao papel que no evolver social representa a personalidade individual, jamais o Socialismo o desconheceu; ao contrario, foi elle que primeiro reivindicou para a personalidade um systema de direitos, que lhe garantisse a existencia em toda a sua plenitude.

Sem falar no velho anarchismo individualista que reclama para o individuo uma liberdade absoluta; que o quer unico senhor da sua vontade, todas as escolas socialistas reconhecem que a cada um, no consorcio humano, devem caber, além do direito elementar de existir, os meios necessarios á actividade vital, á sua expansão pelo trabalho productivo, e o desfructa-

mento dos bens que deste trabalho resultarem para a comunhão social.

Sem apoiar-se em taes alicerces, não pode haver sociedade organizada sobre uma base eminentemente juridica, mas um agrupamento de seres, em que os conflictos de classes, ou entre governantes e governados, se perpetuam e retardam a marcha do progresso humano; em que as leis, em vez de acautelarem todos os interesses, são uma arma de oppressão manejada pelos mais sagazes, pelos mais astuciosos; em que, finalmente, as instituições, em lugar de assentarem na coparticipação por todos das vantagens decorrentes do esforço colectivo na producção das riquezas, apenas encobrem e protegem, pela violencia e pela arbitrariedade, os privilegios e as regalias de uns, da minoria, em detrimento do bem estar de outros, dos que formam o grande exercito que constroee a obra da civilização.

O individuo no regimen socialista, nem é um peso morto, nem tambem uma unidade a sobrepor-se a outras. É' um ser igual aos demais, em direitos e deveres, que, exercendo uma função social, seja ella qual fôr, se torna, por isso mesmo, tão util á sociedade, como outros que, nas mesmas condições, representam tal ou qual papel.

A differença de funções não implica prerogativas a favor de quem se encontre em uma *posição superior*; ou por outra, no ponto de vista dos direitos economicos, sobre que deve repousar a construcção do novo regimen social, não haverá *funções superiores*, nem *funções inferiores*, uma vez que todas são necessarias ao equilibrio organico do corpo colectivo. De sorte que, tanto tem direito de viver e de gosar do producto dos seus esforços o homem de sciencia, o profes-

sor, o artista, como o operario das minas, o carvoeirr, o vigia de uma estrada de ferro. Si todos cooperam para a manutenção de todos, si contribuem para a vida em commum, é natural, é logico, que cada qual faça, jus á aquisição plena dos meios de subsistencia.

O Socialismo vae além em reconhecer o valor moral do individuo na producção e coparticipação dos bens, por consequencia, em sua cooperação no evoluer social. Aos que em estado de trabalhar, se furtam ao trabalho, nega elle até o direito de existir; dahi a sua reacção systematica ao parasitismo social, cuja organização mais completa realiza o clero catholico. Contra este e outras aggremações que se nutrem pelo trabalho de outrem, o Estado socialista agirá com uma intransigencia inexoravel.

Outro ponto que os adversarios do socialismo invocam para combatel-o, é que elle reduz a *questão social* a uma simples *questão de estomago*: si é certo que aquella está presa á solução dos problemas de ordem economica, abrange, entretanto, a questão educacional, a questão moral, a questão intellectual, a questão juridica, a questão politica. E' um *todo complexo de questões* que se entrelaçam e interdependem, integrando-se ao conjuncto da obra de remodelamento da vida social que se planeia. Com effeito, não se discutem só os factos que se prendem ás condições materiaes de existencia, mas ainda os processos de educação moral, intellectual artistica e technica do homem. Centros de estudos, bibliothecas, universidades e theatros populares fundam-se por toda a parte onde o ideal socialista vae conquistando adeptos. Uma opulentissima cultura scientifica e tambem de feitio puramente litterario, atesta um poder de analyse, de critica e de imaginação crea-

dora, phantastico. A' cultura intellectual allia-se a acção moral; o combate ás causas do alcoolismo, da prostituição, da criminalidade, de todas as formas de degeneração do character, de degradação da personalidade, originarias não só da acção de factores naturaes, mas, especialmente, das condições de ordem social, de certo as que mais realçam no quadro dantesco das miserias e dos soffrimentos humanos.

Em synthese, a personalidade individual e a personalidade collectiva integram-se sob o mesmo systema de garantias, de modo que nos direitos do individuo se reflectam os direitos da collectividade, e nos direitos da collectividade se projectem os direitos do individuo; ou por outra, agindo o individuo no meio collectivo por uma funcção util á communnidade, elle é, de concerto com outros, um coefferente do progresso humano, devendo, pois, usufruir de todos os direitos inherentes á existencia, por mais humilde e obscuro que se torne o seu papel na vasta e complexa engrenagem da divisão do trabalho social.

Quanto ao altruismo, é até infantilidade vir demonstrar que seja elle desprezível para os socialistas, como factor de evolução social. Pode-se mesmo affirmar, sem receio de contestação, que a idéa fundamental das doutrinas socialistas repousa em uma concepção da sociedade organizada sobre uma base profundamente altruistica. No ponto de vista moral, socialialismo e altruismo são expressões que se identificam, que se confundem.

Haverá nada mais altruistico do que pugnar por uma reorganização social em que cada individuo seja igual a outro em direitos e deveres? Que supprima toda especie de privilegios, todas as formas de despotismo, todas as injustiças, todos

os crimes perpetrados á sombra do poder e da fortuna? Haverá nada de mais humanitario do que sonhar com o advento de uma sociedade em que cada um dos seus membros seja ao mesmo tempo uma unidade economica e uma unidade juridica, entrelaçadas, reintegradas n'uma synthese, polarizando harmoniosamente forças sociaes em equilibrio?

Mas não é só isto. No ponto de vista theorico, não houve escola, nem doutrina, que salientasse, como o socialismo, o valor do altruismo no desenvolvimento progressivo dos aggregados sociaes. Só ignora isto quem conhece de oitiva ou através de falsos informantes a sua riquissima litteratura.

O que esta ensina é que a lei da sociabilidade, da sympathia, do auxilio mutuo, mais do que a luta brutal pela vida, concorre não só para a conservação do individuo e da especie, mas tambem para a criação de novas condições de existencia. Livros ha, como o de Colajanni — *Le Socialisme*; o de E. Ferri — *Le socialisme et la science positive*; o de Kropotkine — *L'entr'aide*, particularmente este, que, com uma superabundante documentação e com argumentos irrefutaveis, defendem aquella these em que vêem a razão de ser de todo movimento socialista.

Demonstram elles que entre as sociedades mais humildes da escala dos seres, como entre as sociedades humanas, ha uma tendencia instinctiva, irresistivel, para a associação, para o apoio mutuo, para a defesa reciproca; que as especies que vivem a vida gregaria, obedecem á necessidade que têm os individuos de se auxiliarem entre si para poderem sobreviver no combate com outras especies ou resistir aos elementos de destruição que os ameaçam. Não fosse o valor scientifico

desta lei que, contrapesando os efeitos da luta, acaba por transformal-os em poderosos agentes de solidariedade, e o socialismo não passaria de um castello de cartas. Faltar-lhe-ia o centro de gravidade para as suas construcções theoricas, a logica do systema social que elle preconiza e já se vae delineando na consciencia do homem contemporaneo, como a realidade historica sobre que se erguerá a civilização do futuro.

Em uma palavra, á acção destruidora do egoismo cego, os socialistas oppõem a acção constructora do altruismo clarividente, lei suprema que ha de, amanhã, reger os destinos humanos.

XL

Eu disse que a *questão social* não é simplesmente uma *questão de estomago*; mas que a sua solução está, antes de tudo, dependente da solução dos problemas de ordem economica, naturalmente por serem taes problemas os que se relacionam de modo mais immediato com as condições existenciaes da sociedade.

A concepção ideologica da historia fizera repousar toda realidade social em principios aprioristicos; dera como factores da evolução historica, as idéas, tidas por *categorias* que conduzissem os homens através dos tempos.

Karl Marx, o primeiro que systematicamente reagiu contra essa interpretação, cria, na sua juventude, como partidario do hegelismo, que toda realidade, inclusive a realidade historica, assentava na *idéa absoluta*, ou por outra, residia no intellecto e em seu *processus* logico. Sob a influencia de Feuerbach que á *idéa absoluta* de Hegel contrapunha a natureza e o

homem como realidades unicas, o socialista tudesco desligou-se do grupo dos *juvenes hegelianos* que, a proposito de tudo, juravam sobre a palavra do philosopho allemão, e proclamou que “todas as instituições são o resultado de um desenvolvimento e que as causas desse desenvolvimento devem ser procuradas não em uma *idéa*, qualquer que ella seja, mas nas *condições da vida material*.”

Antes de precisar no seu livro — *Misère de la philosophie* — o ponto capital da doutrina, já fazia a critica da metaphysica idealista que excluia do estudo dos factos historicos aquillo que elle via ser a razão de ser dos mesmos: “as relações do homem com a natureza, com a sciencia natural e com a industria.”

Naquella obra, que escreveu em resposta á *Philosophie de la misère* de Proudhon, formulou, então, a synthese que deveria servir de base á *interpretação economica da historia*:

“As relações sociaes estão intimamente ligadas ás forças productivas. Adquirindo novas forças productivas, os homens mudam o seu modo de producção, a sua maneira de ganhar a vida, mudam elles todas as suas relações sociaes. O moinho a braço vos dará a sociedade com o suzerano; o moinho a vapor vos dará a sociedade com o capitalista industrial... Os mesmos homens que estabelecem as relações sociaes conforme a sua productividade material, produzem tambem os principios, as idéas as categorias de accordo com as suas relações sociaes. Assim, essas idéas essas categorias são tão pouco eternas quanto as relações que ellas exprimem. Ellas são *productos historicos e transitorios*.” (1)

(1) — *Misère de la philosophie*, p. 155 — 156.

De parte os exaggeros orthodoxos de escola, aquella synthese contém um concepção do determinismo sociologico que intégra, por assim dizer, a historia humana á historia natural dos seres; faz todas as modalidades da vida collectiva repou-sarem em um substrato biologico — o facto economico — *sub-solo do mundo social*, segundo Loria, ou *phenomeno de nutrição da sociedade*, segundo De Greef.

Sem preocupações de character socialista, espiritos emi-nentes apprehenderam, investigando as leis que regem os factos sociaes, a grande função do phenomeno economico na genese e desenvolvimento das instituições.

Morgan, em um estudo sobre a sociedade primitiva, diz ser provavel que as grandes épocas do progresso humano se identifiquem mais ou menos directamente com o desenvolvi-mento dos meios de subsistencia; nas transformações da vida social, elle attribue grande importancia ás mudanças na forma e na constituição da propriedade. Hildebrand, em uma obra sobre *a lei e o costume nos differentes estadios economicos*, dá á comunidade agricola primitiva um fundamento econo-mico; e Gunow liga a forma dos primeiros agrupamentos familiaes tambem ás condições da mesma natureza. Como estes, Nieboer, Ciccoti, Nitzsch, Mommsen, Grosse e muitos outros vão pedir á sciencia economica os dados necessarios á explicação de factos historicos que a velha metaphysica inter-pretava com os artificios da sua dialectica idealista. (1)

Não creio que os factos sociaes sejam apenas *superstruc-turas* do facto economico; si, no organismo, as funções pura-mente nutritivas não se confundem com as funções mentaes,

(1) — Cf. Seligman, ob. cit., p. 73 a 81.

na sociedade, ha factos que se não podem tomar por simples epiphenomenos das condições materiaes de existencia. Mas, tambem, não se concebem a dynamica e o equilibrio das funções mentaes sem a sua base estructural, physico-chimica, e sem o mecanismo regular da nutrição das cellulas.

Um organismo sadio é aquelle cujas unidades componentes desde as cellulas mais obscuras ás mais completas, taes a da cortex cerebral, se nutrem proporcionalmente ás necessidades de sua conservação e do seu trabalho physiologico. E' o que nos ensinam a biologia e a psychologia. De modo analogo, uma sociedade é tanto mais progressista e melhor organizada, quanto mais extensiva a distribuição dos meios de subsistencia aos individuos que a constituem. A sua moral, o seu direito, a sua arte, a sua cultura, em summa, as suas instituições retratam directa ou indirectamente a influencia das formas de actividade economica, o genero de vida em commum que se passa no mesmo ambiente physico, as relações que se estabelecem entre esse ambiente e o todo social.

Phenomeno de nutrição da sociedade, o facto economico actúa no clan, na tribu, na nação, como força motriz que ao mesmo tempo que lhes assegura a estabilidade, os predispõe á differenciação progressiva. Antes de accentuar-se o equilibrio das suas necessidades economicas, as quaes, nós organismos, correspondem ás necessidades vitaes, não ha sociedade que possa evolver; fixadas as condições de vida organica a ellas se vão incorporando novas formas de adaptação e de coexistencia social, que, si assummem um *caracter especifico*, jámais poderiam subsistir sem aquella base bio-economica.

Eis porque é de maxima importancia para o socialismo ligar a solução da questão social á solução preliminar dos pro-

blemas de ordem economica. E' que estes mais do que os outros affectam a propria estrutura organica da sociedade. São elles inherentes ás relações sociaes mais profundas, mais intimamente radicadas na constituição demotica dos aggregados humanos.

Sem primeiro restabelecer o equilibrio de taes relações; sem desaparecer o conflicto que cada vez mais se agrava no campo das necessidades elementares da vida collectiva; sem garantir a cada individuo, a cada *cellula social* o sufficiente para que ella se mantenha, e desfrute o que naturalmente lhe deve caber pela funcção que exerce na communitade da qual faz parte, pouco alcançarão as medidas mais altruisticas, muito menos os processos mais energicos, postos em pratica para coordenar e manter individuos e classes sob um regimen politico com direito eguaes para todos.

Primo vivere, deinde philosophare — não ha phrase tão simples e tão profunda!

Será ella que ha de abrir o primeiro capitulo da grande obra de reconstrucção do mundo social contemporaneo. Não pela violencia, pela força brutal que esmaga e nada constroe, mas, pelo principio de solidariedade humana que ha de ser sempre o ponto de apoio e de renovação vital da sociedade e de suas instituições.

A QUESTÃO SOCIAL NO BRASIL E A REVOLUÇÃO DE 1930

Quinze annos são decorridos após a 1. edição deste livro; como disse no Prefacio, talvez seja hoje mais actual do que ao tempo em que se travou a polemica entre mim e o Dr. Barreto Campello, polemica que jamais, nem mesmo de leve, affrouxou os laços de uma velha camaradagem, que ainda mantemos juntamente com os nossos pontos de vista em campos diametralmente antagonicos.

De facto, antes da Revolução de 1930, o Clero desfructava a mais ampla liberdade cultural; não se envolvia, tão ostensiva e tão imprudentemente, como está fazendo agora, nos negocios internos do Estado, para attrahil-o e escravisal-o aos interesses sectarios da Igreja; creando com o ensino religioso, aparentemente facultativo, mas, na realidade, obrigatorio em favor do catholicismo, uma odiosa e nefasta situação de privilegio sobre os demais cultos; dividindo, sobretudo, no interior do Paiz, a propria familia catholica por tricas e rivalidades partidarias; intervindo, veladamente, machiavelicamente, assim se lhe offereça ensejo, no provimento de cargos publicos, cujo desempenho possa, de qualquer modo, relacionar-se com a execução do programma traçado pela Curia

Romana, visando converter o Brasil em uma provincia da Santa Sé.

Quanto á *questão social*, entre nós, podemos affirmar que ella nunca existiu para o Episcopado Brasileiro; ninguem lhe conhece qualquer iniciativa, qualquer gesto de solidariedade em prol das nossas classes trabalhadoras; a sua attitude em relação ao operario foi a mesma de indifferentismo em relação ao escravo; apenas, os seus sacerdotes tinham tambem as suas senzalas, algumas, como disse o velho José Bonifácio, transformadas por elles mesmos em harens musulmanos, só se enfileirando ás hostes do Abolicionismo, depois que este se transformara em torrente irresistivel, envolvendo e aluindo os ultimos redutos escravocratas. Assim, tambem, quando no Brasil se delineava um movimento de reivindicações proletarias, com possibilidade de avolumar-se e pesar na balança politica do Paiz, procuraram alguns emissarios clericaes, como o mais vivo empenho, insinuar-se nos centros obreiros, para organizar syndicatos ou sociedades beneficentes, accenando-os com uma collaboração equivoca, felizmente recusada pela grande maioria do operariado. Em Pernambuco, por exemplo, jamais conseguiram arregimentar uma só classe, tendo-se verificado o mesmo nos demais Estados de população proletaria mais densa. Um ou outro pequeno nucleo de operarios de fabrica ou de lavoura, illudidos, si não receiosos dos patrões, é que se resignavam a acceital-os por mentores. O espirito da grande massa de trabalhadores brasileiros era e continúa a ser o mesmo que se tem observado em paizes mais cultos do que o nosso: de desconfiança por apostolos de uma causa que, si, por ventura, a anteviram os primeiros evange-

listas, enterram-na os seus postigos successores no labyrintho sombrio das Catacumbas...

Aliás, não phantasiámos: já foi demonstrado, com documentação authentica, insophismavel, que o Clero Catholico só se movimenta em campanhas trabalhistas quando percebe em cada paiz que as suas classes operarias podem constituir-se em força social e politica ponderavel. De parte o livro de Nitti — *Le socialisme catrolique* — (edição franceza de 1894), que deixa claramente á mostra esse opportunismo *reformista* da Egreja, temos em mão uma brochura recente — extracto de uma revista parisiense e catholica orthodoxa, — *La vie intellectuelle*, (ns. de janeiro e fevereiro de 1933) que é uma confirmação do que temos avançado. Intitula-se — *Crise religieuse et sociale*, e seu autor, embora anonymo, trahe, a cada passo, que si não é ecclesiastico, é gente intimamente ligada ao Clero Francez.

Uma phrase, duas vezes por elle citada, do actual Pontifice Romano, define bem a exacta situação de desprestigio em que ficou a Egreja perante as classes trabalhadoras, mesmo em nações de tradição profundamente catholica, como seja, além de outras, a França: "O maior escandalo do ultimo seculo, escreve Pio XI ao abbade Cardyn, é que a Egreja, de facto, perdeu a classe operaria."

Logo na primeira pagina, o autor da brochura começa confessando que ha "em mais de uma região e sensivelmente na mesma época, uma crise religiosa, que podemos descrever assim em dois traços caracteristicos. As massas laboriosas abandonam um catholicismo do qual nada têm que esperar; ellas não vêem nelle sinão um adversario de suas reivindicações: o alliado inseparavel de seu inimigo, o burguez."

Na pagina seguinte:

"As lamentações dos bispos, dos pregadores e dos conferencistas, os quadros desolados dos livros e nossa experiencia pessoal mais modesta deveriam persuadir-nos a todos de que as massas operarias não são catholicas. A despeito desses testemunhos, muita gente se recusa a crer na deschristianização do paiz ou não mede a sua extensão e profundeza" Depois de salientar o arrefecimento da fé nos meios urbanos e nas populações ruraes, allude o publicista á escassez de apóstolos da Egreja nos centros proletarios:

"Restaria, diz elle, explicar porque, emquanto os inimigos da religião viam erguerem-se numerosos tribunos que o povo escutava com prazer, a Egreja não suscitou chefes capazes de conquistar para o Christo multidões que só esperavam um guia" (pg. 25).

Sobre o fracasso da pedagogia socialista do Catholicismo:

"Certamente, a Egreja docente, os Papas em primeiro logar, e tambem alguns grandes christãos, discernindo as justas exigencias das reclamações illegitimas, condemnaram os abusos e proclamaram os direitos dos trabalhadores. Elles traçaram nosso dever social e nos estimularam a cumpril-o... Mas, que importa o ensino dos Papas e o exemplo dos grandes christãos, sempre mui raros, si directivas e movimentos não são seguidos, si mesmo abertamente ou em segredo, a maioria dos fieis a isso se oppõe... Ah! não se julgue a Egreja pelo ensino dos Soberanos Pontifices ou pela conducta heroica de algumas unidades. Não nos censurem as Encyclicas, mas o uso que dellas temos feito. E' preciso que bem o reconheçamos, a massa catholica desinteressou-se pelas reformas sociaes, muitas vezes mesmo as combateram muitos

que se diziam christãos. "Nunca tantos operarios se teriam afastado de nós, dizia o P. Rutten, na *Semaine Religieuse de Toulouse*, em 1921, si tivéssemos vulgarizado mais a magnifica doutrina da Igreja" (pg. 42).

E mais adiante:

"Não nos detenhamos em gestos infelizes, tal o de Mgr. Freppel votando contra uma lei que a principio tinha encorajado e que regulava o trabalho das mulheres ou das creanças, ou no gesto de quatorze deputados catholicos oppondo-se ao repouso hebdomadario, attitudes desastradas, individuaes e felizmente raras. Mas em vez de nos collocarmos, segundo as tradições mais sãs do Christianismo, e como socialistas o esperavam de nossa parte, como partidarios dos humildes e dos que soffrem, muitas vezes temos apparecido como univessaes oppositores e irredutiveis adversarios. Certamente, muitas leis sociaes foram suggeridas por leis catholicas. Mas, não temos deixado a outros o cuidado de redigil-as, de apresental-as, de fazel-as votar ou applical-as? Depois do voto, temos nós facilitado a applicação das reformas?" E, em nota, no fim da pagina:

"A maior parte dos catholicos francezes, escreveu em 1885. M. de La Tour du Pin, são um pouco peiores do que nullos deante da questão social" (pgs. 43-44).

Conta o autor um episodio que, conforme declara, confirma as suas asserções sobre o divorcio que a propria Igreja creou entre a mentalidade proletaria e os seus dogmas em declinio:

"Henry Lorin visitava regularmente uma familia pobre cujo chefe guardava sempre para com elle uma attitude hostile. Como o interrogasse um dia, o homem respondeu-lhe: "Não

gosto do senhor, nem nada lhe devo... o que eu quero não é a esmola, mas trabalho; e um trabalho que me faça viver, a mim e aos meus."

"Este individuo, accrescenta o autor, exprimia a mentalidade dos trabalhadores e sua altivez legitima. Elles não pedem a caridade, porém uma justiça mais perfeita... Sim, temos dispendido muito dinheiro, prodigado dedicações, mas em pura perda, ou, ao menos, em desproporção dos nossos esforços. Nós, catholicos, nos temos occupado do povo, mas de uma maneira que elle não esperava e não queria; o que equivale quasi a não se occupar delle... Além disso, mui facilmente, catholicos se oppuzeram, ainda se oppõem a reivindicações popuiares em nome de uma doutrina christã que não é o mais das vezes sinão um systema architectado pela phantasia. Muitas vezes, tambem, para conservarem os seus privilegios e se opporem a justas reformas, appellam para os principios catholicos que desnaturam e exploram. Nestas condições, como causar admiração que os trabalhadores associem Igreja e casta social e que a religião se torne uma questão de classe?" (pgs. 46-47).

O escriptor ecclesiastico conclue o seu pequeno, mas precioso estudo sobre *a crise religiosa e social* na França, poderiamos dizer, em muitos outros paizes catholicos, com a esperança de que surjam dias, sem nuvens, para a Igreja, dias illuminados pela caridade christã, prenunciando a paz social entre os homens. Mas, logo nos occorre que essa caridade só por si não basta, como o fez ver a Henry Lorin aquelle operario que interpretava o sentimento dos trabalhadores, ou como tão bem o comprehendeu um pastor protestante no seguinte trecho, de uma ironia e verdade profundas:

“E’ prodigioso que a Igreja do Pentecostes, onde não havia um só pobre, seja reivindicada para servir de mãe a milhares de filhas illegitimas que se glorificam de proteger o indigente e que abençoam os fieis dizendo: *Lembraí-vos dos pobres!*, em vez de dizerem: *Supprimi as causas do pauperismo!* (Cit. por F. Challaye, in *Le christianisme et nous*, pg. 282, 1932).

A doutrina da caridade, applicada pela Igreja á questão social, pode resumir-se, com toda a plenitude de sua autoridade apostolica, neste eloquente periodo do proprio punho de Leão XIII:

“Ninguem é obrigado a alliviar o proximo tomando o que lhe é necessario ou a sua familia; nem mesmo nada deve cortar do que as conveniencias ou o bem estar impõem a sua pessoa: ninguem, com effeito, deve viver contrariamente ás conveniencias. Mas, desde que, sufficientemente, se attendeu á necessidade e ao decôro, é um dever derramar o *superfluo* no seio do povo.”

O criterio para determinar o que seja dispensavel ou superfluo, fica assim ao arbitrio de cada um, ou, por outra depende do espirito de renuncia e do amor pelos desgraçados, virtudes das almas eleitas, quasi em microscopica minoria, ou esbarra deante de necessidades materiaes, de solicitações de conforto, de luxo, nunca satisfeitas ou reduzidas a imperativos a que não resiste a grande maioria dos que se dizem professores da religião christã.

Pergunte-se, não a catholicos ricos, mas aos prelados da Igreja, o que consideram elles dispensavel ou superfluo á sua mesa, ao seu guarda-roupa, aos seus habitos sociaes, ás suas conveniencias de Principes, *representantes* de rusticos e

pauperrimos pescadores. Quanto lhes sobra para distribuirem com centenas de famintos e maltrapilhos que, de seus ricos palacetes ou de seus luxuosos carros, vêm arrastando pelas ruas a sua miseria; sordidos farrapos humanos que se afastam e se desvanecem como sombras, e nem mais os braços magros lhes estendem, de tão certos que os deixarão cair, desolados, com as mãos vasias!

Si Leão XIII e seus successores reconhecem ou foram forçados a reconhecer que a Igreja não pode continuar estranha á questão social; si catholicos, insuspeitos pela sinceridade de sua fé christã, reclamam medidas de protecção para as classes trabalhadoras, depois de confessarem a distancia que as separa do catholicismo, por culpa exclusiva do seu clero, taes medidas, entretanto, não a este, mas, ao Estado é que sempre caberá decretal-as, convertel-as em um regimen juridico de defesa e de garantia de direitos, que nada tem que ver com a sua escolastica, com a sua orthodoxia medieval, impotentes para conciliar e manter em equilibrio interesses e aspirações sociaes em conflicto, chocando-se em campos que se dilatam muito além do vasto e sumptuoso adro das cathedras... E tanto assim é, que vultos eminentes do socialismo catholico, Bagshawe e o cardeal Manning, na Inglaterra, o conde de Mun, na França, Decurtins, na Suissa, Vogelsang e Kufstein, na Austria, Hitz, na Allemanha, si da Igreja esperavam reformas moraes, ao Estado, só, attribuiam a missão de realizar as grandes reformas economicas. (Cf. Nitti, *Socialisme catholique*, pg. 361).

E é exactamente isto que está occorrendo entre nós, com a differença de que, nestes seis annos de governo, nem se fez sentir, nem tão pouco se tornou necessaria a *collaboração*

moral do clero, para dotar-se o Brasil de uma legislação social á altura dos seus destinos.



Até 1930, occupavamos, em legislação do trabalho, um posto tão apagado, tão de retaguarda, que nem poderia servir de termo de comparação com o direito social-proletario dos paizes de civilização ainda presa ao tradicional dogmatismo juridico que nos veiu da jurisprudencia romana e da ideologia individualista da Revolução Franceza, com a sua classica declaração dos direitos do homem.

Salvo um ou outro cultor de sciencias juridicas e sociaes, a impressão que se tinha dos nossos juriconsultos e legisladores, era de que viviam alheios aos grandes problemas da vida contemporanea, ou crentes de que taes problemas não existiam, ou, si viessem amanhã subverter a paz patriarchal das instituições e de velhos habitos coloniaes, logo se encontraria para elles, sem vexames, sem atropelos, uma solução dentro de uma carta constitucional e de um codigo civil, tidos por moldelares para coordenar a realidade historica dos nossos dias.

A phrase attribuida ao então presidente da Republica, deposto pela Revolução de Outubro, de que — “a questão social, no Brasil, não passava de uma questão de policia” — si, por ventura, não a tivesse elle proferido, resumia, entretanto, a situação das classes trabalhadoras perante o Estado, cujos dirigentes, na sua quasi totalidade, continuavam enxergando no operario um homem sob a immediata dependencia do patrão. A fabrica, a usina, o balcão, si não mais reflectiam

o espirito sombrio das senzalas, ainda estavam saturados de uma idéa falsa e nefasta do regimen de trabalho em que a vontade ou o arbitrio patronal se exercia sem restricções, acobertado por um conceito não menos falso e funesto do principio de autoridade politica. O Estado habituara-se a vêr no patronato uma encarnação da disciplina, da segurança na ordem economica, e no operario, que delle divergisse, reclamando um direito qualquer, um elemento de desordem, de ameaça á tranquillidade social.

Si a Constituição de 24 de fevereiro inscrevera entre os direitos inviolaveis do cidadão, inclusive do cidadão-proletario, a liberdade de associar-se e de reunir-se, sem ser incommodado por truculentos agentes policiaes; si desde 1907, decretara-se, á sombra desse preceito fundamentalmente constitucional, uma lei que instituia a organização de syndicatos, bastando, para que pudessem livremente defender os seus interesses profissionaes, registrar os seus estatutos, mui diverso se fazia, porém, sentir o ambiente creado para o operariado, tanto mais angustioso, tanto mais hostil, quanto mais se vislumbrasse nas suas camadas menos incultas qualquer signal de reivindicação ou de rebeldia. Organizar um sindicato, por mais pacificos que fossem os intuitos dos seus promotores; incutir no animo dos companheiros uma noção, mesmo elementar, de direitos que se tornaram vulgares na legislação de outros povos; discutir uma tabella de salarios ou pleitear a redução do horario exhaustivo, a que nem as creanças se poupavam, era motivo para ser despedido, boicotado, e si a dispensa do empregado provocava protestos ou reacção pela greve, a interferencia do Estado immediatamente se fazia valer detendo os mais ousados, dispersando ajuntamentos á pata de cavallo, for-

quando os mais tímidos a voltarem ao trabalho. Grandes empresas, começando pelas que exploravam serviços públicos, excediam-se na systemática hostilidade a todo movimento associativo. Poucos eram os sindicatos que poderiam manter-se desde que se organisassem sem a sua acquiescencia, e ainda por ellas controlados. Os que se constituem em divergencia, acabavam por dissolver-se pelo afastamento inevitavel dos socios mais prestigiosos, demittidos ou removidos para onde não mais pudessem exercer influencia sobre a classe. Taes factos tanto se verificavam no norte e no sul do Paiz, como na propria capital da Republica. Ao mesmo tempo que se comprimia em um circulo de ferro todo impulso que se pretendesse communicar á consciencia de classe já em franco despertar nos meios proletarios urbanos, favorecia-se a syndicalisação ou outra forma de associação operaria que, embora visasse, aparentemente, a defesa de interesses profissionaes, se tornasse, na realidade, em campo de exploração eleitoral das facções politicas dominantes. Dessas associações o verdadeiro mentor ou era o chefe politico ou a autoridade policial do districto.

A Revolução de Outubro teria, pois, de encarar além de outros problemas, que ainda aguardam o toque magico de um reformador social, o que, até então, summariamente se resolvia nas delegacias de policia. Creado o Ministerio do Trabalho, este logo se voltara para a questão syndical. Porque era bem uma questão que deveria ser, antes de tudo, apprehendida em seus contornos e, sobretudo, como base de uma acção que fosse o ponto de partida de nossa politica social nos dominios de legislação do trabalho. O Decreto 19.770, de março de 1931, foi uma especie de carta constitucional que, emquanto

restaurava e garantia o direito de associação dos trabalhadores, ampliava o typo tradicional do syndicato, que, além de instituição, cujos estatutos ainda se regulavam por normas de direito privado, passava, também, a ser collaborador com o Estado na solução de problemas directamente ligados aos interesses de classe.

Para assegurar a liberdade de associação do operario contra o reaccionarismo patronal, instituiu-se uma indemnisação aos que fossem demittidos, suspensos ou rebaixados de categoria ou nos salarios pelo facto de pertencerem a um syndicato. Coherente com o presupposto de que o syndicato é o unico orgão representativo da profissão, e tomada esta como unidade social, congregando, sem distincção de credos religiosos ou politicos, a massa dos que trabalham num determinado campo de economia, estabeleceu-se o principio da unidade syndical, isto é, que para as profissões identicas, similares ou connexas, só se deveria, em cada classe, admittir-se um syndicato. A despeito do alcance de tão sabia orientação e dos resultados obtidos durante os poucos annos de vigencia daquelle decreto, entenderam os Constituintes, de concerto com elementos clericas, de fazer voltar o systema da multiplicidade syndical, cujos maleficos effeitos já se accentuam nos meios proletarios, onde mais accesas se tornam as dissensões originadas de pleitos para a escolha de directorias ou de representantes para as assembléas legislativas. De qualquer modo, porém, o primeiro passo foi dado com segurança. Aquelle decreto, si bem tivesse sido uma lei de experiencia, que o momento, ainda tumultuoso, reclamava; si defeitos tinha, não eram estes de molde a justificar a critica com que foi vehementemente alvejado, de uns, que o consideravam uma copia

da lei facista italiana, de outros, um modelo que se tivesse inspirado na ideologia comunista. Nem uma cousa nem outra. Fôra, ao contrario, elaborada tendo-se em conta a situação das classes trabalhadoras no Brasil; os obstaculos que se antepunham a sua organização, e a uma politica social que fosse a expressão de interesses que teriam de ser rythmados por um regimen legal, resultante de uma aproximação dessas classes com o Poder; de modo que os seus syndicatos passaram a órgãos de cooperação e de equilibrio da ordem juridica na economia nacional, com amplos poderes de representar, perante o Estado, além de seus interesses immediatos, os interesses geraes de cada classe ou profissão.

Novos decretos e leis multiplicaram-se, augmentando consideravelmente as caixas de aposentadorias e pensões, que amparam milhares de familias obreiras e tendem a estender-se a todo o operariado; forçando a concessão de férias, instituindo o descanso semanal, horarios de trabalho, com regimen especial para mulheres e creanças; tornando obrigatorio o salario minimo e a egualdade de salarios, sem distincção de idade, sexo ou nacionalidade; garantindo o empregado nas empresas, com direito a uma indemnisação por dispensa sem justa causa, de tantos mezes de salario, quantos forem os annos de serviço; creando uma justiça social por juntas de conciliação e arbitragem, já em via de organizar-se em magistratura convenientemente aparelhada.

Tudo isso marca, em nossa civilização, um capitulo que não pode passar despercebido ao sociologo de hoje, nem escapar ao historiador de amanhã; apenas, nenhum dos dois conseguirá descobrir ali, mesmo nas entrelinhas, a sombra de uma batina...

Obra, incontestavelmente a mais notavel e duradoura, que nos inspirou o movimento revolucionario de 1930, vem a experiencia demonstrando que se adapta ás condições naturaes e historicas de uma nacionalidade de estructura economica em formação, mas, felizmente, sem preconceitos de casta, sem antagonismos de raça, sem sangrentos conflictos de classe, sem exercitos nas suas fronteiras, velando um territorio vastissimo, quasi todo, ainda por explorar.

INQUERITO CONTEMPORANEO

Não tenho a menor duvida de que a reedição desta obra irá assanhar os arraiaes do clericalismo indigena. A arma manejada pela hypocrisia, pela intriga e pelo odio theologico, vae alvejar de preferencia as idéas do autor, que passará, então, a ser inscripto no rôl dos inimigos das instituições — da patria, da familia, da propriedade, etc., etc.

O trabalho que se segue, publicado na Revista Contemporanea, desta Capital, em Setembro de 1935, é uma resposta antecipada a quem, por ventura, interessar-se pelo seu ponto de vista pessoal e doutrinario em torno dos graves problemas que agitam o mundo hoderno. Não está subordinado a qualquer systema orthodoxo, social, politico ou philosophico, de quantos se propõem, por credos novos ou por velhos credos, nortear os destinos da humanidade.

Deante do formidavel choque de interesses e consequente conflicto de doutrinas, que cada vez mais se accentuam e se agravam na sociedade contemporanea, que destino se poderá prever para o mundo moderno? Para uns, cerebros escravizados a velhos preconceitos, a que insistem em attribuir uma força espiritual sem mais vibração nas consciencias, o mundo moderno acha-se abalado, até os seus alicerces, por uma onda de materialismo e de incredulidade, que será a sua propria

perda, si não retroceder á *idade de ouro* da civilização, que elles localizam, de preferencia, nos tempos medievos. Para outros, vivemos uma época de transição, ou, antes, de ensaios para uma catastrophe em face da qual a Guerra de 1914 passará a ser um pequeno episodio bellico. Dos escombros de um mundo que envelhecera, surgirá uma sociedade nova, sem canhões, sem aeroplano de bombardeio, sem antagonismos nacionalistas ou lutas de classe.

De um e de outro lado, conjecturas em que entra, como elemento muito humano, o ponto de vista de quem só comprehende a realidade através de um credo, de uma escola, ou de simples inclinações pessoais. De parte o exaggero ou a phantasia que ha em dois modos de vêr tão oppostos, muito longe está a sociologia de attingir um gráu de positividade e precisão, que lhe permita formular generalizações, mesmo approximadas, sobre as directrizes futuras de uma civilização. Si nos dominios da biologia e da psychologia, de relações phenomenaes menos complexas, ainda se recorre a hypotheses, quanto mais no campo da sociologia, onde a extrema complexidade dos factos desafia os mais ousados e engenhosos processos de busca. Depois, o mundo moderno não é a antiguidade, nem a idade media, cuja civilização alcançava um numero limitadissimo de povos; é um complexo cultural abrangendo nações que se distanciam pela diversidade de origens ethnicas, de meios geographicos, de habitos ancestraes, factores estes decisivos no evolver, mais ou menos accelerado, de cada povo.

Entretanto, uma verdade resalta ao sociologo desse espirito de mal estar e de inquietude dos que receiam um desfecho de tragedia para a civilização contemporanea: é que ella não

mais se poderá manter dentro dos moldes classicos de uma economia, de uma ethica, de um direito, de uma politica, que a sua propria força de expansão teve de quebrar. De facto, assiste-se hoje á mais vertiginosa e imprevisita revolução da historia; não, revolução de barricadas, com os seus episodios de ferocidade e heroismo; facções politicas disputando o poder, ou massas populares investindo contra bastilhas. Liberalista, fascista ou communista, poderia interessar, no momento, a este ou aquelle paiz; mas, uma revolução muito mais profunda, exactamente a unica que é capaz de crear, de construir mundos sociaes novos, e que não depende nem de apóstolos para vencer, nem de governos para abortar. E' a que se vem operando dentro de nós mesmos, minando crenças e concepções que não podem mais rythmar a mentalidade contemporanea. As épocas que nos precederam, por mais tempestuosas que tivessem sido no terreno das idéas ou por conflictos religiosos, moraes, ou politicos, sempre se caracterizaram por uma determinada estructura mental que uma longa tradição argamassara, ou por investida bruscas a essa tradição, sem, entretanto, destruil-a em seus fundamentos. Na sociedade actual, onde o systema ou corrente doutrinaria, já não dizemos, predominante, mas com tendencia a torçar-se a grande synthese ideologica das gerações de amanhã? Nunca, desde os sophistas gregos, se discutiu tanto, como em nossos dias; não ha um só aspecto da realidade, um recanto siquer do Universo, deante do qual se detenha a irreverencia de um raciocinio, de um paradoxo, de um pensamento, a romper a aurea roupagem ou a ferrea couraça que, durante seculos, serviu de escudo a principios com sisuda apparencia de verdades eternas. Jamais o homem divergiu tanto sobre si mesmo. Tornou-se o

problema maximo da civilização, o centro de convergencia de uma metaphysica nova, em que não cabem sedições categorias ontologicas que só concorreram para ainda mais complicar o sentido das cousas. O pesadelo de um Além, que o fez submisso a deuses e dogmas, felizmente já o não empolga e tortura; não se detem, para poder prosequir o seu caminho, em buscar a razão de ser — Deus, Materia, Substancia — do seu destino; si ha um infinito e um finito, um absoluto e um relativo, para que possa traçar normas de acção. Mesmo que se presupponha sob o dominio espiritual de velhas crenças, estas são como que echos adormecidos do passado; sem tonalidade emotiva, para vibrar com as pulsações da vida profunda e tumultuosa da nossa idade.

Mas, não se diz que ha uma corrente de mysticismo religioso a prenunciar uma volta aos tempos de fé intensa? Este mysticismo renasceu nas trincheiras da guerra de 1914, em um ambiente infernal de carnificina, de sofferimento, de desespero. Passado o cataclysmo, ficou reduzido a devancios litterarios e apologeticos de uma minoria de intellectuaes, que não pode encarnar a mentalidade de uma época, muito menos imprimir directrizes a uma civilização.

Elles mesmos sentem a impossibilidade de retroceder a sociedade actual á cultura moral e religiosa da idade media; o que pretendem é uma base christã ou, antes, uma renovação do espirito moderno pelo christianismo, como si este não tivesse morrido, como força social educadora, logo nos primeiros seculos de propaganda, quando se tornou em arma de despotismo dos cesares e, depois, dos seus successores, os pontifices.

Ainda restaria saber si as instituições de uma época, as

suas tendencias ideologicas, os seus conflictos de interesses, as suas necessidades vitaes se modificam ou mudam de rumo por influencia de systemas metaphysicos ou de credos religiosos, os quaes, ou retratam, como crystalizações, um determinado *estado mental colectivo*, ou são concepções artificiaes, de transcendencia inaccessible ao *espírito social* do meio, muito pouco inclinado a estereis torneios dialecticos.

Os fundadores e adeptos de escolas e de seitas têm a mania de querer dictar leis ao mundo e de impôr modelos á maneira de sentir e pensar do seu tempo dentro da bitola estreita das suas formulas ou sentenças. Processo, ao mesmo tempo, infantil e monstruoso; infantil, porque impotente para triumphar sobre o determinismo dos factos sociaes, a que mestres e discipulos estão sujeitos; monstruoso, porque a tal processo é que se devem quantas hecatombes, quantos attentados á humanidade foram preparados, estimulados, enaltecidos em nome de um deus, de um principio, de uma idéa a que se emprestava um fundo de verdade dogmatica, infallivel, mas que a experiencia depois expunha ao desencanto de uma simples ficção. Os que pretendem convencer que só o mysticismo christão conseguirá deter a *onda de materialismo* que, dizem, ameaça subverter a civilização em suas formas culturaes superiores, sobretudo, em seus altos *valores moraes*, esquecem que esse mysticismo, considerado na sua original pureza, mesmo durante seculos em que teria actuado na consciencia dos homens, nunca foi além de um pequeno circulo de crentes. Na vida real dos povos por elle saturados, ou, por outra, nos que se davam e ainda se dão por professos da religião christã, esta nunca impediu que se trucidassem nos campos de batalha, muitos, entre elles, insuflados e empedernidos na arte de matai

por discordias e odios que essa mesma religião suscitara. O espirito de fraternidade, que animava os seus primeiros apóstolos, não supprimiu o regimen escravocrata, tão duro, si não mais atroz do que nos ultimos dias da antiguidade greco-romana, entre nações que desfraldavam o symbolico estandarte da cruz. A liberdade espiritual, que tanto reclamara a primitiva egreja para os seus adeptos, definitivamente alcançada com o edito de Milão, no seculo IV, converteu-se em monopolio de casta, para os orthodoxos, e em crime hediondo, para os dissidentes ou insubmissos á fé dogmatizada. Foi á sombra do christianismo que se desencadeou a mais estúpida e obsecante hostilidade ao progresso scientifico; foi em seu nome que a Egreja catholica torturou e queimou sabios e philosophos; destruiu e incendiou bibliothecas inteiras; instituiu uma pedagogia cujo methodo educacional começa por annullar na creança e no adulto a faculdade de exame e livre manifestação do pensamento. Si hoje a Egreja não mais tortura e queima, vivos, seres humanos, si o seu alliado na obra de exterminio da heresia, o Estado, foi forçado a inscrever nos seus codigos e constituições politicas o direito de crer e pensar livremente; si os povos civilizados, esses mesmos *povos christãos*, não mais se degladiam por questões de credo religioso; si a sciencia emancipou-se da censura ecclesiastica; si repugna á consciencia hodierna a escravidão ou qualquer regimen de exploração do homem pelo homem, não é aos theologos, aos moralistas, nem aos grandes mysticos do christianismo que podemos agradecer tudo isso. Por elles jamais se teria despedaçado a muralha de dogmas que antepuzeram, a ferro e fogo, a toda innovação, a toda descoberta, a toda iniciativa em pról do desenvolvimento moral e intellectual do homem.

Todo esse progresso, não só material, mas, sobretudo, moral, que imprimiu á vida moderna um sentido mais racional e profundo de sua força de expansão e de finalidade humana, tende para a criação ou renovação de valores espirituaes com uma amplitude e um conteúdo social que, antes de tomarem o colorido mystico de um systema metaphysico, terão de reflectir condições novas de existencia: necessidades, interesses, aspirações, conflictos, cujo dynamismo evidentemente ultrapassa, pela sua intensidade e extensão, velhos quadros ideologicos, em que, até o seculo XIX, se pretendia engastar o arcabouço das instituições.

Desde o alvorecer do espirito philosophico, dois systemas, o materialismo e o espiritualismo, além de outros tantos aos quaes serviram de tronco, disputam entre si a hegemonia cultural nos dominios da intelligencia e a direcção moral nos dominios da conducta humana.

A despeito do fracasso de todos elles para dictar leis á historia, insistem em pretender que a sorte do mundo dependerá da preponderancia que tiverem nos destinos do homem. Materialista ou espiritualista, com os olhos mergulhados no céu, no infinito, impenetravel, ou voltados para a natureza, para as cousas terrenas, apprehensiveis, palpaveis: duas attitudes que importam n'um dilemma. O homem terá de decidir-se por uma dellas — ou retroceder ás velhas crenças animistas, ou desfazer-se de quantos idolos e tabús lhe estorvam o livre jogo do intellecto e da vontade.

Mas, o homem, antes de submeter-se a imperativos de uma philosophia e de uma ethica abstractas, é um systema de forças e de valores intrinsecos; é instincto, emotividade, acção, experiencia, e com estes elementos constroe a sua propria phi-

losophia, a sua propria religião, a sua propria moral — uma synthese de si mesmo, nem espiritualista nem materialista, no sentido technico ou classico dos termos, mas, ao mesmo tempo, subjectiva e objectiva, *idealista* e *realista*, porque de outro modo não se comprehenderia toda e qualquer civilização, de que elle é, afinal, o unico artifice. Si na civilização moderna ha *valores* moraes e intellectuaes em perigo ou em declinio, é porque não mais correspondem a novos modos de ser, de sentir, de pensar, do homem hodierno. Exgottaram a seiva vital de que se nutriam em uma sociedade que, em menos de um quarto de seculo, em dezoito annos, apenas, de *após-guerra*, revolveu todo o archivo onde se empoeiravam vetustas e sacras verdades, austeros principios millenarios, em que gerações successivas depositaram o seu sonho e a sua fé na eternidade...

Admittida a hypothese de que esses valores desapareçam, obra do homem, que foram, este os substituirá por outros, pois é a mesma a fonte de onde emanaram. Não fosse assim, e jamais o nosso seculo offerceria uma floração tão opulenta de espiritualidade, não a que immerge na penumbra de velhos kosmogonias a que elle mesmo imprimiu matizes novos, mas, a que estimula e aguça as gerações de hoje em busca de uma formula, de uma especie de lei de gravitação dos corpos sociaes, que fixe a razão de ser do seu equilibrio acima de sistemas religiosos, moraes, politicos, cada vez mais desarticulados ou em decomposição para nor-teal-as.

E a familia, a propriedade, o Estado, não estarão essas tres grandes columnas do regimen social contemporaneo, ameaçadas de ruir com a queda daquelles sistemas?

Quasi sempre as instituições se julgam pelos principios

com que as justificam os seus theoreticos; mas, uma cousa são estes principios — modos de interpretal-as, exactos, approximados ou falsos — e outra cousa é consideral-as em sua estructura, em função immediata com o meio social, quaes organismos que se modificam ou se transformam independentemente de pontos de vista subjectivos em que as colloque o historiador, o sociologo, o philosopho, e, por ultimo, o legis-ta...

Pode o conceito que se tenha de uma instituição variar, conio de facto varia, de uma época a outra, de um povo a outro, sem que perca ella o seu sentido sociologico, por natureza, objectivo. Assim, a familia, que se dá, na antiga civilização, na Grecia e em Roma, por exemplo, como sendo uma instituição de base profundamente religiosa, mesmo sob o dominio do christianismo, foi pouco a pouco se tornando em instituição puramente social e juridica; a sua estabilidade deixou de depender do culto á memoria dos antepassados ou da crença em poderes divinos. Contam-se, hoje, milhares de familias constituídas civilmente, ou mesmo sem o formalismo da lei civil, e que podem servir de modelos de honestidade domestica a outros tantos milhares de familias organizadas á sombra de preceitos religiosos. A moral domestica, em todos os tempos, reflecte, como toda moral, a começar pela moral religiosa, o gráu de cultura da sociedade de que é producto immediato. E' moral social, cujo colorido religioso pode desapparecer, como occorreu com o direito que não perdeu o cunho especifico de coordenador de relações sociaes, pelo facto de não mais se inspirarem as suas normas em uma idéa sobrenatural de justiça. Aliás, nenhuma justiça foi mais fertil em sentenças iniquas do que a justiça das synagogas e das cathe-

draes; nenhuma infligiu penas com mais requintes de crueldade.

A estabilidade moral da familia moderna presuppõe um conjuncto de condições que a religião por si só seria incapaz de assegurar: uma base material, economica, a garantir uma situação de independencia, de bem estar, de tranquillidade, a paes e filhos; o mesmo gráu de educação, de nivel mental, que predispõe o lar a um ambiente sereno de respeito e obrigações reciprocas; um laço de affeições e espontanea e duradoura solidariedade que a vida em commum tanto mais proporciona e fortalece, quanto mais se sente ella em suas asperezas e revézes.

Os moralistas profissionaes, de batina ou de paletot sacco, que teimam, o maior numero delles por hypocrisia, em querer proteger a familia contra a infiltração de idéas materialistas, arrancando do Estado a indissolubilidade do matrimonio, o ensino religioso nas escolas, além de restricções odiosas a toda liberdade de pensamento e de acção cultural em desacordo com os seus preconceitos sectarios, reconhecem intimamente que não é por textos legaes ou por medidas de policia que se torce o curso das idéas e dos sentimentos, muito menos a actuação, mesmo sobre as mais pias familias catholicas, de uma mentalidade social, que escandalizaria qualquer patriarcha de cincoenta annos atraz, porém, que não destroe nem destruirá a instituição da familia.

A propriedade é outro assumpto delicado, porque qualquer objecção que se faça aos seus fundamentos juridicos, que não esteja dentro da doutrina classica e individualista, ainda em vigor nas cartas constituciaes e nos codigos, po-

derá ser tomada por subversiva ou contraria á Ordem, da qual ella é uma das pedras angulares.

Entretanto, a historia do direito marca de modo muito nitido o seu evoluer e consequente aspecto doutrinario que vem acompanhando essa evolução. Propriedade em *commum* nos clans, nas *gentes*, nas familias, nas tribus; propriedade individual, como poder absoluto do individuo sobre as cousas; restricções a este poder; funcção social em que se vae convertendo; amanhã, talvez, completamente integrada ao interesse collectivo. Na ethica juridica moderna, e até nos tribunaes, já ninguem pode invocar a soberania deste e de outros direitos com o intuito doloso de lesar a outrem. Tudo isso são indicios alviçareiros de que a propriedade, em vez de desaparecer, se vae transformando em uma instituição com finalidade sociologica que ultrapassa as linhas esculpturaes, de uma rigida harmonia, que, no codigo napoleonico, e nos demais que o tomaram por modelo, lhe davam uma apparencia de solidez e immutabilidade intangíveis.

O Estado é outro campo onde se chocam doutrinas as mais contradictorias e com tanto mais violencia quanto atraz dellas collidem preconceitos ou interesses de seita ou de classe. Soberania por direito divino ou soberania por suffragio popular — méras ficções que tiveram o seu esplendor emquanto se lhes attribuiu a virtude magica de crear prerogativas invioláveis e de manter a autoridade e prestigio dos governos. Outros são os principios que se propõem á direcção do Estado, ou que procuram neutralizar a crise que o attinge na sua propria estrutura de aparelho controlador de forças sociaes em conflicto. O liberalismo egualitario das democracias modernas tornou ainda mais desigual a humanidade; emquanto conti-

nuava insistindo por um regimen de egualdade politica como fundamento do Estado, este mais se revelava um instrumento de ambições de mando e de dominação de classes. O mesmo despotismo, as mesmas iniquidades do antigo regimen. E' que o fundo ideologico em que philosophos e politicos suppunham que assentasse a machina do Poder, arrebatada ás classes aristocraticas, longe estava de ser uma expressão da realidade social: esta apparece com aspectos imprevistos, com problemas cuja solução reclama do proprio Estado uma radical revolução dos seus processos de governo, consequentemente, uma politica e um direito que não sejam de partidos ou de grupos, mas que integrem o interesse individual e o interesse collectivo, quando em choque, em um interesse mais alto, que é o da solidariedade humana. Esta é que vae ser a força renovadora da civilização contemporanea; o principio dynamico de uma nova philosophia da historia. Base da familia, da propriedade, do Estado de amanhã. Dir-se-á que sempre existiu essa solidariedade e que ella sempre approximou os homens entre si, nas suas tribus, nos seus burgos, em cada paiz, nas suas crenças e idéas communs. Mas, essa solidariedade nunca foi além dos filhos da mesma tribu, da mesma cidade, da mesma nação; esbarrava nas fronteiras de raça, de religião, de cultura; solidariedade de semita para semita, de europeu para europeu, de israelita para israelita, de christão para christão, e, dentro de cada circulo ou de cada meio, entre individuos do mesmo nivel ou categoria social.

Hoje se esboça um espirito de solidariedade, que se eleva acima de antagonismos ethnicos, nacionalistas ou classistas; é o que encara a vida por valores moraes e intellectuaes inherentes á sua propria natureza, e pelo que elles representam como

elementos de cooperação pelo bem estar commum — sopro vital de uma civilização, tanto mais egualitaria quanto mais se erguer a dignidade do homem pelo trabalho.

O CELIBATO ECCLESIASTICO

UM CASO DE EXCOMMUNHÃO

I

A despeito de se repetir que somos um povo arraigadamente catholico, o casamento de um padre com uma senhorita pernambucana, ha dias realizado no Recife, longe de provocar o escandalo que suscitaria cincoenta annos atraz, apenas despertou os applausos de uns e uma benevolente curiosidade de outros. Exceptuando os arraiaes da beatice bisbilhoteira e fanatica, ninguem condemnou nem lastimou o pastor que se desgarrava do rebanho para obedecer á trilha que lhe dictara o coração, cujas razões, já o dizia o mystico Pascal, a razão não comprehende... Nem a theologia tão pouco!...

Coherente com a ferrea disciplina da Igreja, não trepidou o Arcebispado em fulminar o presbytero com um acto de excommunhão, publicado no seu organ official de 25 de outubro ultimo, do qual extrahimos, para algumas considerações, o seguinte topico:

“Como é publico e notorio, o padre João Silveira de Camargo, licenciado nessa Archidiocese, attentou contrair o

CHAMADO CASAMENTO CIVIL, depois de haver a AUTORIDADE DIOCESANA EMPREGADO TODOS OS MEIOS PARA LIVRAL-O DE TAMANHO DESASTRE." Segue-se em latim a letra dos canones, e, assente sobre ella, a declaração da pena eliminatória.

Deprehende-se do trecho, acima transcripto, que o grande e imperdoavel crime do padre João de Camargo não foi a quebra do voto de castidade que se lhe exigiu ao receber as ordens; não foi porque, prevalecendo-se da sua posição de pastor espiritual, desviasse do bom caminho uma ovelha confiada a sua guarda; não foi, emfim, porque attentasse contra a honra de uma virgem, maculando ainda a pureza de um lar christão; foi simplesmente porque ATTENTOU CONTRAIR O CHAMADO CASAMENTO CIVIL. O mais poderia aquelle sacerdote, como tantos outros, ter praticado sem perigo de incorrer nas iras da Santa Igreja e de seus seraphicos juizes. Mui provavelmente seria amanhã conego, monsenhor, arcebispo, cardeal, cercado de conforto e de honrarias, emquanto á victima dos seus amores "illicitos" só restaria amargar, no abandono, as consequencias do seu erro, si lhe não coubesse a tristissima sorte de muitas outras que, repellidas pelos parentes e pela sociedade, buscam nos prostibulos a sua ultima taboa de salvação.

Analyse-se bem o texto da Declaração do Sr. Arcebispo, que se ha de chegar áquellas conclusões: elle affirma, sem rodeios, que empregara TODOS OS MEIOS PARA LIVRAL-O DE TAMANHO DESASTRE, isto é, para evitar que o padre reparasse a falta que commetera perante a lei do seu paiz e perante a familia brasileira, "attentando conttahir o chamado casamento civil" com uma joven que elle seduzira.

Não lhe dirige uma palavra, sequer, de censura por haver desencaminhado uma ovelha do Senhor, nem por ter rompido o juramento que o amarrava ás malhas "inflexiveis" do celibato: (só parece que este juramento anda muito por baixo entre os sisudos cerbéros da moral canonica). O que ali claramente se sente é o odio secular e impotente ao casamento civil, instituição diabolica que a Igreja sempre tem combatido, só a supportando para os leigos por serem outros os tempos e os costumes. . .

Sem ir muito alto, até ás rubras apostrophes dos seus prelados contra "o chamado casamento civil", não faz muitos dias lemos em um jornaleco de Afogados, sob a orientação de um missionario estrangeiro, em predicas naquelle suburbio, o seguinte pedacinho para o qual solicitamos, embora inutilmente, um pouco de attenção do poder publico:

"Os catholicos que se acham ligados tão somente pelo contracto civil, com exclusão do Sacramento do Matrimonio, estão em ESTADO PERMANENTE DE PECCADO, EM TORPE E ESCANDALOSO CONCUBINATO, não obstante o reconhecimento e as garantias da lei." E' este o pensamento dominante no clero catholico, não sendo, pois, de admirar a sua incontida revolta quando alguns dos seus membros preferem o TORPE E ESCANDALOSO CONCUBINATO á aridez de um apostolado mais de palavras e de artificios, do que de acções e boas obras.



Mas, o que acaba de praticar o padre João de Camargo

de certo não ha de repugnar á consciencia devota de muitos dos seus collegas que reconhecem no intimo quanto é absurdo o celibato ecclesiastico, tanto que não faz muitos annos um grupo de sacerdotes requereu ao Papa a permissão de se desvencilharem, pelo casamento, de um compromisso em flagrante antagonismo com leis naturaes irrevogaveis, por isso mesmo impossivel de se manter invulneravel entre as frageis dobras de uma batina... Não foram, infelizmente, attendidos, porque a tal se tem opposto a obstinada, impertinente e rispida decrepitude de velhos doutores em cuja alma, enrugada por achaques e desillusões, se apagara, com o sentido da vida, o sentido, que a vivifica, do versiculo biblico, que prescreve a todos os homens, profanos ou levitas, o sacro dever de perpetuação da especie.

Em que pese ao vesgo carrancismo dogmatico, não vemos por onde o matrimonio desvirtue no padre a sua missão sacerdotal; nem contraria o espirito evangelico, nem desmente a tradição dos primeiros seculos do christianismo, em que era largamente tolerado entre ecclesiasticos.

O padre, no ambiente tranquillo de um lar, livre de pesadellos eroticos, seria muito mais casto em actos e em pensamentos; amaria com mais fervor e dedicação as suas ovelhas; comprehenderia melhor a santidade das virtudes domesticas, estôfo das virtudes sociaes; conheceria mais de perto a dôr e as seducções do prazer; teria da existencia uma visão mais exacta, mais nitida, mais humana, que lhe não communicam anachronicos e rabugentos compendios de ethica medieval, alguns dos quaes excellentes para aguçar a maldita curiosidade do peccado.

Deixaria de ser um prolongamento do seminarista inge-

nuo, inexperiente, ou já pervertido por vícios secretos; tendo abandonado o seu cubiculo de estudante, sem nunca haver sorvido o halito forte da vida tumultuosa derramando-se lá fóra por entre paixões e enfermidades moraes, cuja profundez elle ignora; tímido, indeciso, com um horror muitas vezes hypocrita de pequeninos nadas, inapto para auscultar a verdade e imprimir-lhe o calor juvenil de uma crença.

Em que deslustraria o seu apostolado a convivencia de uma esposa carinhosa, fiel cumpridora dos seus deveres conjugaes, podendo tornar-se em collaboradora magnifica da sua obra de conductor de almas? Que mal poderia fazer á convencional austeridade do seu ministerio o purissimo sorrir de uns labios de creança?

Haverá, por ventura, maior contrasenso do que este de se vedar despoticamente a individuos dotados, como quaesquer outros, da mesma vitalidade genesica, com as mesmas tendencias hereditarias, a mais legitima alegria de viver, de sentir a existencia no seu dynamismo profundo, que é procrear, e procrear honestamente, pacificamente, á sombra sacrosanta das leis ecclesiasticas e sob a tutela vigilante das leis civis?

E porque lhes vedam tal direito, é que milhares de varões, impellidos por um instincto irreíreavel que descobrem logo nas primeiras paginas do Genese, decidindo dos destinos do homem, vão, na sua queda, muito além do padre João de Camargo, pois, emquanto resvalam, como veremos adiante, na sordidez das aberrações sexuaes, continuando a desfructar a beatifica e doce paz dos tabernaculos, o gesto do joven gaúcho, si foi um crime perante a Egreja, foi, perante a natureza, que está acima de todos os dogmas, uma legitima reivindicção que uma sociedade *de maioria catholica* gostosamente

sancionou por um dos seus órgãos soberanos, que é o poder judiciario...

II

Já dissemos que o matrimonio era, nos primeiros seculos do christianismo, largamente tolerado entre ecclesiasticos, não sendo, perante o espirito evangelico, uma instituição incompativel com a natureza e os deveres do sacerdocio.

Para melhor orientar os nossos leitores pouco versados em estudos de exegese christã, e para afastar a supposição de que procuremos accomodar a verdade historica a sentimentos sectarios que absolutamente não cultivamos, vamos reproduzir, quasi litteralmente, alguns topicos da analyse serena e insuspeitissima a que submetteu as origens do celibato ecclesiastico, na Egreja catholica, um dos seus mais conspicuos historiadores, o abbade E. Vacandard, analyse que occupa um capitulo de 50 paginas do seu livro — *E'tudes de critique et d'histoire religieuse*, editado em 1906, com o respectivo *imprimatur* da autoridade diocesana.

A primeira face da questão que o critico põe em fóco é si a lei do celibato remonta aos Apostolos, ou si data do anno 300, do concilio de Elvira. Os que acceitam a primeira hypothese, apoiam-se em mais de uma passagem da Escripura, notadamente de Matheus e S. Paulo, allusivas ás "idéas de pureza e continencia que formam o principio inspirador do celibato ecclesiastico," e tambem na circumstancia de ser o mesmo praticado "desde a mais alta antiguidade pela maioria dos clerigos elevados ás ordens sacras." "Mas, acrescenta logo adiante, havia ali, parece, o fructo de um desejo

pessoal de alta perfeição, ou, como queiram, o effeito de uma recommendação de S. Paulo... Não era a applicação de uma lei formal, o desenvolvimento regular de uma instituição apostolica.”

Por ahi se explica que “numerosos bispos, padres ou diaconos casados, tivessem, após a ordenação, continuado a cohabitar com as suas esposas; incapazes de impor-se, como a maior parte dos seus collegas, o sacrificio de seus direitos conjugaes, ou pouco dispostos a fazel-o, não teriam sido menos verdadeiramente edificantes, como ninguem lhes poderia censurar a violação das leis da santa Igreja.” Para o abbade Vacandard, a pratica do celibato ecclesiastico abraça dois periodos: o primeiro, (do seculo 1.º ao 4.º) em que ella é tida por uma honra, sem ser propriamente obrigatoria, na Igreja latina, como na Igreja grega; o segundo, em que ella é submettida a leis precisas muito mais rigorosas no Occidente do que no Oriente.

No primeiro periodo, o abbade passa em revista o pensamento de velhos doutores, favoravel ao celibato, mas em nenhum descobre uma prova de que seja elle uma lei imposta pela Igreja primitiva; ao mesmo tempo que cita, como apolo-gista de tão extravagante instituição, Tertuliano, Origenes, Eusebio, Cyrillo de Jerusalém e outros, reproduz de Synesio, bispo do seculo 4.º, o seguinte trecho de “uma carta celebre”: “Não posso, diz elle, occultar a meu irmão o que eu quero que todo mundo saiba... Deus, a lei e a mão sagrada de Theophilo (bispo de Alexandria) deram-me uma esposa. Ora, eu declaro em voz alta que nem entendo separar-me della, nem ter com ella relações clandestinas, á maneira dos adulteros. A separação seria impia; as relações clandestinas seriam con-

trarias á regra do casamento. Quero, pois, ter della numerosos filhos.”

De parte uma abundante documentação contemporanea dos primeiros seculos de apologetica christã, pela qual conclue Vacandard em reafirmar a ausencia de uma formal imposição do celibato aos ecclesiasticos, vale a pena invocar o seguinte episodio verificado em uma das sessões do concilio de Nicéa, episodio que elle reproduz do historiador Socrates, e cuja authenticidade defende com vehemencia.

“Veiu ao espirito de certos bispos, narra Socrates, introduzir na Igreja uma lei nova. Propoz-se prohibir aos bispos, aos padres e aos diaconos casados todo commercio conjugal após a sua ordenação. Mas um bispo do Alto Egypto, um ancião veneravel, levantou-se energicamente contra uma igual pretensão. Mostrou quanto seria imprudente impôr o fardo da continencia não só aos clerigos mesmos, mas tambem ás suas esposas. O commercio do homem com a sua mulher legitima é tambem uma especie de castidade, diz elle; já é bastante que se impeça, em virtude de uma antiga tradição da Igreja, que os clerigos não casados tomem mulher depois de ordenados; que não se separem aquelles que se ordenaram já casados, ou, ao menos, que se lhes deixe a liberdade de viverem ou não na continencia, segundo a escolha do seu coração. A autoridade de Paphuncio cortou a questão, accrescenta Socrates. Foi decidido que os clerigos nas Ordens Maiores fossem livres, após a sua ordenação, de exercer os seus direitos conjugaes ou de, espontaneamente, a elles renunciar.”

A partir do seculo 4.º é que começa a intensificar-se entre theologos, entre pontifices, em concilios, a idéa de castidade absoluta a exigir-se dos ministros da Igreja. Mesmo assim,

não foi sem grande resistencia que ella se converteu em lei irrevogavel, pelo menos na apparencia... No seculo 6.^o (em 583) o concilio de "Lyon exige que os padres e os diaconos cessem toda relação com as suas esposas. Mas esta prescripção puramente local, adeanta Vacandard, mui depressa caducou pelo uso contrario, que era geral na Gallia. Sob o nome de *sacerdôtizas*, de *diaconizas*, de *sub-diaconizas*, as mulheres dos padres, dos diaconos e dos sub-diaconos permaneciam senhoras no lar; continuavam com os seus misteres caseiros e vigiavam a criadagem perto da qual repousavam á noite. As esposas dos bispos, conservando o titulo de *episcopiza*, se mantinham geralmente afastadas da casa episcopal." No seculo 8.^o o celibato entra em crise. "A moralidade do clero differe segundo os paizes. Na Gallia, sob o governo de Carlos Martel, ella está visivelmente em decadencia. Na Espanha, o rei Witiza, querendo encobrir assim a sua má conducta, revoga mui simplesmente a lei do celibato ecclesiastico." No seculo decimo, a "disciplina ecclesiastica soffre um eclipse geral, e a lei do celibato em particular se resente do rebaixamento moral do clero. Não só os padres e os diaconos casados cohabitavam com as suas esposas, mas aquelles mesmos que até a sua ordenação eram celibatarios, tomavam mulher, a despeito dos canones, e viviam assim em uma especie de concubinage, segundo a expressão do tempo. Sabendo que esse mal invadia a Germania, o papa Leão VII (936 — 939) declara "lamentavel que padres ousem assim casar-se publicamente." Na Lombardia "veem-se padres vagabundeando, acompanhados de cães e falcões; outros possuem tavernas ou bancos; quasi todos vivem com as suas esposas ou mulheres menos respeitaveis." "Segundo Bonizo, bispo de Sutri, o mal se alastrava pouco a

pouco por todas as provincias, e attingia o proprio episcopado." "Não são somente os ministros de segunda ordem, os padres e os levitas, (escreve Bonizo) mas ainda os proprios bispos que aqui e ali vivem maritalmente, *concubinati*, e isto se tornou tão commum que a deshonra de uma tal conducta está de algum modo abolida." Varios arcebispos de Ruão levavam egualmente uma vida de escandalos. "Até Roma, a mãe das Igrejas, se deixara arrastar pela mesma desordem; era um papa que o testemunhava. Depois de ter notado que "o commum dos clérigos, padres e diaconos, abandonando-se a uma licenciosidade desenfreada, tomavam mulher como os leigos, e tinham filhos aos quaes legavam seus bens (os bens da Igreja)," faz observar que "alguns bispos, perdendo toda a vergonha, cohabitavam com as suas esposas," e acrescenta: "Este horrivel e execravel costume estende as suas raizes sobretudo na Cidade Eterna". Isto se passava no seculo XI. No seculo XII (1123) o concilio de Latrão prescreve, pela voz do papa Calixto 2.º, que seja nullo o casamento dos padres, contrahido depois da sua ordenação. Dahi por diante o celibato ecclesiastico torna-se definitivamente obrigatorio na legislação canonica da Igreja latina, obrigatoriedade que os concilios posteriores e a orthodoxia escolastica sancionam sem discussão. Ainda assim, como observa Vacandard, por longos annos a execução do celibato lutou com difficuldades inauditas. E refere que "em 1119, o arcebispo Geffroy, tendo querido impôr aos padres casados de sua diocese a lei do celibato, foi apupado na sua cathedral; houve mesmo nesta occasião scenas de pugilato."

Nos seculos XIV e XV, novo periodo de crise. "Foi preciso, diz Vacandard, no fim do seu estudo critico, o grande

esforço tentado pelo concilio de Trento (1545 — 1563) para conduzir o clero á observancia da continencia canonica.”

E' ainda o abbade que nos diz datar desse tempo a instituição ou antes o funcionamento regular dos seminarios, dos meios “o mais efficaz que se tenha encontrado para formar por uma aprendizagem seria os futuros padres na pratica de seus deveres e, sobretudo, na pratica da castidade.”

Resta, porém, saber si o ambiente de ascetismo forçado a que se submettem individuos ainda sem a idade de discernir sobre o seu destino, é realmente um antidoto capaz de neutralizar a acção do paradisiaco veneno que a matreira serpente inoculou nas veias virginaes de nossos primeiros progenitores, e de encontro a cujos maleficios ou beneficios effeitos até hoje têm esbarrado toda a omnisciencia e toda a omnipotencia de Jehovah...

III

Entremos na divulgação de factos que attestam quão perniciosa é a sociedade, á familia e até mesmo á Egreja, a inutil tentativa de se exigir de homens normaes, em plena virilidade, o recalcamto de um instincto que é a propria razão de ser da vida em sua continua e eterna renovação. Os motivos de ordem moral, que adduzimos, contra a instituição do celibato ecclesiastico, além de não se chocarem com o espirito e a tradição do christianismo primitivo, solidamente assentam no determinismo de leis naturaes que a nenhum poder, humano ou sobrehumano, é dado revogar ou suster, sob pena de ser por ellas cohibido e annullado.

Aquelles que, pela violencia ou empolgados pelo delirio

mystico, tentam reagir contra as solicitações irreprimiveis do instincto sexual, responde a natureza despedaçando dogmas e votos, convertendo-lhe as volupias do extase em allucinações do peccado... As penitencias austeras, os jejuns prolongados, os supplicios voluntarios, as noites de mortificante insomnia, quantos processos imaginados para torturar e deprimir a *vil materia* do nosso corpo, tudo isto são outros tantos estinuulantes dos sentidos, degenerando em satanicas provações amorosas a que as almas mais pias lamentavelmente succumbem.

Entra hoje no dominio dos assumptos vulgares, que de morbidas manifestações eroticas, intimamente entrelaçadas com o mysticismo religioso, proporciona a historia dos cultos largo e opulento campo de estudos ao pathologista e ao clinico de molestias mentaes. A começar pelos grandes mysticos, muitos dos quaes a Egreja Catholica santificou, sabe-se que terri-veis combates interiores lhes custava a castidade absoluta em que concentravam os seus anceios de perfectibilidade christã. Assim, S. Jeronymo, cuja arrogante e obstinada apologia da continencia ainda faz hesitar os recalitrantes, tinha a sinceridade de escrever a Eustochia:

“Eu, que no meu temor do inferno, me condemnara a uma tal reclusão, eu que não tinha outra sociedade além dos escorpiões e das bestas selvagens, achei-me, todavia, muitas vezes entre coros de mulheres perdidas. Meu rosto empallidecera pelo jejum, e, mesmo assim, o espirito queimava de desejos neste corpo frio, e, nesta carne que parecia morta, accendia-se o fogo da volupia.” E Basilio, em carta a um amigo: “Tenho quasi vergonha de dizer o que faço dia e noite nesta solidão; trazendo commigo as paixões que habitam em mim, sinto-me por toa a parte embaraçado. Tambem, no

final de contas, não melhorei muito nesta solidão." E São Bernardo que Luthero collocava acima de todos os monges e padres da terra: "Nós não podemos fugir desse inimigo, nem pô-lo em fuga; embora Jeronymo aconselhe que se fuja da mulher como a porta do diabo, o caminho do vicio, — o homem é um restolho; si della se approxima, pega fogo." E' ainda o famoso santo que, referindo-se aos padres que, após a ordenação, eram obrigados a abandonar as esposas, assim se manifestava: "Ter uma mulher e não peccar com ella, é mais que resuscitar mortos."

Para não citar muitos outros fervorosos paladinos da castidade, sempre em luta homérica com as tenebrosas *trahições* da Carne, conta-se que um velho sacerdote de Nursia, ha muitos annos separado da mulher, em virtude do seu proprio ministerio, sentindo, nos seus ultimos momentos, que ella sobre elle se inclinava para ouvir si ainda respirava, gritou, com as poucas forças que lhe restavam: "Retira-te, retira-te, minha querida, afasta a palha, que o fogo ainda queima"...

Si os que se dão por amparados pela *divina graça*, nem sempre conseguem escapar á *tentação*, calculem o grande exercito de varões a serviço da Igreja, bem nutridos, robustos, vertendo saúde, em pleno goso de suas forças viris! Destes naturalmente é que, no seculo decimo, fallava Natherius, de Verona, quando, manifestando-se sobre a lei do celibato a elles imposta, dizia que — "todos os tonsurados não eram sinão reprobos, entre os quaes não havia um só que não fosse adúltero ou sodomita."

A elles, igualmente, se applica a seguinte phrase, ponde-

rada e satirica, de um prelado inglez, tambem a proposito da separação obrigatoria da saia e da batina:

Podem muito bem tirar as mulheres aos padres, mas não os padres ás mulheres.

Abandonando o campo do mysticismo religioso e dos estados de exaltação genesica a elle associados, nas corporações cultuaes em que a crença resvala para o automatismo psychologico de um simples habito, quando não se torna em uma profissão como outra qualquer, a tão apregoada castidade sacerdotal não passa de um embuste, de uma hypocrisia, dolorosa, para uns, divertida, para outros, só admissivel em casos excepcionalissimos, por defficiencia vital, congenita ou adquirida, casos que não podem, por isso mesmo, servir de argumento decisivo em favor do celibato ecclesiastico.

De parte innumerous factos, alguns citados pelo insuspeitissimo abbade Vacandard, documentando a natural resistencia, dentro do proprio clero catholico, a uma instituição attentadora de principios preexistentes e superiores a todos os codigos repressivos; de parte a honesta repulsa daquelles mesmos *qui se castraverunt propter regnum coelorum*, contra um regimen, por motivos de ordem biologica, mais torturante que o applicado a enunchos; o que, nos conventos, no sacro recinto dos templos, nos seminarios e em internatos congreganistas de educação, descamba para o terreno eschabroso da impulsividade erotica, escapando á publicidade e á vigilancia da policia correccional, convence o mais benevolo moralista de que a Egreja, em vez de estrangular, nos seus ministros, nos seus monges roliços, o *diabo da carne*, cujos "furores" tanto inquietavam a pobre alma afflicta de Climacus e de milhares

d'outros candidos ascetas, ao contrario, mais o esporeia e o faz desembestar pelos desvios escusos das aberrações sexuaes.

Vejamos até onde desceu a moralidade do clero depois que se tornou obrigatoria a instituição do celibato. Ch. Lea, na sua obra notavel sobre a Historia da Inquisição na idade media, ao alludir ás consequencias funestas de tão estúpido attentado ás leis da natureza, assim se externa: "Privado das satisfações legitimas que o casamento assegura aos instinctos naturaes do homem, o padre tinha, em vez de uma esposa, uma concubina ou muitas amantes. As funcções de padre e de confessor lhe proporcionavam a esse respeito facilidades particulares. Isto era tão geralmente sabido, que si um homem lhe confessava um amor illicito, occultava o nome de sua cumplice com medo de que o confessor della abusasse, valendo-se, por sua vez, dos mesmos favores... A época em que estamos (seculo XIV) não era particularmente escrupulosa quanto á virtude das mulheres; todavia, o espectáculo de um clero professando a pureza ascetica como uma condição essencial de suas funcções, e, na pratica, mais cynicamente depravado do que a generalidade dos leigos, não era de molde a tornal-o digno de elevar-se na estima popular; por outro lado, os casos individuaes onde a paz e a honra das familias eram sacrificadas á luxuria do pastor, tendiam naturalmente a despertar sentimentos de odio. Quanto aos crimes ainda peiores, eram elles frequentes, e não somente em mosteiros de onde eram as mulheres rigorosamente excluidas; esses crimes ficavam sempre impunes." (Ch. Lea, *Histoire de l'Inquisition au moyen age*, vol. I, pag. 35 — 36).

Daquelles crimes *ainda peiores* a que se refere o eminente historiador destacam-se um caso de adulterio de um padre de

Orange com a madrasta e um de incesto de um padre de Padua com a propria mãe. Ainda no seculo XIV, e nos que se seguem, pode dizer-se sem exagero, com o abbade Albert Houtin, que "seria fastidioso emprehender um quadro dos escandalos causados pelo clero, tanto secular como regular. Aquelles que quizerem ter uma idéa a respeito, podem recorrer ás obras do frade espanhol Alvares Pelayo, do bispo de Mende, Guilherme Durand, dos reitores da Universidade de Paris, João Gerson e Nicolau de Clamengis. Durand não via deante da depravação dos costumes sinão um unico remedio: o casamento dos padres." (*Courte histoire du célibat ecclésiastique*, p. 148).

Tal estado de cousas forçou o papa Bonifacio VIII, que era um asceta, a renovar a constituição de 9 de abril de 1488, que prohibia aos padres terem albergues, casas de jogo e de prostituição, e de servirem, por dinheiro, de alcoviteiros ás cortezãs. No seculo XV, o Concilio de Basiléa manifesta-se em decreto contra a concubinagem nos arraiaes ecclesiasticos, cuja expansão vertiginosa dera margem a uma litteratura não só de genero burlesco, mas, tambem, de sisudos commentarios em tratados especiaes, como o de Paulus Olearius — *De fide concubinarum in sacerdotes*, e o de Chauveron, conego da cathedral de Viviers — *De publicis concubinariis*, o qual dizia falando dos padres: *Deo magis placet mugitus bozum vel grunitus porcorum quam cantus presbyterorum luxuriantium*.

Outro escriptor não menos autorizado, Polidoro Virgilio, assim se manifesta sobre os maleficios decorrentes do celibato no clero: "Um casamento honesto é preferivel a um celibato forçado. Não ha instituição que tenha desconcertado mais a ordem ecclesiastica, que tenha causado maior damno á religião

e inspirado maior desgosto a todas as pessoas de bem, do que o celibato, porque foi e será sempre para os padres uma ocasião continua de libertinagem e de desordens. Também seria muito mais vantajoso para a sociedade e para os ecclesiasticos mesmos que se restituísse o antigo direito de se casarem áquelles que o quizessem. Pareceria, com effeito, mais honesto vel-os cumprir castamente os seus deveres de corju-ges, em vez de se polluirem, como fazem, com as mais vergonhosas desordens.”

No fim do seculo XVI conta Cornelio Agrippa que o papa Sixto IV fundou em Roma um aristocratico lupanar — *nobile admodum lupanar*, tendo fixado a taxa de um julio por semana que cada prostituta deveria pagar. A renda attingia annualmente a vinte mil ducados. Estevam Esfessura diz em seu *Diarium Romanum* que aquelle pontifice era amator de creanças e sodomita: *puerorum amator et sodomita fuit*. Este e outros factos relatados com mais detalhe constam da obra do abbade Julio Claraz. — *Le mariage des prêtres*, editada em 1912. Mais edificantes são os dados colhidos em um livro de H. Cimon, *La séparation intégrale*, ed. de 1908, pags. 163 a 167, em que se apontam, no espaço apenas de um anno, os seguintes casos escabrosos:

Abbade Vernoux, cura de S. Germain — Beaupré (Creusé), cinco annos de reclusão por attentado ao pudor sobre creanças — Tribunal criminal de la Creuse, janeiro de 1899. Leon Bailly, padre missionario, um anno de prisão por ultrages aos costumes e attentados ao pudor sobre tres rapazes. T. C. de Seine, janeiro de 1899. Abbade Lemercier, director do orphanato de S. Marie — de — Seysse, oito dias de prisão por offensas physicas em um menino. Tribunal de

Tolosa fevereiro, 1899. Este padre ja tinha sido condemnado em 1899 a dois annos de prisão por tentativa de aborto, pelo tribunal criminal de Gárd. J. Edward, do orphanato de la Roche — Arnaud, dezoito mezes de prisão por attentado ao pudor. T. C. de Haute — Loire, março, 1899. Barras, Vigario de Couleuvre, seis mezes de prisão por ultrages aos costumes. T. correcional de Moulins, maio de 1899. Coince, cura de Bouconville, vinte annos de trabalhos forçados por contumacia em attentados aos costumes. T. C. das Ardennes, abril 1899. Salens, cura d'Aix-en-Orchies, um anno de prisão e 200 francos de multa por ultrage aos costumes em estrada de ferro. T. correcional de Cambraia, julho de 1899. Butud, padre seminarista em Autun, vinte dias de prisão por ultrages publicos ao pudor. Irmã Thereza Ramiero, cinco annos e cinco mezes de prisão por ter vendido a alliciadores de prostitutas para o estrangeiro, orphanzinhas confiadas a sua guarda. T. correcional de Napoles, 1899. Abbade Delamarre, director do pensionato Santa-Maria, em Aire, dois annos de prisão e 500 francos de multa por excitar menores ao deboche. T. de Saint, Omer, A. M. Rouvière, em religião irmão Auxile, professor de uma escola congreganista em Complègne, seis mezes de prisão por ultrage aos costumes. T. correcional de Compiègne, agosto, 1899. Irmão Genis Bazin, director do orphanato Denuzières, em Croix-Bousse, quatro annos de prisão por attentado ao pudor sobre orphãos. T. C. do Rhodano, agosto de 1899. Ed. Dupont, vigario em Saint Jule de Bizieres, cinco annos de prisão por attentados ao pudor sobre meninos de côro. T. do Herault, agosto de 1899. Irmão A. Halleray, clérigo de Saint-Victor, professor congreganista em

Cambraila, sete annos de trabalhos forçados por attentados ao pudor sobre as creanças confiadas aos seus cuidados. T. C. do Norte, agosto, 1899. Queron, cura de Saint-Brice, cinco annos de reclusão por attentados ao pudor. T. de Charente, setembro, 1899. A Bidard, cura de Saint-Martin des Pezerits, quatro annos de prisão por attentados ao pudor sobre meninas. T. do Orne, outubro de 1899. Abbade Lebouc, cura des Erennes, cantão de Chantellet en Brie condemnado a trabalhos forçados a perpetuidade, por contumacia em attentados ao pudor sobre os meninos do catecismo. T. de Saint-et-Marne, outubro de 1899. O padre Lebouc, antes de ser cura des Erennes, ja tinha sido condemnado a cinco annos de reclusão pelo Tribunal de Indre-et-Loire, por attentados ao pudor sobre as meninas da primeira communhão.

Em audiencia de 3 de setembro de 1900, o tribunal de Lozère condemnou por contumacia, a dez annos de reclusão, o abbade Saint-Léger, com 27 annos, vigario em Panouse. Em 5 de julho de 1900, o Tribunal do Orne condemnava a dez annos de trabalhos forçados o padre Clement-Lucien Blandei, cura d'Heugon, que tinha conspurcado as meninas que elle preparava para a communhão. Em 29 de julho de 1900, o Tribunal da Vandéa condemnava a tres annos de prisão o abbade Blanchet, com 55 annos de idade, por ter iniciado nas mais immundas praticas as meninas do catecismo. Em 15 de maio do mesmo anno, o Tribunal da Charente-Interieure condemnava a sete annos de trabalho forçados o abbade Renaud, com 33 annos, cura de Saint-André-de Lidon. Esse reverendo se dava a praticas obscenas sobre numerosas meninas que elle preparava para a primeira communhão.

Vê-se que as condemnações acima citadas se verificaram apenas em um paiz, a França, onde era facil ao autor buscal-as nos archivos judiarios. A'quellas juntou elle mais outras occorridas no mesmo anno (1900) na Allemanha e na Italia: Eduardo Scheen, padre catholico, condemnado a dois annos de prisão por ter estuprado uma menor (Tribunal de Bautzen); dois annos antes, condemnação do cura Gerardmer a vinte annos de trabalhos forçados por praticas vergonhosas sobre *vinte e tres* meninas de sua parochia. Em Bolonha, o conego Zarri, reitor do Instituto da *Immaculada*, Victor Melloni e Gaetan Lipparini, director do mesmo instituto, são condemnados a penas que variam entre dezoito e treze annos de reclusão, por haverem *violentado todos os meninos* confiados pelos paes aos seus cuidados, afim de receberem uma educação christã... Antes, em Viterbo, outro conego, director de uma escola infantil, tinha sido condemnado a galés *por praticas vergonhosas sobre todos os seus alumnos*.

Esses são factos que vieram a publico, emmaranhados na trama da justiça penal. Agora, os que passam impunes, pelo mysterio de que se cercam ou sob o silencio que sobre elles se faz nos paizes que se dizem de *maioria catholica*, onde as autoridades ecclesiasticas dispõem da obediencia ou discreção das autoridades civis?

Mas não é esta a conclusão a que queremos chegar — da serie de attentados ao pudor, acima exposta aos olhos escandalizados do leitor; sim, que ali se ostenta uma chocante documentação clinica de disturbios moraes que explodem como uma resposta brutal á ferrea disciplina com que se pretendeu

e ainda se pretende conter, mutilar, até extinguir, um instinto tanto mais impetuoso quanto mais comprimido por um convencionalismo postiço e absurdo. (1)

*

*

*

A NOTA — vespertino carioca, publicou em sua edição de 11 de julho do corrente anno, minuciosa correspondencia epistolar de Coblença, (Allemanha), relatando que ali estavam sendo processados, por offensa á moral publica, 276 frades franciscanos e irmãos de caridade, toda essa confraria de pederastas pertencente, apenas, a cinco mosteiros. Calcule-se a que cifra attingiria um rigoroso inquerito nos milhares de conventos e de internatos educacionaes, que ha por este mundo afóra, até hoje privilegiadamente indevassaveis a uma saneadora policia de costumes?

(1) — Este trabalho foi publicado em 1928, nos numeros 21, 22 e 23 d'O TACAPE revista pernambucana, sob a direcção do autor e dos Drs. Raul Azedo, João Barretto de Menezes, Hersilio de Souza e Methodio Maranhão, os dois ultimos, professores da Faculdade de Direito do Recife.

INDICE

Em marcha para uma Republica Clerical	5
Polemica notavel sobre o catholicismo	41
Pobre christianismo!	45
A questão social e o catholicismo	51

I ~~A questão social e a revolta dos anjos~~ : *ale IX - contra*

I *o Conde Pereira Alves*

X A questão social — consequencia do peccado original *tra* 57

barbo - 1º par, 1º expiação *↓ pg Contaus - 1º vol.*

II

A questão social e a prehistoria *A orgunizacat.* 63

na socied primit.

III

X Abrindo um parenthesis: o trabalho no Paraiso; ainda a rebeldia dos anjos e o peccado original *torque* 68

perdi a creuca

IV

+ A Igreja e os principios de liberdade, de igualdade e de fraternidade *A pagunizacat. do cristianismo* 74

V

O despotismo clerical; a Igreja e a sua politica de sangue; a matança dos Valdenses e dos Albigenses 79

VI

A celebre matança dos Huguénotes através de um livro cuja autoridade vem sellada com o *Imprimatur* ecclesiastico 84

VII

A Igreja e a sua obra prima: — A Inquisição 92

VIII

A democracia christã e a aristocracia clerical; o que a respeito escreve uma alta autoridade ecclesiastica 101

IX

A Igreja como organização financeira; o seu commercio de indulgencias e de titulos honorificos 107

A pretença acção da Igreja em prol dos direitos dos trabalhadores, sempre ao lado do senhor contra o escravo e o servo; ao lado do patrão contra o operario 117

A questão social no Brasil e a revolução de 1930 313

Inquerito contemporaneo 327

IV O celibato ecclesiastico

Um caso de excommunhão 341

Verdade

qualidade

religião

19

19

piadoso feito

19

19 Coulange II

*De X a XL
Contra o Dr. Barreto Campelo*

*193 Coulange II
mas antigo*

*LXXX
LXXXIX
XC
XCI
XCII
XCIII
XCIV
XCV
XCVI
XCVII
XCVIII
XCIX
C*

ERRATA

Além de outras incorreções inclusive erros de concordância, facilmente corrigíveis, que escaparam á revisão, deve-se ler:

Pag.	8 —	Linha	18 —	enxerto de emendas
"	14 —	"	14 —	na impossibilidade
"	28 —	"	7 —	que tornaram
"	34 —	"	29 —	Provincia
"	59 —	"	25 —	espancando
"	116 —	"	17 —	findou
"	168 —	"	25 —	atiral-o
"	219 —	"	30 —	braseiro inquisitorial
"	226 —	"	10 —	onde ellas praticavam
"	246 —	"	1 —	de distancias incriveis
"	288 —	"	32 —	interdependencia
"	319 —	"	18 —	no selo dos pobres
"	351 —	"	13 —	maleficos ou beneficos efeitos
"	354 —	"	22 —	eunuchos

Handwritten signature



- JOAQUIM PIMENTA

A QUESTAO SOCIAL E O CATOLICISMO